PATRÍSTICA

SANTO AGOSTINHO

Confissões

SANTO AGOSTINHO

CONFISSÕES

Índice

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos e suas obras, conhecidos, tradicionalmente, como "Padres da Igreja", ou "Santos Padres". Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção "Sources Chrétiennes", hoje com mais de 300 títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de "voltar às fontes" do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. Paulus Editora *procura, ago-ra, preencher este vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para se rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as "fontes" do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento.* Paulus Editora *quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzidos e preparados, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.*

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém, séria.

Cada autor e cada obra terão uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística

e padres ou pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, as origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico e pela evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão "teologia patrística" para indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a da "teologia bíblica", da "teologia escolástica", da "teologia simbólica" e da "teologia especulativa". Finalmente, "Padre ou Pai da Igreja" se refere a um escritor leigo, sacerdote ou bispo, da antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como um testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambigüidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como "Pai da Igreja" quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas, os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não espere o leitor encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de S. João Damasceno (675-749).

Os "Pais da Igreja" são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes, e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda tradição posterior. O valor destas obras que agora Paulus Editora *oferece ao público pode ser avaliado neste texto: "Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e, sim, arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar este fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual"* (B. Altaner; A. Stuiber, *Patrologia,* São Paulo, Paulus, 1988, pp. 21-22).

A Editora

INTRODUÇÃO

Escritas dez anos após sua conversão (397-400), as *Confissões* são, ainda hoje, modelo de narração autobiográfica. Escritura serrada, densa, nutrida de citações meditadas das Escrituras e de reflexões filosóficas, são um grande espelho da alma inquieta e perturbada de Agostinho. Revelam uma vontade intensa de encontrar a verdade definitiva, absoluta, que satisfaça sua imensa sede de saber, de crer, de ser perdoado. Essa análise da vida interior, dos desejos, das paixões é dos maiores dons e marca indelével do pensamento agostiniano. Livro único, as *Confissões* revelam os dotes, o impulso da vida, a sensibilidade aos problemas da existência humana. Concernem à vida humana como exemplo do que é para o ser humano a procura de Deus. O domínio apurado da língua, a força da retórica, a escritura talentosa, tumultuada, o poder do pensamento e a qualidade do estilo explicam o sucesso durável da obra.

O título, *Confissões,* indica o propósito da obra. A palavra significa simultaneamente confissão dos erros, das falhas, dos pecados e louvor a Deus. O próprio Agostinho, nas *Retractationes* II, 6, referindo-se a esta obra revela: "Os treze livros das minhas Confissões louvam o Deus justo e bom por meus males e bens, e elevam até ele a mente e o coração dos homens; senti esse efeito enquanto as escrevia, e torno a senti-lo cada vez que as leio". De fato, nelas, Agostinho confessa a Deus seus desvios, suas errâncias, seus pecados e o louva por sua imensa misericórdia. As *Confissões* estimulam o espírito e o coração do homem para Deus. Assim, é preciso atentar para a novidade da obra no início do século V: se não é a primeira autobiografia, o tom é totalmente novo. Longe de propor uma vi-são idealizada de sua vida, Agostinho expõe suas fraquezas. Ele se interroga com ansiedade sobre suas motivações. Descobre-se obscuro a seus próprios olhos e julga-se, para si mesmo, uma "terra de dificuldades". Expõe, por vezes, uma apreciação severa de si mesmo, mas, ao mesmo tempo, não poupa agradecimentos a Deus por tê-lo conduzido daquela forma. Surge destas páginas um eu humano que dialoga constantemente com o Tu divino de maneira nova.

As *Confissões* são mais que autobiografia. A correspondência entre a inquietude mencionada já na introdução: "fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti" (I,1) e o repouso eterno que evoca a conclusão: "Deus será o repouso e a paz" (XIII,38), clareiam o percurso de toda a existência humana em busca de Deus. Esta inquietude, entendida no sentido ontológico, como parece dever ser, caracteriza o estado do homem em marcha para o seu fim, isto é, para Deus, no qual, e somente no qual, pode encontrar o repouso, a plenitude do seu ser. O homem se revela como um ser de desejo, constituído pela orientação para Deus, quer esteja ou não consciente disso. Conhecimento de si e conhecimento de Deus se mostram indissociáveis.

Nascido em Tagaste,[1] aos 13 de novembro de 354, Aurélio Agostinho é filho de

Patrício, africano romanizado, pequeno proprietário, decurião do município, pagão que só se batizará na hora da morte, e de Mônica, cristã perseverante. Tinha um irmão, Navílio, e uma irmã, Perpétua.

Na adolescência, estudou em Tagaste e Madaura, seguindo o curso tradicional da educação liberal antiga: clássicos latinos, retórica, lógica, geometria, música e matemática. Conforme confessa, bem cedo as paixões o assaltam (II,2,2). Com a ajuda de um rico concidadão, Romaniano, deixa Tagaste pelos fins de 370 e se fixa em Cartago. Ali, além dos estudos, freqüenta os teatros, os prazeres. Dá início a um relacionamento amoroso com uma mulher cujo nome nunca foi revelado (IV,2,2). Não será um relacionamento fortuito, mas de longos 15 anos, do qual lhe nascerá um filho, Adeodato, cuja existência não ultrapassou os 16 anos. Em Cartago, torna-se professor de gramática e lê o *Hortensius* de Cícero, que lhe desperta o amor à filosofia. Em 373, adere à seita dos maniqueus, que lhe fornece, através de uma explicação puramente racional do mundo, uma justificação da existência do mal. Ao mesmo tempo, prossegue os estudos de retórica. Sua mãe continua no esforço por lhe dar uma educação cristã, mas sem sucesso.

Em 383, conseguindo enganar a mãe, embarca para Roma em busca de melhores alunos, de lucro e prestígio (V,8,15). Em seguida, com a ajuda dos amigos maniqueus, inclusive do prefeito de Roma, Símaco, consegue a cátedra municipal de retórica de Milão, onde residia o Imperador. Vislumbrava uma carreira brilhante. Decepcionando-se cada vez mais com os maniqueus e suas doutrinas, começou a seguir as pregações do bispo Ambrósio e as orientações espirituais do presbítero Simpliciano. Descobre a existência do sentido espiritual que se ocultava sob o sentido literal das Escrituras. A leitura dos "platônicos", Porfírio, e uma parte da Enéadas de Plotino, o inicia na reflexão do espírito sobre si mesmo e o liberta da concepção materialista de Deus. Esse encontro com a metafísica platônica aclarou seu pensamento, fugiram-lhe as dúvidas e o ceticismo. Descobre o eterno e imutável, a realidade imaterial transcendente. É capaz, então, de identificar o Verbo de Deus do Evangelho de João com a Sabedoria do Hortênsio e a Inteligência plotiniana. Encontra aí o princípio de coerência de sua filosofia. Das epístolas de Paulo, entendeu que o homem está preso no pecado e que ninguém pode se livrar dele sem a graça de Deus, mediante Jesus Cristo.

Em 386 concretiza-se sua conversão, aos 32 anos. Este acontecimento reorientará definitivamente toda a sua existência. Na vigília pascal de 387, recebe o batismo das mãos do bispo Ambrósio, juntamente com Alípio e o filho Adeodato. Resolve voltar para sua terra, a África, e viver aí como em perpétuo retiro. No trajeto, em Óstia, morre-lhe a mãe, Mônica. Por três anos vive com alguns amigos como cenobita em Tagaste. Em 391, é ordenado sacerdote por pressão popular e, em 396, eleito bispo para a diocese de Hipona. Sua atividade pastoral e de escritor torna-se cada vez mais intensa. "A fecundidade literária de Agostinho e a energia que nela se manifesta, só se comparam às numerosas obras de Orígenes. O próprio Agostinho conta-nos, em seu balanço literário (*Retract.* 2,76), ter composto, até 427, nada menos de 93 escritos, distribuídos em 232 livros, sem contar os numerosos sermões e as não menos numerosas cartas, por vezes,

bem extensas. Apenas 10 das obras citadas se perderam”.[2]

Testemunha do fim de uma era, de uma civilização, de uma cultura, Agostinho viveu intensamente os grandes e decisivos momentos da história do Ocidente. Viu o cristianismo tornar-se a religião oficial do Império, por obra de Teodósio I, em 380. Em 410, viveu a dor do naufrágio da cidade de Roma nas mãos de Alarico. Participou ativamente nos grandes debates doutrinais com os donatistas, os maniqueus e os pelagianos. Jamais se cansou de defender sua fé e suas convicções. Aos 28 de agosto de 430, com Hipona assediada há três meses por Genserico e seus vândalos, morre aos setenta e seis anos, aquele que é considerado um dos maiores e mais influentes Padres da Igreja. “Agostinho é o mais exímio filósofo dentre os Padres da Igreja, e, pressumivelmente, o mais insigne teólogo de toda a Igreja. (…) exerceu profunda influência na vida da Igreja ocidental (…) não só na filosofia, dogmática, teologia moral e mística, mas ainda na vida social e caritativa, na política eclesiástica e no direito público e na formação da cultura medieval”.[3]

Estrutura e conteúdo das Confissões

Confissões, sua obra-prima e a mais conhecida, compõe-se de 13 livros. Originariamente, parece ter circulado somente com os nove primeiros livros, isto é, os livros autobiográficos. Ao que parece, seus leitores e amigos pediram uma continuação, uma seqüência. Surgiram, então, os livros X-XIII os quais, como se pode observar no próprio texto, não são propriamente uma “confissão”, mas uma análise psicológica perspicaz de seu estado de espírito no momento em que escrevia, livro X, e uma análise-comentário dos primeiros versículos do Gênesis nos livros XI-XIII.

Esta observação parece romper a unidade das *Confissões.* De fato, é difícil ver algum laço, alguma ligação entre os dez primeiros livros, nos quais Agostinho medita sobre sua vida, e os três últimos, onde comenta os pri-meiros versículos da narração da criação do livro do Gênesis.

A primeira parte que compreende os livros I-IX, é, portanto, autobiográfica. Nela, Agostinho reflete sobre sua infância e adolescência, sua juventude, suas aventuras, seus erros, suas paixões, sua formação, suas buscas, sua aversão ao cristianismo. Para este primeiro período de sua vida, entre os anos 354 e 396, Agostinho foi seu próprio biógrafo e seu próprio crítico. Aos 42 anos, con-fiante na misericórdia divina, debruça-se sobre seu passado sem piedade para consigo mesmo, reconhecendo em todas as curvas, tortuosidades e perigos de seu caminho, a mão de Deus que pacientemente o perseguia e o aguardava. Colhe-se, aí, um desejo profundo de compreender o mal e sua raiz no ato de uma vontade que se escolhe a si mesma contra Deus. Discorre sobre a ação da vontade má que é capaz de escolher o mal pelo mal revelando o alcance da liberdade humana. Se a iniciativa de Deus é sempre primeira, ela solicita, por sua vez, a resposta livre. Pela fé, o homem adere à verdade revelada e se conforma à vontade divina. Os livros VII e VIII, principalmente, narram aquele momento decisivo de sua conversão como fruto de uma busca incansável de iluminação, de verdade, de segurança e de paz.

De uma parte, a descoberta da transcendência divina e do “Caminho”, isto é, de Jesus Cristo, e de outra parte, a libertação dos laços da paixão. A graça não está, pois, em oposição à liberdade. Ao contrário, é ela quem possibilita ao homem o exercício de seu livre-arbítrio. A atração divina o faz vencer o apego desordenado às criaturas. Renuncia ao matrimônio, à carreira de retórico, às honras, a todos os prazeres chamados “mundanos” ou “carnais”. Liberto, dedica-se inteiramente à investigação e à contemplação da verdade. A aversão a Deus pela qual o homem se afasta Dele é sua perversão. Assim Agostinho o entendeu. O homem age como se pudesse se bastar a si por si mesmo. A aversão é alienação progressiva. Projetando seu desejo insaciável sobre as criaturas, o homem aprisiona sua liberdade no restrito mundo do criado. Perdido pelos apelos do mundo, torna-se incapaz de conhecer sua verdadeira natureza. O homem não tem como retornar a Deus se o próprio Deus não o iluminar. Mas, à aversão que o desviou de Deus deve corresponder uma conversão que o faz retornar para seu Criador. Essa volta supõe, necessariamente, a ação da graça divina e a adesão da liberdade humana. A presença de Deus é, segundo Agostinho, descoberta de si num movimento de ultrapassagem de si: Deus está mais interior em mim, que meu próprio íntimo, pois não se poderia procurar por Deus se Deus já não estivesse presente (*Conf.* III, 6).

A segunda parte, livros XI-XIII, se constitui de comentários aos primeiros versículos do Gênesis, considerações sobre o mundo e Deus, a criação, o tempo e a eternidade, tecendo contínuos louvores à grandeza e à liberalidade do Criador.

No livro XIII, Agostinho enfatiza a importância do Espírito Santo na criação. O Espírito é visto como o dom de Deus às criaturas prolongado na nova criação. Desse modo, o itinerário de retorno do homem para Deus toma plena significação na meditação expressa nos livros XI-XIII, sobre a criação. As obras da natureza clamam e proclamam o Criador. A alma que busca o conhecimento de Deus escuta esta voz implícita na criação. O mundo criado torna-se Revelação: manifestação da bondade, da beleza, da sabedoria de Deus.

Confissões, uma das obras mais lidas no Ocidente, exerce ainda hoje enorme fascínio por seu valor literário, autobiográfico, místico, filosófico, teológico, exegético, poético, retórico, e pelos temas nela tratados: o mal, a criação, o tempo, a graça, o itinerário da alma para Deus.

1 Hoje, Souk-Ahras, Argélia. Rica de história, se estende pelo território de Cartago, então capital da África do Norte. Os romanos deram, a partir de Sétimo Severo, um grande impulso à agricultura, nesta região. A cristianização se deu rapidamente desde o século II. No século IV, a região se tornou palco das lutas donatistas, cisma que encontrou terreno privilegiado nos meios rurais como reação contra o cristianismo romano, religião da classe urbana. Em 429, um ano antes da morte de Agostinho, a região foi sacudida pela invasão dos vândalos, liderados por Genserico, e passou definitivamente para a dominação árabe no século VIII.

2 ALTANER, B.- Stuiber, A., Patrologia, 2ª ed., S. Paulo: Paulus, 1988, p. 419.

3 Id., ib., p. 415.

BIBLIOGRAFIA

COURCELLE, P. *Les Confessions de saint Augustin dans la tradition littéraire. Antecedents et postéritée.* Etudes Augustiniennes, Paris, 1963.

___. *Recherches sur les "Confessions" de saint Augustin,* De Broccard, Paris, 1968[2].

GUARDINI, R. *L'inizio. Un commento ai primi cinque capitoli delle "Confessioni" di Agostino,* Milão, 1975[2].

O'CONNELL, R.J. *St. Augustine's Confessions. The Odissey of the Soul,* Cambridge Mass., Harvad Univ. Press, 1969.

PELLEGRINO, M. *Le "Confessioni" di sant'Agostino. Studio introduttivo.* Studium. Roma, 1972 (ist.).

PIZZOLATO, L.F. *Le "Confessioni" di sant'Agostino. Da biografia a "confessio".* Vita e Pensiero, Milão, 1968.

SOLIGNAC, A. *Introduction aux Confessions,* Desclée de Brouwer, Paris, 1962.

TRAPÈ, A. *Introduzione alle Confessioni di S. Agostino.* Città Nuova, Roma, 1975.

TONNA-BARTHET., OESA (org.), *Síntese da espiritualidade agostiniana,* trad. de Pe. Matheus Nogueira Garcez, Paulus, São Paulo, 1995.

I LIVRO

DO NASCIMENTO AOS QUINZE ANOS

1. Invocação a Deus

1 "Grande és tu, Senhor, e sumamente louvável: grande a tua força, e a tua sabedoria não tem limite".[1] E quer louvar-te o homem, esta parcela de tua criação; o homem carregado com sua condição mortal, carregado com o testemunho de seu pecado[2] e com o testemunho de que resistes aos soberbos;[3] e, mesmo assim, quer louvar-te o homem, esta parcela de tua criação. Tu o incitas para que sinta prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti.[4] Dá-me, Senhor, saber e compreender[5] qual seja o primeiro: invocar-te ou louvar-te; conhecer-te ou invocar-te.[6] Mas, quem te invocará sem te conhecer? Por ignorá-lo, poderá invocar alguém em lugar de outro. Ou será que é melhor seres invocado, para seres conhecido? "Como, porém, invocarão aquele em quem não crêem? E como terão fé sem ter quem anuncie?[7] Louvarão o Senhor aqueles que o procuram".[8] Quem o procura o encontra,[9] e, tendo-o encontrado, o louvará. Que eu te busque, Senhor, invocando-te; e que eu te invoque, crendo em ti: tu nos foste anunciado. Invoca-te, Senhor, a minha fé, que me deste, que me inspiraste pela humanidade de teu Filho, pelo ministério de teu pregador.

2. Como e por que invocar a Deus?

2 E como invocarei o meu Deus, ó meu Deus e meu Senhor? Pois, ao invocá-lo, eu o chamarei para dentro de mim.[10] Que lugar haverá em mim, onde o meu Deus possa vir? Onde virá Deus em mim, o Deus "que fez o céu e a terra"?[11] Há, então, Senhor meu Deus, algo em mim que te possa conter? E o céu e a terra, que fizeste e nos quais me fizeste, são eles capazes de te conter? Ou então, visto que sem ti nada existe daquilo que existe, será que tudo que existe te contém? Portanto, já que eu de fato existo, porque tenho de pedir tua vinda a mim, a mim que não existiria se não exis-tisses em mim? Eu ainda não estive nas profundezas da terra e, no entanto, tu aí também estás. Pois, "mesmo que eu desça às profundezas da terra, aí estás".[12] Pois eu não existiria, meu Deus, eu de forma alguma existiria, se não estivesses em mim.[13] Ou melhor, eu não existiria se não existisse em ti, "de quem tudo, por quem tudo, em quem todas as coisas existem"?[14] É assim, Senhor, é assim mesmo. Para onde te chamo, se já estou em ti? De onde virias para estares em mim? Para onde me afastaria, fora do céu e da terra, para que daí viesse a mim o meu Deus, que disse: "o céu e a terra estão cheios da minha presença"?[15]

3. Deus está em todas as coisas e nenhuma o contém

3 Portanto, cabes tu no céu e na terra, visto que os enches com a tua presença? Ou, enchendo-os, resta ainda alguma parte de ti, por não te conterem? Por onde difundes o que resta de ti, depois de repletos o céu e a terra? Ou não tens necessidade de ser contido em alguma coisa, tu que tudo conténs, visto que as coisas que enches, as ocupas contendo-as?[16] Não são, pois, os vasos cheios de ti que te tornam estável porque, ainda que se quebrem, não te derramas; e quando te derramas sobre nós[17] não és tu que te abaixas, mas nós que somos elevados a ti; não te dispersas, mas nos recolhes a nós.

Mas tu, que tudo enches, o fazes com todo o teu ser. E já que o universo inteiro não pode conter todo o teu ser, conterá somente uma parte? E todos os seres conterão a mesma parte, ou cada um conterá uma, os seres maiores a parte maior, os menores a menor? Mas há em ti partes maiores e partes menores? Ou estás inteiro em toda parte, e nada existe que te contenha inteiramente?[18]

4. Deus é inefável

4 O que és, portanto, meu Deus? O que és, pergunto eu, senão o Senhor meu Deus? "Quem é, pois, senhor, senão o Senhor? ou quem é deus, senão o nosso Deus"?[19] Ó altíssimo, infinitamente bom, poderosíssimo, antes todo-poderoso, misericordiosíssimo, justíssimo, ocultíssimo, presentíssimo, belíssimo e fortíssimo, estável e incompreensível, imutável que tudo muda, nunca novo[20] e nunca antigo, tudo inovando,[21] conduzindo à decrepitude os soberbos, sem que disto se apercebam,[22] sempre em ação e sempre em repouso, recolhendo e de nada necessitando; carregando, preenchendo e protegendo; criando, nutrindo e concluindo; buscando, ainda que nada te falte. Amas, e não te apaixonas; tu és cioso,[23] porém tranqüilo; tu te arrependes[24] sem sofrer; entras em ira,[25] mas és calmo; mudas as coisas sem mudar o teu plano; recuperas o que encontras sem nunca teres perdido; nunca estás pobre, mas te alegras com os lucros; não és avaro e exiges os juros;[26] nós te damos em excesso,[27] para que sejas nosso devedor. Mas, quem possui alguma coisa que não seja tua?[28] Pagas as dívidas, sempre sem que devas a ninguém, e perdoas o que te é devido, sem nada perderes.

Mas, que estamos dizendo, meu Deus, vida da minha vida, minha divina delícia? Que consegue dizer alguém quando fala de ti? Mas ai dos que não querem falar de ti, pois são mudos que falam.

5. Desejo de Deus

5 Quem me fará descansar em ti? Quem fará com que venhas ao meu coração e o inebries a ponto de eu esquecer os meus males, e me abraçar a ti, meu único bem? Que és para mim?[29] Tem misericórdia, para que eu fale. Que sou eu aos teus olhos, para que

me ordenes amar-te e, se eu não o fizer, te indignares[30] e me ameaçares com imensas desventuras? Como se o não te amar já fosse desgraça pequena! Dize-me, por compaixão, Senhor meu Deus, o que és tu para mim? "Dize à minha alma: Eu sou a tua salvação".[31] Dize de forma que eu te escute. Os ouvidos do meu coração estão diante de ti, Senhor; abre-os e "dize à minha alma: Eu sou a tua salvação". Correrei atrás destas palavras e te segurarei. Não escondas de mim a tua face:[32] que eu morra para contemplá-la e para não morrer!

6 Minha alma é morada muito estreita para te receber: será alargada por ti, Senhor. Está em ruínas: restaura-a! Tem coisas que ofendem aos teus olhos: eu o sei e confesso. Mas quem pode purificá-la? A quem, senão a ti, eu clamarei: "Purifica-me, Senhor, dos pecados ocultos, e perdoa a teu servo as culpas alheias"?[33] Creio, e por isso falo, Senhor:[34] tu o sabes. Não te confessei "contra mim as minhas faltas, meu Deus, e não perdoaste a maldade do meu coraçao"?[35] Não discuto contigo,[36] que és a verdade, e não quero enganar a mim mesmo, para que a minha iniqüidade não minta a si mesma.[37] Não discuto contigo porque, "se te lembrares de nossos pecados, Senhor, quem suportará teu olhar"?[38]

6. Mistério da natureza humana e sua finitude. Deus é eterno

7 Deixa, no entanto, que eu fale diante de tua misericórdia, eu que "sou pó e cinza";[39] deixa-me falar, já que à tua misericórdia me dirijo, e não a um homem pronto a escarnecer de mim. Talvez também tu te rias de mim.[40] Mas se olhares para mim, terás misericórdia. Que pretendo dizer, Senhor meu Deus, senão que não sei de onde vim para cá, para esta vida mortal, ou antes, para esta morte vital? Não sei. Mas fui acolhido pelas consolações de tua misericórdia; assim me disseram meus pais: de um me tiraste e de outro me formaste no tempo; eu de fato não me lembro. Acolheram-me, então, as doçuras do leite humano; mas não eram minha mãe nem minhas amas que enchiam os seus seios. Eras tu, Senhor, que me davas por meio delas o alimento da infância, segundo o plano pelo qual dispuseste todas as riquezas até o mais profundo das coisas. Fazias também com que eu não desejasse mais do que me davas, e às minhas amas que não me quisessem dar senão o que lhes concedias: movidas por afeição desordenada, davam-me aquilo de que tinham em abundância, graças a ti. O bem, delas recebido, era para elas igualmente um bem, do qual não eram elas a origem, mas intermediárias dele; porque de ti, ó Deus, me vêm todos os bens, e do meu Deus toda a minha salvação! Percebi isso mais tarde, quando bradaste através desses mesmos dons que interior e exteriormente concedes. Mas, então, eu nada mais sabia senão sugar o leite, aquietar-me com o que agradava aos meus sentidos, e chorar o que importunava a minha carne,[41] e nada mais.

8 Em seguida, comecei também a rir, primeiro enquanto dormia, depois acordado. Destas

minhas ações fui informado, e nelas acreditei pelo exemplo dado pelas outras crianças. Eu mesmo nada lembro daquele tempo. Pouco a pouco ia reconhecendo o lugar onde me encontrava, e queria manifestar meus desejos às pessoas que deviam satisfazê-los, mas não conseguia, porque eles estavam dentro de minha alma e elas estavam fora, e através de nenhuma percepção teriam podido penetrar no âmago de minha alma. E assim eu me debatia e gritava, exprimindo uns poucos sinais proporcionais aos meus desejos, como eu podia e de maneira inadequada. Se não me obedeciam, ou porque não me entendiam ou por medo de me fazerem mal, eu me indignava com essas pessoas grandes e insubmissas que, sendo livres, recusavam ser minhas escravas, chorando, eu me vingava delas. Assim são as crianças, como depois pude observar. Inconscientemente elas me informaram daquilo que eu tinha sido, melhor do que os meus competentes educadores.

9 Minha infância morreu há muito, e eu ainda vivo. Mas tu, Senhor, que estás sempre vivo e em quem nada morre, — pois és anterior ao começo dos séculos e a tudo o que se possa dizer anterior, — tu és Deus e Senhor de tudo o que criaste. Em ti permanecem estáveis as causas de todas as coisas instáveis, permanecem imutáveis os princípios de todas as coisas mutáveis, permanecem eternas as razões de tudo o que é temporal e irracional. Dize-me, Senhor, eu te suplico, tu que tens compaixão da minha miséria, dize-me se a minha infância sucedeu a outra vida já morta; se tal idade não seria o tempo passado nas entranhas de minha mãe. Pois, alguma coisa me revelaram dessa vida, e eu mesmo vi mulheres grávidas. Mas antes disso, que era eu, meu Deus, ó minha doçura? Existi, porventura, em qualquer parte, fui alguém?[42] Não tenho ninguém que saiba responder a essas perguntas: nem meu pai, nem minha mãe, nem a expe-riência de outrem, nem a minha memória. Sorris, talvez, de minhas perguntas, tu que ordenas louvar-te e glorificar-te apenas pelas coisas que conheço!

10 “Eu te glorifico, Senhor do céu e da terra”,[43] louvando-te por meu nascimento e pela infância, da qual não me lembro; concedeste ao homem a possibilidade de reconstruir o próprio passado pelo que vê dos outros homens, e de acreditar em muitas ações também pelo testemunho de humildes mulheres. Eu já existia, era já vivo então, e no fim da minha infância já procurava a maneira de manifestar aos outros os meus sentimentos. De onde poderia vir tal criatura, senão de ti, Senhor?[44] Alguém pode ser autor de sua própria criação? E de onde pode surgir em nós a fonte do ser e da vida, senão de ti, Senhor,[45] para quem existir e viver não são realidades distintas, pois o supremo existir e o supremo viver é uma coisa só?

És tu o ser supremo, e não mudas.[46] Em ti o dia de hoje não passa, e no entanto passa por ti, pois todas as realidades deste mundo residem em ti;[47] e não teriam meios para passar, se tu não as contivesses. E porque teus anos não têm fim,[48] os teus anos são o dia de hoje; quanto dos dias nossos e dos nossos pais já passaram por este teu hoje, e dele receberam a medida e o modo de existir, e quantos ainda passarão e receberão a medida e o modo de sua existência! “Tu, porém, és o mesmo eterna-mente”,[49] e todas as

coisas de amanhã e do futuro, de ontem e do passado, hoje as farás, hoje as fizeste!

Que posso fazer, se alguém não compreende? Que exulte, dizendo: “Que mistério é este”?[50] Que exulte e prefira encontrar-te, não te compreendendo, a não te encontrar, compreendendo.[51]

7. Agostinho recorda os pecados cometidos na infância

11 Ouve-me, Senhor! Ai dos pecados dos homens! É um homem que assim fala; e dele te compadeces, porque és o seu Criador, e não o autor do seu pecado. Quem me poderá lembrar os pecados cometidos na infância, já que ninguém há que diante de ti seja imune ao pecado, nem mesmo o recém-nascido com um dia apenas de vida sobre a terra?[52] Quem, senão um pequerrucho, onde vejo a imagem daquilo que não lembro de mim mesmo? Qual era então o meu pecado? Seria talvez o de buscar avidamente, aos berros, os seios da minha mãe? Se mostrasse hoje a mesma avidez, não pelo seio materno, é claro, mas pelos alimentos próprios da minha idade, seria justamente escarnecido e censurado. Meu procedimento era então repreensível, mas como não teria podido compreender as reprimendas, nem a razão nem os costumes permitiam que eu fosse reprovado. Com o crescer dos anos, extirpamos e atiramos fora tais defeitos, e nunca vi ninguém que, para cortar o mal, rejeitasse conscientemente o bem! Ou seria justo, mesmo tendo em conta a idade, exigir chorando o que seria prejudicial, indignar-se com violência contra homens adultos e de condição livre, e contra os pais e outras pessoas sensatas que não aceitavam satisfazer a certos desejos? Seria justo fazer todo o possível para prejudicá-los, porque eles não se prestavam a obedecer a ordens que seriam nocivas? Portanto, a inocência das crianças reside na fragilidade dos membros, não na alma. Vi e observei bem uma criança dominada pela inveja: não falava ainda, mas olhava, pálida e incitada para seu irmão de leite. Quem já não observou esse fato? Dizem que as mães e amas têm não sei que remédio para eliminar tais defeitos; sem dúvida não é inocente a criança que, diante da fonte generosa e abundante de leite, não admite dividi-la com um irmão, embora muito necessitado desse alimento para sustentar a vida. No entanto, tais fatos são tolerados com indulgência, não por serem de pouca ou nenhuma importância, mas porque desaparecerão ao correr dos anos. Prova disso é que nos irritamos contra tal procedimento, quando o surpreendemos em pessoa de mais idade.

12 E tu, Senhor meu Deus, que à criança deste a vida e um corpo, como se vê, dotado de sentido, composto de membros, ornado de beleza, e lhe insuflaste os impulsos vitais para defender a sua própria integridade, ordenas que eu te louve por todas estas obras, que te “celebre e cante o teu nome, ó Altíssimo”,[53] porque és o Senhor onipotente e bom, ainda que somente essas coisas tivesses criado. Nenhum outro as pode fazer, senão tu, ó Deus único, de quem promana toda harmonia, ó forma perfeita, que formas todas as coisas e que tudo ordenas de acordo com as tuas próprias leis.

Por isso, Senhor, não me agrada considerar, como parte integrante da minha vida

terrena, essa idade que não lembro ter vivido, a respeito da qual creio no que me dizem os outros e nas conjecturas, aliás muito bem fundadas, que formei ao observar as outras crianças. Esse tempo de memória envolto em trevas encontra paralelo na época em que vivi no seio materno. E se "fui concebido na iniqüidade, e no pecado me alimentou a minha mãe no seu seio",[54] onde foi, eu te suplico, meu Deus, onde foi, meu Senhor, eu teu servo, onde e quando foi que estive inocente?[55] Mas deixemos de lado esse tempo; que tenho eu a ver com ele, se dele não conservo o menor vestígio?

8. Como aprende a falar

13 Da infância, caminhando para o ponto onde estou, passei à meninice, ou melhor, ela chegou a mim em seguimento à infância. Esta não se afastou: para onde poderia ir? No entanto, não mais existia. De fato, eu não era mais uma criança, incapaz de falar, e sim, um menino muito conversador; disto eu me lembro. E compreendi mais tarde como aprendi a falar: não eram os adultos que me ensinavam as palavras segundo um método preciso, como o fizeram mais tarde para me ensinarem as letras, era eu por mim mesmo, graças à inteligência que tu, Senhor, me deste, era eu que procurava, através de gemidos, gritos diversos e gestos vários, manifestar os sentimentos do coração, para que fizessem minhas vontades. Eu só o que não conseguia era fazer-me entender de todo e por todos. Procurava guardar na memória os nomes que ouvia darem às coisas; e vendo que as pessoas, conforme esta ou aquela palavra, se dirigiam para este ou aquele objeto, eu observava e lembrava que a esse objeto correspondia o som que produzia quando queriam mostrar esse objeto. Então eu compreendia o que os outros queriam pelos movimentos do corpo, linguagem por assim dizer natural, comum a todos os povos e que se manifesta pela expressão do rosto, pelos movimentos dos olhos, pelos gestos dos demais membros e pela entonação da voz, indicadores dos estados de espírito, quando alguém pede determinada coisa ou quer possuí-la, quando a rejeita ou quer evitá-la. Desse modo, à força de ouvir as mesmas palavras, pelo lugar que ocupavam nas frases, pouco a pouco eu chegava a compreender de que coisas elas eram os sinais, e ia acostumando a boca a pronunciá-las, servia-me delas para exprimir meus desejos. E assim comecei a comunicar, aos que me cercavam, os sinais que exprimiam os meus desejos, e desse modo entrei mais profundamente na tormentosa sociedade dos homens, sob a autoridade de meus pais e dos mais velhos.[56]

9. Falta de interesse pelo estudo; castigo e zombaria dos educadores

14 Ó Deus, meu Deus, que sofrimentos e desilusões padeci, quando ao menino que eu era propunham que o ideal da vida era obedecer aos mestres para prosperar neste mundo, para granjear, com a arte da palavra, o prestígio dos homens e as falsas riquezas! Fui enviado à escola para aprender as primeiras letras. Para minha infelicidade, não entendi a utilidade desse trabalho; mas, se me mostrava preguiçoso, era castigado a vara. Era um sistema recomendado pelos adultos, e muitas crianças antes de nós, que tiveram

essa experiência, haviam aberto o doloroso caminho que agora éramos obrigados a percorrer, multiplicando os trabalhos e dores dos filhos de Adão.[57] Por outro lado, Senhor, encontramos também homens de oração, e deles aprendemos, à medida que nos era possível, a compreender que existe um ser grande, capaz de nos ouvir e socorrer, embora imperceptível aos nossos sentidos. Assim, ainda menino, comecei a dirigir-me a ti, como a “meu rochedo e meu refúgio”;[58] rompiam-se em mim os nós da língua, ao invocar-te; era pequeno ainda, mas era grande o fervor com que eu te implorava para que me evitasses os castigos na escola. E quando não me atendias — o “que era para o meu bem”[59] — os adultos e até os meus próprios pais, que não me desejavam o menor mal, riam-se dos açoites, o que constituía então para mim grande e profundo sofrimento.

15 Haverá, Senhor, alma tão generosa e tão unida a ti por extraordinário amor (o que na realidade pode ser efeito de uma espécie de loucura), existirá alguém que nesse afeto encontre tal força, que venha a desprezar os cavaletes, aguilhões e demais torturas semelhantes àquelas que em toda parte da terra os homens aterrorizados te pedem que lhes evites; haverá alguém que se ria dos que temem esse suplício, como meus pais zombavam das penalidades que a nós, meninos, infligiam nossos mestres? Para mim, tais castigos não pareciam menos temíveis que as torturas, e não pedia com menos fervor que deles fôssemos poupados. No entanto, continuávamos a cometer faltas, escrevendo, lendo e estudando menos do que se exigia de nós. Não que nos faltasse memória ou inteligência, pois nos dotaste, Senhor, com o suficiente para a nossa idade. O fato é que gostávamos de nos divertir, e o mesmo faziam, é verdade, aqueles que nos castigavam. Mas as distrações dos adultos chamam-se negócios, enquanto as dos meninos, embora da mesma natureza, são punidas pelos adultos, sem que ninguém se compadeça da criança, nem do homem, nem de ambos. Poderia um juiz reto aprovar os castigos que me davam, porque eu, em pequeno, jogava bola, e o jogo era obstáculo ao rápido aproveitamento nos estudos, que mais tarde serviriam para folguedos bem menos inocentes? Agia porventura de modo diferente aquele que me batia? Se vencido por um colega de magistério em alguma discussão fútil, era roído pela raiva e pela inveja, mais do que eu quando derrotado por um companheiro num jogo de bola.

10. Prefere o jogo e o teatro ao estudo

16 No entanto, é verdade que eu pecava, Senhor meu Deus, ordenador e criador de tudo o que existe na natureza, com exceção do pecado, de que és apenas regularizador.[60] Eu pecava, Senhor Deus meu, agindo contra as disposições dos pais e dos mestres, pois podia no futuro fazer bom uso desses conhecimentos que eles queriam que eu adquirisse, qualquer que tenha sido o motivo que os movia a isso. E eu desobedecia não para fazer coisa melhor, mas pelo amor ao jogo, amando nas disputas o orgulho da vitória, e amava também essas histórias frívolas, que tanto me deleitavam os ouvidos, com uma curiosidade que a cada dia brilhava aos meus olhos com os espetáculos[61] e jogos dos

adultos. No entanto, os que presidem a tais jogos sobressaem tanto em prestígio, que quase todos desejam para seus filhos essa honra. Nem se preocupam se os filhos, distraídos pela atividade teatral, são punidos por se afastarem do estudo que, segundo os desejos deles, permitirá a estes, mais tarde, organizar espetáculos semelhantes. Olha, Senhor, com misericórdia para essas contradições; socorre os que te invocam, e socorre também aqueles que não te invocam, a fim de que também eles o façam e sejam libertados.

11. Adiamento do batismo

17 Eu tinha ouvido falar, ainda criança, da vida eterna a nós prometida, graças à humildade do Senhor nosso Deus, que desceu até a nossa soberba. Fui marcado pelo sinal da cruz e recebi o sal divino, apenas saído do seio de minha mãe,[62] que em ti depositava todas as suas esperanças. Senhor, tu viste que eu, ainda criança, fui um dia tomado por febre alta, motivada por uma disfunção do estômago, e estive às portas da morte; tu viste, Senhor, pois já então eras o meu protetor, com que ardor e com que fé implorei à piedade de minha mãe e de nossa mãe comum — a tua Igreja — o batismo de Cristo, meu Deus e Senhor. Minha mãe carnal, muito perturbada, que na sua fé e coração puro me gerava com maior solicitude para a vida eterna, apressava-se em iniciar-me e purificar-me nos sacramentos da salvação, para que, confessando-te, Senhor Jesus, eu pudesse obter a remissão dos pecados. Eis que impro-visamente melhorei. Essa purificação foi então adiada, como se fosse inevitável que, vivendo, devesse continuar a corromper-me, sem dúvida porque se pensava que a responsabilidade pelas faltas cometidas depois do batismo é ainda mais grave e perigosa. Nessa época, eu já tinha fé, como minha mãe e toda a minha família, com exceção apenas de meu pai. Seu exemplo, porém, não predominou em mim contra os direitos da piedade materna, e não me induziu a não crer em Cristo, no qual ele ainda não acreditava. Minha mãe desejava ardentemente que fosses meu pai, tu meu Deus, mais do que ele, e tu nesse ponto a ela ajudavas para prevalecer sobre o marido, ao qual se dedicava, embora mais virtuosa que ele, pois, obedecendo a ele, era às tuas ordens que ela obedecia.[63]

18 Rogo-te, meu Deus, que me mostres — se nisso consentes — por qual desígnio foi adiado o meu batismo: as rédeas do pecado me foram soltas, por assim dizer, para o meu bem, ou não? Por esse motivo é que ainda hoje ouvimos dizer deste ou daquele: “Deixe que ele faça o que quiser: ainda não foi batizado”! Mas, em relação à saúde do corpo, não dizemos: “Deixe que se fira mais, pois ainda não foi curado”! Quanto teria sido preferível para mim ser logo curado e esforçar-me, eu e os meus, para conservar intacta a saúde da minha alma, sob a proteção que me terias dado! Sem dúvida teria sido melhor. Minha mãe, porém, já previra quantas e quão grandes ondas de tentações ameaçariam minha juventude; e preferiu expor a elas o barro do meu ser, que poderia tomar um dia a forma do homem novo, mas não expor a minha imagem já feita.[64]

12. Deus tira o bem até do mal

19 No entanto, nesse período da meninice, que a meu respeito suscitava menores apreensões do que o da adolescência, eu não gostava do estudo e detestava ser obrigado a ele. No entanto, eu era a isso obrigado, e para o meu bem. Mas eu não agia bem, pois só estudava quando coagido. Contra a vontade, ninguém procede bem, ainda que a ação em si mesma seja boa. Os que me obrigavam, também não agiam corretamente: somente de ti vinha o bem, meu Deus. Realmente, eles não viam outra finalidade no estudo a que me obrigavam, senão saciar os insaciáveis desejos de uma miséria opulenta e de uma glória ignominiosa. Mas tu, para quem "estão contados os nossos cabelos",[65] utilizavas em meu proveito o erro dos que me coa-giam, e utilizavas a minha falta para castigar-me; punição que eu merecia, embora pequeno, pois era grande peca-dor. Assim, tu me fazias o bem por meio daqueles que não o faziam, e me davas justa retribuição pelos meus pró-prios pecados. Estabeleceste, de fato, e efetivamente acontece, que toda alma desregrada seja seu próprio castigo.[66]

13. Utilidade do estudo

20 Ainda hoje não sei explicar bem a causa da minha repugnância pelo estudo do grego, que tentavam inculcar-me desde criança.[67] Pelo contrário, eu gostava muito do latim, mas não aquele que é ensinado nas primeiras classes, e sim do que é ensinado pelos chamados gra-máticos. As primeiras noções, em que se aprende a ler, escrever e contar, eram-me tão pesadas e penosas como o estudo do grego. Donde me vinha tal aborrecimento, senão do pecado e da vaidade da vida? Porque eu era "carne e sopro que se esvai e não volta".[68]

Na realidade, aqueles primeiros estudos, que me permitiam e permitem não só ler qualquer escrito que encontro, mas também escrever o que me apraz, eram mais úteis e mais práticos do que aqueles em que eu, esquecido dos meus próprios erros, era obrigado a gravar na memória as andanças de certo Enéias e a chorar Dido que se suicidara por amor. Enquanto isso, na minha extrema miséria, sem derramar nem uma lágrima sequer, me deixava morrer em meio a essas coisas longe de ti, meu Deus e minha vida.

21 Na verdade, não há nada mais miserável que um infeliz que chora a morte de Dido, causada pelo amor de Enéias, sem se compadecer de si mesmo, nem chorar a própria morte por falta de amor para contigo, ó meu Deus, luz do meu coração, pão da boca interior do meu espírito, poder fecundante da minha inteligência e do meu pensamento. Eu não te amava. Prevaricava longe de ti.[69] E, enquanto prevaricava, de toda parte ressoavam aplausos: Muito bem! Coragem! A amizade a este mundo é de fato adultério, prevaricação e infidelidade a ti, e as palavras "Muito bem! Coragem" são proferidas para que o homem se envergonhe se não for como os outros. Eu não chorava estas faltas,

mas panteava Dido morta, depois de ter procurado, com a espada, a pior decisão,[70] enquanto eu me apegava aos piores objetos da tua criação,[71] abandonando-te. Eu era terra que tendia para a terra. Se me proibiam a leitura de tais episódios, afligia-me por não poder ler o que me afligia. Oh!, loucura!, eu considerava tais estudos mais honrosos e úteis do que aqueles em que aprendi a ler e a escrever.

22 Agora, porém, meu Deus, que a tua verdade clame na minha alma e me diga: Não é assim, não é assim! São mais importantes aqueles primeiros estudos! Mais depressa eu esqueceria hoje as aventuras de Enéias e outras narrativas desse gênero do que escrever e ler. Cortinas pendem na porta das escolas de gramática.[72] Elas servem mais para encobrir os erros que aí se cometem, do que para honrar os seus segredos. Não gritem contra mim, aqueles que eu já não temo, enquanto te revelo as aspirações de minha alma, meu Deus, e encontro paz em condenar meus perversos caminhos, para amar a retidão dos teus! Não se ergam contra mim esses vendedores e compradores de gramáticas, porque, se eu os interrogar se é verdade que Enéias veio a Cartago — como diz o poeta —, os néscios responderão que não sabem e os instruídos negarão a autenticidade do fato. Mas, se eu lhes perguntar com que letras se escreve o nome de Enéias, todos os que estudaram darão a resposta exata, segundo as normas e convenções com que os homens fixaram entre si os sinais do alfabeto. De igual modo, se eu perguntasse o que é mais prejudicial na vida: esquecer a leitura e a escrita ou todas aquelas ficções poéticas, todos sabem qual seria a resposta de quem não houvesse perdido completamente o juízo. Portanto, eu pecava quando criança, ao antepor todos aqueles conhecimentos vãos dos poetas a estes mais úteis, ou antes, quando simplesmente detestava a estes e amava àqueles. Um mais um, dois; dois mais dois, quatro. E era para mim uma cantilena odiosa, enquanto me encantava o vão espetáculo de um cavalo de madeira cheio de guerreiros, o incêndio de Tróia e até "a sombra de Creusa".[73]

14 . Dificuldade no estudo do grego

23 Por que detestava eu as letras gregas, onde se cantam os mesmos temas? Homero tece habilmente fábulas semelhantes, doce na sua frivolidade. No entanto, era amargo para mim, ainda menino. Creio que acontece com os jovens gregos obrigados a aprender Virgílio, o mesmo que se passava comigo em relação a Homero. Era, sim, a di-ficuldade de aprender uma língua estrangeira que borrifava de fel toda a suavidade das fantasiosas narrações gregas. Eu não conhecia palavra alguma dessa língua. E para me fazerem aprendê-la, me forçavam violentamente com terríveis ameaças e castigos. Outrora, quando menino, nem mesmo do latim eu conhecia alguma coisa; no entanto, eu aprendi, com um pouco de atenção, sem temores nem castigos, em meio aos carinhos, sorrisos e brincadeiras de minhas amas. Aprendi sem a pressão dos castigos e ameaças, impelido pela necessidade que sentia no coração de exprimir meus pensamentos, o que não teria sido possível sem aprender algumas palavras, provindas daqueles que falavam, e não dos

que ensinavam. Nos ouvidos deles eu depositava meus próprios sentimentos.

Por aí se conclui, com bastante clareza, que para aprender é mais eficaz a livre curiosidade do que um constrangimento ameaçador. A este, no entanto, cabe a tarefa de refrear aquela, segundo as tuas leis, ó Deus. Tuas leis, que sabem desde a palmatória dos mestres até as torturas dos mártires, temperar com tristezas salutares que nos trazem de volta para ti, longe dos prazeres perniciosos que de ti nos afastam.

15. Oferecimento de tudo a Deus

24 "Ouve, Senhor, a minha prece",[74] para que minha alma não desfaleça sob o peso da tua lei, nem esmoreça em con-fessar os atos de misericórdia que me arrancaram de péssimos caminhos; para que sejas, para mim, mais atraente do que todas as seduções que eu seguia, e assim eu te ame imensamente e te segure a mão com todas as forças de minha alma, e me livres de toda a tentação até o fim.

Senhor, "tu és o meu Rei e o meu Deus"![75] Que para o teu serviço se consagre tudo o que de útil eu aprendi em criança: para ti a minha capacidade de falar, escrever, ler e contar. Pois, quando eu aprendia coisas inúteis, tu me disciplinaste e me perdoaste o pecado do prazer inútil que nelas eu encontrava. É verdade que com elas aprendi muitas coisas úteis, mas estas podem ser aprendidas também em matérias não frívolas: este seria o caminho mais seguro a ser percorrido pelas crianças.

16. Literatura e mitologia corruptoras

25 Ai de ti, torrente de hábitos humanos! Quem te resistirá? Até quando hás de correr antes de secar? Até quando arrastarás os filhos de Eva para o mar profundo e temeroso, que somente podem atravessar os que navegam no lenho da cruz?[76]

Não foi em teus livros que li sobre Júpiter tonante e adúltero? Dois atos que, de certo, ele não podia praticar simultaneamente. Mas, assim foi representado, para que fôssemos levados a imitar um verdadeiro adultério, iludidos por um trovão imaginário.[77]

Mas, certamente, nenhum desses mestres, trajados de capa magistral, se conservaria calmo ao ouvir um colega, nascido do mesmo pó, proclamar: "Homero imaginava essas ficções e atribuía aos deuses os vícios humanos; eu preferia que nos trouxesse as perfeições divinas".[78] Mas seria mais exato dizer que Homero, inventando tais coisas, atribuía qualidades divinas a homens viciados, a fim de que os vícios não fossem considerados como tais, e quem os comete pareça imitar, não homens corruptos, mas divindades celestes.

26 No entanto, ó torrente infernal, em tuas ondas precipitam-se os filhos dos homens, e pagam para aprender tais noções! E torna-se acontecimento importante fazer tudo isso em público, na praça principal da cidade, sob os olhos da lei, que estabelece salários para os atores, além da paga dos particulares. O fragor de tuas ondas de encontro aos

rochedos parece dizer: “Aqui se aprendem as palavras, aqui se adquire a eloqüência indispensável para persuadir os outros e para exprimir o próprio pensamento”. E realmente não teríamos conhecido as palavras “chuva de ouro”, “regaço”, “disfarce”, “templos celestes” e outras expressões que se encontram nos escritos de Terêncio, se este poeta não nos tivesse apresentado um jovem debochado que se propõe, para a própria devassidão, o exemplo de Júpiter: o jovem observa, pintada no muro, a seguinte cena: “Júpiter, segundo a mitologia, derrama uma chuva de ouro no regaço de Danae para dessa forma enganá-la”.[79] Vejam como o jovem se excita para satisfazer a própria paixão, diante das lições do mestre celeste: “Que Deus é este” — diz ele — “que abala os templos do céu com grande estrondo? Eu, simples mortal, não poderia fazer o mesmo? Mas já o fiz, e com prazer”![80] Não, de forma alguma não é por meio dessas vulgaridades que se aprendem tais palavras; no entanto, tais palavras encorajam os homens a cometer tais indecências. Não acuso as palavras, que são como vasos eleitos e preciosos,[81] mas o vinho do erro que aí nos era apresentado por mestres ébrios, e que devíamos sorver, sob pena de sermos espancados, sem que pudéssemos apelar para um juiz sóbrio. Ó Deus, diante de ti evoco enfim, tranqüilamente, essas recordações! E, no entanto, eu aprendia de bom grado aquelas noções que me agradavam — pobre de mim! — e por isso eu era considerado um jovem de belas esperanças.

17. Inteligência desperdiçada em coisas vãs

27 Permite, ó meu Deus, que fale um pouco também da inteligência, dádiva tua que eu esbanjava em frivolidades. Uma tarefa muito inquietante se apresentava ao meu espírito ante à possibilidade de prestígio ou pelo temor à desonra ou às pancadas: era a tarefa de exprimir a cólera e a dor de Juno por não poder “afastar da Itália o rei dos Troianos”.[82] Eu bem sabia que Juno jamais pronunciaria tais palavras. Todavia, éramos obrigados a nos desencaminhar e seguir as fantasias poéticas, e a dizermos em prosa o que o poeta cantara em versos. Receberia maiores elogios o aluno que exprimisse com mais força e maior verossimilhança os sentimentos de ira e dor mais adequados ao nível da personagem representada, e que soubesse revestir as frases com as palavras mais apropriadas. De que me servia tudo isso, ó Deus meu, vida verdadeira? Para ter os aplausos às minhas declamações na presença de tantos conterrâneos e colegas meus! Não foi tudo vento e fumaça? Não havia outra maneira de exercitar minha inteligência e minha língua? Os teus louvores, Senhor, os teus louvores, inspirados por tuas Escrituras, me teriam elevado o coração, e eu não teria sido envolvido por quimeras vãs, qual presa de aves de rapina. Há realmente muitos modos de oferecer sacrifícios aos anjos rebeldes!

18. Um erro de gramática é mais grave que uma falta contra o homem ?

28 Não é de estranhar que eu me tenha deixado levar pelas coisas vãs para longe de ti, meu Deus, pois eu tinha por modelo somente homens que se sentiam consternados

quando reprovados por terem cometido algum sole-cismo ou barbarismo ao expor boas ações, mas que exul-tavam com os louvores, quando relatavam seus desman-dos pormenorizadamente, “com riqueza e elegância”,[83] em frases corretas e bem construídas. Vês tudo isso, ó Senhor, e te calas, “ó Deus de paciência, de misericórdia e de verdade”?[84] Porventura ficarás sempre calado? E desde agora arrancas deste abismo profundo a alma que te procura, que tem sede de tuas alegrias e que diz em seu coração: “Busquei a tua face, Senhor, e a buscarei sem cessar”.[85] Longe de tua face, caímos nas trevas da paixão. Porque não é caminhando nem atravessando espaços que de ti nos afastamos ou a ti retornamos; nem aquele filho mais novo[86] procurou carro ou cavalos, ou navio, ou alçou vôo com asas invisíveis, e tampouco marchou a pé, quando foi para longínquas regiões dissipar prodigamente o que lhe tinhas dado ao partir. Pai bondoso no momento em que lhe fizeste estes dons, foste mais carinhoso com ele, quando voltou necessitado. Basta mergulhar nas paixões, isto é, nas trevas, para ficar longe de tua face.

29 Vê, Senhor meu Deus, com paciência — segundo o teu modo de ver — como são diligentes os filhos dos homens em observar as regras convencionais da gramática herdadas daqueles mestres que os antecederam, e como são negligentes em relação ao pacto eterno de eterna salvação, recebido de ti! Desse modo, se um daqueles que conhecem e ensinam as antigas convenções gramaticais, as transgride, pronunciando a palavra *homo* sem aspirar a primeira sílaba, desagrada aos homens, mais do que se ele contrariar os teus mandamentos, odiando *ao homem,* que é seu semelhante. Como se pudesse existir inimigo pior que o próprio ódio, com o qual uma pessoa se irrita contra si mesma; ou como se alguém com perseguições prejudicasse mais gravemente a outrem do que ao seu próprio coração, cultivando tal inimizade! Certamente essas regras de linguagem não estão mais profundamente gravadas em nós que esta lei da consciência:[87] “não fazer aos outros o que não queremos que outros nos façam”.[88]

Como é profundo o teu mistério, ó Deus grande e único, que habitas no silêncio do mais alto dos céus e, sem cessar, atinges com o castigo da cegueira as paixões ilícitas. Enquanto isso o homem, em busca da glória na eloqüência, diante de um juiz que é outro homem, no meio de muitos outros homens que o cercam, persegue o inimigo com ódio violento, evitando, com o máximo de atenção, cometer um erro de pronúncia, não aspirando o *h* quando diz *inter homines.* E, no entanto, nem se importa quando, no furor da própria alma, elimina um homem do convívio dos homens!

19. Os primeiros pecados da infância

30 Eu me encontrava, pobre menino, no limiar dessa escola de moral. Minha educação era dada de tal modo, que temia mais cometer uma impropriedade de linguagem do que acautelar-me da inveja que eu sentiria daqueles que a evitavam, se eu a cometesse. Digo e confesso diante de ti, meu Deus, essa fraqueza que me angaria-va aplausos daqueles, cuja aprovação era a minha norma de vida. Eu não percebia o abismo de ignomínia em

que “me atirava, longe de tua presença”.[89] Diante de ti, o que havia mais indigno do que eu? Eu desagradava até mesmo àqueles homens, ao enganar com inúmeras mentiras o pedagogo, os mestres e pais, tão grande era o meu amor pelo jogo, a minha paixão pelos espetáculos frívolos e a mania de imitar os atores. Eu furtava da despensa e da mesa de meus pais, ora impelido pela gula, ora para ter com que pagar aos companheiros, que vendiam seus jogos, mas que se divertiam tanto quanto eu. Muitas vezes eu cometia fraudes no jogo para conseguir vitórias, dominado pelo tolo desejo de superioridade sobre os outros. No entanto, não podia suportar que os outros fizessem o mesmo, e reprovava asperamente se os descobrisse, enquanto eu, ao ser descoberto e repreendido, me enfurecia, ao invés de reconhecer-me culpado.

Seria essa a inocência das crianças? Não, Senhor! De modo algum, meu Deus! O que fazem agora enganando mestres e tutores, furtando nozes, bolas e pássaros, o mesmo hão de fazer, na idade madura, com os governadores e reis, com as riquezas, com as propriedades, com os escravos. É o que acontece com o castigo da palmatória, ao qual seguem suplícios mais graves. Portanto, ó nosso Rei, no pequeno tamanho das crianças louvaste o símbolo da humildade, quando disseste: delas é o Reino dos Céus.[90]

20. Tudo é dom de Deus

31 Contudo, graças sejam dadas a ti, Senhor, Criador e Ordenador do universo, ainda que me houvesses destinado a ser apenas criança. Pois, já então eu existia, vivia, usava dos sentidos, cuidava da minha conservação, imagem da tua unidade misteriosa, fonte do meu ser; já então vigiava com o sentido interior, para a preservação de todos os meus sentidos, e, até nas reflexões modestas sobre pequenas coisas, eu me alegrava ao encontrar a verdade. Eu não aceitava ser enganado, tinha boa memória, tinha facilidade para falar, era sensível à amizade; fugia da dor, da humilhação, da ignorância. Que havia em tal criatura que não fosse digno de admiração e louvor? Mas, tudo isso são dons de meu Deus; não os recebi de mim mesmo; são coisas boas, e o conjunto deles constitui o meu eu.

Portanto, bom é aquele que me criou. Ele é o meu bem, e eu exulto em sua honra por todos os bens que constituem a minha existência desde a infância. Meu pecado era não procurar nele, e sim nas suas criaturas — isto é, em mim mesmo e nos outros — os prazeres, as honras e a verdade. Eu me precipitava assim na dor, na confusão e no erro. Graças a ti, ó minha doçura, minha glória, minha confiança, meu Deus, pelos dons que me deste. Conserva-os, pois. E assim me conservarás. Então crescerá e se aperfeiçoará tudo o que me deste. E eu mesmo viverei contigo, porque foste tu que me deste a possibilidade de existir.

1 Sl 48(47),2; 96(95),4; 145(144),3; 147(146),5.

2 Cf. 2Cor 4,10; Rm 7,17 e 23.

3 Pr 3,34; Tg 4,6; 1Pd 5,3.

4 A frase tornou-se célebre. Com a "confissão" isto é, a celebração da grandeza de Deus, Agostinho abre o livro em que se confessa pecador. O homem se converte, encontra-se a si mesmo, sua plena realização, repousando na medida em que busca o Amor, que é Deus.

5 Cf. Sl 119(118),34,73.144.

6 Cf. De Trin. 9,1; 13,5.8.

7 Rm 10,14.

8 Sl 22(21),27.

9 Cf. Mt 7,8; Lc 11,10.

10 "Invocar" pode significar súplica a uma pessoa, ou convite para ela entrar. Agostinho joga com a possibilidade desse duplo significado.

11 Gn 1,1; 2Cr 2,11.

12 Sl 139(138),8; cf. Enarr. in Sl. 138,8.

13 Cf. De Gen. ad litt, 4,12ss.

14 At 17,28; Rm 11,36; 1Cor 8,6.

15 Jr 23,24.

16 Deus "contém" todas as coisas, no sentido de que conserva, sustenta, dá ânimo, vida e força a tudo.

17 Cf. Gl 2,28ss; At 2,17s; Tt 3,6.

18 Cf. Epist. 13,2,4; Serm. 42,5,15.

19 Sl 18(17),32.

20 É novo quem adquire algo que antes não possuía; portanto, quem é perfectível.

21 Cf. Sb 7,27; Ap 21,5.

22 Jó 9,5; Adnot. in Job 9.

23 Cf. Gl 2,18; Zc 1,14; 8,2.

24 Cf. Gn 6,6s.

25 Ex 4,14.

26 Cf. Mt 25,27.

27 Lc 10,35.

28 Cf. Tract. in Joann. 5,1.

29 Cf. De Trin. 7,4.

30 Cf. Sl 85(84),6.

31 Sl 35(34),3.

32 Cf. Dt 31,17; 32,20.

33 Sl 19(18),13-14.

34 Cf. Sl 116(115),10.

35 Sl 32(31),5.

36 Cf. Jó 9,3; Jr 2,29.

37 Cf. Sl 27(26),12.

38 Cf. Sl 130(129),3.

39 Gn 18,27.

40 Cf. Sl 2,4;37(36),13; Sb 14,18.

41 Cf. Sb 7,3.

42 Alude à doutrina da pré-existência da alma. Agostinho sofreu forte in-fluência da filosofia neoplatônica, que ensinava essa doutrina.

43 Mt 11,25.

44 Cf. De immort. animae 6,11.

45 Cf. Sl 100(99),3.

46 Ml 3,6.

47 Cf. Rm 11,36; Confess. XI, 1; Enarr. in Ps. 9,11.

48 Cf. Sl 102(101),28; Enarr. in Sl 101,2,10.

49 Sl 102(101),28; Hb 1,12.

50 Ex 13,14.

51 É melhor não pretender a compreensão de tudo, ou seja, a presunção de haver compreendido a Deus, sem tê-lo encontrado realmente: na verdade, é amando que nós encontramos a Deus.

52 Aflora aqui a visão pessimista de Agostinho sobre a natureza humana corrompida: até os atos instintivos da criança são vistos como manifestações da concupiscência.

53 Sl 92(91),2.

54 Sl 51(50),7.

55 Sl 51(50),7.

56 Não é supérfluo salientar a habilidade de Agostinho em observar e descrever o desenvolvimento físico e psicológico da criança, as influências externas que esta sofre, e a parte que tem a atividade espontânea da alma, no seu desenvolvimento. Isso foi admirado até por Harnack: Augustin Konfessionen, Geissen, 1904.

57 Cf. Gn 3,16; Eclo 40,1.

58 Sl 18(17),3.

59 Cf. Sl 22(21),3 no texto da Vulgata.

60 Cf. De Civ. Dei 14,26; De Gen. ad litt. 3,4,37.

61 Cf. De Civ. Dei 1,32; Enarr. in Ps. 147,7.

62 Alude aos ritos com que se introduzia o recém-nascido entre os catecú-menos, e que seriam mais tarde inseridos pela Igreja no rito do batismo. Cf. De catech. rud. 26,50. O catecúmeno já era membro da Igreja, mas só era admitido aos sacramentos depois de um longo período de instrução, coroado pelo batismo.

63 Cf. 1Cor. 11,3; Ef 5,22.

64 A mãe de Agostinho preferiu adiar o batismo do filho para a idade madura, a fim de que se apagassem as culpas da juventude: não queria que o menino, já batizado, maculasse no pecado a imagem do cristão.

65 Mt 10,30.

66 O trecho faz lembrar uma ária de Pedro Metastásio (1698-1782): "... mesmo na vida mais serena, de si mesmo o vício é pena, mesmo no embate rude, vale prêmio a virtude".

67 Cf. De Trin. 3,1.

68 Sl 78(77),39.

69 Cf. Sl 73(72), 27.

70 Virgílio, Eneida 6,457

71 O texto latino joga com o duplo significado da palavra "extrema", que tanto pode significar as últimas realidades da vida, isto é, a morte, quanto as últimas coisas em ordem de importância, isto é, as criaturas inferiores.

72 Como as escolas em geral se faziam em alpendres ao rés-do-chão, as cortinas serviam para evitar as distrações. Cf. Apuleio, Florida 20.

73 Virgílio, Eneida 2,772.

74 Sl 61(60),2.

75 Sl 5,3.

76 Clara a alusão ao lenho da salvação. Agostinho faz explícita aplicação do termo "lenho" à Cruz, como nave que salva no mar da vida, em Tract. in Joann. 2,4.

77 Refere-se Agostinho a uma obra clássica, o Eunuchus de Terêncio, em particular à cena V do ato III, onde se narra a imagem de Júpiter, que desce sobre Dânea sob forma de chuva de ouro, fecundando-a; essa contemplação torna-se estímulo ao prazer sensual.

78 Cícero, Tuscul. disputat. I, 26, 64; cf. De Civ. Dei 4,26.

79 Terêncio, Eunuchus 584, 589.

80 Terêncio, Eunuchus 590s.

81 Cf. Pr 20,15; At 9,15.

82 Virgílio, Eneida 1, 38.

83 Cícero, Tuscul. disputat. I, 4,7.

84 Sl 86(85),15; 103(102),8.

85 Sl 27(26),8.

86 Cf. Lc 15,11-32.

87 Cf. Rm 2,15.

88 Mt 7,12; Lc 6,31; cf. Tb 4,16.

89 Sl 31(30), 23.

90 Mt 19,14.

II LIVRO

OS DEZESSEIS ANOS

1. Por qual motivo Agostinho relembra suas culpas

1 Quero recordar as minhas torpezas passadas, as corrupções de minha alma, não porque as ame, ao contrário, para te amar, ó meu Deus. É por amor do teu amor que retorno ao passado, percorrendo os antigos caminhos dos meus graves erros. A recordação é amarga, mas espero sentir tua doçura, doçura que não engana, feliz e segura, e quero recompor minha unidade depois dos dilaceramentos interiores que sofri quando me perdi em tantas bagatelas, ao afastar-me de tua Unidade.[1]

Desde a adolescência, ardi em desejos de me satisfazer em coisas baixas, ousando entregar-me como animal a vários e tenebrosos amores! Desgastou-se a beleza da minha alma e apodreci aos teus olhos, enquanto eu agradava a mim mesmo e procurava ser agradável aos olhos dos homens.

2. Necessidade de amor e de seus ilusórios sucedâneos

2 E o que é que me encantava, senão amar e ser amado?[2] Mas, eu não ficava na medida justa das relações de alma para alma, dentro dos limites luminosos da amizade. Do lodo dos desejos carnais e da própria natureza da puberdade emanavam vapores que me enevoavam e ofuscavam o coração, a ponto de não mais distinguir entre um amor sereno e as trevas de uma paixão. Um e outro ardiam confusamente em mim, arrastando a minha fraca juventude pelos despenhadeiros das paixões, e a submergiam num abismo de vícios.

Tua cólera concentrava-se em mim, e eu não percebia. Ensurdecera-me o ruído das cadeias da minha mortalidade, justo castigo à soberba da minha alma, e eu me afastava cada vez mais de ti; e tu o permitias. Eu me agitava, me dissipava, ardia nas paixões da carne; e tu calavas. Ó alegria que tão tarde encontrei! Tu calavas, e eu de ti me afastava, multiplicando as sementes estéreis do sofrimento, em degradação insolente e inquieto esgotamento.

3 Quem teria podido suavizar-me a tribulação, ensinando-me a usar bem da formosura passageira das coisas novas? Quem me fixaria um objetivo aos prazeres que delas eu tirava, de tal maneira que, se os ardores da idade não me pudessem deixar tranqüilo, fossem encaminhados ao matrimônio, encontrando o fim natural na geração de filhos, como prescreve tua lei, Senhor? Tu, que asseguras a descendência de nossa raça mortal e tens o poder de abrandar as asperezas reservadas ao homem expulso do teu paraíso?[3] Tua onipotência está perto de nós, ainda quando nos afastamos de ti. Eu deveria ter ouvido mais atentamente o som vindo de tuas nuvens:[4] "quem escolhe esse tipo de vida

terá tribulações na carne; eu vo-las desejaria poupar";[5] ou ainda: "é bom para o homem não tocar em mulher";[6] e ainda: "quem não tem esposa cuida das coisas do Senhor; quem tem esposa cuida das coisas do mundo e do modo de agradar à esposa".[7] Quem me dera ter ouvido mais atentamente essas palavras! Se me tivesse feito eunuco pelo Reino dos Céus,[8] aguardaria agora mais feliz os teus amplexos!

4 No entanto — miserável que sou! — eu me abandonava com furor à torrente das paixões que me afastava de ti; eu transgredia todas as tuas leis, sem escapar naturalmente de teus castigos. Quem dos mortais conseguiria fazê-lo? Sempre estavas presente em tua severa misericórdia, entremeando de amargos desgostos os meus prazeres ilícitos, a fim de que eu aprendesse a procurar a alegria sem ofender-te.[9] Se eu tivesse encontrado, só teria encontrado a ti, Senhor, que nos dás a dor como preceito, que feres para curar e nos tiras a vida para não morrermos longe de ti.

3. O ócio favorece o desencadeamento das paixões

5 Nesse mesmo ano, no entanto, meus estudos foram interrompidos, tendo sido chamado de Madaura, cidade vizinha, para onde havia ido antes, a fim de estudar literatura e oratória, onde aguardava que se preparasse a quantia necessária para uma permanência mais longa, em Cartago, de acordo mais com a ambição do que com as possibilidades de meu pai, cidadão bem modesto de Tagaste.

Mas, a quem narro eu esses fatos? Não a ti, meu Deus; mas, diante de ti, aos meus semelhantes, ao gênero humano, àqueles que, mesmo pouco numerosos, venham a volver os olhos para estas páginas. E para quê? A fim de que eu mesmo, e os que me lerem, pensemos de que abismo profundo devemos clamar por ti.[10] Que há mais próximo de teus ouvidos que um coração arrependido[11] e uma vida de fé?

Todos elogiavam muito meu pai, que gastava mais do que lhe permitia o patrimônio familiar, nas despesas necessárias para a permanência do seu filho longe de casa por motivo de estudos. Muitos outros cidadãos, bem mais ricos que ele, não se interessavam do mesmo modo pelos filhos. No entanto, meu pai não se preocupava em saber se eu crescia aos teus olhos, meu Deus, e se vivia castamente, desde que fosse eloqüente; mas eu era vazio[12] em relação à tua cultura, ó meu Deus, único e verdadeiro senhor do teu campo,[13] que é o meu coração.

6 Mas, quando aos dezesseis anos, as necessidades domésticas me forçaram a interromper os estudos por algum tempo, e eu, livre de qualquer escola, passei a viver com meus pais, os espinhos das paixões me subiram à cabeça, sem que houvesse mão para os arrancar. Pelo contrário, meu pai um dia me viu no banho e percebeu em mim os sinais da puberdade e adolescência inquieta; antegozando desde logo a alegria dos netos que eu lhe daria, relatou-o, com alegria, à minha mãe, essa alegria nasce da embriaguez em que este mundo miserável esquece o Criador, para em teu lugar, Senhor, amar tuas

criaturas, embriaguez devida ao vinho invisível de uma vontade pervertida que se inclina para o que é baixo.

Mas, no coração de minha mãe já havias começado a edificar o teu templo, a lançar os fundamentos de tua santa habitação. Meu pai, no entanto, era apenas catecú-meno de há pouco tempo. Por isso, minha mãe agitou-se, apreensiva e temerosa. Apesar de eu ainda não ser batizado, receou que eu enveredasse por caminhos tortuosos trilhados por aqueles que "voltaram para ti as costas e não a face".[14]

7 Ai de mim! Como ouso dizer que estavas calado, quando eu me afastava de ti cada vez mais? É verdade que te calavas diante de mim em tais momentos?[15] De quem eram, senão de ti, aquelas palavras que me fazias soar aos ouvidos, através de minha mãe, tua serva fiel? Mas, nenhuma tocou-me o coração para converter-se em prática. Ela queria que eu evitasse a luxúria (tenho ainda dentro de mim a lembrança de suas solícitas recomendações) e sobretudo que eu não cometesse adultério com a esposa de quem quer que fosse. Envergonhava-me de atender as suas solicitações, porque me pareciam conselhos de mulher. No entanto, eram teus os conselhos, e eu não sabia; eu estava convencido de que tu te calavas, e que era ela quem falava; mas por meio dela eras tu que me falavas, e nela eu te desprezava, eu, teu servo, "filho de tua serva".[16] Mas eu o ignorava e caminhava para a minha perdição, com cegueira tal, que me envergonhava, diante de meus companheiros, de parecer menos depravado que os outros, quando os ouvia exaltando as próprias infâmias, tanto mais dignas de glória quanto mais infames eram; eu queria fazer o mesmo, não só pelo fato em si, mas pelo louvor que disso resultava.

Nada é tão digno de censura como o vício; no entanto, para não ser censurado, eu mergulhava ainda mais no vício; quando não me podia igualar a meus companheiros corruptos, fingia ter praticado o que não praticara, para não parecer desprezível pela inocência ou ridículo por ser casto.

8 Eis com que companheiros andava eu pelas praças de Babilônia, revolvendo-me na lama como se fosse em cinamomo e perfumes preciosos. E para afundar-me ainda mais, o inimigo invisível me pisoteava e seduzia, por que era eu fácil de seduzir.

Minha mãe carnal, que já tinha fugido de Babilônia, mas caminhava, ainda lenta, pelos seus arredores, recomendou-me vida pura, mais não se preocupou em encaminhar para um afeto conjugal aquela minha virilidade de que lhe falara o marido e que não podia ser materialmente eliminada. Já então a considerava bastante perigosa e mais perigosa ainda a previa para o futuro; mas não se preocupou, temendo que as responsabilidades conjugais constituíssem empecilho às minhas esperanças, não de uma vida futura, tais como as suas, mas de progresso nos estudos, cujo êxito era a ambição de meus pais. Meu pai, porque quase não pensava em ti e alimentava a meu respeito ambições vãs; e minha mãe, por acreditar que a aquisição da cultura em voga não só era livre de perigo, mas podia até favorecer a minha aproximação de ti. Eis as conclusões a que chego hoje, reconstruindo como posso o caráter de meus pais.

Chegavam até a afrouxar-me as rédeas dos divertimentos, sem a justa e normal severidade, deixando-me entregue ao desregramento das várias paixões. De toda essa miséria, ó meu Deus, subia uma escuridão que me ocultava a luz serena de tua verdade, e de meu coração emanava a iniqüidade.[17]

4. O furto das pêras

9 Tua lei, Senhor, condena certamente o furto, como também o faz a lei inscrita no coração humano, e que a própria iniqüidade não consegue apagar. Nem mesmo um ladrão tolera ser roubado, ainda que seja rico e o outro co-meta o furto obrigado pela miséria. E eu quis roubar, e o fiz, não por necessidade mas por falta de justiça e aversão a ela por excesso de maldade. Roubei de fato coisas que já possuía em abundância e da melhor qualidade; e não para desfrutar do que roubava, mas pelo gosto de roubar, pelo pecado em si. Havia, perto da nossa vinha, uma pereira carregada de frutos nada atraentes, nem pela beleza nem pelo sabor. Certa noite, depois de prolongados divertimentos pelas praças até altas horas, como de costume, fomos, jovens malvados que éramos, sacudir a árvore para lhe roubarmos os frutos. Colhemos quantidade considerável, não para nos banquetearmos, se bem que provamos algumas, mas para jogá-las aos porcos. Nosso prazer era apenas praticar o que era proibido.

Eis o meu coração, Senhor, o coração que olhaste com misericórdia no fundo do abismo. Que o meu coração te diga, agora, o que procurava então, ao praticar o mal sem outro motivo que não a própria malícia. Era asquerosa e eu gostava dela. Gostava de arruinar-me, gostava de des-truir-me; amava, não o objeto que me arrastava ao nada, mas o aniquilamento em si. Pobre alma embrutecida, que se apartava do teu firme apoio para autodestruir-se, bus-cando, não algo desonesto, mas a própria desonestidade!

5. A causa do pecado

10 Existe certo atrativo num corpo belo, no ouro, na prata, e em todas as coisas; entre o tato e os objetos existe uma sorte de harmonia de grande importância; e os outros sentidos encontram também nos corpos um estímulo adequado. As honras do mundo, o poder de comandar e dominar têm sua sedução, e deles nasce o desejo de vingança. Todavia, para conseguir tais bens, não deve o homem afastar-se de ti, Senhor, nem desviar-se de tua lei. A vida neste mundo seduz por sua própria beleza e pela harmonia que mantém com todas as pequenas coisas belas que nos cercam.

Também a amizade entre os homens torna-se querida pelo vínculo suave que une muitas almas numa só. Mas se desejamos todos esses bens imoderadamente e por eles mesmos, bens inferiores que são, e abandonamos os bens superiores como és tu, Senhor nosso Deus, a tua verdade e a tua lei, então cometemos pecado. Na verdade, esses bens inferiores também satisfazem, mas não como satisfaz o meu Deus, que tudo criou, pois nele o justo encontra a sua alegria, e ele é a alegria dos homens de coração reto.[18]

11 Quando se indaga da causa de um crime, nela ordinariamente não acreditamos, enquanto não descobrimos que pode ter sido o desejo de obter algum dos bens que chamamos de inferiores, ou o medo de perdê-lo;[19] são, de fato, belos e atraentes esses bens, embora sejam desprezíveis e baixos quando comparados aos bens superiores e beatíficos.

Alguém matou um homem: por que o terá feito? Cobiçava a mulher do assassinado ou a sua propriedade, ou procurava roubá-lo para viver, ou porque temia ser priva-do de algum bem, ou, talvez, ardesse no desejo de vingar uma ofensa. Haverá alguém que tenha assassinado sem motivo, só pelo prazer de matar? Quem acreditaria nisso? Do homem louco e cruel[20] se diz que "era gratuitamente mau e perverso", mas não lhe faltava um motivo: como diz o historiador, era "o receio de que o ócio lhe entorpecesse as mãos e o espírito"![21] Por que ele procedia assim? Evidentemente para alcançar o poder, honras e riquezas, com a prática do crime, uma vez subjugada a cidade, e assim libertar-se do medo das leis e das dificuldades devidas à estreiteza do patrimônio e aos remorsos da consciência.[22] Portanto, nem mesmo Catilina amou os seus crimes, mas a causa pela qual os cometia.

6. As paixões dão satisfações ilusórias; somente Deus pode saciar as exigências do espírito humano

12 Eu, miserável, o que foi que amei em ti, furto meu, noturno delito dos meus dezesseis anos? Não eras belo, pois eras roubo! Mas, realmente és alguma coisa, para que eu possa dirigir-me a ti?[23] As pêras que roubamos, sim, eram belas, por serem criaturas tuas, ó Deus bom, criador de toda beleza, sumo bem e meu verdadeiro bem. Sim, eram belas aquelas frutas, mas não era a elas que minha alma infeliz cobiçava, eu as possuía em abundância e melhores. Eu as colhi somente para roubar, e uma vez colhidas atirei-as fora para saciar-me apenas com a minha maldade, saboreada com alegria. Se alguma tocou meus lábios, foi o meu crime que me deu sabor.

E agora, Senhor meu Deus, procuro o que me seduziu nesse furto. Não possui beleza alguma. E não falo da beleza que reside na justiça ou na sabedoria, nem da beleza da inteligência humana, da memória, dos sentidos e de toda a vida vegetativa, nem da beleza das estrelas na harmonia do firmamento, nem da beleza da terra e do mar, cheios de vidas que nascendo tomam o lugar dos mortos. E tampouco falo da beleza limitada e ilusória dos vícios sedutores. A soberba quer imitar a grandeza, enquanto somente tu és o Deus altíssimo que estás sobre todas as coisas.[24]

13 E a ambição, o que procura senão honras e glórias, enquanto somente tu és digno de ser honrado e glorificado eternamente?

A crueldade dos poderosos deseja ser temida; mas, quem deve ser temido, senão tu, meu Deus? Ao teu domínio nada pode fugir: quem o poderia fazer, e como, e quando?

Os carinhos dos voluptuosos buscam a reciprocidade do amor, mas nada é mais

acariciante do que tua caridade, e nada mais salutar para ser amado, que a tua verdade, a mais bela e resplandecente de todas as coisas.

A curiosidade quer aparentar interesse pela ciência, mas só tu conheces plenamente tudo.

Até a ignorância e insipiência cobrem-se com o manto da simplicidade e da inocência; mas nada é mais simples, nada é mais inocente do que tu. As próprias obras é que prejudicam os malvados.

A preguiça parece desejar apenas a tranqüilidade, mas que repouso seguro existe fora de ti, Senhor?

A luxúria quer ser chamada de saciedade e abundância; mas, só tu és a plenitude, tu és a fonte da suavidade inexaurível e incorruptível.

A prodigalidade cobre-se com a sombra da liberalidade; porém, és tu o mais generoso doador de todos os bens.

A avareza quer possuir muito, mas tu possuis todas as coisas.

A inveja pleiteia a primazia, mas quem mais excelente do que tu?

A cólera procura a vingança; qual a vingança mais justa que a tua?

O temor, enquanto zela pela segurança, detesta os acontecimentos insólitos e inesperados, que ameaçam os objetos amados; mas, para ti, que há de insólito ou inesperado? Quem pode separar-te daquilo que amas? Onde se encontra segurança, senão a teu lado?

A tristeza definha na perda dos bens, nos quais a cobiça se satisfaz, porque desejaria que nada, como a ti, se lhe pudesse tirar.

14 É assim que o homem peca, quando se afasta de ti e busca fora de ti a pureza e a limpidez, que ele não pode encontrar senão voltando para ti.

Todos aqueles que se afastam de ti e contra ti se rebelam, a ti estão imitando de forma pervertida. Ainda que imitando-te desse modo, mostram que és o criador do universo e, portanto, que não há para onde nos possamos afastar totalmente de ti.

Mas o que foi que achei naquele roubo, em que foi que imitei o meu Senhor, ainda que mal e pervertidamente? Talvez eu tenha sentido prazer em agir contra a lei pela fraude, já que não o podia fazer pela força, para imitar, escravo que era, uma falsa liberdade, praticando impunemente o que não me era lícito, mediante uma tenebrosa paródia de tua onipotência. Eis-me aqui, escravo que foge do seu senhor, à procura da escuridão.[25] Oh, podridão! Oh, vida monstruosa! Oh, abismo da morte! Como pude achar prazer no ilícito somente por ser ilícito?

7. A bondade de Deus preserva-nos das culpas e nos perdoa as culpas cometidas

15 Como agradecerei ao Senhor[26] por minha memória recordar tais fatos, sem que isso perturbe a minha alma? Hei de amar-te, Senhor, hei de dar-te graças e exaltar-te porque me perdoaste atos tão graves e tão maus. Sei que, pela tua graça e misericórdia, meus

pecados se desfizeram como gelo ao sol;[27] devo à tua graça também todo mal que não pratiquei. A que ponto não poderia ter chegado, eu que amei o pecado por si mesmo, sem motivo? Senhor, proclamo que me perdoaste todas as culpas, quer cometidas voluntariamente, quer as que, por tua graça não cometi.

Qual o homem que, consciente de sua própria fraqueza, tem a ousadia de atribuir às próprias forças o mérito da castidade e da inocência, a ponto de amar-te menos, como se não precisasse de tua misericórdia, pela qual perdoas as culpas de quem arrependido se volta para ti?

Quem, chamado por ti, seguiu a tua voz e evitou as faltas, de cuja confissão e relato toma conhecimento nestas páginas, não se ria de mim, doente que fui curado por aquele médico, a quem ele próprio deve o fato de não ter caído doente, ou de ter sido menos doente do que eu. Que esse alguém apenas te ame meu Deus, ainda mais, reconhecendo que aquele que me libertou da exaustão do pecado, o preservou também da mesma funesta debilidade.

8. A atração do pecado

16 Eu, miserável, que frutos colhi das ações que cometi então e que agora recordo envergonhado, especialmente daquele furto que me satisfez pelo furto em si e nada mais? De fato, ele em si nada valia, e por isso me tornei ainda mais miserável!

No entanto, eu não o teria praticado, se estivesse sozi-nho. Lembro-me bem do meu estado de alma: sozinho não o teria feito absolutamente. Portanto, amei também no furto a companhia daqueles com quem o cometi; daí não ser verdade ter amado apenas o furto em si. Não, não amei mais nada, pois a cumplicidade não é mais um nada. O que será ela na realidade?

Quem me pode responder senão aquele que me ilumina o coração e lhe dissipa as trevas? Por que me ocorreu indagar, discutir, analisar estes fatos? Se eu tivesse na ocasião desejado de fato aqueles frutos que roubei, e com eles me tivesse regalado, poderia tê-los roubado sozinho. Poderia ter cometido a iniqüidade, satisfazendo o meu desejo, sem necessidade de estimular, por outras companhias, o prurido de minha cobiça.

O fato é que não eram os frutos que me atraíam, mas a ação má que eu cometia em companhia de amigos que comigo pecavam.

9. A influência das más companhias

17 Qual era, pois, o sentimento do meu coração? Era sem dúvida um sentimento vergonhoso, e ai de mim que o trazia! Mas de que se tratava?

Quem pode compreender os pecados?[28] Era uma vontade de rir que nos acariciava o coração ao pensar que estávamos enganando os que não esperavam de nós semelhante ato e muito o detestariam. Por que eu me divertia ainda mais por não praticá-lo sozinho? Talvez porque seja mais difícil rir sozinho? Sim, é mais difícil. No entanto, acontece às vezes que rimos sozinhos, sem a presença de outros, se algo muito ridículo se apresenta

aos nossos sentidos ou ao nosso pensamento. Ah! sozinho eu não teria praticado tal ação; absolutamente, não o faria!

Meu Deus, eis diante de ti a lembrança viva de minha alma. Sozinho, eu não cometeria aquele furto, no qual não me comprazia na coisa que eu roubava, mas no ato de roubar; sozinho, não me teria atraído a idéia de roubar, nem sequer teria roubado.

Oh amizade tão inimiga! Oh, sedução misteriosa da mente, vontade de fazer o mal por brincadeira ou diversão, gracejo, prazer de lesar os outros sem vantagem pessoal ou sede de vingança! Basta que alguém diga: "Vamos! Mãos à obra"! E temos vergonha de não ser despudorados.

10. Aspiração à paz interior

Quem desembaraçará este nó assim tão complicado e emaranhado? É uma ação indigna; nela não quero pensar, não a quero analisar. Eu quero a ti, ó justiça, ó inocencia, ó beleza que atrai o olhar dos virtuosos, que em ti se satisfazem sem jamais se saciar. Junto de ti existe paz profunda e vida imperturbável. Quem mergulha em ti, "entra no gozo do seu Senhor";[29] não terá mais receio, e permanecerá sumamente bem no Bem supremo.

Desandei longe de ti, meu Deus, e na minha adolescência andei errante sem teu apoio, tornando-me para mim mesmo um antro de miséria.[30]

1 Cf. Enarr. in Ps. 137,8.

2 Cf. De catech. rud. 4,7.

3 Cf. Gn 3,18.

4 Segundo Agostinho, as "nuvens" são os pregadores da palavra de Deus que, embora revestidos da opacidade da carne, permitem entrever o esplendor de Deus: cf. Enarr. in Ps. 35,8; 56,17.

5 1Cor 7,28.

6 1Cor 7,1.

7 1Cor 7,32-33.

8 Mt 19,12.

9 Agostinho usa o termo latino "ofensivo", que pode denotar "desgosto", "repugnância" ou "ofensa". A frase, portanto, pode ser entendida assim: "procurar a alegria sem ofender" a Deus. Nas obras de Agostinho, são freqüentes esses jogos de palavras.

10 Cf. Sl 130(129),1.

11 Ver acima, nota 4, I livro, cap. 1.

12 Agostinho emprega trocadilhos, jogando freqüentemente com palavras homógrafas ou homófonas (ver, neste texto, I livro, cap. 2, n. 1 e II livro, cap. 2, n.8). Em português não dá para reproduzir fielmente o trocadilho latino aqui usado por Agostinho: disertus = eloqüente e desertus = deserto, privado, vazio.

13 Cf. Mt 13,24-30 e 36-43; Jo 15,1-2.

14 Jr 2,27.

15 Ver acima, II livro, cap. 2.

16 Sl 116(114-115),16.

17 Cf. Sl 73(72),7.

18 Cf. Sl 64(63),11.

19 Cf. Enarr. in Ps. 38,2.

20 Trata-se de Catilina.

21 Salústio, De Coniur Catil 16,3.

22 Cf. Salústio, De Coniur Catil 5,5.

23 Cf. Confess. III, 7; IV, 15; VII, 12; Enarr. in Ps. 68,1,5.

24 Cf. Sl 97(96),9.

25 Cf. Jó 7,2-4.

26 Sl 116(114-115),12.

27 Cf. Eclo 3,15.

28 Sl 19(18),13.

29 Cf. Mt 25,21.

30 Ver adiante, VII livro, cap. 10.

III LIVRO

JOVEM ESTUDANTE

1. Amores sensuais

1 Vim para Cartago e logo fui cercado pelo ruidoso fervilhar dos amores ilícitos. Ainda não amava, e já gostava de ser amado,[31] e, na minha profunda miséria, eu me odiava por não ser bastante miserável.

Desejando amar,[32] procurava um objeto para esse amor, e detestava a segurança, as situações isentas de risco. Tinha dentro de mim uma fome de alimento interior — fome de ti, ó meu Deus. Mas, não sentia essa fome, porque não me apeteciam os alimentos incorruptíveis, não por estar saciado, mas porque, quanto mais vazio, mais enfas-tiado eu me sentia.

Minha alma estava doente, coberta de chagas, ávida de contato com as coisas sensíveis. Mas, se estas não tivessem alma, certamente não seriam amadas.

Era para mim mais doce amar e ser amado, se eu pu-desse gozar do corpo da pessoa amada. Assim, eu manchava as fontes da amizade com a sordidez da concupiscência e turbava a pureza delas com a espuma infernal das paixões. Não obstante eu ser feio e indigno, apresentava-me, num excesso de vaidade, como pessoa elegante e refinada. Mergulhei então no amor em que desejava ser envolvido.

Deus meu, misericórdia minha,[33] como foste bom em derramar tanto fel sobre meus prazeres! Fui amado e cheguei ocultamente às cadeias do prazer; mas, na alegria, eu me via amarrado por laços de sofrimento, castigado pelo ferro em brasa do ciúme, das suspeitas, dos temores, das cóleras e das contendas.

2. O teatro alimenta a sede de sensações

2 Extasiavam-me os espetáculos teatrais, que espelha-vam copiosamente as minhas misérias e alimentavam a minha fogueira.

Por que o homem procura no teatro o sofrimento, as-sistindo a acontecimentos trágicos e tristes, cuja experiên-cia não desejaria sofrer na vida real? No entanto, o espectador busca aí o sofrimento dessas situações que, afinal, para ele constitui o seu prazer.

Que é isso senão deplorável loucura?

Com efeito, quanto mais alguém se comove com tais cenas, tanto menos imune se encontra das paixões apresentadas. Todavia, enquanto habitualmente chamamos de desgraça o sofrimento em si, a participação na dor alheia se chama compaixão. Mas, afinal, que compaixão é essa das cenas fictícias do teatro? O espectador não é solicitado a prestar auxílio, mas apenas convidado a afligir-se; e tanto mais aplaude o ator, quanto

mais é levado a sofrer. E se essas tragédias humanas, remotas ou fictícias, são representadas de modo a não suscitar compaixão, o espectador retira-se aborrecido e cheio de críticas, se, pelo contrário, fazem sofrer, ele se mantém atento e chora de satisfação.

3 Amamos portanto as lágrimas e o sofrimento.

Sem dúvida, todo homem deseja alegrar-se. Ora, ainda que ninguém tenha gosto em ser desgraçado, todavia sentimos prazer em experimentar compaixão. E como a compaixão está sempre acompanhada de sofrimento, não seria por essa razão que apreciamos os sofrimentos?

A amizade é a fonte desse prazer. Mas onde correm essas águas e para onde vão? Por que se perdem em torrentes de piche fervente, em ondas de tenebrosas paixões, nas quais voluntariamente se transforma, afastando-se de sua limpidez celeste? Deve-se então repudiar a compaixão? De modo algum.

Que sejam, pois, alguma vez amados os sofrimentos. Acautela-te porém contra a impureza, ó minha alma, e conserva-te sob a proteção do meu Deus, do "Deus de nossos pais, digno de todo louvor e honra por todos os séculos".[34] Foge da impureza!

Não que eu tenha renunciado agora à compaixão. Mas, naquele tempo eu no teatro compartilhava da alegria dos amantes no gozo mútuo de cenas escandalosas, embora se tratasse apenas de ficções cênicas. Cheio de compaixão, eu me entristecia quando se separavam. Num e noutro caso, sentia prazer. Mas, atualmente tenho mais compaixão do homem que se alegra no vício, do que pena de quem sofre a privação de um prazer funesto e a perda de uma felicidade ilusória.

Essa piedade é mais real. E a dor, neste caso, não tira dela prazer algum. Se é louvável aquele que por dever de caridade sofre com a miséria alheia, quem é genuinamente misericordioso preferiria que não houvesse motivo para sofrimento. Somente no caso de existir uma benevolência malévola, o que é impossível, é que poderia aquele que ex-perimenta verdadeira e sincera misericórdia desejar que houvesse infelizes para deles se compadecer! Em certos casos, podemos aprovar que haja alguma dor, mas nunca a podemos amar. Portanto, Senhor meu Deus, que amas os homens, tua compaixão é muito mais profunda e mais pura do que a nossa, pois não está eivada de dor alguma.

"E quem estaria à altura de tal missão"?[35]

4 Mas eu, miserável, gostava de sofrer e buscava motivos de dor; no sofrimento alheio, imaginário, teatral, os gestos do ator, quanto mais me faziam chorar, mais me agradavam e mais me seduziam. Portanto, não é de admirar que eu, ovelha infeliz, errando longe do teu rebanho e me opondo à tua guarda, fosse atingido por essa tão vergonhosa corrupção. Daí o meu amor pelos sofrimentos, mas não pelos que me atingissem profundamente, pois eu não desejava suportar as dores que amava contemplar; as ficções que eu via e ouvia tocavam-me a superfície da alma. Mas, como acontece quando revolvemos uma ferida com as unhas, esse contato me provocava inflamação

ardente, infecção e pus repelente.

Tal era a minha vida. Mas, meu Deus, poderia isso chamar-se vida?

3. Agostinho não segue os companheiros em todos os seus excessos

5 Tua fiel misericórdia pairava de longe sobre mim. Em quantas iniqüidades me corrompia! Eu te abandonei para seguir uma curiosidade sacrílega que me precipitava nos abismos da infidelidade e do serviço enganador aos demônios. A estes eu oferecia em sacrifício as minhas maldades. No entanto, não cessavas de flagelar-me em todas as experiências. Ousei até, durante as celebrações do teu culto, entre as paredes de tua igreja, conceber desejos impuros e fazer planos para satisfazê-los e assim buscar frutos de morte!

Por isso me puniste com graves castigos; mas estes eram nada diante das minhas culpas, ó Deus meu, ó misericórdia infinita, que és o meu refúgio[36] contra esses males terríveis, entre os quais presunçoso divaguei, de cabeça erguida, afastando-me de ti cada vez mais, ao amar os meus, e não os teus caminhos, ao amar a liberdade de um fugitivo.

6 Mesmo os estudos a que me entregava, chamados de liberais, tinham seu curso voltado para o foro litigioso, para se obter sucesso, e quanto mais fraude se comete, mais glória se granjeia. Tão cegos são os homens, que chegam a gloriar-se da própria cegueira!

Eu era o primeiro nas aulas de retórica, o que me satisfazia o orgulho e me fazia inchar de vaidade. No entan-to, Senhor, tu sabes que eu era muito mais controlado que os outros e que me esquivava de promover as desordens praticadas pelos "arruaceiros" (nome sinistro e diabólico de que se orgulhavam como sinal de civilizados). Vivia contudo entre eles com a despudorada vergonha de não saber imitá-los. Encontrava-me com eles e alegrava-me com a sua amizade, se bem me esquivasse sempre de seus empreendimentos, isto é, das desordens com que escarneciam com arrogância dos tímidos e inocentes, provocando-os com zombarias e regalando-se com esses cruéis divertimentos. Nada mais semelhante aos atos dos demônios, nada mais digno do nome de "arruaceiros". Mas eles eram os primeiros a serem destruídos e pervertidos pelos maus espíritos, que ocultamente deles escarneciam, seduzindo-os com os mesmos enganos com que gostavam de ludibriar e enganar os outros.

4. O Hortênsio de Cícero desperta em Agostinho o amor à sabedoria

7 Era entre tais companheiros que, na idade da inex-periência, eu estudava retórica, esforçando-me por ser o primeiro, com a intenção deplorável e vã de satisfazer à vaidade humana. Seguindo o programa normal do curso, chegou-me às mãos o livro de tal Cícero, cuja linguagem — mas não o coração — é quase unanimemente admi-rada.

O livro é uma exortação à filosofia e chama-se *Hor-tênsio.*[37] Devo dizer que ele mudou os meus sentimentos e o modo de me dirigir a ti; ele transformou as minhas aspirações e desejos.

Repentinamente pareceram-me desprezíveis todas as vãs esperanças. Eu passei a aspirar com todas as forças à imortalidade que vem da sabedoria. Começava a levantar-me para voltar a ti.[38] Eu contava dezenove anos e meu pai tinha morrido havia dois anos.

Não era, para apurar a linguagem que eu lia esse livro, motivo pelo qual eu recebia o dinheiro de minha mãe: o que me apaixonava era o seu conteúdo, e não a maneira de dizer.

8 Como eu ardia, ó meu Deus, em desejos de voar para ti, abandonando as coisas terrenas! No entanto, eu ainda não sabia o que pretendias fazer de mim! Em ti reside a sabedoria.[39] Ora, o amor da sabedoria, pelo qual eu me apai-xonava com esses estudos, tem o nome grego de filosofia.

Há quem seduza o próximo pela filosofia, colorindo e mascarando os próprios erros com nome grandioso, fascinante e nobre. Quase todos os filósofos dessa época e de épocas anteriores, que assim o fizeram, são censurados e denunciados neste livro. Aparece em suas páginas o salutar conselho que deste por intermédio de teu servo fiel: "Tomai cuidado para que ninguém vos escravize pela filosofia e pela sua vã sedução, segundo a tradição dos homens, segundo os elementos do mundo, e não segundo Cristo. Pois nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade".[40]

Sabes, ó luz do meu coração, que nessa época eu não conhecia ainda essas palavras do Apóstolo. Atraía-me aquela exortação, pelo fato de não me excitarem a amar, buscar, seguir, abraçar com ardor essa ou aquela seita, mas simplesmente a sabedoria, qualquer que fosse. Mas, no meio de tanto fervor, havia uma circunstância que me mortificava: a ausência de Cristo no livro. Este nome, "por tua misericórdia, Senhor",[41] o nome do meu Salvador, do teu Filho, meu coração, o havia sorvido, com o leite materno quando ainda pequenino, e o conservava no meu íntimo. Qualquer escrito que se apresentasse a mim sem esse nome, por mais literário, burilado e verdadeiro que fosse, não conseguia conquistar-me totalmente.

5. Primeira aproximação às Sagradas Escrituras

9 Resolvi por isso dedicar-me ao estudo das Sagradas Escrituras, para conhecê-las. E encontrei um livro que não se abre aos soberbos e, que também não se revela às crianças; humilde no começo, mas que nos leva aos píncaros e está envolto em mistério, à medida que se vai à frente. Eu era incapaz de nele penetrar ou de baixar a cabeça à sua entrada.[42]

O que senti nessa época, diante das Escrituras, foi bem diferente do que agora afirmo. Tive a impressão de uma obra indigna de ser comparada à majestade de Cícero. Meu orgulho não podia suportar aquela simplicidade de estilo. Por outro lado, a agudeza de minha inteligência não conseguia penetrar-lhe o íntimo. Tal obra foi feita para acompanhar o crescimento dos pequenos, mas eu desdenhava fazer-me pequeno,[43] e, no

meu orgulho, sentia-me grande.

6. Adesão ao maniqueísmo

10 Caí assim nas mãos de homens desvairados pela presunção, extremamente carnais e loquazes. Suas palavras traziam as armadilhas do demônio, numa mistura confusa do teu nome com o de nosso Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo consolador.[44] Pronunciavam continuamente tais nomes, que eram apenas sons e movimentos de lábios, mas seus corações eram vazios da verdade. Repetiam: "Verdade, verdade"! E me falavam muito dela, mas não a possuíam; pelo contrário, ensinavam falsidades, não só a teu respeito, que és realmente a verdade, mas também sobre a existência do mundo, criatura tua. Quanto a essas coisas, graças ao teu amor, eu deveria ter superado mesmo aqueles filósofos que ensinam coisas verdadeiras, meu Pai, bondade soberana, beleza das belezas!

Verdade, verdade! Já então, suspirava por ti do mais íntimo do meu ser, enquanto eles me faziam ouvir o teu nome tantas vezes e de várias maneiras, mas apenas com os lábios e através de numerosos e pesados volumes! Eu tinha fome de ti, e as iguarias que, ao invés de ti, me eram apresentadas, eram o sol e a lua,[45] tuas belas criaturas, mas sempre criaturas, não tu mesmo, nem ao menos tuas principais criaturas, porque as obras espirituais precedem as materiais, ainda que luminosas e celestes. Mas também não era dessas primeiras criaturas que eu andava faminto e sequioso, mas sim de ti, verdade não "sujeita a transformações nem a sombras de mudanças".[46]

Eram-me apresentadas fantasias brilhantes; teria sido melhor amar o próprio sol, verdadeiro ao menos para os olhos, em lugar daquelas falsidades destinadas a enganar a inteligência através dos olhos. Alimentava-me, no entanto, de tais manjares, porque julgava que eras tu, mas na realidade não o fazia com grande avidez, porque não tinham o teu autêntico sabor; e longe de me nutrirem, me debilitavam cada vez mais. A comida em sonho é muito semelhante à comida real, mas os que sonham não se alimentam, porque dormem. No entanto, aqueles alimentos de modo algum eram semelhantes a ti: agora o sei, porque a mim o revelaste. Eram de fato pura fantasia, falsas realidades. Mais verdadeiros do que eles são os corpos celestes ou terrestres que vemos com os olhos da carne. E os vemos como os vêem os animais e as aves, e têm mais realidade do que as imagens que deles formamos. Por sua vez, tais imagens são ainda mais reais que as conjecturas que nos sugerem, maiores e infinitas; contudo não existem de modo algum. São como aquelas fantasias com as quais eu então me alimentava e não me saciavam.

Mas tu, meu amor, diante de quem desfaleço para tornar-me forte,[47] tu não és estes corpos que vemos, mesmo que estejam no céu, nem aqueles que aí não conseguimos ver, porque tu os criaste todos, e não chegam a ser as melhores obras de tuas mãos. Quão longe estás de minhas fantasias de então, ficções de corpos inexistentes. Mais reais que essas são as imagens dos corpos que existem, e mais reais ainda que estas mesmas imagens são os próprios corpos que não são tu! Mas também não és a alma, que é vida

dos corpos e, por isso mesmo, mais nobre e mais real que os próprios corpos. Tu és a vida das almas, a vida das vidas, que vives em razão de ti mesmo, e que não mudas, ó vida da minha alma![48]

11 Onde estavas então? E como estavas longe de mim! Antes era eu que errava afastado de ti, excluído até das bolotas que distribuía aos porcos.[49] As fábulas dos mestres e poetas são bem melhores que aquelas mentiras! Os versos, a poesia, o vôo de Medéia[50] são realmente mais úteis que os cinco elementos do mundo que se transformam de vários modos em cinco antros de trevas que, além de não existirem, matam a quem neles acredita.[51] Dos ver-sos e da poesia seria possível extrair alimento. Eu podia declamar o vôo de Medéia, mas não o aceitava como autêntico; podia ouvir a sua declamação, mas não acreditava nele. Mas — ai de mim! — acreditei neles. Por esses degraus desci às profundezas do inferno, atormentado pela sede da verdade, enquanto te buscava, Deus meu, não com a razão, pela qual me quiseste superior aos animais, mas com os sentidos da carne. Agora eu te reconheço e confesso, a ti que tiveste compaixão de mim quando eu ainda não te conhecia. Tu estavas mais dentro de mim do que a minha parte mais íntima. E eras superior a tudo o que eu tinha de mais elevado.

Encontrei a mulher audaz e desprovida de prudência que, na alegoria de Salomão, está sentada à porta e diz: “Comei à vontade o pão tomado às escondidas e bebei as doces águas roubadas”.[52] Ela me seduziu, porque me encontrou fora de mim, atento que eu estava a ruminar o que já havia devorado com os olhos da carne.

7. Os desatinos dos maniqueus. O problema da moralidade

12 Eu ignorava a outra realidade, a verdadeira, e era levado a aceitar o que me parecia o penetrante raciocínio de estúpidos impostores, quando me faziam perguntas sobre a origem do mal, se Deus se circunscreve a uma forma corpórea, se tem unhas e cabelos, se se devia considerar honesto quem tivesse ao mesmo tempo várias mulheres, quem assassinasse homens e quem sacrificasse animais.[53] Na minha ignorância, ficava perturbado com tais perguntas, afastando-me da verdade enquanto acreditava aproximar-me dela. Pois eu não sabia que o mal é apenas privação do bem, privação esta que chega ao nada absoluto. Mas teria podido conhecer a verdade, se meus olhos só atingiam o corpo e meu espírito não via mais do que fantasias? Não sabia que Deus é espírito[54] e que não possui membros com medidas de comprimento e largura; nem é matéria, porque a matéria é menor em sua parte que no seu todo. Ainda que a matéria fosse infinita, seria menor em alguma de suas partes, limitada por certo espaço, do que na sua infinitude; nem se concentra toda inteira em qualquer parte, como o espírito, como Deus. Ignorava totalmente que princípio havia em nós, segundo o qual existimos, e porque se diz na Sagrada Escritura que fomos feitos à imagem de Deus.[55]

13 Desconhecia a verdadeira justiça interior que não julga pelos costumes, mas pela

retíssima lei de Deus onipotente, com a qual se devem conformar os costumes das nações e dos tempos; ela permanece a mesma sempre e em qualquer lugar, sem se alterar, enquanto mudam as nações e os tempos. De acordo com essa lei viveram na justiça Abraão, Isaac, Jacó, Moisés, Davi e todos os outros que Deus louvou por sua própria boca. Os ignorantes, porém, que julgam conforme a sabedoria humana, os consideram injustos, e medem os costumes de todos os homens de todos os tempos segundo pontos de vista de seus modos pessoais de agir. Raciocinam como alguém que não conhece as estruturas de uma armadura e a que membro do corpo cada peça se adapta e tenta cobrir a cabeça com a couraça e guarnecer os pés com o capacete, e se queixa de que as peças não se adaptam a ele convenientemente. Ou como se num dia, cuja tarde fosse declarada feriado, alguém se irritasse por não lhe ser permitido expor mercadorias à venda, o que lhe fora permitido pela manhã; ou como se na mesma casa alguém visse um escravo manejando objetos que ao copeiro é proibido tocar, ou fazer atrás de uma estrebaria o que não é permitido fazer à mesa, e se indignasse porque, em se tratando de uma só habitação e de uma só família, não tivessem todos as mesmas atribuições em toda parte. Assim fazem aqueles que se irritam ao ouvir dizer que noutros tempos se permitia aos justos o que agora lhes é vedado, e que Deus deu ordens diversas segundo as circunstâncias de tempo, estando todos sujeitos à mesma justiça. Esses tais não vêem como, com a mesma pessoa, no mesmo dia, na mesma casa, o que convém a um membro, não convém a outro, o que há pouco era permitido, já não é agora; certos atos que eram lícitos e até prescritos aqui, agora são lá proibidos e até punidos.

Por acaso a justiça é desigual e mutável? Não, os tempos que ela preside não caminham da mesma forma, e justamente por isso se denominam tempos.[56] Os homens — cuja vida terrena é breve[57] — são incapazes de harmonizar as razões válidas em séculos passados e de outros povos, que escapam à sua experiência, com os dados que a própria experiência lhes fornece. No entanto facilmente podem ver o que convém a tal membro, a tal hora do dia, a tal lugar ou pessoa, no mesmo corpo, no mesmo dia, na mesma casa. No primeiro caso chocam-se, mas no segundo submetem-se.

14 Eu não conhecia, não percebia todas essas coisas. De todos os lados feriam-me os olhos e eu não via. Por exemplo, quando fazia versos, sabia bem que não me era permitido fazê-los de qualquer forma, mas devia colocar em cada verso o pé adequado à metrificação, e não podia colocar sempre o mesmo pé no mesmo verso. A própria arte de versejar não seguia princípios diversos em diferentes pontos, mas consistia num conjunto unitário. Não percebia que a justiça, a que os homens santos e retos se sujeitavam, constituía também um sistema unitário de preceitos muito nobres e sublimes: imutável no essencial, não os impõe todos simultaneamente, mas segundo as circunstâncias e as pessoas. E na minha cegueira censurava os piedosos patriarcas, não só porque usavam o presente conforme as ordens e inspiração de Deus, mas também porque haviam preanunciado o futuro, segundo as revelações que Deus lhes fizera.

8. Fundamentos naturais da moral

15 Existirá tempo ou lugar em que seja injusto “amar, a Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento, e ao próximo como a si mesmo”?[58] Por isso, os crimes contra a natureza, como os de Sodoma,[59] devem ser sempre e em toda parte condenados e punidos. Mesmo que todos os homens os cometessem, todos estariam incluídos na mesma condenação, em virtude da lei divina, que não criou os homens para que fizessem tal uso de si mesmos. É de fato uma violação do vínculo que deve subsistir entre Deus e nós, o profanar, pelas paixões depravadas, a própria natureza de que ele é o autor. Os atos imorais, contrários aos costumes humanos, devem ser evitados por causa desses mesmos costumes, variáveis conforme os tempos, a fim de que não seja violado pelo capricho de quem quer que seja, cidadão ou estrangeiro, o pacto estabelecido pelo costume ou pela lei de uma cidade ou nação.

De fato, é um disparate a discordância de qualquer parte com o todo. Todavia, quando o próprio Deus dá alguma ordem contra os costumes ou contra as convenções de determinado lugar, é preciso praticá-la, ainda mesmo que tal preceito jamais aí tenha sido observado, é preciso restabelecê-lo, no caso de ter sido suspenso, e instituí-lo, se ainda não o foi. De fato, é permitido a um rei ordenar, na cidade em que reina, algo que jamais tenha sido antes ordenado por ele próprio ou por outros; e obedecer a tal ordem não significa ir contra as convenções da cidade; ao contrário, assim seria o fato de não obedecer, pois o pacto fundamental de toda sociedade humana é de fato a obediência ao próprio rei. Muito mais então se deve obedecer, sem hesitar, às ordens de Deus, rei de toda a criação.

16 Tal como na sociedade humana, em que a autoridade maior precede à menor quanto à obediência devida, assim Deus deve ser obedecido por todos. As mesmas considerações valem quanto aos crimes que implicam o desejo por vingança, como ocorre de prejudicar, seja pela violência, seja pela injúria. Uns e outros, procedem entre inimigos, ou pela cobrança de um bem alheio, como acontece com o ladrão que assalta o viajante; ou para evitar uma desgraça, como acontece ao que é temido; ou por inveja, como no caso do miserável em relação ao mais afortunado; ou deste que, bem sucedido em alguma coisa, teme ser igualado, ou sofre porque já foi igualado, ou, finalmente, até mesmo e apenas pelo prazer que sente com o mal alheio, como acontece a quem assiste ao espetáculo dos gladiadores, ou a quem ri e zomba dos outros.

São essas as principais fontes da iniqüidade, que brotam das três paixões do poder, da curiosidade e da satisfação dos sentidos,[60] ora de uma só, ora de duas, ora das três simultaneamente. Vive-se então pecaminosamente contra os primeiros três e os outros sete mandamentos, que são a lira de dez cordas,[61] o teu decálogo, ó Deus altíssimo e cheio de doçura.

Mas que ações pecaminosas podem atingir-te, ó Deus, se és incorruptível? Que delitos te ofendem se é impossível fazer-te mal? Castigas as culpas que os homens cometem contra si mesmos, porque, mesmo quando pecam contra ti, fazem mal à sua própria alma, e a sua iniqüida-de se engana a si mesma,[62] destruindo e pervertendo a própria natureza que criaste e ordenaste, quer servindo-se imoderadamente das coisas

lícitas, quer desejando ardentemente as ilícitas, "mediante uso contrário à natureza".[63] São culpáveis no seu íntimo, imprecando contra ti e recalcitrando contra o aguilhão,[64] ou quando, rompendo as barreiras da sociedade humana, se alegram audaciosamente com a formação de conciliábulos ou com a criação de hostilidades, ao sabor de simpatias ou ressentimentos.

Tudo isso acontece quando és abandonado, ó fonte da vida, único e verdadeiro criador e moderador do universo. Por orgulho individual ama-se uma parte de ti, falsamente tomada pelo todo. E assim retornamos a ti com humilde piedade, e tu nos purificas dos maus hábitos, e te mostras indulgente para com quem se reconhece pecador, "ouves os lamentos dos cativos",[65] e nos libertas daqueles grilhões que nós mesmos preparamos, contanto que jamais nos ergamos contra ti em atitude de falsa liberdade, cobiçosos de possuir mais, com o risco de tudo perder, dando mais preferência ao nosso bem particular do que a ti, que és o bem universal.

9. É difícil julgar os homens

17 Mas ao lado de delitos, crimes e muitas outras iniqüidades, há também as faltas daqueles que avançam no caminho do bem, censurados pelos que julgam retamente segundo as normas da perfeição e louvados pela esperança dos bons frutos que revelam, tal como a verdura dos campos anuncia a colheita.

Há certos atos que se assemelham a pecados e crimes; contudo, não o são, porque não ofendem nem a ti, Senhor nosso Deus, nem à sociedade humana. Tal é o caso de quem procura alcançar algum bem para usá-lo na vida em tempo oportuno, sem que se possa afirmar se é por desejo desregrado de possuir; ou o caso da legítima autoridade, quando pune com intuito de corrigir o culpado, e não se sabe se ela sentiu prazer em fazê-lo sofrer. Portanto, muitas ações que aos homens pareciam reprováveis, na realidade são aprovadas por ti, enquanto outras que os homens elogiam, tu as condenas. De fato, sucede muitas vezes que a aparência de um ato não corresponde à intenção de quem o pratica ou às circunstâncias desconhecidas no momento.

Mas quando subitamente ordenas alguma ação inesperada e inusitada, mesmo que a tenhas proibido anteriormente, quem duvidará da obrigação de obedecer, ainda que não reveles na ocasião o motivo de tal imposição e que esta contrarie as convenções de determinados indivíduos, visto que só é justa a sociedade humana que te obedece? Felizes os que compreendem tratar-se de preceitos teus, pois, quem serve a ti, ou faz o que é necessário no presente ou preanuncia o que sucederá no futuro.

10. Estranhas doutrinas dos maniqueus

18 Por desconhecer tais fatos, eu ria de teus santos servidores e de teus profetas. Na realidade, eu é que deveria ser escarnecido por ti, eu que, aos poucos, me deixara induzir a crer em tolices, como, por exemplo, que o figo chora lágrimas de leite ao ser colhido,

como também sua mãe a figueira.[66] Mas se algum eleito comesse com naturalidade o figo,[67] criminosamente colhido por outro e não por ele, desse figo macerado nas entranhas, através de orações, gemidos e soluços, sairiam anjos e até partículas de Deus, do soberano e verdadeiro Deus, que teriam ficado prisioneiras nesse fruto, caso não tivessem sido liberadas pelos dentes e pelo estômago do eleito.[68] E eu, infeliz, julgava ser necessário dispensar maior atenção aos frutos da terra do que aos homens a quem eles se destinam. E se um homem esfaimado, que não fosse maniqueísta, me pedisse de comer, o fato de dar-lhe migalhas me pareceria coisa digna de pena capital.

11. Pranto e sonho de Mônica

19 Do alto estendeste a tua mão[69] e "arrancaste a minha alma"[70] de um abismo de trevas, enquanto minha mãe, tua fiel serva, chorava por mim, mais do que as mães choram pela morte física dos filhos. É que ela, com o espírito de fé com que a dotaste, via a morte da minha alma, e tu, Senhor, lhe ouviste os pedidos. Ouviste-a, e não lhe desprezaste as lágrimas que, brotando-lhe dos olhos, regavam a terra por toda parte em que orava. Sim, tu a ouviste. Porque, de quem senão de ti veio aquele sonho tão consolador, que ela aceitou tornar a viver comigo e ter-me à sua mesa, o que antes recusara fazer, por horror e aversão às blasfêmias do meu erro? Nesse sonho, viu-se de pé sobre uma régua de madeira, e um jovem luminoso e alegre lhe foi sorridente ao encontro, enquanto ela estava triste e amargurada. Perguntou-lhe os motivos da tristeza e das lágrimas cotidianas, não por curiosidade, mas para instruí-la, como acontece muitas vezes. E respondendo ela que chorava a minha perdição, ele a confortou, aconselhando-lhe que prestasse atenção e visse que onde ela se encontrava aí estava também eu. Ela olhou e me viu diante de si, de pé, na mesma régua. De onde viria tal sonho, senão do fato de teres ouvido a voz do seu coração, ó Bondade onipotente, que cuidas de cada um como se de um só cuidasses, e de todos como se fossem um só?

20 De onde vem ainda o seguinte fato? Quando ela me contou o sonho, tentei dizer-lhe que ela não devia perder a esperança de um dia vir a ser como eu. Mas ela me respondeu imediatamente, sem hesitação: "Não, não me foi dito: 'onde ele está, aí estarás tu'. Mas sim: 'onde estás, aí estará também ele' ."

Confesso-te, Senhor, tanto quanto posso me lembrar, e nunca o escondi: mais do que o próprio sonho, abalou-me aquela tua resposta, dada por intermédio da solicitude de minha mãe. Ela não se perturbou diante de uma interpretação sutil, porém falsa, e logo percebeu o que devia ser visto e o que eu na verdade não tinha visto antes de ela contar. Por esse sonho, foi anunciada com antecedência, a essa piedosa mulher, para sua consolação na aflição presente, uma alegria que só teria muito tempo depois.

Passaram-se de fato nove anos, durante os quais eu me revolvi "no lodo desse profundo abismo"[71] e nas trevas do erro, tentando levantar-me, mas afundando-me cada vez mais. No entanto, aquela viúva casta, piedosa e sóbria — tal como gostas que sejam

—, sustentada sempre pela esperança, mas sem poupar lágrimas, não cessava de chorar por mim diante de ti, em todos os momentos de suas orações. Desse modo, chegavam à tua presença as preces dela, mas tu permitias ainda que me revolvesse e debatesse, naquelas trevas.

12. Resposta de um bispo

21 Tu me deste ainda outra resposta que recordo agora. Como tenho pressa de relatar o mais urgente, deixo de referir alguns fatos, sem falar de muitos outros que não mais recordo.

Deste-me, pois, outra resposta por meio de um sacerdote teu, certo bispo formado na tua Igreja e perito nos teus livros. Instado por minha mãe para ter comigo uma conversa, para refutar meus erros, dissuadir-me do mal e ensinar-me a verdade, como fazia sempre que encontrava pessoas receptivas, ele se recusou muito prudentemente, como mais tarde percebi. Respondeu que eu ainda era indócil, por estar completamente enfatuado com a novidade da heresia e envaidecido por ter embaraçado, com algumas objeções, pessoas despreparadas, como ela mesma havia dito. "Deixe-o onde está, disse a ela. Limite-se a orar por ele ao Senhor: ele descobrirá por si mesmo, através da leitura, o erro e toda a impiedade dessa doutrina". Ao mesmo tempo, contou que também ele, quando menino, fora confiado aos maniqueus pela mãe, enganada pelo erro; não somente havia lido, mas também copiara quase todos os livros deles. E, sem que ninguém discutisse para persuadi-lo, chegou à conclusão de quanto tal seita devia ser evitada, e de fato a abandonou. Minha mãe, porém, não se rendeu a essas palavras, mas insistiu, suplicando-lhe com muitas lágrimas, que me fosse ver e tivesse uma conversa comigo, até que o bispo, já um tanto aborrecido, respondeu-lhe: "Vá e viva em paz, pois é impossível que possa perecer um filho de tantas lágrimas". Muitas vezes ela recordava, mais tarde, em suas conversas comigo, que recebera essas palavras como vindas do céu.

31 Outros lêem "de amor".

32 Outros lêem "de ser amado".

33 Sl 59(58),18.

34 Dn 3,52ss.

35 2Cor 2,16.

36 Cf. Sl 46(45),1;59(58),18; 144(143),2.

37 É sábido que se trata de uma obra que não chegou até nós.

38 Cf. Lc 15,18 e 20.

39 Jó 12,13.

40 Cl 2,8-10.

41 Sl 25(24),7.

42 Cf. Serm. 51, 5-6; Enarr. in Ps. 8,8.

43 Cf. Mt 18,3.

44 Agostinho começa a falar de sua temporária adesão ao maniqueísmo, seita gnóstico-cristã que ensinava a existência de dois princípios eternos: o Bem e o Mal, isto é, Deus e a Matéria em luta perene entre si. Complicada e fantasiosa é a cosmologia maniqueísta, da qual resulta a completa deformação do dogma cristão da Trindade: o Pai é Deus, mas o Filho e o Espírito são criatu-ras enviadas por ele para realizar no homem a separação entre luz e trevas, isto é, a libertação do mal. Sob essa terminologia de aparência cristã há toda uma mitologia que muito deve às religiões médio-orientais.

45 Alude à mitologia maniqueísta.

46 Tg 1,17.

47 Cf. 2Cor 12,10.

48 Cf. Enarr. in Ps. 70, 2-3.

49 Cf. Lc 15,16.

50 Cf. Ovídio, Metamorph. VII, 350.

51 Continuam as alusões à mitologia maniqueísta. Cf. De haeres. 46; De mor. Manich. 2,9,14.

52 Pr 9,17.

53 Os maniqueus rejeitavam o Antigo Testamento como sendo obra do deus do mal, e também porque nele se fala de sacrifícios de animais; sustentavam que os animais também participavam da substância divina. Cf. Confess. IV, 2; De Civ. Dei 1,20; De mor. Manich. 2,16,53.

54 Cf. Jo 4,24.

55 Cf. Gn 1,27.

56 A leitura do Antigo Testamento perturbava os maniqueus. Por isso, também a Agostinho, sequaz deles. Sabemos hoje que a Bíblia é uma coletânea de textos que contam os fatos sucedidos a um povo, do qual exprimem sobretudo os mais diversos e espontâneos sentimentos. Portanto, é óbvio que nem tudo aí é apresentado como exemplo. O fundamental é encontrar a mensagem de salvação transmitida pela Bíblia, através do texto visto no contexto.

57 Cf. Sb 15,9; Jó 14,1 e 5.

58 Mt 22,37 e 39; Mc 12,30 e 33; Lc 10,27.

59 Gn 18,16ss.

60 Cf. 1Jo 2,16; Enarr. in Ps. 8,13.

61 Cf. Sl 33(32),2; 144(143),9.

62 Cf. Sl 27(26),12.

63 Cf. Rm 1,26.

64 Cf. At 9,5.

65 Sl 102(101),21.

66 Os maniqueus rejeitavam também o trabalho nos campos, por acreditarem que as plantas gozam de uma vida sensitiva e por isso participam da substância divina.

67 Os “eleitos” eram aqueles que seguiam a religião integralmente. A outra classe, em que o maniqueísmo dividia a sociedade, era constituída pelos “ouvintes” ou simples aderentes, que proporcionavam aos eleitos o necessário para viverem.

68 Todo o universo, segundo os maniqueus, é salpicado de partículas de substância divina, misturadas com as coisas. Os eleitos tinham o poder de libertá-las.

69 Cf. Sl 144(143),7.

70 Sl 86(85),13.

71 Sl 69(68),3.

IV LIVRO

O PROFESSOR

1. Seduzido e sedutor

1 Durante os nove anos que se seguiram, dos dezenove aos vinte e oito anos de idade, fui muitas vezes seduzido e sedutor, enganado e enganador, em meio às diversas paixões, ensinando, de público, as ciências chamadas liberais e, em particular, praticando uma religião indigna de tal nome. Ora soberbo, ora supersticioso, sempre vaidoso. Ora em busca do quimérico louvor popular — até mesmo de aplauso no teatro — e dos concursos de poesia, das disputas de coroas de feno,[1] de espetáculos frívolos e do desregramento das paixões. Ora, desejando purificar-me dessas manchas, levava alimentos aos chamados eleitos e santos, para que estes, nas oficinas de seus estômagos, fabricassem anjos e deuses que nos libertassem.[2]

Eu tinha essas opiniões e as praticava, como meus amigos, enganando a eles e a mim mesmo.

Riam-se de mim os orgulhosos ainda não salutarmente humilhados e esmagados por ti, meu Deus. Mas, para teu louvor, não deixarei por isso de confessar minhas indignidades. Imploro me concedas que eu possa percorrer com memória fiel o caminho de meus erros passados, oferecendo-te “sacrifícios de júbilo”.[3]

Sem ti, o que sou eu para mim, senão um guia a caminho do abismo? Que sou eu quando tudo me corre bem, senão alguém que te suga o leite e se nutre de ti, ó alimen-to incorruptível?[4] E que vem a ser o homem, qualquer homem, visto que é apenas homem?

Zombem de nós os fortes e poderosos: nós, miseráveis e fracos, não cessaremos de nos confessar a ti.

2. O professor de retórica. O amor de uma mulher

2 Naqueles anos eu ensinava retórica: vencido pelas paixões, eu vendia tagarelices para ensinar a ganhar causas. Todavia, Senhor, tu bem sabes que eu preferia ter bons discípulos; no verdadeiro sentido da palavra, e, sem artimanhas, eu lhes ensinava artifícios úteis, dos quais pudes-sem um dia usar, não contra a vida de um inocente, mas, quem sabe, para salvar a vida de um culpado. E tu, meu Deus, vias de longe meus tropeços nesse caminho escorregadio, vias também, no meio de densa fumaça, algumas centelhas de fidelidade que eu oferecia aos discípulos que, como eu, amavam a vaidade e buscavam o que é falso.[5]

Durante esses anos, eu vivia em companhia de uma mulher, a quem não estava unido por legítimo matrimônio, mas que a imprudência de uma paixão inquieta me fez encontrar. Era, porém, uma só, e eu lhe era fiel. Com esta união experimentei pessoalmente a diferença entre o laço conjugal instituído em vista da procriação, e uma

ligação baseada apenas na paixão sensual, da qual podem nascer filhos sem serem desejados, embora uma vez nascidos se imponham ao amor dos pais.

3 Recordo-me também de que, tendo querido participar de um concurso de poesia teatral, não sei que adivinho mandou perguntar-me que recompensa estaria eu disposto a dar-lhe para me fazer sair vencedor. Eu lhe respondi que detestava e desprezava práticas tão abomináveis e que não deixaria imolar nem mesmo uma mosca pela minha vitória, ainda que a coroa fosse de ouro puro. Ele de fato se prontificava a matar animais como sacrifícios e julgava evidentemente, com tais homenagens, invocar para mim o auxílio dos demônios. Mas não foi por amor à tua pureza, Deus da minha alma,[6] que repudiei esse crime, pois não sabia amar-te quem só conhecia os esplendores materiais. Uma alma que suspira por essas falsidades acaso não comete adultério longe de ti, não se apóia em mentiras e apascenta ventos?[7] Eu não queria que por mim se imolassem vítimas aos demônios, mas eu me imolava a eles pela superstição. De fato, que significa, apascentar ventos, senão apascentar os espíritos diabólicos, isto é, dar-lhes, com nossos erros, motivos para alegrias e zombarias?

3. Interesse pela astrologia

4 Por isso, eu não cessava de consultar esses embusteiros denominados astrólogos, que pareciam não sacrificar nem dirigir preces aos espíritos para adivinhar o futuro. Todas as práticas desse gênero são coerentemente rejeitadas e condenadas pela verdadeira piedade cristã. É bom louvar-te, Senhor,[8] e dizer-te: "Tem compaixão de mim, Senhor: cura-me, porque contra ti pequei".[9] Todavia, não convém abusar de tua misericórdia para tornar a pecar, e sim lembrar as palavras divinas: "Eis que estás curado; não peques mais, para que não te suceda algo ainda pior".[10] Mas esses impostores procuram destruir esse plano de salvação, dizendo: "Pecar é inevitável, e a causa vem do céu. É obra de Vênus, de Saturno, ou de Marte". Evidentemente, querem com isso inocentar o homem, que é carne, sangue e orgulhosa podridão; a culpa recairia sobre o criador e ordenador do céu e dos astros. E quem é este, senão tu, nosso Deus, suavidade e fonte da justiça, que "retribuis a cada um de acordo com seu comportamento,[11] e não desprezas um coração contrito e humilhado"?[12]

5 Ora, vivia nesse tempo um homem sagaz, ótimo e famoso médico.[13] Substituindo o cônsul, mas não como médico, com suas próprias mãos colocou sobre minha cabeça insana a coroa pela qual eu lutara. Esse gênero de doença só tu és o médico que o curas, tu que resistes aos soberbos e dás a graça aos humildes.[14] Contudo, mesmo através desse ancião, não me abandonaste nem deixaste de me curar a alma! À medida que aumentava nossa intimidade eu me tornava mais assíduo e atento às conversas dele, destituídas de palavras rebuscadas, porém, ao mesmo tempo, agradáveis e profundas pela riqueza de pensamento. Quando ele soube pelas minhas conversas, que eu me

dedicava ao estudo dos livros de horóscopo, com paternal bondade me aconselhou a lançá-los fora e não despender em coisas vãs o tempo e o trabalho necessários a coisas mais úteis. Contou-me que também ele fizera tais estudos e que na juventude chegara a pensar em fazer disso uma profissão; se havia entendido Hipó-crates, poderia também entender esses livros. No entanto, decidiu abandonar tais estudos para seguir a medicina, por tê-los achado completamente falsos e não querer, como homem honesto, ganhar o pão à custa de enganar as pessoas. E acrescentou: "Mas tu tens a retórica que te oferece uma posição social, e cultivas essas falsidades apenas por prazer e não por necessidade econômica! Com mais razão deves crer em quem as estudou a fundo com a intenção de fazer delas o seu único sustento". Perguntei-lhe então por qual motivo muitos presságios se realizavam. Respondeu-me, como pôde, que era pela força do acaso, presente por toda parte na natureza. Se alguém, explicava ele, consultando por acaso qualquer poeta que canta e pensa uma coisa totalmente diversa, muitas vezes depara um verso extraordinariamente adequado à preocupação do momento. Assim, não é para admirar que, em virtude de alguma inspiração superior, venha a soar, na alma humana, embora inconsciente do que lhe está acontecendo, alguma palavra que se harmonize, não por arte, mas por acaso, com a situação e os atos da pessoa que interroga.

6 Esse aviso, eu o recebi desse homem, ou melhor, de ti, por intermédio desse homem, e me esboçaste na mente as linhas de um pensamento que eu deveria desenvolver mais tarde por conta própria. Mas, nesse momento, nem ele nem o meu caríssimo Nebrídio, jovem muito bom e reto que costumava rir de qualquer gênero de adivinhação, conseguiram persuadir-me a livrar-me disso; porque, mais do que eles, influenciava-me a autoridade daqueles autores. Também, eu ainda não havia encontrado prova evidente, como desejava, que me mostrasse sem ambigüidades que as predições dos astrólogos consultados atingiam a verdade por acaso ou por sorte, e não pela arte da observação dos astros.

4. A morte de um amigo: desconsolo de Agostinho

7 Na época em que eu começava a ensinar na cidade em que nasci, travei relações com um amigo que, tendo os mesmos interesses de estudo, veio a ser muito querido. Era da minha idade e estava, como eu, na flor da juventude. Crescemos juntos desde meninos, fomos colegas de escola e de folguedos; mas só então tornou-se verdadeiramente meu amigo, embora não fosse essa a verdadeira amizade, pois a amizade só é verdadeira quando une pessoas ligadas a ti pelo "amor derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado".[15] Todavia, essa amizade, amadurecida ao calor dos mesmos interesses, era para mim cheia de suavidade. Eu o desviara da verdadeira fé que ele, ainda jovem, professava um tanto superfi-cialmente, e o arrastara para às supertições falsas e perni-ciosas que tantas lágrimas por minha causa custaram à minha mãe. Suas idéias, como as minhas, incidiam no erro, e eu não podia passar sem ele. Mas eis que alcançaste os fugitivos, "Senhor Deus das vinganças",[16] e ao mesmo tempo fonte de

toda misericórdia, que convertes os homens a ti pelos caminhos mais estranhos. Levaste-o desta vida, quando apenas um ano se passara nessa amizade, a mais doce de todas as suavidades da minha vida.

8 Quem poderá, sozinho, enumerar os teus louvores,[17] ainda que reduzidos aos que apenas ele experimentou?

Que fizeste então, ó meu Deus? Como é impenetrável o abismo de tuas decisões! Atacado pela febre, permaneceu por muito tempo inconsciente, banhado em suores mortais; como não havia esperança de salvá-lo, foi batizado à revelia, sem que eu me importasse com isso, persuadido como estava de que seu espírito reteria o que de mim recebera, de preferência ao que lhe fora feito sobre o corpo inconsciente. Sucedeu, porém, exatamente o contrário. Recobrou ânimo e, fora de perigo, logo que pudemos conversar (o que aconteceu imediatamente, mal pôde falar, pois não me afastava de seu lado, de tal maneira estávamos ligados um ao outro), tentei pôr em ridículo diante dele o batismo que recebera sem a colaboração do pensamento e dos sentidos. Ele já fora informado de tê-lo recebido. Eu estava certo de que ele se riria disso comigo. Mas, pelo contrário, olhou-me aborrecido como a um inimigo, e, com extraordinária e veemente franqueza, avisou-me de que não falasse desse modo se quisesse ser seu amigo. Estupefato e perturbado, preferi não manifestar no momento a minha reação, até que se restabelecesse e recobrasse as forças, para depois tratar do assunto a meu modo.

Ele, porém, foi arrancado da minha loucura para ser conservado junto a ti, para minha consolação: poucos dias mais tarde, estando eu ausente, a febre voltou, e ele morreu.

9 O sofrimento encheu-me de trevas o coração, e eu não via senão a morte em toda parte.

A pátria tornou-se para mim tormento; a casa paterna, motivo incrível de infelicidade, e tudo o que tivera em comum com ele, agora, sem ele, transformava-se em sofrimento ilimitado. Meus olhos o procuravam por toda parte sem encontrá-lo; eu odiava o mundo inteiro, aborrecia-me porque o amigo não mais existia, e ninguém podia dizer-me: “Aí vem ele”, como, quando em vida, se ausentava por algum tempo. Tornei-me um grande problema para mim mesmo e perguntava à minha alma por que estava tão triste e angustiado, mas não tinha resposta. Se eu lhe dizia: “Confia em Deus”!, ela não me obedecia, e com razão, pois a pessoa queridíssima que havia perdido era melhor e mais real que o fantasma[18] no qual eu pedia que ela esperasse. Somente as lágrimas me eram doces e substituíam o amigo no conforto do meu espírito.

5. Pranto consolador

10 Agora, Senhor, tudo já passou, e o tempo aliviou a ferida. Aproximando de tua boca o ouvido do meu coração, poderei ouvir de ti, que és a verdade, por qual razão o pranto é doce aos infelizes. Embora presente em toda parte, repeliste para longe de ti a nossa

miséria? Permaneces em ti mesmo, enquanto nos revolvemos nas provações? No entanto, se não chorássemos diante de teus ouvidos nada restaria de nossa esperança. Como é que acontece colher da amargura da vida os doces frutos do gemido, do pranto, dos suspiros e dos lamentos? A doçura nasce talvez da esperança de que nos escutes? Tal acontece justamente nas orações, animadas que são do desejo de chegarem a ti; mas, também no sofrimento por uma perda, num luto como aquele que me oprimia então! Não esperava, é claro, que meu amigo ressuscitasse, nem era isso que minhas lágrimas pediam: eu apenas sofria e chorava. Era um infeliz, e tinha perdido minha alegria.

Talvez o pranto — amarga realidade — dê alívio na medida que nos aborrecemos dos prazeres de que antes gozávamos?

6. Desgosto da vida e medo da morte

11 Mas por que falar de tudo isso? Não é este o momento para indagações, mas de confessar-me a ti. Eu era infeliz, como infeliz é todo espírito subjugado pelo amor às coisas mortais, cuja perda o dilacera, e então deixa perce-ber a extensão da infelicidade que já o oprimia antes de perdê-las. Assim me encontrava eu nessa ocasião, e chorava lágrimas amargas e me consolava na amargura. Desse modo era infeliz, e essa vida infeliz era agora para mim mais cara que o amigo perdido. Sim, eu teria desejado mudar de vida, mas não aceitaria perdê-la para reaver o amigo. Não sei se teria feito como Orestes e Pílades que, segundo a tradição, se não é invenção, aceitaram morrer ao mesmo tempo, pois, para eles, não viver juntos era pior que a morte.[19] Surgiu em mim um sentimento indefinido, decididamente oposto a isso. Tratava-se de um profundo desgosto pela vida, aliado ao grande medo de morrer. Quanto mais eu o amava, creio eu, tanto mais odiava e temia a morte — feroz adversária — que o tinha levado e estava pronta a devorar todos os homens, como tinha feito com ele. Tanto quanto me lembro, tal era meu estado de espírito.

Eis o meu coração, ó meu Deus, ei-lo por dentro. Contempla-o através de minhas recordações, “ó esperança minha”,[20] tu que me purificas de tais sentimentos, dirigindo para ti o meu olhar e “libertando-me os pés das armadilhas”.[21]

Parecia-me estranho que a vida continuasse para os outros mortais, já que estava morta a pessoa que eu tinha amado como se ela não devesse morrer nunca. E mais ainda me espantava estar ainda vivo, achando-se morto aquele de quem eu era outro eu. Disse muito bem quem definiu o amigo como metade da própria alma.[22] Eu tinha de fato a sensação de que nossas duas almas fossem uma em dois corpos,[23] e por isso eu detestava a vida, pois não queria viver partido ao meio, e temia a morte, talvez por não querer que morresse inteiramente aquele que eu tanto amara.[24]

7. Necessidade de mudar de ambiente: Agostinho deixa Tagaste

12 Que loucura não saber amar os homens como eles são! Tolo de quem não sabe

suportar a condição humana. Assim eram meus sentimentos de então, e por isso me inquietava, gemia, chorava e me agitava, sem encontrar paz, sem saber o que fazer. Trazia a alma despedaçada, a escorrer sangue, qual fardo importuno do qual não sabia descartar-me. Não encontrava paz nos bosques amenos, nem nos jogos e cânticos, nem nos jardins perfumados, nem nos banquetes faustosos, nem nos prazeres do amor e tampouco nos livros e na poesia. Tudo era insuportável, até a luz do dia. Tudo o que não era ele, era triste e odioso, exceto os gemidos e as lágrimas, pois somente nisso eu encontrava um pouco de paz. Quando me privavam desse alívio, minha alma era oprimida ao peso de grande angústia. Senhor, eu sabia que a ti deveria erguê-la,[25] para que ficasse curada, mas não o queria nem podia, tanto mais que, ao pensar em ti, não me aparecias como algo real e consistente.[26] Não eras tu. O meu deus era um fantasma irreal, era o meu erro. Se aí tentava pousar a alma para descansar, deslizava pelo vácuo e caía sobre mim, continuando eu a ser um foco de infelicidade para mim mesmo, onde não podia permanecer e de onde não podia fugir. Para onde o coração me fugiria de si mesmo? Para onde fugiria de mim mesmo? Para onde eu não me seguiria?[27] No entanto, fugi da pátria: os olhos procurariam menos o amigo nos lugares em que não costumavam vê-lo, e, assim, de Tagaste vim para Cartago.

8. A vida recomeça

13 O tempo não pára nem passa em vão pelos nossos sentimentos, mas atua sobre o nosso espírito de modo sur-preendente. Os dias se sucediam, e, com o passar do tempo, novas esperanças e outras lembranças se apresentavam. Aos poucos, ressuscitava em mim o interesse pelos antigos prazeres, que iam tomando o lugar da minha dor. Mas em seguida vinham, se não propriamente novas dores, pelo menos motivos para novas dores. Aliás, como poderia tão facilmente ter atingido o mais íntimo do meu ser aquele sofrimento, senão por haver eu derramado a alma na areia,[28] amando uma criatura mortal, como se imortal fosse?

O que mais me aliviava e reconfortava era o consolo dos amigos que, em vez de amar a ti, comigo amavam aquilo que eu amava: a imensa fábula, a grande impostu-ra, cujo contato enganador nos corrompia a mente curiosa de novidades.[29] Mas essa mentira não morria em mim, ainda que morresse um amigo meu.

Havia outras atrações que me prendiam o espírito: as conversas e risadas em comum, a troca de afetuosas gentilezas, a leitura em comum de livros agradáveis, o desempenho de tarefas em conjunto, ora insignificantes ora importantes, contradições passageiras, sem rancor, como acontece a cada um até consigo mesmo, e com tais contradições, assim mesmo bastante raras, tornar mais agradável a habitual concordância de pontos de vista, o ensino recíproco de novidades, o sentir intensamente a nostalgia dos ausentes e o alegre acolhimento no retorno. Estes e outros sinais semelhantes, que brotavam de corações que amam e se sentem amados, e que se manifestam no procedimento, nas palavras, no olhar e em mil gestos de agradecimento, como centelhas que inflamam

muitos corações e deles fazem um só.

9. Feliz quem ama a Deus

14 Eis o que amamos nos amigos, o que amamos de tal modo que sentimos a consciência culpada quando não pagamos amor com amor, sem nada esperar do outro senão sinais de afeto. Daí o luto quando morre um amigo, daí as trevas da dor, a doçura que se transforma em amargura, o coração inundado de pranto e a morte dos vivos pela vida perdida dos que morrem.

Feliz aquele que te ama, e que, por teu amor, ama o amigo e o inimigo! Somente não perde nenhum ente querido aquele para quem todos são queridos, aquele que nunca perdemos. E quem é ele senão o nosso Deus, o Deus que criou o céu e a terra e que lhes confere plenitude, pois foi plenificando-os que os fez? Somente quem te abandona pode perder-te. Mas onde irá ao abandonar-te? Para onde fugirá, senão para longe de tua bondade e para perto da tua cólera? Onde poderia ele, no seu castigo, não encontrar a tua lei? E a tua lei é a verdade;[30] e a verdade és tu.[31]

10. Destino efêmero das criaturas

15 "Deus das virtudes, volta-nos para ti, mostra-nos a tua face e seremos salvos".[32] Para qualquer parte que se volte a alma humana, se não se fixa em ti, se agarra à dor, ainda que se detenha nas belezas que estão fora de ti e fora de si mesma. Estas nada teriam de belo, se não proviessem de ti. Nascem e morrem: nascendo, começam a existir e a crescer para chegar à maturidade; porém, uma vez maduras, decaem e morrem. Nem tudo envelhece, mas tudo morre. Portanto, no exato momento em que nascem e começam a existir, quanto mais rapidamente crescem para o ser, tanto mais correm para o não ser. Tal é a condição que lhes impuseste, por serem partes de coisas que não existem simultaneamente. São coisas que, desaparecendo e sucedendo-se umas às outras, compõem o universo. Também assim se realiza a fala, através de sinais sonoros. E o discurso não seria completo, se cada palavra, depois de pronunciada, não morresse para deixar lugar a outra.

Que minha alma te louve por tudo isso, ó meu Deus, criador de todas as coisas, mas a elas não se deixe apegar por amor aos sentidos. Elas caminham para o seu destino, para deixarem de existir e dilaceram a alma com paixões pestilentas, porque o desejo da alma é existir e repousar no objeto que ama. Mas ele não encontra lugar de repouso nas coisas, porque não são estáveis: fogem. E quem poderia segui-las com a sensibilidade ou alcançá-las, mesmo quando presentes? Os sentidos são lentos, precisamente por serem carnais; tal é a condição deles. Servem a outros fins, para os quais foram feitos, mas não podem impedir que as coisas corram desde o seu devido princípio ao seu devido destino. Porque, a tua palavra, ao criá-las, disse: "Daqui até ali".

11. Só Deus é estável

16 Não sejas vã, ó minha alma. Não ensurdeças o ouvido do coração com o tumulto de tuas vaidades. Ouve também: é o próprio Verbo que clama para voltares. O lugar do repouso imperturbável está onde não se renuncia ao amor, se este não recua. Eis que estas coisas passam para deixar lugar a outras, e de todas essas partes se forma o universo das realidades inferiores. "Porventura eu me afasto de um lugar para outro?", diz o Verbo de Deus: "Fixa nele a tua morada, confia-lhe tudo que dele recebes, ó minha alma, já cansada de tantos enganos. Entrega à verdade tudo o que da verdade tens recebido, e nada perderás; reflorirá tudo o que em ti estiver apodrecido, todas as tuas doenças serão curadas, as tuas fraquezas serão reparadas, renovadas estarão estreitamente ligadas a ti, e não te arrastarão para o abismo, mas subsistirão contigo junto a Deus, que é sempre estável e presente.

17 Por que te deixas perverter e segues a tua carne? Que ela se converta e te siga! O que ela te faz sentir são apenas partes de um todo que ignoras e que, no entanto, te deleitam. Mas, se os sentidos do teu corpo fossem capazes de compreender o todo e não tivessem sido, para teu castigo, rigorosamente limitados a uma parte do todo, desejarias que passasse tudo quanto existe no presente para melhor saboreares o conjunto. Ora igualmente pelos sentidos é que ouves tudo o que se diz, e, naturalmente, não desejas que parem as sílabas, pelo contrário, que passem rapidamente e outras se sucedam, e assim possas compreender o pensamento. O mesmo acontece com as partes que, formando um todo, não são coexistentes: percebidas em conjunto, dão mais prazer do que cada uma separadamente.

Todavia, melhor ainda é aquele que criou todas as coisas, o nosso Deus, que não passa, pois nada se sucede a ele.

12. Exortação à procura da felicidade em Deus

18 Se te agradam os corpos, louva a Deus por eles e dirige o teu amor a quem os criou, para não lhe desagradares ao encontrar prazer em tais criaturas. Se te agradam as almas, ama a elas em Deus, pois são também mutáveis e somente nele tornam-se estáveis; de outro modo, passariam e pereceriam. Portanto é em Deus que deves amá-las; leva-as contigo até ele, dizendo-lhes: "Amemos, amemos a Deus!" Foi ele o criador dessas realidades, e delas não está longe, pois não as abandonou depois de criá-las. Dele elas vêm e nele existem. Ele está onde se saboreia a verdade. Ele está no íntimo do nosso coração; mas o coração se afastou dele.

"Voltai aos vossos corações, pecadores",[33] e ligai-vos àquele que vos criou. Firmai-vos nele e sereis estáveis. Repousai nele e tereis a paz. Por que ir à procura de sofrimento? Aonde quereis ir? O bem que amais procede dele, mas só é bom e suave quando para ele é dirigido. Torna-se justamente amargo, porque, se abandonamos a Deus, torna-se injusto amar aquilo que dele deriva. Por que percorrer ainda esses

caminhos ásperos e difíceis? A paz não está onde a procurais. Procurai o que procurais, mas não está onde procurais. Procurais a vida na região da morte. Como poderá haver vida feliz onde nem sequer existe vida?

19 Desceu até nós a nossa vida, a vida verdadeira; tomou sobre si a nossa morte para matá-la com a superabundância de sua própria vida. E com voz de trovão chamou para que voltássemos a ele, ao lugar inacessível de onde veio até nós, entrando primeiro no seio da Virgem para unir-se à natureza humana, à carne mortal, para torná-la imortal; e de lá, "como o esposo que sai da câmara nupcial, exulta, como um herói, para percorrer o caminho".[34] Não se deteve, mas correu, clamando com palavras, com obras, com a próxima morte, com a vida, com a descida aos infernos, com a ascensão, para que retornássemos a ele: para isso havia descido, e para isso tornou a subir e desapareceu da nossa vista para que entremos no coração e aí o encontremos. Partiu, de fato, mas ei-lo aqui. Não quis estar conosco muito tempo, mas não nos abandonou. Partiu para o lugar de onde nunca se retirou, "porque o mundo foi feito por ete, e ele estava neste mundo,[35] e veio a este mundo para salvar os pecadores".[36] É a ele que se confessa a minha alma; é ele quem lhe dá a cura, porque foi contra ele que ela pecou.[37]

"Ó homens, até quando sereis duros de coração?[38] Será possível que, depois que a vida desceu sobre a terra, não queirais subir e viver? Mas, para onde subis, se já estais no alto, abrindo a boca contra o céu?[39] Descei, a fim de subirdes para Deus, pois caístes elevando-vos contra ele!

Dize estas coisas a eles, ó minha alma, a fim de que chorem neste vale de lágrimas,[40] leva-os assim contigo até Deus: pois é o Espírito de Deus que te inspira essas palavras, se as pronuncias ardendo no fogo da caridade.

13. Do belo e do harmonioso

20 Ignorando tudo isso, eu amava as belezas terrenas e caminhava para o abismo, dizendo a meus amigos: "Amamos por acaso algo que não seja o belo? E o que é o belo, o que é a beleza? O que é que nos atrai e nos liga aos objetos que amamos? Se não tivessem harmonia e encanto, não seríamos atraídos." Eu via e observava, então, que, num corpo, uma coisa é a beleza no seu todo, e outra é a sua sintonização com os outros corpos, e isso é a harmonia, tal como a parte em relação ao todo, o calçado em relação ao pé, e coisas semelhantes.[41]

Essa consideração brotou-me no espírito, do fundo do coração, e por isso escrevi alguns livros, não sei se dois ou três, sobre a beleza e a harmonia. Sabes, ó Deus, porque os esqueci e não mais os possuo. Eles me desapareceram, não sei como.

14. Homenagem a Hiério

21 Que motivo, Senhor Deus meu, me levou a dedicar esses livros ao orador romano

Hiério? Não o conhecia pessoalmente, mas o estimava pela grande fama de seu saber e porque me agradaram palavras suas que eu ouvira. Estimava-o sobretudo por agradar a outros, que o cumula-vam de louvores e se admiravam de que um sírio de nascimento, célebre na oratória grega, se tornasse também orador notável da língua latina e profundo conhecedor de questões relativas à filosofia. Portanto, pode-se amar e louvar a um homem, ainda que distante. Mas, esse amor, que sai da boca de quem louva, entrará no coração de quem ouve? Claro que não. Mas no amor de um se acende o amor do outro. Ama-se a pessoa elogiada, quando se está persuadido de que tais louvores não nascem da adulação, mas do amor de quem elogia.

22 Desse modo eu amava então aos homens de acordo com a opinião dos homens, e não de acordo contigo, ó meu Deus. Pelo teu juízo ninguém é enganado. Por que então eu não louvava a Hiério como se elogia um cocheiro famoso ou um célebre caçador, ídolo das multidões, e sim de maneira diferente, isto é, com seriedade e conforme eu pró-prio desejaria ser louvado? Certamente eu não desejava ser louvado e amado como os atores, embora também os lou-vasse e os amasse; minha preferência era ser personagem obscura mais do que ser famosa desse modo, ser odiada mais do que ser objeto de amor de tal gênero. Como se distribuem na mesma alma a força tão diferente de amores tão variados? Como se pode amar nos outros aquilo que se detesta e não se quer para si, sendo embora igualmente homens? Ama-se um bom cavalo, embora não querendo ser igual a ele, ainda que fosse possível. Mas não se pode dizer o mesmo de um ator, que participa de nossa natureza. Será então que eu amo no homem aquilo que detesto ser, mesmo sendo homem também eu? O homem é realmente um grande mistério; mas tu, Senhor, conheces até o número de seus cabelos,[42] sem que se perca um só! E, no entanto, os cabelos são muito mais facilmente enumeráveis do que as afeições e sentimentos do coração.

23 Aquele orador pertencia à espécie de homens que eu amava tanto, a ponto de desejar ser como ele. Eu andava cheio de orgulho e vagueava de um lado para outro ao sabor do vento,[43] enquanto ocultamente me dirigias. Como podia saber e como posso confessar-te com plena certeza que eu amava aquele homem mais pelo amor de quem o louvava do que pelos motivos pelos quais era ele louvado? Se, em vez de o louvarem, essas mesmas pessoas o tivessem censurado, se tivessem dito dele as mes-mas coisas, porém com ar de crítica e desprezo, não me teria inflamado de entusiasmo por ele. No entanto, os fatos não teriam sido diferentes, nem ele teria sido outra pessoa: somente teria sido outro o sentimento dos narradores.

Eis a condição da alma fraca que ainda não aderiu solidamente à verdade. Vai e volta, avança e retrocede, conforme sopra o vento das palavras de quem exprime uma opinião. Ofusca-se a luz, e não mais se enxerga a verdade. E ei-la que está diante de nós.

Para mim, teria sido muito importante que aquela personagem tivesse conhecido o meu estilo e os meus estudos. Uma aprovação sua teria estimulado meu entu-siasmo, ao passo que sua reprovação ter-me-ia apunhalado o coração vazio e carente de tua firmeza.

No entanto, contemplava com íntima satisfação a obra a ele dedi-cada sobre a beleza e a harmonia, e a admirava, sem que ninguém mais comigo a louvasse.

15 . Complacentes elucubrações de Agostinho; Deus resiste aos soberbos

24 Eu, porém, não percebia ainda o fulcro de tão grandes coisas na tua sabedoria, ó Deus onipotente, o único que opera maravilhas![44] Meu espírito percorria as várias formas corpóreas e definia como belo o que é bem-feito em si, e como conveniente o que é harmonioso em relação aos demais objetos; e justifica essa distinção por meio de exemplos concretos. Voltei-me então para a natureza da alma, mas a falsa opinião que tinha sobre as coisas espirituais impedia-me de ver a verdade.[45] A própria força da verdade saltava-me aos olhos, e eu desviava da realidade incorpórea a mente ansiosa para fixá-la nas linhas, nas cores, nas grandes massas. Não conseguindo percebê-las na alma, julgava impossível ver o meu espírito. Amando a paz na virtude e detestando as discórdias no vício, notava unidade na primeira e certa divisão no vício; parecia-me que nessa unidade residia a alma racional, essência da verdade e do sumo bem, enquanto nessa divisão percebia o princípio da vida irracional e não sei que substância e que essência do sumo mal, que para mim — miserável! — era não somente substância, mas vida, embora esta não procedesse de ti, meu Deus, de quem provêm todas as coisas.[46] À primeira eu dava o nome de *mônada,* enquanto inteligência assexuada; e *díade* à segunda, enquanto ira no delito e prazer no vício. Eu não sabia o que dizia. Não sabia; de fato, não havia aprendido que o mal não é substância, nem é a inteligência bem supremo e imutável.

25 Assim como surge o crime, quando o impulso espiritual que move nossas ações é corrupto e se manifesta com arrogância e tumulto, ou se pratica o vício, quando não se refreiam as paixões que alimentam os prazeres físicos, assim também, se a alma racional é corrompida, os erros e opiniões falsas contaminam a existência. E viciada estava então a minha alma, ignorando que, não sendo ela mesma a essência da verdade, outra luz deveria iluminá-la se quisesse participar da verdade. És tu, "Senhor, a minha lâmpada; iluminarás, ó Deus, as minhas trevas,[47] pois de tua plenitude todos nós recebemos".[48] Tu és a "luz verdadeira que ilumina todo homem" que vem a este mundo,[49] pois em ti "não há mudança nem sombra momentânea".[50]

26 Esforçava-me, porém, por aproximar-me de ti, mas tu me repelias, para que eu provasse a morte, pois resistes aos soberbos. Haverá soberba maior que afirmar com inaudita loucura ser eu igual a ti por natureza? Ora, sendo eu mutável — o que para mim era evidente, pois desejava ser sábio para de pior passar a melhor — preferia imaginar-te mutável também tu, a imaginar-me diferente do que és.

E assim me repelias e resistias à minha vaidade e obstinação. Fixava a imaginação em formas corpóreas. Era carne, e acusava a carne.[51] Era um sopro errante, e não me

decidia a voltar a ti, e andava vagando por quimeras que em ti não existem nem em mim, nem nos corpos materais. Não eram criações de tua verdade, e sim fruto das minhas ficções que as imaginavam corpóreas. Eu dizia a teus humildes fiéis, meus concidadãos, de cujo meio encontrava-me inconscientemente exilado, dizia-lhes com tola petulância: "Por que deveria a alma, criada por Deus, enganar-se?" E não tolerava que me retrucassem: "Por que deveria então Deus enganar-se?" Preferia sustentar que a tua imutável natureza era fatalmente condenada ao erro, a confessar que a minha, mutável, se tivesse desencaminhado por livre vontade e tivesse ficado sujeita ao erro por castigo.

27 Tinha cerca de vinte e seis ou vinte e sete anos quando escrevi aqueles livros, revolvendo no pensamento imagens materiais que me zumbiam aos ouvidos do coração. Ó doce verdade, era tua doce melodia interior que eu escutava ao meditar sobre o belo e o conveniente. Desejava ouvir-te e ficar contigo tomado de alegria ouvindo à voz do esposo,[52] mas não o podia, porque as vozes do erro arrastavam-me para fora, e o peso da soberba me precipitava no abismo. Não me concedias ao ouvido o gozo e a alegria, nem podiam meus ossos rejubilar-se, pois não tinham ainda sido humilhados.[53]

16. As dez categorias de Aristóteles

28 De que me servia ter lido e compreendido sozinho, aos vinte anos, a obra de Aristóteles, intitulada *As dez categorias,* que me viera às mãos? Quando meu mestre de retórica, em Cartago, e outras pessoas consideradas erudi-tas citavam esse nome com ênfase, eu ficava atônito e ansio-so, como diante de uma realidade grandiosa e divina.

Conversando sobre o assunto com alguns que confessavam tê-las com dificuldade compreendido, mediante explicações de mestres cultíssimos, não só por palavras, mas através de desenhos traçados na areia, nada mais me puderam ensinar, que eu já não tivesse aprendido na simples leitura particular. Parecia-me que o livro era suficientemente claro ao falar das substâncias, tais como o homem, e das propriedades das substâncias, tais como a forma exterior do homem, sua estatura: quanto mede, o parentesco: de quem é irmão, ou então o lugar onde vive, quando nasceu, se está em pé ou sentado, calçados os pés ou armado, agente ou paciente de uma ação, enfim, todas as inúmeras qualidades compreendidas nas nove categorias, das quais dei algum exemplo,[54] e na própria categoria de substância.

29 Para que me servia tudo isso? Até me prejudicava, pois, julgando que tudo estava incluído nos dez atributos, esforçava-me por conceber-te da mesma maneira, ó meu Deus, tu que és admiravelmente simples e imutável. Acreditava que tua grandeza e tua beleza subsistissem em ti como os acidentes nas substâncias, por exemplo, nos corpos. Mas tu és a própria grandeza e a própria beleza; os corpos, pelo contrário, não são grandes e belos pelo simples fato de serem corpos, pois, ainda que fossem menos grandes e menos belos, não deixariam de ser corpos. Era falso, e não verdadeiro, o que eu pensava de ti, invenção de minha miséria, em lugar da verdadeira realidade de tua

beatitude. Tinhas ordenado que a terra produzisse para mim espinhos e cardos, e que eu comesse o pão com o suor do meu rosto,[55] e era o que me acontecia.

30 Mas sendo escravo das piores paixões, de que me servia ter lido e compreendido por mim mesmo todos os livros que pude ler sobre as artes chamadas liberais? Comprazia-me neles; sem perceber de onde provinha tudo o que encerravam de certo e verdadeiro. Voltava as costas à luz, e a face aos objetos por ela iluminados; e, assim, o meu rosto, com que os via iluminados, não era ele próprio iluminado.

Tu sabes, Senhor meu Deus, quantas noções de arte e dialética, de geometria, música e aritmética eu aprendi sem grande dificuldade e sem auxílio humano, já que a agilidade da inteligência e a perspicácia crítica são dons teus. No entanto, eu não os oferecia a ti. E assim, longe de me serem úteis, causavam-me dano ainda maior. De fato, insisti em apoderar-me de boa parte da minha herança,[56] e não quis confiar-te minha força,[57] mas afastei-me de ti para uma região longínqua a fim de tudo dissipar em paixões luxuriosas.[58]

Mas, de que me serviam tão preciosos dons, se deles não fazia bom uso? Eu não percebia que essas doutrinas eram de difícil compreensão até a homens de gênio e de estudo: só o percebia quando as tentava explicar. E o melhor deles era quem menos demorava em acompanhar-me as explicações.

31 Mas, de que me servia isso, Senhor Deus da verdade, se eu acreditava que tu eras um corpo luminoso e imenso, e eu uma parcela desse corpo? Requintada perversidade! Mas eu era assim, e agora, meu Deus, não me envergonho de confessar as misericórdias por ti operadas em mim e de invocar-te, como então não me envergonhei de pronunciar blasfêmias diante dos homens, ladrando contra ti.

Que me adiantava então possuir talento tão ágil para entender as ciências humanas, e deslindar, sem ajuda de ensino humano, tantos livros intrincados, se depois errava de modo tão monstruoso e sacrílego na doutrina religiosa? E que prejuízo sofriam teus humildes filhos por terem menos inteligência, se de ti não se afastavam, se no ninho de tua Igreja lhes cresciam as penas, nutrindo as asas da caridade com o alimento de uma fé sadia?

Senhor nosso Deus, faze que sejamos cheios de esperança à sombra de tuas asas,[59] e dá-nos proteção e apoio. Tu nos sustentarás desde pequenos e até o tempo dos cabelos brancos,[60] pois a nossa firmeza é firmeza quando se apóia em ti, mas é fraqueza quando se apóia em nós.

Vive sempre junto a ti o nosso bem, e nos tornamos perversos quando nos afastamos de ti. Retornemos a ti, Senhor, para que não sejamos destruídos. De fato, é em ti que o nosso bem vive e não desfalece, pois tu mesmo és o bem; e não receamos não mais encontrar o lugar de onde caímos, pois em nossa ausência não se destrói a nossa casa, que é a tua eternidade.

[1] Agostinho denomina pejorativamente coroa de feno os prêmios literários que na época freqüentemente se conferiam e que na realidade consistiam em coroas de oliveira, de carvalho, ou mesmo de ouro.

2 Ver acima, III livro, cap. 10.

3 Sl 27(26),6.

4 Cf. Jo 6,27.

5 Cf. Sl 4,2.

6 Cf. Sl 73(72),26. Ver acima, III livro, cap. 10.

7 Cf. Pr 10,4; Os 12,1.

8 Cf. Sl 92(91),2.

9 Sl 41(40),5.

10 Jo 5,14.

11 Sl 62(61),13; Mt 16,27; Rm 2,6.

12 Sl 51(50),19.

13 Ver adiante, VII livro, cap. 6.

14 Cf. Tg 4,6; 1Pd 5,5.

15 Rm 5,5.

16 Sl 94(93),1.

17 Cf. Sl 106(105),2.

18 Ver adiante, cap. 7.

19 Cf. Cícero, De amicitia 7,24.

20 Sl 71(70),5.

21 Sl 25(24),15.

22 Cf. Horácio, Carm. 1,3,8.

23 Cf. Ovídio, Tristia 4,4,72.

24 Cf. Retract. 2,6, onde o próprio Agostinho reconhece nesta expressão um exagero de retórica.

25 Cf. Sl 25(24),1.

26 Ver acima, cap. 4.

27 Cf. Sl 139(138),7; Horácio, Epist. 14,13; Carm. 2,16,19; Sêneca, De tranq. an. 2,14.

28 Cf. Mt 7,26.

29 Cf. 2Tm 4,3-4.

30 Cf. Sl 119(118),142.

31 Cf. Jo 14,6.

32 Sl 80(79),4.

33 Is 46,8.

34 Sl 19(18),6.

35 Jo 1,10.

36 1Tm 1,15.

37 Cf. Sl 41(40),5.

38 Sl 4,3.

39 Cf. Sl 73(72),9.

40 Cf. Sl 84(83),7.

41 Cf. Enarr. in Ps. 64,8.

42 Cf. Mt 10,30.

43 Cf. Ef 4,14.

44 Cf. Sl 72(71),18; 136(135),4.

45 O maniqueísmo ensinava que toda realidade é material, corpórea.

46 Cf. Rm 11,36; 1Cor 8,6.

47 Sl 18(17),29.

48 Cf. Jo 1,16.

49 Jo 1,9.

50 Cf. Tg 1,17.

51 Continuam freqüentes as alusões à doutrina maniqueísta (ver Introdução, p. 9).

52 Cf. Jo 3,29.

53 Cf. Sl 51(50),10.

54 Aristóteles ensina que toda a realidade é compreensível sob duas "categorias" fundamentais: a substância e as propriedades que se lhe podem atribuir e que são exatamente nove: qualidade, quantidade, relação, local, tempo, posição, posse, ação, sofrer (cf. Topici 1,9,103b,20ss; Categ. 1b,25ss). Em sua exemplificação, Agostinho atém-se rigorosamente a esse elenco.

55 Cf. Gn 3,18-19.

56 Cf. Lc 15,12.

57 Sl 59(58),10 (ver o texto da Vulgata).

58 Cf. Lc 15,13.

59 Cf. Sl 17(16),2; 36(35),8; 57(56),2; 61(60),5; 63(62),8.

60 Cf. Is 46,4.

V LIVRO

DA ÁFRICA À ITÁLIA

1. Louvor ao Deus das misericórdias

1 Recebe o sacrifício destas minhas confissões através de minha língua,[1] que criaste e encorajaste, para que cante o teu nome;[2] cura-me todos os ossos[3] e faze que eles digam: "Senhor, quem é semelhante a ti"?[4]

Quem a ti se confessa, nada de novo te informa de quanto lhe vai na alma, pois nem o coração mais fechado pode subtrair-se ao teu olhar, nem a dureza dos homens pode afastar a tua mão: tu a tornas branda de acordo com o teu querer, seja perdoando, seja punindo. Ninguém pode fugir ao teu calor.[5]

Que minha alma te louve[6] para te amar; que confesse as tuas misericórdias para te louvar. Toda a criação entoa sem cessar os teus louvores: os seres espirituais voltados para ti, e os demais seres animados ou inanimados, através da boca de quem os contempla. Desse modo, nossa alma, apoiando-se nas criaturas e recuperando-se da própria fraqueza, junta-se a ti, admirável criador delas, pois em ti encontra renovação e força verdadeira.

2. Presença de Deus consolador

2 Afastem-se, fujam de ti os revoltados e os maus.[7] Tu os vês e lhes distingues as sombras: o universo com eles é belo, embora sejam feios e disformes![8] Mas, que mal puderam fazer-te? Como puderam desonrar-te o reino, puro e santo, desde o mais alto dos céus às últimas extremidades da terra? Para onde fugiram, ao fugirem de tua face? Em que lugar não os podes encontrar? Fugiram para não verem teu olhar a observá-los, ofuscados, e para esbarrarem contigo — pois não abandonas as tuas criaturas;[9] — sim, para esbarrarem contigo e serem com justiça punidos. Quiseram fugir de tua bondade, e esbarraram na tua justiça, e incidiram na tua severidade. Evidentemente não sabem que estás em toda parte, que nenhum espaço te encerra, e que somente tu sempre estás presente, mesmo àqueles que se afastam de ti. Que voltem atrás e te procurem, porque não abandonas as tuas criaturas, como estas abandonam o Criador. Voltem a procurar-te, eis que aí estás, em seus corações, no coração de cada um que te reconhece e se lança a teus pés, e chora no teu seio, após longa e difícil jornada. Tu estás pronto a enxugar as suas lágrimas; choram ainda mais e no pranto encontram a alegria, porque tu, Senhor, não és um homem qualquer de carne e osso, mas és tu o Senhor, que os fizeste, que agora os encoraja e consola. Onde estava eu quando te procurava? Estavas diante de mim, e eu até de mim mesmo me afastava, e se não encontrava nem a mim mesmo,

muito menos podia encontrar-te a ti.

3. Encontro com Fausto, bispo maniqueu

3 Contarei, na presença do meu Deus, os acontecimentos daquele meu vigésimo nono ano de idade.

Tinha vindo a Cartago um bispo maniqueu, chamado Fausto, grande armadilha do diabo,[10] cuja melíflua eloqüência envolvera já muitas pessoas. Embora grande admirador dessa eloqüência, eu sabia distingui-la da verdade das coisas que era ávido de aprender; eu não reparava tanto no prato do discurso, mas que comida me servia esse famoso Fausto, tão citado pelos seus. Precedia-o a fama de homem competentíssimo nas ciências mais nobres e, em particular, de erudito nas letras. Eu que recordava — por tê-las lido e estudado — as obras de muitos filósofos, comparava algumas delas às prolixas fantasias dos maniqueus, e concluía por achar mais verossímeis as teorias daqueles que possuíram "luz suficiente para poder perscrutar a ordem no mundo, embora não tenham de nenhuma forma encontrado o seu Senhor";[11] pois "tu, Senhor, és grande e olhas para o pobre, e de lon-ge fitas o soberbo",[12] tu te aproximas do coração contrito, e não te revelas aos soberbos, ainda que a curiosidade e perícia deles consigam contar as estrelas do céu e os grãos da areia, medir os espaços celestes e explorar o curso dos astros.

4 Investigando esses mistérios com a inteligência e a perspicácia de ti recebidas, fizeram muitas descobertas: predisseram com antecipação de muitos anos os eclipses do sol e da lua, precisando o dia, a hora e o modo de cada evento, sem erro de cálculo. E tudo sucedeu conforme tinham previsto. De suas descobertas resultaram as leis até hoje consultadas e usadas para predizer o ano, o mês, o dia, a hora dos eclipses totais ou parciais do sol e da lua; e o fenômeno se realiza segundo as previsões. O povo se admira, os ignorantes ficam estupefatos, os sá-bios cientistas exultam e se orgulham, mas, afastados e eclipsados de tua luz por sua vã soberba, prevêem com tanta antecipação o eclipse do sol e não enxergam o seu próprio, já presente, porque não procuram indagar, com espírito religioso, aquele de quem receberam a inteligência que usam em tais pesquisas. E ainda que descubram terem sido feitos por ti, não são capazes de se entregarem a ti, para que conserves o que fizeste. Como se fossem seus próprios criadores,[13] não se oferecem a ti; não sacrificam as próprias ambições, como se abatem os pássaros que voam; não sufocam as próprias curiosidades que, como peixes do mar, perscrutam os segredos do abismo; nem extirpam as luxúrias como se caçam os animais do campo,[14] a fim de que tu, meu Deus, fogo devorador, possas recriar suas pessoas para uma vida nova, des-truindo nelas os desejos mortais.

5 Não conhecem o caminho, que é a tua Palavra, por meio da qual criaste, não só o que eles medem, mas também a eles mesmos que medem, até os sentidos pelos quais vêem o que calculam, e a inteligência com a qual calculam, ilimitada![15] O próprio Unigênito "se

fez para nós sabedoria, justiça e santificação”,[16] foi considerado um de nós e pagou tributo a César.[17] Não conhecem o caminho pelo qual, deixando o orgulho, iriam até o Salvador, e, por ele, subiriam novamente a ele; ignoram este caminho e se consideram tão elevados e cintilantes quanto os astros; e tombaram por terra, com o coração coberto pelas trevas da ignorância. Dizem muitas verdades sobre as criaturas, e não buscam devotamente a verdade, artífice da criação; assim, não a encontram, ou, se a encontram, embora conhecendo a Deus, não lhe prestam honra como a Deus, nem lhe rendem graças. Perdem-se em vãs reflexões. Proclamam-se sábios, atribuindo a si dons que são teus; e se empenham, cegos e perversos, em atribuir-te o que propriamente pertence a eles: transferem suas falsidades a ti, que és a Verdade, e assim “trocam a glória do Deus incorruptível por imagens do homem corruptível, de aves, quadrúpedes e répteis; trocam a verdade de Deus pela mentira, e adoram e servem a criatura em lugar do Criador”.[18] **6** Eu, no entanto, conservava desses filósofos muitas verdades sobre as criaturas, e tinha a prova racional pelos cálculos, pela sucessão das estações, pelo testemunho visível dos astros, e a confrontava com a doutrina de Manés, que escrevera abundantemente muitos disparates sobre tais problemas, mas não me ocorria explicação racional, nem dos solstícios e dos equinócios, nem dos eclipses dos astros, nem de coisa alguma que aprendera nos livros dos sábios profanos. Todavia, era obrigado a acreditar, embora a doutrina deles não concordasse com os resultados de meus cálculos e de minhas experiências, deles divergindo totalmente.

4. Ciência humana e fé divina

7 Senhor, Deus da verdade,[19] será suficiente conhecer essas coisas para te agradar? Infeliz o homem que conhece tudo isso e não te conhece. Feliz aquele que te conhece, ainda que ignore o resto. Aquele que te conhece a ti e também as outras coisas, não é mais feliz por esse conhecimento, mas somente por conhecer a ti, e conhecendo-te, te glorifica pelo que és, e te rende graças, e não se perde em vãs reflexões. De fato, aquele que se reconhece possuidor de uma árvore e te é grato pelo uso que dela pode fazer, ainda que não saiba qual a altura ou largura dela, é melhor do que aquele que a mede, lhe conta os galhos, mas não a possui e não conhece nem ama o criador dela. Do mesmo modo, a pessoa de fé possui todas as riquezas do mundo[20] e, mesmo que nada tenha, é como quem tudo possui,[21] pois está unida a ti, Senhor de todas as coisas, pouco importando se nada sabe sobre o percurso da Ursa Maior! Seria loucura duvidar de que está em melhor situação do que aquele que sabe medir os céus, contar as estrelas e pesar os elementos, e no entanto despreza a ti, que tudo dispuseste com medida, quantidade e peso.[22]

5. Manés se apresenta como pessoa divina

8 Mas quem pedia a esse Manés que escrevesse sobre tais assuntos, de cujo

conhecimento se pode prescindir para se aprender a piedade? Disseste ao homem: “A piedade é sabedoria”.[23] Por isso, ele podia ignorar a piedade, ainda que possuísse profundamente todos aqueles conhecimentos. Mas já que teve a desfaçatez de ensinar as coisas que não sabia, certamente não podia conhecer a piedade. É vaidade o fato de exibir a ciência mundana que se possui, mas é piedade reconhecê-la como dádiva tua. Manés falava tanto e tão desatinadamente sobre esses assuntos, que era facilmente confundido pelos verdadeiramente instruídos na matéria, de onde se concluía claramente qual a sua competência em outras questões mais recônditas. Não querendo ser desconsiderado pelos homens, tentou provar que o Espírito Santo, consolo e riqueza de teus fiéis, nele habitava pessoalmente e com a plenitude de sua autoridade. Portanto, quando era apanhado em flagrante erro nas teorias ensinadas sobre o céu, as estrelas, os movimentos do sol e da lua, — assuntos estranhos à doutrina religiosa — tornava-se evidente sua sacrílega temeridade: transmitia noções não só por ele ignoradas, como também falsas, com tão insensato orgulho, que não hesitava em atribuí-las a si próprio, como se fosse pessoa divina.

9 Quando ouço algum de meus irmãos cristãos que ignora tais questões e confunde uma coisa com outra, suporto-lhe o erro com paciência, e não me parece nocivo que ignore a posição e o comportamento das criaturas corpóreas, contanto que não tenha opiniões indignas a teu respeito, Senhor, criador de tudo. Todavia ser-lhe-á funesto julgar que essas questões pertencem à essência doutrinal da religião, e ter a ousadia de insistir em afirmações sobre assuntos que ignora. No entanto, tal fraqueza, nos primeiros passos do caminho da fé, é amparada maternalmente pela caridade, até que o homem atinja a plena maturidade e não mais se deixe levar ao sabor de qualquer doutrina.[24] Mas, aquele que teve a ousadia de fazer-se doutor, mestre, guia, chefe, e que faz seus discípulos crerem que estão seguindo não a um homem qualquer, mas o teu próprio Espírito Santo — quem não o julgaria, por tamanha loucura, digno de execração e desprezo, uma vez demonstrada sua falsidade? Eu, porém, não via ainda com clareza se era ou não possível explicar, à luz de seus ensinamentos, as mudanças de duração dos dias e das noites, ora mais longa ora mais breve, a própria alternância deles, e os eclipses e fenômenos semelhantes, sobre os quais havia lido em outros livros. Que tal explicação fosse possível, era ainda incerto para mim, porém, a autoridade dele se antepunha à minha fé, devido à sua fama de santidade.

6. Personalidade de Fausto

10 Durante cerca de nove anos, em que meu pensamento errante escutava a doutrina maniqueísta, aguardava ansiosamente a chegada desse Fausto. Todos os outros maniqueus, com quem tivera ocasionalmente contato, não sabiam responder às objeções que eu lhes apresentava, e me prometiam que, à chegada dele, e num simples colóquio, seriam resolvidas, com extrema facilidade, essas e outras questões ainda mais graves que eu viesse a propor. Assim, quando ele chegou, travei conhecimento com um homem

amável, de fala agradável, capaz de expor de forma muito mais atraente o que os outros dizem. Mas que importavam à minha sede os preciosos cálices de um elegantíssimo copeiro? Meus ouvidos já estavam satu-rados de semelhantes discursos; não me pareciam melhores porque feitos em linguagem mais burilada, ou mais verdadeiros por serem mais eloqüentes. Nem me parecia ele mais sábio pelo fato de ter aspecto simpático e falar elegante. E aqueles que o haviam elogiado não eram bons conhecedores da realidade, pois o tinham na conta de prudente e sábio por se agradarem de sua eloqüência.

Conheci também outro tipo de pessoas, para as quais até a verdade era suspeita, e que não a aceitavam quando apresentada em linguagem rebuscada. Eu, porém, já tinha sido ensinado por ti, meu Deus, de modo extraordinário e misterioso. Creio no que me ensinaste, porque é verdade, e fora de ti ninguém é mestre da verdade, qualquer que seja a maneira ou lugar em que esta apareça. Eu já havia aprendido de ti que uma coisa não deve ser aceita como verdade apenas pelo fato de ser afirmada em belo estilo, e não deve ser tida por falsa porque as palavras saem dos lábios de modo confuso; por outro lado, não deve ser julgada verdadeira porque expressa sem cuidado, ou falsa porque apresentada com elegância. A sabedoria e a ignorância são mais ou menos como os alimentos úteis ou nocivos: podem ser apresentadas através de palavras polidas ou rudes, como os bons e maus alimentos podem ser servidos em pratos finos ou gros-seiros.

11 A avidez, com que durante tanto tempo esperei por aquele homem, era satisfeita agora pelo calor e animação de sua dialética, e por suas palavras tão bem escolhidas e que lhe ocorriam com facilidade para revestir seu pensamento. Eu estava encantado, e, como muitos outros, ou antes, mais do que muitos outros, eu o louvava e exaltava. Todavia, aborrecia-me o fato de não conseguir, entre a multidão de ouvintes, comunicar-lhe as dificuldades que me angustiavam, compartilhando-as familiarmente com ele, e ouvindo e respondendo a seus argumentos. Quando, finalmente, me foi possível, com alguns amigos, fazer que ele me escutasse num momento oportu-no, então lhe apresentei algumas dificuldades que me perturbavam. Descobri logo que ele nada entendia das disciplinas liberais, com exceção da gramática, da qual conhecia apenas o corriqueiro. Tinha lido alguns discursos de Cícero, pouquíssimas obras de Sêneca, algumas obras de poetas, e umas poucas, de seus correligionários, escritas em latim mais cuidado. E, como se exercitava diariamente na oratória, havia adquirido facilidade de falar, tornada ainda mais agradável e sedutora pelo emprego inteligente de seu talento e de certa graça natural.

Serão exatas essas recordações, Senhor meu Deus, árbitro da minha consciência? Ponho diante de ti meu coração e minha memória; tu, que desde então me guiavas pelos caminhos secretos de tua providência, já me lançavas em rosto meus graves erros, a fim de que eu os enxergasse e os detestasse.

7. O maniqueísmo começa a desiludi-lo

12 Depois que me pareceu evidente ser aquele homem incompetente nas ciências em que o considerara competentíssimo, comecei a desesperar de sua capacidade para explicar e resolver os problemas que me angustiavam. Ele poderia perfeitamente ser ignorante em tais questões e, no entanto, possuir a verdade da fé, desde que não fosse maniqueísta. Os livros desta seita, na verdade, estão cheios de intermináveis fantasias a respeito do céu, dos astros, do sol e da lua. Na verdade, eu já não esperava que ele pudesse demonstrar, de modo satisfatório, o que eu mais desejava saber: se essas dificuldades eram resolvidas mais claramente nos livros maniqueístas ou naqueles em que eu havia encontrado cálculos que me satisfaziam, ou se pelo menos as duas soluções se equivaliam. Fosse como fosse, apresentei-lhe meus problemas para exame e discussão, e ele modestamente não teve a coragem de assumir a responsabilidade de uma demonstração. Reconhecia a própria ignorância e não se envergonhou de confessá-la. Não pertencia ao grupo de palradores que muitas vezes eu suportara e que tinham procurado elucidar-me sem nada dizer. Este homem tinha um coração que, se não era dirigido a ti,[25] pelo menos era bastante prudente para consigo mesmo. Não ignorando a própria ignorância, não quis arriscar-se temerariamente numa discussão que não lhe permitiria saída nem retirada fácil. Foi-me por isso mais simpático do que os outros. A modéstia de um espírito sincero é mais bela que a ciência que eu buscava. E foi sempre o mesmo diante de todas as questões mais difíceis e sutis.

13 Apagado assim meu entusiasmo pelas obras mani-queístas, e nada podendo esperar de outros mestres, já que o de maior fama se revelara tão incompetente diante dos problemas que me angustiavam, resolvi manter com ele relações baseadas apenas no grande interesse que mantinha pela literatura, que eu, como professor de retórica, ensinava aos jovens de Cartago. Lia com ele, ora os textos que ele desejava conhecer, ora os que eu considerava mais adequados a uma inteligência como a sua. Quanto ao mais, o ardor que eu tivera em progredir na seita que abraçara, arrefeceu completamente logo que conheci esse homem, mas não a ponto de desligar-me radicalmente dos mani-queístas. Com efeito, não encontrando solução melhor, decidira contentar-me temporariamente com ela, até encontrar algo mais claro que merecesse ser abraçado. Nessas condições, aquele Fausto, que para muitos se constituí-ra em armadilha mortal, começava já, involuntária e incons-cientemente, a desfazer o laço no qual eu havia caído.

Eram tuas mãos, meu Deus, que, no segredo de tua providência, não abandonavam minha alma, enquanto no sangue do coração de minha mãe em pranto, te era oferecido, dia e noite, um sacrifício por mim.

Agiste para comigo de modo maravilhoso. Assim o fizeste, meu Deus. Pois "é o Senhor quem conduz os passos do homem e lhe inspira o seu caminho".[26] Como alcançar a salvação senão por tuas mãos, que renovam a obra que criaste?

8. Partida para Roma

14 Foi portanto por tua ação em mim que eu me deixei convencer em ir para Roma,

preferindo ensinar aí o que ensinava em Cartago. Não hesitarei em confessar de onde me veio tal inspiração, porque é nessas ocasiões que se deve reconhecer e proclamar a profundidade dos teus desígnios e a tua misericórdia sempre pronta a nos ajudar. Não me decidi a ir a Roma porque os amigos que a isto me solicitavam prometiam maior lucro e mais prestígio, embora estes motivos também me atraíssem. A razão principal e quase única era o fato de ter ouvido dizer que aí os jovens se dedicavam ao estudo mais tranqüilamente, refreados por uma disciplina mais severa. Não invadiam desordenada e atrevidamente a sala de aula de um mestre, do qual não eram alunos, nem eram aí admitidos sem sua licença. Em Cartago, a liberdade dos estudantes é completamente desinibida; precipitam-se cinicamente salas adentro, em atitude furiosa, perturbando a ordem que o professor procura estabelecer entre os alunos, para próprio benefício deles. Com insolência fazem freqüentes provocações que seriam punidas por lei, se a tradição não os protegesse, o que revela miséria ainda maior, por praticarem, como se fossem lícitas, ações que, segundo tua lei eterna, jamais o serão.

Julgam agir impunemente, ao passo que a própria cegueira de seu comportamento já constitui um castigo. So-frem assim dano muito maior do que o mal que cometem. Eu, como estudante, jamais assumira semelhantes atitudes;[27] como professor era obrigado a suportá-las nos outros. Agradava-me por isso a idéia de transferir-me para um lugar onde, conforme se dizia, não acontecia o mesmo. Mas “tu, minha esperança, minha herança na terra dos vivos”,[28] a fim de induzir-me a mudar de ambiente para o bem de minha alma, fazias com que encontrasse em Cartago motivos para afastar-me e me oferecias, em Roma, seduções através dos homens que amam esta vida de morte e que se entregam aqui a atos de loucura e lá me faziam promessas de vaidade. Para me corrigires os passos, usavas misteriosamente da perversidade deles e minha. De fato, os que me perturbavam o sossego eram cegos de furor degradante, e os que me convidavam a mudar de vida eram ávidos de coisas terrenas. Quanto a mim, se eu detestava aqui uma realidade miserável, apetecia em Roma uma falsa felicidade.

15 No entanto, somente tu, meu Deus, conhecias os mo-tivos que me faziam deixar Cartago e me levavam a Roma, mas não os manifestavas à minha mãe nem a mim. Ela chorou amargamente a minha partida e me seguiu até o mar. Quando me apertou estreitamente, tentando persua-dir-me a voltar ou a deixá-la vir comigo, enganei-a, fingin-do que desejava acompanhar um amigo que aguardava vento favorável para navegar. Menti à minha mãe — e que mãe! Fugi dela. No entanto, apesar da sordidez execrável de que eu estava cheio, tu me salvaste, porque me perdoaste misericordiosamente ainda dessa vez, pois me livraste ileso das águas do mar para conduzir-me às águas da tua graça. Estas, purificando-me, enxugariam os rios de lágrimas dos olhos de minha mãe, que por mim regavam a terra quotidianamente diante de ti. Recusando voltar sem mim, eu a convenci com esforço a passar a noite numa capela dedicada a são Cipriano, vizinha ao lugar onde se achava nosso navio. Nessa mesma noite parti escondido, e ela ficou a chorar e a rezar. Que te pedia ela, meu Deus, com tantas lágrimas, senão que impedisses a minha viagem? Mas tu, em teus misteriosos desígnios, escutando o ponto vital de seus

desejos, não atendeste ao que ela te pedia, exatamente para realizares em mim a aspiração das suas contínuas preces.

Soprou o vento, encheram-se as velas, e desapareceu a nossos olhos a praia, na qual na manhã seguinte ela enlouqueceria de dor e encheria de lamentos e gemidos teus ouvidos indiferentes. Tu me levavas para longe dela, a fim de que eu vencesse as paixões pelas próprias paixões e para punir com o merecido flagelo da dor a saudade do seu amor humano por mim. Como acontece com todas as mães, queria conservar-me a seu lado, porém muito mais que o normal, e não sabia que tu, com minha ausência, lhe preparavas grandes alegrias. Ela não o sabia, e por isso chorava e se lamentava. Surgia, neste seu sofrimento, a herança de Eva, pois procurava na dor aquela que na dor tinha dado à luz.[29] Acusando-me de tê-la enganado cruelmente, voltou à vida habitual e às orações por mim. Eu viajava para Roma.

9. Chegada a Roma. Mônica reza de longe

16 Em Roma, fui atingido pelo flagelo dos sofrimentos físicos, e já me encaminhava para o inferno, carregado de todas as faltas cometidas contra ti, contra o próximo e contra mim mesmo, numerosas e graves, além da culpa original, pela qual todos morremos em Adão.[30] Nenhuma delas me tinha sido perdoada pelos merecimentos de Cristo, nem ele tinha ainda apagado com a sua cruz a inimizade que eu, pelos meus pecados, contraíra contigo; e como poderia fazê-lo um fantasma na cruz, como eu o considerava?[31] Tão falsa me parecia sua morte corporal, quanto era verdadeira a morte da minha alma; e tão verdadeira era a morte da sua carne, quanto era falsa a vida da minha alma. Aliás, disto eu não me persuadia. Entretanto, a febre aumentava, e eu ia morrer em perdição. De fato, morrendo, então para onde iria eu, senão para o fogo e para as penas estabelecidas por tua lei para um comportamento semelhante ao meu? Minha mãe ignorava o perigo que eu corria, mas bem longe continuava a rezar por mim. Mas tu, que estás presente em toda parte, a ouvias onde ela estava, e tinhas compaixão de mim, onde eu me encontrava. E de novo me deste a saúde do corpo. Minha alma sacrílega, porém, estava ainda doente; de fato, mesmo diante de perigo tão grave, eu não desejava o batismo. Eu era melhor quando menino, quando pedi ao amor de minha mãe que eu fosse batizado, como já relatei.[32] Cresci. E, para vergonha minha, era tão louco que desprezava as prescrições de tua medicina. Mas não permitiste, naquela condição de pecado, que eu sofresse as duas mortes: o coração de minha mãe receberia um golpe, do qual não se recuperaria jamais. Não é fácil explicar o que ela sentia por mim: sofria muito mais agora ao dar-me à luz pelo espírito, do que quando sofreu as dores do parto natural.[33]

17 Não vejo como ela se recuperaria, se a minha morte, ocorrida em tais condições, tivesse ferido as entranhas do seu amor. E assim, para onde teriam ido tantas orações, tão constante e ininterruptas, senão para junto de ti? Tu, ó Deus de misericórdia,[34] não podias desprezar "o coração contrito e humilhado"[35] de uma viúva pura e modesta, fiel

nas esmolas e devota servidora de teus santos, que não deixava passar um dia sem apresentar ao altar a sua oferta, que duas vezes por dia, pela manhã e pela tarde, ia à igreja, não para inúteis tagarelices, conforme o costume de certas senhoras, mas para ouvir tua palavra e fazer-se ouvida por ti em suas orações. Ela era assim por graça tua: poderias, acaso, recusar ajudá-la, não te importando com aquelas suas lágrimas, que não te pediam nem ouro, nem prata, nem outros bens frágeis e passageiros, senão apenas a salvação de seu filho? Certamente não, Senhor. Pelo contrário, estavas a seu lado e escutavas, realizando teu plano prees-tabelecido. É certo que não a enganavas nas visões e respostas que lhe davas, tanto aquelas que já recordei,[36] como outras que não relembrei. Ela as conservava cuidadosamente no coração e as apresentava a ti em oração, como promessas por ti subscritas. De fato, tua misericórdia é eterna,[37] e através de tuas promessas queres fazer-te devedor daqueles aos quais perdoas todas as dívidas.

10. Entre o maniqueísmo e o ceticismo acadêmico

18 Restabeleceste minha saúde e salvaste no corpo o filho de tua serva, para mais tarde dar a ele uma salvação maior e mais segura. No entanto, eu continuava em Roma a freqüentar os chamados santos[38] enganados e enganadores, e não só com os seus "ouvintes" — entre os quais estava aquele que me acolheu em casa quando adoeci e convalesci — mas também com os chamados "eleitos". Conservava ainda a idéia de que não éramos nós que pecávamos, mas alguma outra natureza estabelecida em nós. O fato de estar sem culpa e de não dever confessar o mal após tê-lo cometido satisfazia o meu orgulho; desse modo eu não permitia que curasses minha alma que pecara contra ti[39] preferindo desculpá-la e acusar não sei qual outra força, que estava em mim, mas que não era eu. Na realidade, tudo aquilo era eu, mas a impiedade me dividia contra mim mesmo. Pecado ainda mais grave era o de não me considerar pecador, e execrável iniqüidade era preferir que tu, Deus onipotente, fosses vencido em mim para minha ruína, em lugar de ser eu vencido por ti para minha salvação! Ainda não tinhas posto "guarda à minha boca, e uma porta de proteção para meus lábios", a fim de que "o meu coração não se afeiçoasse às palavras de malícia, a fim de encontrar desculpas para os meus pecados".[40] Por isso me entendia ainda com seus eleitos, não mais esperando progredir naquela falsa doutrina; passei a olhar com menor empenho e interesse os princípios que havia decidido adotar, até que encontrasse algo melhor.

19 Acudira-me de fato a idéia de que os mais esclarecidos entre os filósofos eram os chamados Aca-dêmicos, quando afirmavam ser preciso duvidar de tudo, e que o homem nada pode compreender da verdade.[41] Eu conhecia o pensamento deles, pelo que lhes era comumen-te atribuído, pois não compreendia ainda seus reais propósitos. Nessas condições, não deixei de reprimir claramente a excessiva confiança que — como eu constatei — meu hospedeiro nutria pelas fábulas que enchem os livros maniqueus. No entanto, eu cultivava mais amizade com eles do que com os estranhos a essa heresia. Já

não defendia essa doutrina com o entusiasmo de outrora. Mas, a amizade dos maniqueus (em Roma muitos se ocultavam) impedia-me de procurar outra coisa, mesmo porque não tinha esperança de encontrar na tua Igreja a verdade da qual me haviam afastado, ó Senhor do céu e da terra, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. Parecia-me realmente indigno acreditar que havias tomado a imagem humana e circunscrito tua divindade nos limites de um corpo humano. E, no entanto, quando queria pensar no meu Deus, só sabia representá-lo sob a forma de massa corpórea. (Parecia-me que não devia existir nada de incorpóreo.) E esta era a principal e, talvez, a causa única do meu erro.

20 Em conseqüência, eu deduzia que também o mal era uma substância desse gênero, ora massa escura e disforme, ora espessa, chamada terra, ora tênue e sutil, como o ar, que os maniqueus imaginavam como um espírito maligno rastejando sobre a terra. Mas certa religiosidade que possuía me obrigava a crer que um deus bom não podia ter criado uma natureza má. Con-cluía daí que devia haver duas substâncias opostas entre si, ambas infinitas, sendo porém a má em medida mais limitada, e a boa em medida mais ampla. E desse princípio peçonhento derivavam todas as outras idéias errô-neas. E quando meu espírito tentava retornar à fé católica, sentia-se repelido, porque a opinião que formava da fé católica não era exata. E me parecia mais reverente, ó meu Deus — que te manifestas nas tuas misericórdias para comigo —, acreditar-te infinito em todo sentido, exceto naquele em que se opõe a ti a substância do mal, onde me via obrigado a reconhecer-te finito, do que imaginar-te limitado pela forma de um corpo humano. E me parecia mais justo crer que não tivesses criado mal nenhum, do que acreditar que a natureza do mal — como eu a imaginava — proviesse de ti. Na minha ignorância, eu imaginava o mal, não só como substância corpórea, pois não sabia conceber um espírito, mas também como um corpo sutil que se difunde no espaço. Nosso próprio Salvador, teu Filho único, eu o imaginava como se provies-se da massa do teu corpo de luz para a nossa salvação. Em relação a ele, nada eu acreditava, a não ser o que minha ignorância deixava conceder. Sustentava, portanto, que uma natureza de tal gênero não podia nascer da Virgem Maria sem unir-se à carne. Mas eu não conseguia ver como poderia unir-se à carne, e ao mesmo tempo não se contaminar, este ser que eu imaginava.

Os homens espirituais[42] talvez se riam de mim agora, com afetuosa indulgência, ao ler estas confissões. Todavia, nesse tempo, eu era assim.

11. Os maniqueus e as Sagradas Escrituras

21 Parecia-me impossível combater as críticas que os maniqueus faziam a certas passagens de tuas Escrituras. Às vezes, eu desejava mesmo examinar alguns desses textos com pessoas competentes, para ouvir-lhes a opinião. Começavam a interessar-me os debates públicos contra os maniqueus, realizados em Cartago por certo Elpídio, que citava as Sagradas Escrituras, de tal modo que era difícil contradizê-lo. As respostas que lhe davam me pareciam fracas, e não o faziam em público, mas em segredo, sustentando que as Escrituras do Novo Testamento haviam sido falsificadas por um desconhecido

que quisera inserir a lei judaica na fé cristã; mas não apresentavam desses textos nenhum exemplar não adulterado. Eu, porém, incapaz de imaginar seres incorpóreos, estava como que preso e sufocado por aquelas duas substâncias, sob cuja pressão procurava em vão aspirar o ar puro e límpido de tua verdade.

12. Comportamento dos estudantes romanos

22 Atirei-me com zelo à tarefa, que era a razão da minha ida a Roma, isto é, ao ensino da retórica. No princípio, reu-nia em casa alguns alunos, aos quais e pelos quais comecei a tornar-me conhecido. Percebi logo que em Roma havia certos hábitos que eu não toleraria na África. É verdade que não se verificavam as conhecidas desordens dos jovens depravados de Cartago, mas fui avisado de que muitos estudantes romanos, para não pagarem ao professor, entravam em acordo e passavam repentinamente para outro mestre, traindo a boa fé e menosprezando a justiça, por amor ao dinheiro. De coração eu os odiava,[43] mas não de ódio perfeito, pois era talvez provocado mais pelo prejuízo que eu sofreria do que pela injustiça de suas ações ilícitas. Sem dúvida trata-se de indivíduos infames que te traem ao correrem atrás de ilusões efêmeras e lucros imundos que maculam as mãos ao serem tocados; eles se apegam ao mundo que passa, esquecendo-se de ti, que permaneces, que chamas de volta e sabes perdoar a alma humana prostituída que retorna a ti. Detesto ainda agora essa gente depravada e corrupta, mas amo-a também para corrigi-la e ensinar-lhe a dar preferência à doutrina que aprendem mais do que ao dinheiro, e para que te apreciem, meu Deus, mais a ti do que à própria doutrina, a ti que és a verdade, a abundância de felicidade segura e de paz puríssima. Mas, nessa época, eu preferia evitar as mal-dades deles por meu próprio interesse do que torná-los melhores por teu amor.

13. Encontro com Ambrósio em Milão

23 Quando o prefeito de Roma recebeu de Milão o pedido de um professor de retórica para esta cidade, com a oferta de transporte público, eu mesmo solicitei o emprego através de amigos embriagados de idéias maniqueístas, sem saber que minha ida deveria separar-nos para sempre. O prefeito Símaco, após submeter-me à prova de um discurso, me fez partir.

Assim que cheguei a Milão, encontrei o bispo Ambrósio, conhecido no mundo inteiro como um dos melhores, e teu fiel servidor. Suas palavras ministravam constantemente ao povo a substância do teu trigo,[44] a alegria do teu óleo[45] e a embriaguez sóbria do teu vinho. Tu me conduzias a ele sem que eu o soubesse, para que eu fosse por ele conduzido conscientemente a ti. Esse homem de Deus acolheu-me paternamente e ficou feliz com a minha chegada, na bondade digna de um bispo. Comecei a estimá-lo, a princípio não como mestre da verdade, pois não tinha esperança de encontrá-la em tua Igreja, mas como homem bondoso para comigo. Acompanhava assiduamente suas conversas com o povo, não com a intenção que deveria ter, mas para averiguar se sua

eloqüência merecia a fama de que gozava, se era superior ou inferior à sua reputação. Suas palavras me prendiam a atenção. Mas, o conteúdo não me preocupava, até o desprezava. Eu me encantava com a suavidade de seu modo de discursar; era mais profundo, embora menos jocoso e agradável que o de Fausto quanto à forma. A respeito do conteúdo, porém, não era possível qualquer comparação: perdia-se este último entre as falsidades dos maniqueus, ao passo que o outro ensinava a doutrina mais sadia da salvação. Mas, a salvação está longe dos ímpios.[46] Eu era um deles, ainda que estivesse me aproximando dela paulatinamente e sem o perceber.

14. Afastamento do maniqueísmo

24 Não me esforçava em aprender os temas que ele expunha, mas somente em ouvir como ele os dizia. Permanecera em mim esse fútil interesse, perdidas as esperanças de que se patenteasse ao homem um caminho para chegar a ti. No entanto, junto com as palavras que me agradavam, chegavam-me também ao espírito os ensina-mentos que eu desprezava. Não me era possível separar as duas coisas: enquanto abria o coração às palavras eloqüentes, entrava também, pouco a pouco, a verdade que ele pregava. Comecei então a notar que eram defensáveis suas teses, e logo vim a perceber não ser temerário defender a fé que eu supunha impossível opor aos ataques dos maniqueus. E isto sobretudo porque via resolverem-se uma a uma as dificuldades de várias passagens do Antigo Testamento que, tomadas ao pé da letra, me tiravam a vida.[47] Ouvindo agora a explicação espiritual de tais passagens, eu me reprovava a mim mesmo por ter acreditado que a Lei e os Profetas não pudessem resistir aos ataques e insultos de seus inimigos. Todavia, não me sentia no dever de abraçar a fé católica, só pelo fato de que ela podia contar com doutos defensores, capazes de refutar as objeções dos adversários com argumentos sérios. Por outro lado, não me pareciam condenáveis as doutrinas que abraçara: os argumentos de defesa das duas partes equivaliam-se. A fé católica não me parecia ven-cida, mas para mim ainda não se afigurava vencedora.

25 Foi então que comecei a empenhar todas as forças do espírito na busca de um argumento decisivo para demonstrar a falsidade dos maniqueus: se me fosse possível conceber uma substância espiritual, todos os obstáculos teriam sido superados e afastados do meu espírito. Mas não podia. Contudo, em relação à própria estrutura do mundo e à natureza inteira perceptível a nossos sentidos físicos, minhas reflexões e comparações me conven-ciam cada vez mais de que a maior parte dos filósofos tinha opiniões bem aceitáveis. Assim, duvidando de tudo, à maneira dos acadêmicos — como se imagina comumente — flutuando entre todas as doutrinas, resolvi abandonar os maniqueus. Parecia-me, nesse momento de dúvida, que não devia permanecer nessa seita, que eu colocava em plano inferior a alguns filósofos, se bem que recusasse terminantemente confiar a seus cuidados a fraqueza de minha alma, por ignorarem eles o nome de Cristo. Resolvi então permanecer como catecúmeno na Igreja católica, conforme o desejo de meus pais, até que alguma certeza viesse apontar-me o caminho a

seguir.

1 Cf. Pr 18,21

2 Cf. Sl 54,8.

3 Cf. Sl 6,3.

4 Cf. Sl 34,10.

5 Cf. Sl 19,7.

6 Cf. Sl 119,175; 146,2.

7 Cf. Sl 68,2.

8 Cf. De Civ. Dei 11,23.

9 Cf. Sb 11,24.

10 Cf. 1Tm 3,7; 2Tm 2,26.

11 Sb 13,9.

12 Cf. Sl 138,6.

13 Cf. Sl 100,3.

14 Cf. Sl 8,8s. Agostinho deu a mesma interpretação a este salmo em Enarr. in Ps.8,13.

15 Cf. Sl 147,5.

16 1Cor 1,30.

17 Cf. Mt 22,21.

18 Rm 1,23ss.

19 Cf. Sl 30,6.

20 Cf. Rm 1,21.

21 Cf. 2Cor 6,10.

22 Sb 11,20.

23 Jó 28,28.

24 Cf. Ef 4,13s.

25 Cf. Sl 78,37.

26 Sl 37,23.

27 Cf. acima, III livro, cap. 3.

28 Sl 142,6

29 Cf. Gn 3,16.

30 Cf. 1Cor 15,22.

31 Faz alusão à doutrina maniqueísta, segundo a qual a matéria é o mal, e por isso Cristo não pôde assumir um corpo verdadeiro, mas só aparente.

32 Ver acima, I livro, cap. 11.

33 Cf. Gl 4,19.

34 Cf. 2Cor 1,3.

35 Sl 50,19.

36 Ver acima, III livro, cap. 11.

37 Cf. Sl 118,1; 138,8.

38 Os membros da classe maniqueísta dos “eleitos”.

39 Sl 41,5.

40 Sl 141,3-4.

41 Cf. Cícero, Academica 2,6.

42 Cf. 1Cor 2,15.

43 Cf. Sl 139,22.

44 Cf. Sl 81,17.

45 Cf. Sl 45,8.

46 Sl 119,155.

47 Na interpretação da Sagrada Escritura, Ambrósio seguia o método alegórico, e por isso dava significado espiritual a fatos e narrações que, tomados ao pé da letra, nada tinham de edificantes.

VI LIVRO

AGOSTINHO AOS TRINTA ANOS

1. Mônica encontra-se com o filho em Milão

1 "Ó minha esperança desde a minha juventude",[1] onde estavas, para onde te retiraste? Não foste tu que me crias-te e me quiseste diferente dos animais, mais inteligente que as aves do céu? E, no entanto, eu caminhava em meio às trevas e por terrenos escorregadios. Eu te buscava fora de mim, e não encontrava o Deus do meu coração.[2] Havia chegado ao fundo do mar, e não tinha mais confiança nem esperança de encontrar a verdade.

Minha mãe, forte na piedade, já viera ao meu encontro, seguindo-me por terra e por mar, em ti confiando em todos os perigos. Era ela, nos momentos críticos da navegação, quem incutia coragem aos próprios marinheiros, que habitualmente confortam os viajantes inexperientes e timoratos, prometendo-lhes uma chegada a salvo. Foste tu, em visão, quem o havias prometido a ela.

Ao chegar, encontrou-me em grande perigo, provocado pela completa falta de confiança em conhecer a verdade. Quando a informei de que já não era maniqueu, embora ainda não fosse cristão católico, não saltou de alegria, como quem ouve uma notícia inesperada. Quanto a este aspecto de minha miséria, ela estava tranqüila. Chorava por mim como se estivesse morto, porém morto destinado à ressurreição, e me oferecia a ti no esquife do pensamento, a fim de que dissesses ao filho da viúva: "Jovem, eu te ordeno, levanta-te", para que ele revivesse e começasse a falar, e tu o entregasses à sua mãe.[3] Assim, o coração não lhe estremeceu de tumultuada alegria ao ouvir que já havia acontecido em grande parte o que todos os dias ela te pedia chorando: eu ainda não chegara à verdade, mas já estava libertado do erro. Mas como estava certa de que realizarias o resto, pois tudo lhe havias prometido, respondeu-me com toda a tranqüilidade e com o coração cheio de confiança, que em Cristo ela ainda esperava, antes de morrer, ver-me autêntico católico. Esta é a resposta que me deu. Mas a ti, fonte de misericórdia, ela aumentava cada vez mais as súplicas e lágrimas, a fim de que apressasses o teu auxílio e iluminasses as minhas trevas.[4] Corria com mais freqüência à igreja, ficando sus-pensa dos lábios de Ambrósio, como de uma "fonte de água jorrando para a vida eterna".[5] Estimava aquele homem, como a um mensageiro de Deus, logo ao saber que fora por intermédio dele que eu flutuava nas dúvidas em que agora me encontrava. E estava certa de que eu passaria, atravessando o ponto mais perigoso que os médicos denominam momento crítico, da doença para a saúde.

2. Mônica e Ambrósio

2 Um dia minha mãe, como costumava fazer na África, levava bolo, pão e vinho para as

sepulturas dos santos. E foi impedida pelo porteiro. Logo que soube ser proibição do bispo, aceitou-a com tal docilidade e obediência, que eu mesmo me admirei de vê-la disposta a renunciar a um hábito, antes que discutir a proibição.

Não tinha o espírito sufocado pela embriaguez, nem o amor do vinho a incitava ao ódio da verdade, como muitos homens e mulheres que, diante de exortações à sobriedade, experimentam a mesma náusea que sentem os bêbados diante de um copo de água.

Quando levava a cesta com os alimentos rituais, para distribuir depois de tê-los provado, não bebia mais que um pequeno copo de vinho diluído em água, segundo seu paladar sóbrio, e o fazia principalmente para homena-gear aos santos. E se havia muitas sepulturas de santos a honrar dessa maneira, ela levava sempre o mesmo copo, que depunha em cada túmulo, e com os presentes repartia pequenos goles desse vinho, não só muito aguado como também morno. E agia assim por devoção, e não por prazer pessoal.

O bispo, famoso pregador e pessoa piedosa, tinha proibido esses ritos, mesmo quando celebrados com sobriedade, não só para que não se oferecesse aos ébrios ocasião de se embebedarem, mas também pela semelhança com os "parentais", ritos de superstição pagã. Ao tomar conhecimento da proibição, ela aceitou-a de boa vontade, e, ao invés do cesto cheio de frutos da terra, passou a levar à sepultura dos mártires um coração cheio dos mais puros sentimentos. Assim dava aos pobres aquilo que podia e celebrava nesses lugares a comunhão com o Corpo do Senhor, pois foi imitando-lhe a paixão que os mártires foram imolados e coroados. Mas parece-me, Senhor meu Deus (e conheces bem meus pensamentos secretos), que talvez minha mãe não houvesse aceitado tão facilmente o cerceamento de seus hábitos, se a proibição tivesse partido de outra pessoa que não fosse tão amada quanto Ambrósio. Ela o estimava sobretudo pela minha salvação, como ele a respeitava pela vida tão religiosa que ela levava, tão dedicada às boas obras e aos serviços da Igreja. Muitas vezes, ao encontrar-me, ele rompia em elogios a ela, e se congratulava comigo por ter semelhante mãe. Não sabia que filho era eu, cético a respeito de tudo e convicto de não poder encontrar o caminho da vida.

3. Figura de Ambrósio

3 Eu ainda não pedia em gemidos que viesses em meu auxílio, mas estava cheio de ardor em tua busca, ávido de discussão. Considerava o próprio Ambrósio um homem realizado segundo o espírito do mundo, homenageado pelos poderosos; somente seu celibato parecia-me duro de suportar. Quanto às suas esperanças, suas lutas contra as tentações de grandeza, suas consolações nas adversidades, as saborosas alegrias que experimentava ao ruminar o teu pão com a boca misteriosa do seu coração, de tudo isso eu não fazia idéia nem tinha experiência. De seu lado, ele ignorava também as minhas tempestades e o risco que eu corria de cair no abismo. Não conseguia fazer-lhe as perguntas que queria e como desejaria, pois dele me separavam numerosas pessoas carregadas de problemas e que recebiam ajuda de seus ouvidos e de sua boca. O pouco tempo que não estava

ocupado com elas, Ambrósio o empregava restaurando o corpo com o sustento necessário, ou alimentando a alma com leituras. Ao ler, corria os olhos pelas páginas: a mente penetrava o significado, enquanto a voz e a boca se calavam. Muitas vezes, ao entrarmos (pois a ninguém era proibido o ingresso nem precisava anunciar-se), o víamos lendo, sempre em silêncio. Sentávamos em longo silêncio (quem ousaria perturbar tão intensa concentração?) e depois nos afastávamos, pensando que, durante o pouco tempo que lhe restava para restabelecer a mente, livre dos problemas alheios, não quisesse ser distraído por outras coisas. Talvez evitasse ler em voz alta, para não ser obrigado por algum ouvinte curioso e atento a explicar alguma passagem difícil do autor, ou a discutir alguma questão por demais complexa. Empregando o tempo desse modo, não poderia ler tanto quanto desejaria. Talvez, lendo baixo, também quisesse apenas poupar a voz, que se enfraquecia facilmente. Qualquer que fosse sua intenção, não podia deixar de ser boa, em se tratando de homem como ele.

4 O certo é que nunca tinha oportunidade de consultar teu santo oráculo, que residia no coração dele, sobre minhas dúvidas, a menos que se tratasse de questões rápidas. No entanto, minhas perplexidades espirituais exigiam que eu o encontrasse disponível por muito tempo, para abrir-me com ele, o que não acontecia nunca. Todos os domingos ia escutá-lo quando ele "apresentava, com retidão, a palavra da verdade"[6] ao povo. E eu me convencia cada vez mais de que podia ser desfeito o nó das astuciosas calúnias, com que os meus sedutores envolviam os livros sa-grados. Logo descobri também que teus filhos espirituais, regenerados pela graça na santa Igreja católica, não entendiam as palavras onde se diz que "o homem foi criado por ti à tua imagem", [7] no sentido de te acreditarem e jul-garem encerrado na forma de corpo humano. Eu, que nem de longe suspeitava o que era substância espiritual, então me envergonhei alegremente de ter vociferado por tantos anos, não contra a fé católica, mas contra as ficções criadas por imaginações carnais. Tinha sido temerário e ímpio por ter acusado a fé católica, sem antes me haver informado através de pesquisa séria. Tu, porém, que estás tão alto e tão perto, tão escondido e tão presente, que não tens membros maiores e menores e que existes todo em toda parte, mesmo não possuindo esta forma corpórea, fizeste à tua imagem o homem que, da cabeça aos pés, está contido em determinado espaço.

4. Descoberta da verdade

5 Ignorando em que consistia essa tua imagem, deveria ter batido à porta e indagado sobre o sentido dessa crença, e não me opor com insultos ao que eu supunha fosse essa crença. Quanto mais agudo era no meu íntimo o desejo de saber o que devia considerar como certo, tanto mais me envergonhava de me ter deixado enganar e iludir por tanto tempo com promessas de certeza e de ter proclamado como seguras tantas incertezas, pueril no meu erro e na minha paixão. Mais tarde percebi a falsidade dessa doutrina. Mas o que já era certo para mim é que elas eram in-certas, e que eu as tinha considerado certas, quando perseguia a fé católica com minhas cegas acusações. E se eu ainda não

estava convencido de que esta fé ensinava a verdade, sabia no entanto que não ensinava aquilo de que eu a acusava. Assim, sentia-me confuso e transformado, e esta-va contente, ó Deus meu, porque tua Igreja única, corpo do teu único Filho, em cujo seio desde menino aprendi o nome de Cristo, não tinha nenhum gosto por questões pueris, e que sua autêntica doutrina não cometia o erro de circunscrever-te, ó Criador de tudo, num espaço que, embora alto e amplo, seria limitado de todos os lados por configurações de corpo humano.

6 Alegrava-me, também, por ter aprendido a ler as antigas Escrituras da Lei e dos Profetas, com interpretação diferente daquelas que antes me pareciam absurdas, quando eu acusava teus santos de terem fé em coisas nas quais realmente não acreditavam.

Alegrava-me ouvir Ambrósio quando, muitas vezes em seus sermões, recomendava ao povo a norma a ser escrupu-losamente observada: a "letra" mata, "mas o espírito comu-nica a vida".[8] Removido assim o místico véu, esclareceram-se espiritualmente passagens que, tomadas ao pé da letra, pareciam ensinar o mal. Nada ele dizia que eu não pudesse aceitar, embora ainda não estivesse certo de que as palavras dele eram verdadeiras. Mantinha o coração ao abrigo de qualquer adesão, hesitando diante do salto, e esse meu estado de perplexidade era morte ainda mais angustiante. Desejava ter, em relação a fatos não demonstráveis, a mesma certeza com que dizia que sete mais três são dez. Não era eu tão insensato a ponto de julgar que mesmo essa verdade fosse incompreensível; queria ter, a respeito de todo o resto, a mesma compreensão que tinha sobre isso, tanto em relação às coisas corpóreas não atingidas pelos sentidos, quanto em relação às espirituais, que eu só podia conceber em termos materiais. Só a fé podia curar-me: desse modo, os olhos da minha inteligência já purificada, se dirigiriam à tua verdade imutável e perfeita.[9] Mas, assim como acontece muitas vezes, depois de experimentar um médico mau, receia-se confiar num bom, o mesmo acontecia à saúde de minha alma, que somente poderia curar-se pela fé, mas, para não acabar novamente acreditando em coisas falsas, recusava a cura, resistindo a ti que fabricaste o remédio da fé e, dotando-o de tão grande poder, o derramaste sobre todas as enfermidades da terra.

5. "Prefiro agora a fé católica"

7 Desde então comecei a preferir a doutrina católica, porque agora compreendia: era mais modesto e sincero prescrever a fé em algo que não podia ser demonstrado, tanto por incapacidade da maioria dos homens como simplesmente por absoluta impossibilidade, do que zombar da fé, prometendo temerariamente uma ciência para afinal impor a crença numa grande quantidade de fábulas absurdas, incapazes de demonstração. E enquanto a tua mão suave e misericordiosa plasmava e formava pouco a pouco o meu coração, eu refletia na infinidade de fatos em que acreditava, sem tê-los visto ou deles ter sido testemunha. Assim, os muitos episódios da história da humanidade, a existência de lugares e cidades nunca visitados, conhecimentos recebidos de amigos, de médicos e de tantos outros em quem temos de acreditar, sob pena de nada

podermos realizar na vida. Enfim, como estava absolutamente seguro da identidade de meus pais, o que não poderia saber sem acreditar no que ouvia. Convenci-me então de que, longe de repreender os que acreditam em tuas Escrituras, reconhecidas com tanta autoridade em quase todos os povos, são repreensíveis aqueles que não acreditam e a quem não se deve dar ouvidos se disserem: “Como sabes que estes livros foram dados aos homens pelo espírito do único Deus, que é a verdade”? E isso se adequava tanto melhor à minha crença, quanto é certo que nenhum argumento, por mais capcioso que fosse, de tantos filósofos que discordavam entre si, cujos livros estudei, tinha podido arrancar do meu coração a fé na tua existência, apesar de ignorar o que eras e desconhecer que o governo das coisas humanas pertence a ti.[10]

8 Na realidade, a esse respeito era a minha fé ora mais forte ora mais fraca. Mas sempre acreditei que existes e que cuidas de nós, embora não soubesse que idéia devesse ter de tua natureza, ou que caminho nos levaria ou re-conduziria a ti. Portanto, sendo os homens incapazes de encontrar a verdade mediante a razão pura, e tendo necessidade do apoio da Sagrada Escritura, eu já principiava a crer que não concederias tanta autoridade por toda a terra a estes Livros Sagrados se não tivesses querido que se acreditasse em ti e se buscasse a ti através deles.

E, assim, eu já atribuía à profundeza dos mistérios as obscuridades que antigamente costumavam impressionar-me, pois, sobre o assunto eu já havia recebido várias explicações plausíveis. E a autoridade desses livros ainda me parecia tanto mais venerável e digna de fé absoluta, quanto era claro o seguinte: se de um lado a leitura deles estava ao alcance de todos, por outro lado reservava a dignidade de seu significado oculto a uma percepção mais profunda. A extrema clareza de linguagem e simplicidade de estilo a tornavam acessível a todos e estimulavam a perspicácia daqueles que não tem coração leviano.[11] E recebendo em seu seio a humanidade inteira, apenas a poucos era dado chegar a ti, por estreitas passagens; estes, no entanto, são sempre mais numerosos do que o seriam se a Escritura não tivesse tanto prestígio aliado a tanta humildade, capaz de atrair multidões.

Assim eu meditava, e tu estavas a meu lado. Eu suspirava e tu me ouvias. Eu tateava e tu me guiavas. Eu andava pelos largos caminhos do mundo,[12] e tu não me abandonavas.

6. Miséria da ambição

9 Eu aspirava às honras, à riqueza, ao matrimônio, e tu rias de mim. Nesses desejos amargos eu sofria dissabores, e tu me querias tanto mais bem quanto menos consentias que eu experimentasse consolação naquilo que não eras tu. Olha o meu coração, Senhor, tu que me inspiraste estas lembranças e esta confissão. Que se una agora a ti a minha alma, que arrancaste do visgo tão tenaz da morte. Como eu era miserável! E tocavas na minha chaga viva, a fim de que eu deixasse tudo e me convertesse a ti, que estás acima de todas as coisas.[13] Sem ti nada existiria. Tu me revolvias a ferida para que eu me

convertesse e ela pudesse sarar. Como eu era infeliz! E como agiste para que eu sentisse minha miséria, naquele dia em que me preparava para declamar um panegírico ao imperador![14] Aliás, um tecido de mentiras que seriam, no entanto, aplaudidas pelos ouvintes, que sabiam tratar-se de mentiras. Meu coração agitava-se com esses cuidados e ardia na febre de pensamentos indignos, quando, passando por uma viela de Milão, reparei num pobre mendigo que, talvez meio bêbado, estava alegre e de bom humor. Entristeci-me, e fiz notar aos amigos, que me acom-panhavam, as angústias provocadas por nossas loucuras. Pois, com todos os nossos esforços (como eram então os meus, carregando sob o aguilhão das paixões o peso da miséria, peso que aumentava à medida que eu o arrastava), onde queríamos chegar, senão à alegria segura em que nos precedera o mendigo e onde talvez nunca chegaríamos? Ele, de fato, com aquelas poucas moedas recebidas de esmola, tinha alcançado a alegria da felicidade efêmera, que eu me esforçava para conseguir dando voltas por tantos caminhos tortuosos e cheios de angústias.

É claro que a alegria dele não era a verdadeira; mas o objeto de minha ambição era bem mais falso. Ele, pelo menos, estava satisfeito com sua alegria, e eu, preocupado; ele era livre, estava tranqüilo, e eu, cheio de inquietações.

Se alguém me perguntasse pela minha preferência entre a alegria e o temor, é claro que haveria de responder: a alegria. Mas se ainda me perguntassem se preferia ser como aquele mendigo ou permanecer como eu era, teria escolhido continuar como era, apesar das preocupações e temores que me acabrunhavam. Erro de julgamento ou juízo acertado? É claro que não deveria considerar-me superior a ele por ter mais cultura, pois desta não me vinha nenhuma alegria, mas com ela pretendia agradar os homens, não para instruí-los, mas unicamente para ser-lhes agradável. Por isso mesmo, tu me quebravas os ossos[15] com a vara da tua justiça.

10 Longe de mim quem diga: "O importante é saber a causa da alegria: aquele mendigo encontrava a felicidade na embriaguez, tu procuravas a tua alegria na glória". Mas, que glória, Senhor? Uma glória que não se fundava em ti. E se a alegria do mendigo não era a verdadeira, tam-pouco era verdadeira a minha glória, que cada vez mais me perturbava. Na mesma noite, aquele mendigo teria curado sua embriaguez, enquanto eu havia dormido e acordado com a minha, e ainda com ela tornaria a dormir e acordar; e quem sabe por quanto tempo! Bem sei que o importante é saber de onde vem a alegria de cada um, e a felicidade que vem da esperança da fé é profundamente diferente daquela vaidade.

Mas havia ainda outra diferença entre nós dois: ele era realmente mais feliz, não só porque transbordava de alegria enquanto eu era devorado pelas preocupações, mas também porque ele adquiria o vinho desejando o bem en-quanto eu buscava a glória através da vanglória. Eu disse então muita coisa nesse sentido aos amigos e, muitas vezes, me examinava em circunstâncias análogas, para ver como estava, constatando que ia mal, e me afligia por isso, e assim aumentava minha infelicidade. Se me sorria um momento de felicidade, hesitava em segurá-lo, pois estava cônscio de que voaria antes

mesmo que eu o alcançasse.

7. A amizade de Alípio

11 De tudo isso nos lamentávamos entre nós, amigos que vivíamos a mesma vida. Falava mais intimamente e com a maior confiança com Alípio e Nebrídio. Alípio nascera no mesmo município que eu e no qual seus pais tinham grande prestígio. Era mais moço do que eu. Fora até meu aluno, quando comecei a ensinar em nossa cidade, e depois em Cartago. Ele me estimava muito, porque eu lhe parecia bom e sábio, e também eu lhe queria bem, porque ele demonstrava forte inclinação para a virtude em tão tenra idade. Mas o turbilhão dos maus costumes de Cartago, onde ferviam os espetáculos frívolos, arrastou-o para uma louca paixão pelos jogos circenses.

Quando ele mergulhava nessa miséria, eu ensinava retórica numa escola pública, e ele ainda não era meu aluno, por causa de certas desavenças surgidas entre mim e seu pai. A descoberta do funesto amor pelo circo muito me angustiava por me parecer que iria perder-se, se tão bela esperança já não estava perdida. Mas como adverti-lo, ou intervir mais decididamente, se não podia valer-me, nem do afeto do amigo nem da autoridade do mestre? Eu supunha de fato que ele nutrisse por mim os mesmos sentimentos do pai, quando na realidade não era assim. Neste particular, pondo de lado a vontade do pai, começou a cumprimentar-me, comparecia às minhas aulas, onde me escutava por algum tempo, retirando-se em seguida.

12 De minha parte, já esquecera o propósito de ocupar-me dele, a fim de que não arruinasse o talento numa cega e impetuosa paixão por aqueles jogos fúteis. Mas tu, Senhor, que governas a sorte de tuas criaturas, não te esquecias de quem havia de ser, entre teus filhos, ministro dos teus sagrados mistérios.[16] E para que a reabilitação fosse claramente reconhecida como obra tua, usaste de mim como instrumento, sem que eu o percebesse.

Um dia, estando eu sentado no lugar de costume com os alunos diante de mim, ele veio, cumprimentou-me, sentou-se e prestou atenção no assunto que discutíamos. Por acaso, eu tinha em mãos um texto; e enquanto o comentava, pareceu-me oportuno recorrer a uma comparação com os jogos do circo, para tornar mais agradável e mais claro o que explicava, e comecei a ironizar aqueles que se deixavam escravizar por tal insensatez. Mas tu sabes, ó meu Deus, que nesse momento eu não pensava em curar Alípio de tal contágio. Ele, porém, caiu em si e pensou que aquelas palavras eram expressamente diri-gidas a ele. O que outro tomaria como motivo para se desgostar de mim, ele, honesto como era, tomou como causa para censurar a si mesmo e para me estimar ainda mais.

De fato, já tinhas dito uma vez e escrito em teus livros: “Repreende o sábio, e ele te amará”.[17] Mas não fora eu a corrigi-lo, e sim tu, que te serves de todos, conscientes ou não, segundo um plano que conheces — plano de justiça! — e que fizeste do meu coração e da minha língua carvões ardentes,[18] para cauterizar a ferida purulenta daquela

alma cheia de belas esperanças, e curá-la.

Calem teus louvores os que não contemplam tuas misericórdias, por mim confessadas no mais íntimo do ser. Realmente, depois daquelas palavras, Alípio fugiu do abismo profundo onde se precipitava com prazer e onde se deixava cegar com incrível volúpia. Sucudiu sua alma com firme resolução e livrou-se de toda a lama dos circos, onde nunca mais colocou os pés.

Em seguida, vencendo a resistência do pai, conseguiu a permissão de me tomar como mestre. O pai acabou cedendo, e consentiu. Recomeçando a escutar minhas aulas, envolveu-se comigo nas superstições dos maniqueus, nelas admirando certa ostentação de virtude que acreditava real e genuína. Era na realidade falsa e sedutora, própria para atrair as melhores almas que, não conseguindo ainda as profundezas da virtude, se deixam enganar pelas aparências de uma virtude tenebrosa e falsa.

8. Alípio fascinado pelos espetáculos sangrentos do circo

13 Sem abandonar de fato a carreira mundana que seus pais lhe decantavam, Alípio partira antes de mim para Roma a fim de estudar Direito, e aí se deixou envolver de maneira incrível por uma incrível paixão pelos espetáculos de gladiadores. De fato, no princípio nutria aversão e desprezo por esses espetáculos, mas alguns amigos e condiscípulos, encontrando-o casualmente de volta do almoço, o levaram com amigável violência, apesar de sua obstinação e resistência, ao anfiteatro onde se realizavam nesse dia jogos cruéis e sangrentos. Ele, porém, lhes dizia: "Podeis arrastar-me o corpo e mantê-lo junto a vós; mas podereis por acaso abrir-me a alma e os olhos para tais espetáculos? Ali estarei, porém ausente, e triunfarei deles e de vós". Ouvindo essas palavras, o levaram com eles, talvez mesmo para verem se era capaz de manter o propósito. Chegando ao circo, ocuparam os lugares que puderam. Aí, tudo fervia nas paixões mais selvagens. Alípio fechou a porta dos olhos, impedindo ao espírito a possibilidade de seguir aquelas crueldades. Oxalá tivesse também tapado os ouvidos! Pois foi violentamente sobressaltado por forte clamor de toda a multidão, devido à queda de um lutador, vencido pela curiosidade e julgando-se capaz de dominar e vencer a cena, qualquer que fosse, abriu os olhos. Foi então atingido na alma por um golpe mais forte que o recebido no corpo pelo gladiador que havia desejado contemplar, e caiu mais miseravelmente do que aquele cuja queda suscitara tamanho clamor. Aqueles gritos entraram-lhe pelos ouvidos e lhe abriram os olhos, por onde foi ferida aquela alma, mais audaciosa do que resoluta, e tanto mais fraca quanto mais havia confia-do em si mesma, de preferência a confiar somente em ti. Logo que viu aquele sangue, saboreou no mesmo instante a violência e não mais desviou o olhar, seguindo com atenção e assimilando inconscientemente aquelas crueldades; sem o saber, se deleitava com essas lutas criminosas, ébrio de sangrenta volúpia. Já não era o mesmo que tinha chegado ao circo, e sim mais um na turba a que se juntara, igual aqueles pelos quais se deixara arrastar. Que mais dizer? Presenciou o espetáculo, gritou, entu-siasmou-se, e levou desse lugar um frenesi que o aguilhoava a voltar, não mais arrastado pelos amigos, mas à frente deles e

arrastando ainda outros atrás de si. Mas tu, com mão forte e misericordiosa, o libertaste daquele estado e o ensinaste a confiar em ti, mais do que em si mesmo. Mas isto só aconteceu muito tempo depois.

9. Alípio aprende à própria custa a não julgar apressadamente os homens

14 No entanto, Alípio retinha essa lembrança na memória, como remédio para o futuro. Outro fato também lhe aconteceu quando era meu aluno em Cartago. Certa vez, por volta do meio-dia, ele estava no foro, meditando sobre um discurso que deveria fazer em aula, segundo o costume que os estudantes tinham de se exercitarem, quando permitiste que os guardas do foro o prendessem como ladrão. Parece-me que o permitiste, ó meu Deus, para que ele, destinado a tornar-se pessoa importante, começasse desde então a aprender que, no julgar uma causa, um homem não deve apressar-se em condenar outro homem com temerária credulidade.

Alípio passeava sozinho diante do tribunal, tendo em mãos as tábuas e o estilete, quando um dos jovens estudantes, o verdadeiro ladrão, trazendo consigo um machado, e sem que Alípio o percebesse, aproximou-se furtivamente das grades de chumbo que dominam a rua dos banqueiros, e começou a cortá-las. Ouvindo de dentro o rumor, os banqueiros que estavam embaixo se puseram a confabular e mandaram gente para prender a quem encontrassem. Ao ouvir as vozes, o ladrão fugiu, abandonando o machado, para não ser apanhado em flagrante. Alípio, que não o vira entrar, notou-o enquanto saía e, movido pela curiosidade de saber por que razão fugia com tanta pressa, entrou e viu o machado. Espantado, se põe a examiná-lo, quando chegam os guardas. Encontrando-o só e com o instrumento na mão, o prendem e o levam consigo, gloriando-se diante dos moradores do lugar, que acorriam, de terem apanhado o ladrão em flagrante, e vão entregá-lo à justiça.

15 Mas, para Alípio, a lição deveria terminar aqui, pois tu, Senhor, vieste imediatamente em auxílio da inocência que apenas tu conhecias. Enquanto era conduzido à prisão e ao suplício, encontraram o arquiteto superintendente dos edifícios públicos. Os guardas que haviam prendido Alípio se alegraram ao encontrá-lo, pois ele costumava acusá-los de furtos acontecidos no foro; iria enfim conhecer o autor. Mas, o arquiteto já tinha visto Alípio muitas vezes em casa de um senador, a quem freqüen-temente o arquiteto visitava. Reconhecendo-o, chamou-o de lado e lhe perguntou a causa do tumulto. Ouvindo o que se tinha passado, ordenou à multidão ameaçadora que o seguisse, e assim chegaram à casa do jovem que era o verdadeiro ladrão. À porta da casa havia um escravo, tão novo e ingênuo, que não suspeitou que iria prejudicar seu patrão relatando tudo. De fato, o escravo tinha acompanhado o jovem ao foro. Alípio o reconheceu e disso avisou o arquiteto; este, mostrando o machado ao menino, perguntou-lhe a quem pertencia. “É nosso”, respondeu ele. Em seguida, diante das outras perguntas, contou também todo o resto. Assim se transferiu a acusação para aquela casa, sob a confusão da multidão que já triun-fava contra Alípio. O futuro dispensador da tua palavra e juiz de

tantas causas em tua Igreja, saiu dessa mais experiente e instruído.

10. Retidão de Alípio e sede de verdade em Nebrídio

16 Em Roma encontrei Alípio, que muito se afeiçoou a mim e comigo partiu para Milão, não só para não me abandonar, mas para se exercitar em Direito, seguindo mais o desejo dos pais que a própria inclinação. Já por três vezes fora assessor jurídico, demonstrando uma integridade que suscitava a admiração dos colegas. De sua parte, ele se admirava ainda mais ao ver que eles colocavam a ambição do dinheiro acima da honestidade. Seu caráter foi posto à prova, não só pela sedução do dinheiro, como também pelo aguilhão das ameaças. No tempo em que trabalhava em Roma como assessor do administrador do tesouro imperial da Itália, havia um senador muito poderoso cuja influência se fazia sentir através de favores ou intimidações. Desejava que lhe fosse consentido algo ilegal, como costumam fazer os poderosos. Alípio recusou. Então lhe prometeu uma recompensa, que Alípio rejeitou. Fizeram-lhe amea-ças que não o atemorizaram. Todos lhe admiravam a coragem incomum, indiferente à amizade e imperturbável dian-te da inimizade de homem tão poderoso e tão conhecido pelas infinitas possibilidades, tanto de ajudar como de prejudicar as pessoas. O próprio juiz, de quem Alípio era conselheiro, contrário também às reivindicações do senador, não ousava, no entanto, opor-se-lhe abertamente. Transferia para Alípio a responsabilidade, declarando a impossibilidade de atender ao pedido, por culpa deste. Caso acedesse — dizia ele, e era verdade, — Alípio pediria demissão.

Uma só paixão por pouco não o seduzira — a literatura — pela qual foi tentado a fazer transcrever alguns manuscritos com dinheiro do tribunal. Mas, consultando os princípios da justiça, mudou para melhor sua resolução, persuadido de que a retidão que lhe proibia tal ação era melhor do que o poder que lhe permitia.

Foi um fato sem grande importância, mas, “quem é fiel nas coisas pequenas é fiel também nas grandes”.[19] E nunca será sem sentido o que saiu da tua boca de verdade: “Se não fostes fiéis no dinheiro iníquo, quem vos confiará o verdadeiro bem? Se não fostes fiéis em relação ao bem alheio, quem vos dará o vosso”?[20]

Tal era o homem que estava a meu lado, e que comigo hesitava em decidir sobre o gênero de vida que devíamos abraçar.

17 Nebrídio também deixara sua terra natal, vizinha de Cartago, e a própria Cartago, que freqüentemente visitava. Abandonara a rica propriedade do pai, a casa, e a pró-pria mãe, que não o quis seguir, e veio para Milão, unica-mente para viver comigo na busca apaixonada da verdade e da sabedoria. Investigador apaixonado da felicidade humana, perscrutador agudo dos problemas mais difíceis, ele suspirava como eu, e como eu, também ele oscilava. Éra-mos como três famintos que desabafam entre si a própria miséria e que esperam de ti “o alimento em tempo oportuno”.[21] A cada amargura que, por tua misericórdia, se seguia a nossas atividades mundanas, perguntávamos para que serviam nossos sofrimentos. Mas nada encontrávamos, senão trevas. Voltávamos a

gemer e dizíamos: “Até quando”? Todavia, apesar de repetirmos freqüentemente essas palavras, não abandonávamos esse tipo de vida, por-que, se abandonássemos, faltaria para nós a luz de uma certeza a que nos pudéssemos agarrar.

11. Perplexidades de Agostinho

18 Eu sentia grande e ansiosa perplexidade ao lembrar-me do longo tempo decorrido desde os meus dezenove anos,[22] quando sentira pela primeira vez o amor da sabedoria, e já estava resolvido, uma vez que a encontrasse, a abandonar todas as ilusórias esperanças da vaidade e as falsas loucuras das paixões. Chegava eu aos trinta anos e continuava preso ao mesmo lodo, ávido de gozar os bens presentes que me fugiam e que me dissipavam. Enquanto isso, repetia: “Amanhã encontrarei a sabedoria; ela se manifestará a mim com clareza; então eu a possuirei. Fausto virá e tudo explicará. Ó grandes mestres da Academia! Nada se pode ter como certo para a conduta da vida”?[23] Mas não! Busquemos com mais diligência e não desesperemos. De fato, as passagens dos Livros Sagrados que pareciam absurdas, já não o são: já é possível entendê-las de maneira diferente e digna. Firmarei os pés no degrau em que meus pais me colocaram quando criança, até encontrar a verdade clara. Mas onde buscá-la? E quando? Ambrósio não tem tempo para ouvir-me, eu não tenho tempo para ler. Além disso, onde encontrar os livros? Quando e como obtê-los? E a quem pedi-los? Mas tenho que achar tempo, tenho que repartir as horas, para ocupar-me com a salvação da minha alma. Eis que surge uma grande esperança: a fé católica não ensina o que pensávamos nem aquilo de que, sem fundamento, a acusávamos. Quem a conhece bem julga heresia imaginar Deus encerrado nos limites de um corpo humano. Por que hesito ainda em debater, para que me sejam abertas as outras verdades? Os discípulos ocupam minhas horas matinais; mas que faço eu nas outras horas? Por que não me dedico a esse trabalho? Quando irei visitar os amigos importantes, de cujo auxílio necessito? Quando irei preparar as lições que os alunos me pagam? Enfim, quando hei de restaurar as forças, libertando o espírito da tensão de tantas preocupações?

19 Pereça tudo isso, abandonemos todas essas vãs frivolidades. Dediquemo-nos inteiramente à busca da verdade. A vida é infelicidade, a hora da morte é incerta. Esta surge de repente: e eu, em que condições deixarei este mundo? Onde poderei aprender o que nesta vida negligenciei saber? Não terei antes que pagar com duras penas essa negligência?

E se a própria morte pusesse fim a todas essas preocupações, tirando-me também os sentidos? Também este é um problema a ser examinado.

Não, longe de mim semelhante hipótese. Não é sem motivo que os outros ensinamentos da fé cristã se irra-diam por toda a terra. Deus não realizaria para nós tantas maravilhas, se com a morte do corpo acabasse também a vida da alma. Por que não me decido então a abandonar as esperanças do mundo para dedicar-me inteiramente à busca de Deus e da verdadeira felicidade?

Mas, um momento! Os bens terrenos também são agradáveis, também eles têm uma doçura que não é pequena! É preciso que sejamos prudentes ao nos afastarmos deles, pois uma recaída seria vergonhosa. Eis-me chegado ao ponto de ocupar um cargo honroso. Que mais haverá para desejar? Disponho de bom número de amigos poderosos. Sem me apressar demais, posso chegar, no mínimo, a uma presidência de tribunal. Depois, será conveniente casar-me com mulher possuidora de alguma fortuna, para não sobrecarregar os meus gastos, e a isso se limitariam meus desejos. Muitos homens ilustres e dignos de imitação conseguiram dedicar-se ao estudo mesmo na vida matrimonial.

20 Enquanto assim pensava, e os ventos contrários se aproximavam e me impeliam o coração de um lado para outro, o tempo passava, e eu tardava em converter-me ao Senhor. Adiava de dia para dia a decisão de viver em ti, e não adiava um só dia a morte cotidiana em mim mesmo. Queria viver feliz e temia procurar a felicidade onde ela está. Fugia dela, e ao mesmo tempo a procurava. Parecia-me grande infelicidade privar-me do abraço de uma mulher, e não pensava no remédio que contra esta fraqueza nos proporciona tua misericórdia, pois nunca fizera a experiência. Pensava que a continência dependesse apenas de nossas forças, e eu achava que não as possuía. Era insensato, a ponto de não saber, como diz a Escritura,[24] que ninguém pode ser continente, se tu não lhe concedes tal dom. E tu o terias concedido a mim, se meus gemidos te houvessem ferido os ouvidos; se eu houvesse lançado aos teus pés, com extrema confiança, todas as minhas angústias.[25]

12. O problema do matrimônio

21 Na verdade, Alípio me desaconselhava casar, repetindo-me constantemente que, se o fizesse, já não podería-mos dedicar-nos juntos, com tranqüilidade, à procura da sabedoria, como há tanto tempo o desejávamos. Ele era admirado por observar uma castidade perfeita, tanto mais que, tendo iniciado nos primeiros anos da juventude a experiência sexual, a ela não se apegou; sentiu, pelo contrário, arrependimento e desgosto, passando desde então a viver na perfeita continência. Eu lhe opunha os exemplos de tantos que, embora casados, tinham cultivado os estudos, tinham obtido mérito diante de Deus e conservado fielmente a amizade aos amigos. Eu, porém, estava longe de tal grandeza de alma. Escravo da carne, arrastava minhas cadeias com mortal volúpia, temendo que se quebrassem, e repelia, como se viesse a tocar-me na chaga, a mão de quem queria libertar-me, dando-me bons conselhos.

Ademais, e por meu intermédio, a serpente falava a Alípio,[26] enlaçava-o e servia-se da minha palavra para semear no seu caminho suaves armadilhas e assim enredar-lhe os pés honestos e livres.

22 Pela estima que me dedicava, ele se admirava de que eu estivesse preso ao visco do prazer, a ponto de lhe afirmar, sempre que discutíamos o assunto, ser-me absolutamente

impossível levar vida celibatária. Diante de seu espanto, defendia-me dizendo que havia grande diferença entre sua experiência furtiva e momentânea, da qual praticamente não se recordava — e que podia portanto ser facilmente desprezada — e o caráter habitual dos meus prazeres. Se a estes fosse acrescentado o honesto título de matrimônio, ele não mais se admiraria de que eu não pudesse renunciar àquela vida.

Começou então ele mesmo a desejar o matrimônio, não tanto vencido pela atração do prazer, quanto por certa curiosidade. Dizia que desejava saber que felicidade era essa, sem a qual minha vida, que tanto lhe agradava, não mais pareceria vida, e sim tormento. Livre desse laço, ficava estupefato diante da minha servidão, e isso o estimulava a fazer a experiência. E talvez tivesse caído na mesma escravidão, que no momento lhe causava espanto, pois queria fazer um pacto com a morte;[27] e quem ama o perigo, nele perecerá.[28]

O fato é que apenas superficialmente nos interessava a dignidade do matrimônio, que consiste no dever de levar vida em comum e educar os filhos. Eu, realmente, era escravizado e atormentado pelo hábito de saciar uma insaciável concupiscência, e ele era arrastado ao cativeiro por sua vã curiosidade.

Tal era o nosso estado até que tu, Altíssimo, não abandonando nossa baixeza e tendo piedade de nossa mi-séria, vieste em nosso auxílio de modo admirável e oculto.

15. Noivado de Agostinho

23 Entretanto, insistiam constantemente para que eu me casasse. Já havia pedido uma jovem em casamento e recebera a promessa. Quem mais trabalhava neste sentido era minha mãe, com a idéia de que, uma vez casado, seria purificado pela água salutar do batismo. Alegrava-se de me ver cada vez mais disposto para o receber, notando que na minha fé se realizavam seus desejos e tuas promessas. A meu pedido e por desejo seu, ela te suplicava ardentemente todos os dias que revelasses algum sinal sobre o meu próximo matrimônio, mas tu não quiseste escutá-la. Tinha ela, no entanto, visões provocadas no seu espírito pela força dessa preocupação. E me contava isso, não com a habitual confiança de quando tinha uma revelação tua, mas até com certo desprezo. Ela dizia que sabia discernir, não sei por qual sabor especial (não conseguia explicá-lo com palavras), a diferença entre aquilo que lhe revelavas e os sonhos de sua imaginação. Todavia, insistia junto a mim nesse matrimônio, e foi feito o pedido formal da jovem. Faltavam-lhe ainda dois anos para a idade núbil,[29] mas, por ser do agrado de todos, ia-se esperando.

14. Projetos de vida em comum

24 Éramos muitos os amigos que, sentindo aversão pelos aborrecimentos e tumulto da vida social, tínhamos discutido, projetado, e já quase decidido, retirarmo-nos para vivermos em meditação longe do mundo dos homens. Tínhamos organizado o nosso

retiro, de modo a pôr em comum os bens que possuíamos, formando assim um patrimônio único. Entendíamos que, diante da sincera amizade que nos unia, nada deveria pertencer a este ou àquele. Tudo deveria ser de todos e de cada um. Parecia-nos ser possível reunir numa única sociedade uma dezena de pessoas, algumas muito ricas, sobretudo Roma-niano, meu conterrâneo e grande amigo desde a infância. Problemas relativos a seus negócios o conduziram até a corte.[30] Ele, mais que os outros, insistia nesse projeto, e sua insistência fortalecia nossa idéia, pelo fato de ser ele possuidor de enorme fortuna, muito superior à de todos os outros. Tínhamos estabelecido que dois de nós, cada ano, como verdadeiros magistrados, administraríamos a comunidade, deixando tranqüilos os demais.

Mas, quando se procurou imaginar como seria tal idéia recebida pelas esposas — que alguns já tinham e outros, como eu, desejavam ter —, o plano, tão bem formulado, se desfez em nossas mãos, despedaçou-se e foi abandonado.

Retornamos assim aos suspiros e gemidos, e voltamos a percorrer os largos e trilhados caminhos do século,[31] porque muitos eram os nossos planos,[32] mas o teu plano permanece eternamente.[33] De fato, rias de nossas resoluções e preparavas as tuas, aguardando o momento oportuno para dar-nos o alimento e abrires a mão para saciar-nos com tuas bênçãos.[34]

15. Escravo do prazer

25 No entanto, multiplicavam-se os meus pecados. Quando de mim foi arrebatada a mulher com quem vivia, considerada impedimento ao meu casamento, meu coração, que lhe era afeiçoadíssimo, ficou profundamente ferido e sangrou por muito tempo. Ela voltou para a África fazendo a ti o voto de jamais pertencer a outro homem e deixan-do para mim o filho que me havia dado. Mas eu, infeliz, fui incapaz de imitar a esta mulher! Eu não conseguia suportar a espera de dois anos para receber a esposa que tinha pedido. Na realidade eu não amava o matrimônio; eu era, sim, escravo do prazer. E tratei de arranjar outra mulher, não como esposa legítima, para manter e alimentar intacta ou agravar a doença da minha alma até o casamento, e aí chegar sem haver interrompido meus hábitos.

No entanto não cicatrizara ainda a ferida aberta pela separação de minha companheira. Mas, após o momento da dor mais pungente, a ferida gangrenava e me fazia sofrer, talvez menos agudamente, porém, com maior desesperança de cura.

16. Discute com os amigos o sumo bem e o sumo mal

26 Louvor e glória a ti, que és a fonte de todas as misericórdias!

Eu me tornava cada vez mais miserável, e tu te aproximavas sempre mais de mim. Tua destra estava junto a mim para arrancar-me do lodo e lavar-me, e eu nada percebia. Nada conseguia impedir que eu me afogasse no abismo dos prazeres carnais, a não ser o

temor da morte e do teu futuro juízo que, mesmo através das diversas doutrinas, nunca abandonava o meu espírito.

Discutia com meus amigos Alípio e Nebrídio sobre o fim dos bons e dos maus.[35] No meu conceito, Epicuro teria recebido a palma, se eu não acreditasse que, depois da morte, a alma vive e leva os méritos consigo, o que Epicuro negava. E me indagava: se fôssemos imortais e vivêssemos num perpétuo prazer do corpo, sem temor de perdê-lo, por que não seríamos felizes? Que coisa mais seria preciso procurar? Eu não percebia que nisso consistia a minha miséria. Imerso no vício e cego como estava, não conseguia pensar no esplendor da luz e da beleza, desejáveis por si mesmas, invisíveis aos olhos do corpo e só percebidas no íntimo da alma. Na minha miséria, nem sequer considerava de onde me vinha prazer em conversar com os amigos sobre assuntos tão vergonhosos. Sem amigos, eu não podia ser feliz, nem mesmo no sentido que dava então a esta palavra, apesar da grande abundância de prazeres carnais. Eu não amava esses amigos por interesse, e também eles me amavam desinteressadamente. Oh! caminhos tortuosos! Ai do homem temerário que, afastando-se de ti, pensa encontrar algo bem melhor! Quer se volte ou revire para trás, para os lados ou para a frente, todas as posições lhe são incômodas, pois só em ti acha tranqüilidade. Mas eis que estás aqui, e nos libertas dos erros deploráveis, nos confortas e nos conduzes por teus caminhos, dizendo-nos: Correi, eu vos sustentarei,[36] e vos conduzirei até o fim, e aí vos hei de manter.

1 Sl 71,5.

2 Cf. Sl 73,26.

3 Cf. Lc 7,12-15.

4 Cf. Sl 17,29.

5 Jo 4,14.

6 2Tm 2,15.

7 Cf. Gn 1,26; 9,6.

8 2Cor 3,6.

9 Cf. Sl 117,2.

10 Cf. Cícero, De nat. deorum 1,1.

11 Cf. Eclo 19,4.

12 Cf. Mt 7,13.

13 Cf. Rm 9,5.

14 Parece tratar-se das festas apresentadas para novembro de 385 em comemoração do décimo aniversário de Valentiniano II ao trono. (Coucelle, Recherches sur les Confessions de St. Augustin, Paris, 1950, pp. 80ss.)

15 Cf. Sl 42,11.

16 Alípio será mais tarde bispo de Tagaste.

17 Pr 9,8.

18 Cf. Ez 1,13.

19 Lc 16,10.

20 Lc 16,11.

21 Sl 104,27; 145,15.

22 Cf. III livro, cap. 4.

23 Cf. Cícero, Accad. 2,6; 10,31.

24 Cf. Mt 19,11-12.

25 Cf. Sl 55,23.

26 Cf. Gn 3,1.

27 Cf. Is 28,18.

28 Cf. Eclo 3,27.

29 Teria provavelmente apenas 10 anos, pois o direito romano de Justiniano fixava os 12 anos completos como idade núbil.

30 No período da Tetrarquia, Milão era uma das capitais do império e sede de um dos imperadores.

31 Cf. Mt 7,13.

32 Cf. Pr 19,21.

33 Cf. Sl 33,11.

34 Cf. Sl 145,15s.

35 Cícero, De fin. 1,17.

36 Cf. Is 46,4.

VII LIVRO

A BUSCA DA VERDADE

1. Dificuldade em conceber a essência de Deus

1 Minha juventude cheia de vícios estava morta. Caminhava para a maturidade, e quanto mais avançava em anos, tanto mais vergonhosamente me deixava contaminar pelas coisas vãs. Não conseguia imaginar outra substância além da que os olhos vêem. Não te concebia, ó meu Deus, sob a forma de corpo humano, pois já começara a escutar a verdadeira sabedoria. Aliás, eu sempre fugira desse conceito e me sentia feliz de encontrar, na doutrina de nossa mãe espiritual, a santa Igreja católica, aquilo que no fundo eu sempre havia pensado. Mas não me ocorria outra forma de conceber-te. Esforçava-me por imaginar-te — eu, homem, e que homem! — como o grande, o único e verdadeiro Deus. Com todas as forças da minha alma, eu te considerava incorruptível, inviolável, imutável, pois, embora ignorando a causa e o modo desta certeza, via claramente e estava certo de que tudo aquilo que é sujeito à corrupção é certamente inferior àquilo que não o é. E o que não é passível de corrupção, sem hesitação eu o colocava acima daquilo que é passível. Então compreendia: o que é imutável é melhor do que aquilo que pode mudar.

Meu espírito protestava veementemente contra todos os meus velhos fantasmas, e eu fazia força para afastar, de um só golpe, para longe do olhar da minha mente, o enxame de imagens indignas que esvoaçavam em torno de mim. Mas apenas dispersadas eis que, num abrir e fechar de olhos, voltavam, compactas e violentas, ofuscando-me o olhar. Desse modo, eu era sempre constrangido a imaginar-te, se bem que não sob forma de corpo humano, sempre como algo corpóreo, situado no espaço, seja infuso no mundo, seja difuso pelo espaço infinito fo-ra do mundo. Sempre, porém, uma entidade incorruptível, inviolável, imutável, que eu antepunha ao corruptível, violável, mutável. E isto porque tudo o que não ocupasse lugar no espaço me parecia um nada absoluto, e não um simples vácuo, como sucede quando tiramos do lugar um corpo, seja sólido, seja líquido, seja ainda gasoso, deixando um lugar vazio, quase um nada, situado no espaço.

2 Assim, com a mente perturbada, não conseguindo ver claro nem sequer a mim mesmo, eu considerava como um nada absoluto tudo aquilo que não se estendesse em certo espaço, ou não tivesse capacidade de se difundir, condensar-se, dilatar-se ou adquirir uma dessas características. De fato, meu pensamento não ia além das coisas que se vêem com os olhos do corpo, e só compreendia, mas não percebia, que essa tensão interior, que me permitia formar tais imagens, não era da mesma natureza dos corpos, e que ela não podia imaginá-las, se não fosse ela mesma algo de grande. E a ti, vida de minha vida, também a ti eu te concebia como entidade que se estende por toda parte, e vai penetrando, através dos espaços infinitos, em todo o universo, e alastrando-se também fora dele na imensidão sem limites. Desse modo, a terra, o céu e todas as coisas te

continham, e todas elas encontravam em ti seu limite, enquanto tu não eras limitado por nada. E já que a massa de ar sobre a terra não é obstáculo aos raios do sol e não impede que eles a atravessem sem rasgá-la ou cortá-la, mas pervadindo-a inteiramente, eu julgava que de igual modo pudesses penetrar não só nas substâncias do céu, do mar e do ar, mas também na substância da terra, e que esta fosse capaz de acolher tua presença em toda a sua extensão, nas partes grandes e pequenas. Com teu sopro misterioso governavas interna e exteriormente tudo o que criaste. Tais eram minhas con-jecturas — nem podiam ser diferentes — e no entanto estavam erradas. Dessa maneira, uma parte maior da terra deveria conter uma parte maior de ti, ao passo que a menor conteria parte menor. Assim, tudo estaria pleno de ti, de tal modo que o corpo do elefante possuiria uma parte maior que a de um pardal, por ser maior e ocupar maior espaço. E assim estarias presente nas várias partes do mundo, partindo-te aqui e ali em fragmentos maiores ou menores, conforme as partes ou maiores ou menores do universo.

No entanto, não é assim, mas tu não me havias dissipado as trevas da mente.

2. Objeção de Nebrídio aos maniqueus

3 Bastava-me, Senhor, usar contra aqueles maniqueus, ao mesmo tempo enganados e enganadores, faladores e mudos — pois de sua boca não saía a tua palavra — bastava-me, repito, usar a objeção que Nebrídio costumava fazer desde quando estávamos em Cartago, e que atingia a todos os que a ouviam! O que poderia fazer contra ti essa raça de trevas — que habitualmente os maniqueus utilizam como massa hostil — se tivesses recusado combatê-la? Se respondessem que te seria prejudicial, serias então violável e corruptível; se dissessem que não serias atingido, deixaria de haver motivo para a luta, na qual uma parte de ti, ou um membro teu, ou um produto de tua própria substância, se misturaria com as forças inimigas e com naturezas não criadas por ti. Estas o corromperiam e o degradariam a tal ponto que, caindo da felicidade para a miséria, precisaria de auxílio para libertar-se e purificar-se. Essa parte da tua própria substância seria a alma humana que, escravizada, contaminada e corrompida, seria socorrida pelo teu Verbo — livre, puro, íntegro — e, no entanto, também corruptível, porque feito da mesma substância da alma. Se os mani-queus admitem que tu és incorruptível, qualquer que seja tua substância, então todas as suas teses são falsas e condenáveis. Pelo contrário, se afirmam que és corruptível, tal afirmação é, por si mesma, falsa e abominável ao simples enunciado. Bastava-me, portanto, este argumento contra aqueles que eu devia de qualquer modo expulsar do meu peito oprimido, pois, pensando e falando de ti dessa maneira, não tinham outra saída a não ser um horrível sacrilégio de língua e coração.

3. A origem do mal

4 Mas até esse momento eu sustentava tua intangi-bilidade e total imutabilidade e acreditava nelas, ó nosso Deus verdadeiro, que fizeste não só nossas almas, mas também

nossos corpos, e não só nossas almas e corpos mas todos os seres e todas as coisas. Não tinha, no entanto, idéia clara e nítida da causa do mal. No entanto, qualquer que ela fosse, o procurá-la não poderia obrigar-me a ter por mutável um Deus imutável, se não quisesse tornar-me eu mesmo aquilo que eu procurava. Por isso, na minha busca tranqüila, eu estava certo quanto à falsidade da doutrina daqueles, de quem me havia afastado por convicção. Via, realmente, que estudavam o problema da origem do mal, estando eles próprios imersos na malícia, a ponto de preferirem imaginar tua substância sujeita ao mal, a se reconhecerem capazes de cometê-lo.

5 Esforçava-me por compreender o significado do que ouvia dizer sobre a livre determinação da vontade, como causa do mal que praticamos, e o teu reto juízo[1] como motivo de sofrermos esse mal. Mas era incapaz de ver isso cla-ramente.

Eu tentava arrancar o meu espírito do abismo, mas afundava de novo, e, apesar dos reiterados esforços, afundava muitas e muitas vezes. A erguer-me para a tua luz, ajudava-me o fato de estar seguro de ter tal vontade, assim como tinha a certeza de estar vivo. Tinha a certeza de que, sempre que decidia querer ou não querer uma coisa, era eu e não outro quem queria, e via cada vez melhor que aí estava a causa de meu pecado. Do mesmo modo, estava convencido de que as ações que eu praticava contra a minha vontade eram sofridas por mim enquanto vítima, e não as considerava faltas, e, refletindo sobre a tua justiça, não tinha dificuldade em reconhecê-las como merecido castigo. Por outro lado, continuava a me perguntar: “Mas quem me criou? Não foi o meu Deus, que não somente é bom, mas é ele a própria bondade? Como explicar que a minha vontade tenda para o mal e não para o bem? Será isso talvez uma punição justa? Quem plantou em mim esses germes de sofrimento e os alimentou, uma vez que sou criatura do meu Deus que é cheio de amor? Se foi o diabo, de onde vem ele? Se também ele se tornou diabo por sua própria vontade perversa, ele que era um anjo bom inteiramente criado por um Deus de bondade, de onde lhe veio essa vontade má que o tornou diabo”? E eu ficava novamente deprimido diante de tais reflexões, e sentia-me sufocado, mas de modo algum arrastado àquele inferno do erro, “em que ninguém te confessa”,[2] preferindo crer que estás sujeito ao mal a considerar o homem capaz de cometê-lo.

4. Deus é incorruptível

6 Eu procurava descobrir as outras verdades, assim como já tinha descoberto que ser incorruptível é melhor que ser corruptível. Por isso eu confessava que tu, o que quer que fosses, devias ser incorruptível. De fato, nenhum espírito pôde ou poderá jamais imaginar algo melhor que tu — supremo e perfeito bem. Sendo absolutamente certo e verdadeiro que o incorruptível é preferível ao corruptível (como eu já admitia), eu poderia, caso não fosses incorruptível, atingir com o pensamento algo mais perfeito do que o meu Deus. Portanto, logo que percebi que o incorruptível é preferível ao corruptível, eu deveria ter buscado a ti imediatamente e, daí, partir para ver onde está o mal, isto é, de onde provém a própria corrupção, que de modo algum pode afetar tua

substância. De modo algum pode a corrupção afetar o nosso Deus, seja por uma vontade, seja por qualquer necessidade ou seja por qualquer acontecimento imprevisto, porque ele é o próprio Deus, e tudo o que quer para si é bom, e ele próprio é o bem; porém estar sujeito à corrupção não é um bem. Tu não podes ser obrigado a alguma coisa contra a tua vontade, pois tua vontade não é maior que o teu poder; e somente seria maior, se fosses maior que tu mesmo. O poder e a vontade de Deus são o próprio Deus. Para ti, que tudo conheces, existe acaso algo imprevisto? Enfim, nenhum ser existe, senão enquanto o conheces. Mas por que gastar tantas palavras para demonstrar que Deus não é substância corruptível, quando, se o fosse, já não seria Deus?

5. Ainda o problema da origem do mal

7 Eu pesquisava mal a origem do mal, e não enxergava o mal que havia na própria busca. Fazia comparecer, ao olhar do meu espírito, toda a criação, tudo aquilo que nela podemos perceber com os olhos, isto é, a terra, o mar, as estrelas, as árvores, os seres animados e tudo que nos é invisível, como o firmamento celeste, os anjos e todos os seres espirituais que nele habitam, espíritos esses distribuídos pela minha imaginação em tal e tal lugar, como se fossem substâncias corpóreas. Desse modo, eu fazia de tuas criaturas uma enorme e única massa, na qual se distinguem diversos gêneros de corpo — aqueles que são realmente corpos e os espirituais que minha imaginação tornava corpóreos.

E essa massa eu a imaginava imensa, não tanto quanto realmente é — pois não o podia saber —, mas tanto quanto me agradava, embora limitada de todos os lados, envolta e de todas as partes penetrada por ti, Senhor, que permanecias infinito em todas as direções, como um mar que, em toda parte e por todos os lados, formaria um mar imenso, estendendo-se infinitamente na imensidade, contendo dentro de si uma esponja enorme porém limitada e toda embebida desse mar imenso. Assim imaginava eu a tua criação, limitada, mas cheia de ti, que és infinito. E dizia: “Eis Deus, e eis as suas criaturas. Deus é bom, poderosíssimo e imensamente superior a elas. Sendo bom, criou coisas boas, e assim as envolve e completa. Mas então onde está o mal, de onde veio e como conseguiu penetrar? Qual a sua raiz, qual a sua semente? Ou talvez não exista? Por que tememos então e evitamos o que não existe? Se tememos o mal sem motivo algum, é esse temor um mal, enquanto sem motivo nos perturba o coração, e tanto mais grave quanto nada há que temer. Portanto, ou o mal que tememos existe, ou o próprio fato de temê-lo é um mal. Mas de onde vem o mal, se Deus é bom e fez boas todas as criaturas? [3] Ele é certamente o sumo bem, e as criaturas são bens menores. Mas, criador e criaturas, todos são bons. De onde então vem o mal? Porventura da matéria que ele usou? Haveria nela algo de mal, e Deus, ao dar-lhe forma e ordem, teria deixado algo por transformar em bem? E por que teria procedido dessa maneira? O Onipotente teria sido impotente para convertê-la, de modo que nela não permanecesse mal nenhum? Enfim, por que empregou essa matéria, ao invés de usar sua onipotência para reduzi-la ao nada? Poderia ela existir contra a vontade dele? E se era eterna, por que a deixou subsistir nesse

estado por um tempo infinito, para só depois decidir fazer uso dela? Ou se a decisão de agir foi repentina, por que sua onipotência não a reduziu ao nada, para que subsistisse apenas ele, verdadeiro, sumo e infinito bem? Ou se não era bom que a Bondade deixasse de realizar coisas boas por que não aniquilou a matéria má reduzindo-a ao nada, estabelecendo outra que fosse boa e com ela criando todas as coisas? Que onipotência era a sua, se não podia criar algo de bom sem o auxílio de matéria não criada por ele"?

Tais eram as reflexões que agitavam meu pobre espírito, já sob o peso da pungente preocupação de morrer sem conseguir descobrir a verdade. Permanecia no entanto firmemente enraizada em meu coração a fé na Igreja católica do "teu Cristo; Senhor e Salvador nosso".[4] Fé incerta ainda em muitos pontos e que flutuava para além do limite da justa doutrina, porém não abandonada pelo meu espírito, que cada vez mais delas se embebia.

6. Refutação da astrologia

8 Eu já havia rejeitado também as enganadoras predições e ímpios delírios dos astrólogos. Mais um motivo, meu Deus, para proclamar do fundo de minha alma louvores à tua misericórdia para comigo![5] De fato, quem pode arrancar-nos da morte do erro, senão a Vida que não conhece morte, a Sabedoria que ilumina as inteligências carentes, sem precisar de luz alguma, e que governa todo o mundo, até as folhas agitadas pelo vento? — Por isso, tu, somente tu venceste a obstinação com que eu outrora me opusera ao velho sábio Vindiciano[6] e ao magnânimo jovem Nebrídio. Aquele afirmava com veemência, e este repetia com freqüência, embora menos categoricamente, que o primeiro: não existe a arte de prever o futuro, mas o acaso vem muitas vezes em auxílio das conjecturas dos homens e, dentre as muitas coisas que se dizem, várias se dizem e depois se realizam, sem que tenha consciência delas aquele que as afirma, mas apenas adivinha, porque não se cala. Tu me fizeste encontrar um amigo que freqüentemente consultava os astrólogos, sem no entanto conhecer-lhes a doutrina; agradava-lhe simplesmente consultá-los. E no entanto sabia de um episódio que ele dizia narrado pelo pai, e cujo valor para destruir a fé nessa arte ele não percebia. Esse amigo chamava-se Firmino. Educado nas disciplinas liberais, era dotado de muita eloqüência. Sendo eu o seu melhor amigo, consultou-me um dia sobre certos interesses em que depositava grandes esperanças mundanas, pedindo-me o parecer sobre as suas "constelações". Eu, que começava então a pender para a opinião de Nebrídio, ainda que não me negasse a fazer alguma conjectura e a manifestar os prognósticos que me vinham à mente já hesitante, acrescentei que estava quase persuadido da ridícula inutilidade de tais práticas. Contou-me então, que seu pai se interessava muito pelos livros de astrologia, tendo um amigo que, como ele, cultivava tais estudos. Estavam ambos tão empolgados por apaixonada curiosidade em relação a essas tolices, que chegavam a ponto de observar os momentos em que nasciam os animais domésticos, relacionando-os às posições dos astros nesses momentos, a fim de recolherem dados experimentais dessa pretensa

ciência. Disse-me que seu pai lhe havia contado que, estando sua mãe grávida de Firmino, encontrava-se também grávida uma empregada daquele amigo de seu pai. Tal fato não podia ter escapado ao patrão, atento como era em registrar com extremo cuidado e exatidão até as datas dos partos de seus cães. Assim os dois amigos calcularam, através das mais escrupulosas observações, os dias, horas e as menores frações da hora, até a ocorrência dos partos da esposa e da empregada. Aconteceu que as duas mulheres deram à luz no mesmo instante, e assim eles foram obrigados a compor horóscopos idênticos, nos mínimos detalhes, para ambos os recém-nascidos, um para o filho e outro para o pequenino escravo. De fato, mal as duas mulheres sentiram as primeiras dores, mantiveram-se os dois amigos mutuamente informados do que acontecia nas respectivas casas. Tinham também providenciado dois mensageiros, para que fossem imediatamente avisados do instante de cada nascimento. Por isso, não foi difícil obter imediatamente a notícia, tal como um rei em seu reino. Segundo o relato de Firmino, os dois mensageiros encontraram-se a igual distância das duas casas, tanto que não lhes foi possível notar a menor diferença na posição dos astros nem a menor divergência de tempo. No entanto, Firmino, nascido de família nobre, seguia pelos caminhos mais brilhantes do mundo, enriquecia-se cada vez mais e era cumulado de honras; ao passo que o escravo, não libertado de sua humilde condição, continuava a servir seus patrões, segundo o testemunho de Firmino, que bem o conhecia.

9 Tendo ouvido esse fato, e nele acreditando pela seriedade do narrador, foram vencidas minhas últimas dúvidas. Em primeiro lugar, esforcei-me por afastar Firmino dessa vã curiosidade, explicando-lhe que, para predizer-lhe a verdade após examinar-lhe o horóscopo, deveria dis-cernir a importância de seus pais, a nobreza da família na sua cidade, a honestidade de sua estirpe, a educação esmerada e a instrução de homem livre que recebeu. Mas se con-sultasse os mesmos astros para o escravo, uma vez que o horóscopo era o mesmo, querendo dizer também a ele a verdade, deveria ler que sua família era humílima, de condição servil e com outras características bem diversas das precedentes. Portanto, pelo exame dos mesmos sinais, deveria chegar a conclusões diversas, se quisesse dizer a verdade; de outro modo, estaria mentindo. Donde se conclui que as respostas verdadeiras, tiradas da observação das constelações, não procedem da arte, mas do acaso; e as falsas, não da ignorância da arte, mas da falta de sorte.

10 O caminho já estava aberto. Eu ruminava, de mim para mim, como enfrentar a objeção com que me poderiam refutar esses loucos que viviam do ofício das predições e que eu, agora, estava pronto a atacar e confundir, cobrindo-os de ridículo, caso viessem a dizer-me que Firmino me havia contado fatos inexatos ou, então, que tinha sido induzido em erro pelo pai.

Passei então a considerar o caso dos que nascem gêmeos. Em geral, à saída de um deles do ventre materno segue-se a do outro tão de perto, que o breve intervalo de tempo, por mais que alguém queira considerá-lo, escapa à observação do homem e não pode absolutamente ser considerado entre os sinais de que lança mão o astrólogo para produzir um diagnóstico certo. E os vaticínios nunca serão exatos. De fato, no caso de

Esaú e Jacó,[7] por exemplo, o astrólogo, vendo que os sinais eram iguais, deveria formar horóscopos idênticos, e no entanto suas sortes não foram as mesmas. Portanto, ou o astrólogo vaticinava falsidades ou, no caso de falar certo, não podia prever o mesmo destino para ambos, ainda que os dados fossem os mesmos. Não seria portanto pela arte que o astrólogo diria a verdade, e sim pelo acaso.

Tu, porém, Senhor, justo organizador do universo, por meio de secretas inspirações e segundo os méritos pessoais que somente tu, no abismo de tua justiça, podes julgar, dás a cada um a resposta adequada, sem que o saibam consulentes e consultados. Ninguém, pois, se atreva a dizer: "Como é isto? Por que aconteceu"? Não diga, não diga, pois é apenas homem.

7. Em busca da origem do mal

11 Desse modo, ó meu Socorro,[8] tu me havias liberta-do dessas cadeias. Eu, porém, continuava a procurar a origem do mal, e não encontrava resposta. No entanto, não permitias que o turbilhão de pensamentos me afastasse da fé. Eu acreditava em tua existência, na imutabilidade de tua substância, no teu governo sobre os homens, na tua justiça. Acreditava que em Cristo, teu Filho e Senhor nosso, e nas Sagradas Escrituras, garantidas pela tua Igreja católica, havias colocado o caminho da salvação para a humanidade, a fim de atingir a vida que começará depois da morte.

Essas verdades estavam firmes e bem arraigadas no meu espírito; eu, porém, estava ansioso para conhecer a origem do mal. Que sofrimento para o meu coração! Estava como em dores de parto! Que gemidos, meu Deus! No entanto, estavam aí os teus ouvidos, e eu não sabia. Quando calado me esforçava na procura, os silenciosos espasmos do meu espírito eram como que altos brados que se elevavam para invocar tua misericórdia. Somente tu conhecias os meus sofrimentos; ninguém mais. De fato, quanto era o que eu fazia chegar, com a palavra, aos ouvidos de meus amigos mais íntimos? Porventura chegava até eles todo o meu tumulto interior, que nem o tempo nem as palavras bastavam para exprimir? Aos teus ouvidos, porém, chegavam os "gemidos que rugiam no meu coração. Em tua presença, Senhor, estão todos os meus anseios; a luz dos meus olhos não estava contigo".[9] A luz estava no meu interior, mas eu olhava para fora. Ela não estava em local determinado, enquanto eu só olhava para as coisas situadas em certo lugar, sem achar aí um lugar para repousar. Realmente, não me davam possibilidade de dizer: "Isto me basta, estou bem"! Por outro lado, não me permitiam retornar para onde estivesse bem. Eu era superior a essas coisas; sempre, porém, inferior a ti. Se eu me submetesse a ti, tu terias sido minha verdadeira alegria, tu que tinhas submetido a mim as criaturas inferiores.[10]

Teria sido esse o equilíbrio perfeito e o centro de minha salvação: eu teria permanecido conforme a tua imagem,[11] e, servindo-te, teria dominado o meu corpo. Mas, na minha soberba, levantava-me contra ti e contra o meu Senhor eu me atirava, protegido pelo escudo de minha dura cerviz.[12] Por sua vez, as criaturas inferiores me

dominavam e me oprimiam, sem me deixarem um lugar de repouso e de alívio. Assaltavam-me de toda parte em massas compactas, enquanto eu as observava; se me concentrava, essas imagens corporais me interceptavam o pensamento, como a dizer: “Aonde vais tu, ser indigno e sórdido”? Tudo provinha da minha ferida, porque “humilhaste o soberbo como a um homem ferido”.[13] Minha presunção separava-me de ti. Meu rosto, de tão inchado, me fechava os olhos.

8. A misericórdia de Deus o socorre

12 “Tu, Senhor, permaneces para sempre”,[14] mas “tua có-lera contra nós não dura eternamente”.[15] Tu te compadeces-te da terra e do pó, e quiseste reformar minhas deformi-dades. Com um aguilhão secreto provocavas em mim a in-quietude, para que eu me mantivesse insatisfeito, até que te tornasses uma certeza ao meu olhar interior. Meu tumor diminuía ao contato misterioso de tua mão benfazeja. A vista perturbada e obscurecida de minha inteligência me-lhorava dia a dia, graças ao colírio de dores curativas.

9. Primeira leitura dos neoplatônicos

13 Quiseste mostrar-me, antes de tudo, como fazes resistência aos soberbos e concedes tua graça aos humildes,[16] e como em tua misericórdia quiseste indicar o caminho da humildade, visto que o teu Verbo se fez carne e habitou entre os homens.[17] Tu me proporcionaste, através de um homem inflado de orgulho imenso, alguns livros dos platônicos traduzidos do grego para o latim, onde encontrei escrito, se não com as mesmas palavras, certamente com o mesmo significado e com muitas provas convincentes, o seguinte: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele, e sem ele nada foi feito. E o que foi, é a vida nele, e a vida era a luz dos homens, e a luz brilha nas trevas, e as trevas não a apreenderam”.[18] Aí encontrei também que a alma do homem, embora dê testemunho da luz, não é a própria luz.[19] Mas, o Verbo, que é Deus, é “a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo. Ele estava no mundo, e o mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não o conheceu.[20] No entanto, nesses livros não encontrei escrito que “ele veio para o que era seu, e os seus não o receberam, e que a todos que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus porque creram nele”.[21]

14 Li escrito nesses livros que o Verbo, que é Deus, nasceu, não da carne nem do sangue, “não da vontade do homem, nem da vontade da carne, mas de Deus”.[22] Mas não encontrei escrito nesses livros que o “Verbo se fez carne e habitou entre nós”.[23] Aí encontrei, expresso de muitos e diversos modos, que o Filho, tendo a condição divina,

não considerou como usurpação ser igual a Deus,[24] porque ele o é por natureza.

Mas esses livros não dizem que ele se "esvaziou a si mesmo e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o ressuscitou dos mortos e o agraciou com o Nome que está acima de todo nome, de modo que, ao nome de Jesus, todo joelho se dobre dos seres celestes, dos terrestres e dos que vivem sob a terra, e toda língua confesse que o Senhor Jesus está na glória de Deus Pai".[25]

Encontrei aí que o teu Filho unigênito, eterno contigo, permanece imutável antes e acima de todos os séculos; que as almas, para serem bem-aventuradas, recebem da plenitude dele,[26] e que, para serem sábias, são renovadas pela participação na sabedoria que permanece por si. Mas não está escrito que "no tempo marcado morreu pelos ímpios"[27] e que não quiseste poupar teu único Filho, e o entregaste por todos nós.[28]

"Porque ocultaste essas coisas aos sábios e as revelaste aos pequeninos",[29] a fim de que viessem a ele os atribulados e oprimidos, para serem aliviados, porque ele é manso e hu-milde de coração.[30] Conduz os pequenos na justiça e ensina os seus caminhos aos mansos,[31] já que conhece bem a nos-sa miséria e a nossa dor, e nos perdoa todos os pecados.[32]

Aqueles, no entanto, que se apóiam em doutrina por eles considerada mais sublime, não o escutam quando diz: "Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis repouso para as vossas almas".[33] Ainda que conhecendo a Deus, não o glorificam como Deus, nem lhe rendem graças; pelo contrário, perdem-se em vãos arrazoados, e seu coração insensato fica nas trevas. Proclamando-se sábios, na realidade tornam-se estultos.[34]

15 Por isso, nesses livros eu lia também que a glória do Deus incorruptível fora transformada em ídolos e simulacros de todo gênero, à imagem do homem corrup-tível e de aves, quadrúpedes e répteis,[35] qual alimento dos egípcios; como este Esaú perdeu o direito de primo-genitura,[36] pois o teu povo primogênito adorou uma cabeça de quadrúpede, ao invés de adorar a ti,[37] e voltou o próprio coração para o Egito, curvando tua imagem, isto é, a própria alma, diante da imagem de um bezerro que come feno.[38]

Nesses livros encontrei tais coisas, mas delas não me alimentei. De fato, Senhor, quiseste arrancar Jacó do opróbrio da inferioridade, para que o maior servisse o menor.[39] E assim chamaste os gentios[40] à tua herança. Eu também cheguei a ti, vindo do meio dos gentios, e in-teressei-me pelo ouro que, por tua vontade, o povo eleito trouxera do Egito, pois era teu, onde quer que estivesse.[41]

Disseste aos atenienses, por intermédio do teu Apóstolo, que "em ti temos a vida, o movimento e o ser, como disseram alguns",[42] como eles mesmos afirmam. Certamente aí se inspiraram esses livros.

Mas não me interessaram os ídolos dos egípcios, aos quais ofereciam sacrifícios,

usando o teu ouro, “aqueles que trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram à criatura em lugar do Criador”.[43]

10. A leitura dos platônicos leva Agostinho a buscar no próprio íntimo a verdade

16 Instigado por esses escritos a retornar a mim mesmo, entrei no íntimo do meu coração sob tua guia, e o consegui, porque tu te fizeste meu auxílio.[44] Entrei e, com os olhos da alma, acima destes meus olhos e acima de minha própria inteligência, vi uma luz imutável. Não era essa luz vulgar e evidente a todos com os olhos da carne, ou uma luz mais forte do mesmo gênero. Era como se brilhasse muito mais clara e tudo abrangesse com sua grandeza. Não era uma luz como esta, mas totalmente diferente das luzes desta terra. Também não estava acima de minha mente como o óleo sobre a água nem como o céu sobre a terra, mas acima de mim porque ela me fez, e eu abaixo porque fui feito por ela. Quem conhece a verdade conhece esta luz, e quem a conhece conhece a eternidade. O amor a conhece. Ó eterna verdade, verdadeira caridade e querida eternidade! És o meu Deus, por ti suspiro “dia e noite”.[45] Desde que te conhe-ci, tu me elevaste para me fazer ver que havia algo para ser visto, mas que eu era incapaz de ver. Atingiste minha vista enferma com a tua irradiação fulgurante, e eu tremi de amor e de temor. Percebi que estava longe de ti, numa região desconhecida,[46] e parecia-me ouvir tua voz do alto: “Eu sou o pão dos fortes: cresce, e de mim te alimentarás. Não me transformarás em ti, como fazes com o alimento do corpo, mas te transformarás em mim”. Compreendi então que “corrigiste o homem por sua iniqüidade e secaste a minha alma como teia de aranha”.[47] E eu disse: “Porventura deixará de existir a verdade, por não ser uma realidade difusa pelos espaços finitos e infinitos”? E tu me gritaste de longe: “Na verdade, eu sou aquele que sou”.[48] E ouvi como se ouve no coração, e já não tive motivo para duvidar. Mais facilmente duvidaria de estar vivo do que da existência da verdade, a qual se apreende através das coisas criadas.[49]

11. As criaturas existem e não existem

17 Observando as outras coisas que estão abaixo de ti, compreendi que absolutamente não existem, nem total-mente deixam de existir. Por um lado existem, pois provém de ti; por outro não existem, pois não são aquilo que és. Só existe realmente aquilo que permanece imutável. “Bom para mim é apegar-me com Deus”,[50] porque, se eu não permanecer nele, tampouco poderei permanecer em mim mesmo. “Ele, imutável em si mesmo, renova todas as coisas.[51] Tu és o meu Senhor, porque não tens necessidade de meus bens”.[52]

12. Tudo que existe é bom o mal não é uma substância

18 Vi claramente que as coisas corruptíveis são boas. Não se poderiam corromper se fossem sumamente boas, ou se não fossem boas. Se fossem absolutamente boas, não seriam corruptíveis. E se não fossem boas, nada haveria a corromper. A corrupção de fato é um mal, porém, não seria nociva se não diminuísse um bem real. Portanto, ou a corrupção não é um mal, o que é impossível, ou — e isto é certo — tudo aquilo que se corrompe sofre uma diminuição de bem. Mas privadas de todo bem, deixariam inteiramente de existir. Se de fato continuassem a existir sem que pudessem corromper-se, seriam melhores, porque permaneceriam incorruptíveis. Mas haverá maior absurdo do que afirmar que as coisas se tornariam melhores perdendo todo o bem? Portanto, se são privadas de todo o bem, deixarão totalmente de existir. Logo, enquanto existem, são boas. Portanto, todas as coisas, pelo fato de existirem, são boas. E aquele mal, cuja origem eu procurava, não é uma substância. Porque, se o fosse, seria um bem. Na verdade, ou seria substância incorruptível, e portanto um grande bem; ou seria substância corruptível, e então, se não fosse boa, não se poderia corromper. Desse modo, vi e me pareceu evidente que criaste boas todas as coisas, e que nada existe que não tenha sido criado por ti. E porque não as criaste todas iguais, cada uma em particular existe porque é boa, e tomadas em conjunto são muito boas. De fato, o nosso Deus "criou todas as coisas muito boas".[53]

13 . Bondade de todas as criaturas

19 Em ti o mal não existe de forma alguma; e não só em ti, mas em quaisquer criaturas tomadas em sua universalidade. Porque, fora da tua criação nada existe que possa invadir ou corromper a ordem por ti estabelecida.

Todavia, entre essas criaturas, algumas partes existem que são consideradas más por não estarem umas em harmonia com as outras, porém, mesmo essas são boas em si, enquanto se ajustam com outras partes. E todas essas partes que não concordam entre si, no entanto, se harmonizam com a parte inferior do universo que chamamos terra, a qual é provida de um céu com nuvens e ventos, conforme as necessidades. Longe de mim este pensamento: "Melhor seria se tais coisas não existissem"! Eu poderia desejar que fossem melhores, ainda que considerasse somente essas coisas, mas não posso deixar de agradecer-te, pois tu és digno de louvor, como proclamam "os monstros e abismos marinhos, o fogo e o granizo, a neve e o gelo, os ventos da tempestade que executam tua palavra, as montanhas e colinas, as árvores frutíferas e todos os cedros, as feras e todos os rebanhos, os répteis e aves. Os reis da terra e todos os povos, os príncipes e todos os juízes da terra, os jovens e virgens, os anciãos e crianças louvem o nome do Senhor".[54] Mas como és louvado também nos céus, ó Deus, que te louvem todos os teus anjos nas alturas, todas as potestades, o sol e a lua, todas as estrelas, a luz, os céus dos céus e as águas que estão acima do firmamento,[55] louvem todos o teu nome. Eu já não podia desejar nada melhor, pois, refletindo de modo mais sensato a respeito disso tudo,

compreendia que se as cria-turas superiores são melhores que as inferiores, o conjunto de todas é ainda melhor.

14. Rejeição do dualismo maniqueísta

20 Aqueles que se desagradam de algo de tua criação, não julgam corretamente, como também eu não estava certo no meu julgamento quando me desagradavam muitas coisas que criaste. Como minha alma não ousava desgostar-se do meu Deus, recusava considerar como obra tua tudo o que não lhe agradava; lançou-se então na teoria das duas substâncias, mas não encontrava paz, e usava somente linguagem alheia. Em seguida, abandonando essa idéia, minha alma construiu para si a figura de um Deus que se difundia pelos espaços infinitos, imaginando que eras tu, e em seu coração a colocou, transformando-se assim novamente em templo do seu ídolo[56] abominável a teus olhos. Mas quando tu, sem que eu o percebesse, me tomaste a cabeça entre as mãos e "fechaste os meus olhos, para que não vissem a vaidade",[57] desprendi-me um pouco de mim mesmo, e minha loucura amansou. Em ti eu despertei, e te vi infinito, mas de outro modo, e minha visão não mais provinha da carne.

15. Todas as coisas devem a Deus a própria existência

21 Volvi o olhar para as outras coisas, e vi que devem a existência a ti e são todas limitadas em ti, porém de modo diferente, não como no espaço: na verdade, tu tens todos como na palma da mão, porque todas as coisas são verdadeiras enquanto existem, e não há falsidade senão quando pensamos existir o que não existe. Vi que cada coisa se harmoniza, não só com seu lugar, mas também com sua época. Vi que tu, único ser eterno, não começaste a agir depois de incalculáveis espaços de tempo, porque todos esses espaços de tempo, passados ou futuros, não poderiam ir nem vir se tu não agisses, e não fosses permanente.

16. O mal como perversão da vontade

22 Por experiência compreendi que não é de admirar se o pão, que é tão agradável ao paladar do homem sadio, parece tão detestável ao enfermo, e que a luz, tão cara aos olhos límpidos, seja desagradável aos olhos irritados. Tua justiça desagrada aos homens maus, e com maior razão lhes desagradam as víboras e vermes que criaste bons e de acordo com a parte inferior da criação. Com esta parte também os malvados estão de acordo, e tanto mais quanto mais diferem de ti. Por outro lado, os justos são tanto mais parecidos com os elementos superiores da criação, quanto mais se tornam semelhantes a ti. E procurando o que era a iniqüidade compreendi que ela não é uma substância existente em si, mas a perversão da vontade que, ao afastar-se do Ser supremo, que és tu, ó Deus, se volta para as criaturas inferiores; e, esvaziando-se por dentro, pavoneia-se

exteriormente.

17. Gradual ascensão na descoberta de Deus

23 Admirava-me de agora amar a ti, e não a um fantasma em teu lugar. Mas, ao mesmo tempo, eu não era estável no gozo do meu Deus. Atraído por tua beleza, era logo afastado de ti por meu próprio peso, que me fazia precipitar gemendo por terra. Esse peso eram os meus hábitos carnais; mas a tua lembrança me acompanhava, e eu já não duvidava absolutamente da existência de um ser a quem devia estar unido, se bem que ainda não fosse capaz disso, porque "o corpo corruptível torna pesada a alma, e a morada terrestre oprime o espírito carregado de cuidados".[58] Eu estava absolutamente seguro de que "a tua realidade invisível — teu eterno poder e tua divindade — tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas".[59] Eu procurava os motivos pelos quais apreciava a beleza dos corpos, quer celestes, quer terrenos, e a razão dos juízos que com eqüidade eu fazia sobre os seres mutáveis quando dizia comigo mesmo: "Isto está bem assim, aquilo não". E procurando descobrir, em que me baseava para julgar dessa maneira, acima de minha inteligência mu-tável, a verdade autêntica, a eternidade imutável. Desse modo, elevei-me gradualmente do corpo até a alma, a qual sente por meio do corpo, e da alma até a sua força interior, à qual os sentidos comunicam a realidade exterior, e que é o limite atingido pelas faculdades dos animais. Daí su-bi até ao poder de raciocínio, que julga conforme a percep-ção fornecida pelos sentidos corporais. Mas, como também essa potência se reconhece mutável, elevou-se até a inteligência e, afastando o pensamento de suas cogitações ha-bituais; desembaraçou-se do turbilhão de fantasias contraditórias, descobrindo então qual a luz que lhe iluminava a inteligência ao afirmar com segurança que o imutável é preferível ao mutável. Por conseguinte, daí vinha a ela o próprio conceito de imutabilidade, conceito esse que de algum modo a inteligência devia possuir para que pudesse preferi-lo ao que é mutável. Foi assim que, num lampejo de comovida intuição, ela chegou até aquele que é. Percebi então o invisível que em ti se torna compreensível através das coisas criadas. Mas não fui capaz de fixar o olhar em ti e, sentindo renascer minha fra-queza, voltei aos objetos habituais. Eu guardava comigo apenas uma recordação amorosa, e o desejo do alimento, cujo aroma sentira, mas que não podia ainda comer.

18. Agostinho ainda ignorava Cristo mediador

24 Eu buscava um meio que me desse forças para gozar de ti, mas não o encontraria, enquanto não aderisse "ao mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus,[60] que acima de todas as coisas é o Deus bendito pelos séculos",[61] e que chama e diz: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida".[62] Ele junta à carne aquele alimento que eu não era capaz de tomar, pois que "o Verbo se fez carne",[63] para que a tua sabedoria, pela qual criaste o universo, se tornasse o leite da nossa infância. Eu não tinha a humildade sufi-

ciente para possuir o meu Deus, o humilde Jesus, nem conhecia as lições que a sua fraqueza nos dava. De fato, o teu Verbo, verdade eterna, exaltado sobre as criaturas mais sublimes, eleva a si os que lhe são sujeitos, e ao mesmo tempo constrói nas partes inferiores, com o nosso lodo, uma habitação humilde, e assim faz que se arranquem de si mesmos aqueles que aceitam a submissão, a fim de atraí-los a ele, curando-lhes o orgulho e alimentando-lhes o amor. Ele não quis que se afastassem muito, contando com as próprias forças; ao contrário, que se sentissem fracos ao ver a seus pés a divindade tornada fraca, porque participante de nossa veste carnal; e que, fatigados, se apoiassem na divindade, para que ela, erguendo-se, os exaltasse.

19. O mistério encerrado nas palavras: o verbo se fez carne

25 Contudo, eu pensava de outro modo. Para mim, Cristo Jesus, o meu Senhor, era apenas um homem de ex-traordinária sabedoria, ao qual ninguém poderia igualar-se, sobretudo pelo milagroso nascimento de uma virgem — para dar-nos o exemplo de desprezo pelas coisas temporais, a fim de atingirmos a imortalidade. Parecia-me ter recebido tão grande autoridade de magistério, graças à solicitude de Deus para conosco. Mas nem ao menos podia imaginar qual o mistério encerrado nestas palavras: "O Verbo se fez carne". Dele eu sabia apenas o que nos transmitiam as Escrituras isto é: que comeu, bebeu, dormiu e caminhou, sentiu alegria e tristeza, conversou com os homens; e que aquela carne se tinha unido ao Verbo pela alma e pela inteligência humana. Tudo isso é sabido por quem conhece a imutabilidade do teu verbo, imutabilidade que eu já conhecia tanto quanto possível, e da qual não duvidava de maneira nenhuma. Com efeito, mover voluntariamente os membros do corpo ou não movê-los, ora ter um sentimento ora não senti-lo, ora exprimir pensamentos através de palavras sábias ora ficar em silêncio são manifestações próprias de uma alma e de uma inteligência mutáveis. O que foi escrito sobre ele, se fosse falso, tudo o mais poderia ser mentira, e nada restaria nesses livros para a salvação do gênero humano atra-vés da fé. Sendo autênticos os livros, eu reconhecia em Cristo um homem completo, isto é, não somente o corpo de um homem, ou corpo sem alma inteligente, mas um homem real, que eu julgava superior aos restantes, não porque fosse a verdade em pessoa, mas em virtude da sin-gular excelência da sua natureza humana e de uma participação mais perfeita na sabedoria.

Alípio, no entanto, acreditava que os católicos, crendo num Deus revestido de carne, sustentassem que em Cristo só existia Deus e carne, e não alma e inteligência humana. Por estar persuadido de que as obras de Cristo, transmiti-das pela tradição, não podiam ter sido executadas senão por uma criatura cheia de vida e inteligência, aproxima-va-se da fé cristã, com certa apatia. Mais tarde, vindo a saber que esta era uma concepção errônea dos hereges apoli-naristas, aderiu plenamente e com alegria à fé católica.

Quanto a mim, confesso que só muito mais tarde vim a saber que o significado dado pela doutrina católica às palavras: "o Verbo se fez carne, era muito diferente do sentido dado pelas falsas crenças de Fotino".[64] A condenação dos hereges dá claramente a perceber qual o pensamento da tua Igreja e o que a sã doutrina apresenta. Era realmente

necessário que houvesse heresias, a fim de que os firmes na fé se distinguissem dos fracos.[65]

20. A fé provém da humildade e a humildade não se aprende em livros de filósofos

26 Depois de ter lido os livros dos platônicos, que me es-timularam a procurar a verdade incorpórea, aprendi a des-cobrir teus atributos invisíveis através das coisas criadas,[66] e compreendi, à custa de derrotas, qual a verdade que eu, imerso nas trevas, não tinha conseguido contemplar.

Eu estava certo de que existes e de que és infinito, sem no entanto te estenderes por espaços finitos ou infinitos; de que existes realmente, porque és sempre igual a ti mesmo,[67] sem te tornares jamais diferente ou de algum modo mudares; de que todas as coisas provêm de ti, como prova o único e irrefutável fato de existirem. Eu estava certo de tudo isso, mas era ainda muito fraco para saber gozar de ti. Eu tagarelava como se fosse competente, mas, se não tivesse procurado o teu caminho em Cristo nosso Salvador, não teria sido perito e sim teria perecido.

Interiormente cheio do meu castigo, comecei a desejar que me considerassem como sábio. Eu não chorava: ao contrário, estava orgulhoso da minha ciência. Onde estava aquela caridade que edifica quando fundada sobre a humildade, isto é, sobre Jesus Cristo? Poderia acaso tê-la aprendido naqueles livros? No entanto, creio que tenhas desejado que eles viessem cair em minhas mãos, antes de aplicar-me à meditação de tuas Escrituras, para que se imprimissem na minha memória os sentimentos que nelas experimentei. Desse modo, quando teus Livros me tivessem tornado humilde e as feridas me fossem curadas por tuas mãos benfazejas, eu conseguiria finalmente notar e distinguir a diferença entre confiar em mim mesmo e confessar meus próprios limites entre aqueles que vêem a meta a atingir, mas não enxergam o caminho que dá a ela acesso nem o caminho que leva à pátria bem-aventurada, que precisa ser não apenas contemplada, mas também habitada.

Com efeito, se me tivesse antes formado pelas tuas Escrituras, e, através da familiaridade com elas, eu tives-se gozado da tua doçura, e se mais tarde eu me tivesse deparado com aqueles volumes, talvez eles me tivessem afastado do fundamento da piedade. E ainda que eu tivesse persistido nos salutares sentimentos nelas hauridos, teria certamente imaginado que é possível chegar aos mesmos sentimentos mediante apenas o estudo daqueles livros.

21. Benéfica leitura de são Paulo

27 Lancei-me avidamente à venerável Escritura inspirada por ti, especialmente à do apóstolo Paulo. Desvaneceram-se em mim as dificuldades, segundo as quais parecia-me, algumas vezes, haver contradição na Bíblia e incongruência entre o texto dos discursos

dele e os testemunhos da Lei e dos Profetas. Compreendi o aspecto único de sua fisionomia e aprendi a exultar com tremor.[68]

Começando a leitura, descobri que tudo o que de verda-deiro tinha encontrado nos livros platônicos, aqui é dito com a garantia da tua graça, para que não se ensober-beça quem consegue ver, como se não tivesse recebido, não só aquilo que vê, mas até a própria faculdade de ver. De fato, que possui o homem que não tenha recebido?[69] Além disso, ele não só é induzido a ver-te, a ti que és sempre o mes-mo, mas também a curar-se para poder possuir-te.

Quem se encontra muito afastado, e por isso não con-segue ver-te, coloque-se no caminho que leva a ti, para que te possa ver e possuir. Porque se o homem se compraz na lei de Deus segundo o homem interior,[70] que fará ele da outra lei que em seus membros luta contra a lei da sua razão e que o acorrenta à lei do pecado, lei esta que existe em seus membros?[71]

Senhor, tu és justo. Nós, porém, pecamos, cometemos a iniqüidade,[72] procedemos impiamente, e tua mão pesou sobre nós.[73] Fomos entregues com justiça ao pecador antigo, ao príncipe da morte, já que persuadiu nossa vontade a conformar-se com a dele, a qual não permaneceu na tua vontade.[74]

Que fará este homem de miséria? Quem o libertará deste corpo de morte, senão a tua graça, por meio de Jesus Cristo Senhor nosso,[75] que geraste coeterno e criaste desde "o princípio dos teus caminhos?[76] O príncipe deste mundo" [77] nada encontrou nele que merecesse a morte;[78] no entanto o matou, e foi assim apagado o "título de dívida que existia contra nós".[79]

Nada disso é mencionado nos livros platônicos. Suas páginas não contêm a imagem de um amor tão grande, as lágrimas da confissão, o teu sacrifício, "a alma abatida, o coração contrito e humilhado",[80] a salvação do povo, a cidade desposada,[81] o penhor do Espírito Santo,[82] o cálice da nossa redenção. Lá ninguém canta: "Não estará a minha alma submissa a Deus? É dele que me vem a salvação. Pois ele é o meu Deus e a minha salvação, o meu apoio: não vacilarei nunca mais".[83] Naqueles livros ninguém ouve o convite: "Vinde a mim todos os que trabalhais". Desdenham aprender dele, porque "é manso e hu-milde de coração".[84] E isso, porque "ocultaste essas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos".[85] Uma coisa é contemplar do alto de um píncaro agreste a pátria da paz,[86] sem encontrar o caminho para alcançá-la, e tentá-lo em vão por lugares inacessíveis, entre as insídias e assaltos de fugitivos e desertores chefiados pelo leão e o dragão.[87] Outra coisa, pelo contrário, é conhecer o caminho que leva até lá, protegido pelo Soberano celeste, livre da rapina dos desertores do exército celeste, estes fogem dela como de um suplício.

Essas reflexões penetravam-me de modo admirável até as entranhas, quando eu lia o menor de teus apóstolos.[88] E me enchia de temor ao contemplar as tuas obras.[89]

1 Cf. Sl 119,137.

2 Cf. Sl 7,6.

3 Cf. Gn 1,31.

4 2Pd 2,20.

5 Cf. Sl 107,8 (e 15,21,51).

6 É o médico, ao qual se referiu no cap. 3 do IV livro.

7 Cf. Gn 25,25ss.

8 Cf. Sl 19,15.

9 Sl 37,9-11.

10 Cf. Gn 1,28.

11 Cf. Gn 1,26s.

12 Cf. Jó 15,26.

13 Sl 89,11.

14 Sl 102,13.

15 Sl 85,6

16 Cf. Tg 4,6; 1Pd 5,5.

17 Cf. Jo 1,14.

18 Jo 1,1-5.

19 Cf. Jo 1,8.

20 Jo 1,9-10.

21 Jo 1,11-12.

22 Jo 1,13.

23 Jo 1,14.

24 Fl 2,6.

25 Fl 2,7-11.

26 Cf. Jo 1,16.

27 Rm 5,6.

283 Cf. Rm 8,32.

29 Mt 11,25.

30 Cf. Mt 11,28s.

31 Cf. Sl 25,39.

32 Cf. Sl 25,18.

33 Mt 11,29.

34 Cf. Rm 1,21s.

35 Cf. Rm 1,23. Os platônicos admitiam o culto de divindades inferiores ao Deus único.

36 Cf. Gn 25,33s.

37 Cf. Ex 32,1-6.

38 Cf. Sl 106,20.

39 Cf. Gn 25,23; Rm 9,12.

40 Isto é, os pagãos.

41 O capítulo todo refere-se à doutrina dos neoplatônicos, que tinha muitos pontos de contato com a doutrina cristã. Nestas condições, não é de excluir um certo intercâmbio de terminologia entre as duas doutrinas, embora com significado nem sempre igual. Portanto — como diz Agostinho — há muitos fragmentos de verdade, mesmo nas doutrinas pagãs. O pagão que se converte ao cristianismo não deve abandonar tais fragmentos, e sim trazê-los consigo e valorizá-los, assim como os judeus, ao fugir do Egito, levaram consigo objetos preciosos. Lembremos o que diz o Concílio Vaticano II na Lumen gentium, cap. 1, n. 8.

42 At 17,28.

43 Rm 1,25.

44 Sl 29,11.

45 Sl 1,2.

46 Cf. Lc 15,13.

47 Sl 38,12.

48 Ex 3,14.

49 Rm 1,20.

50 Sl 72,28.

51 Sb 7,27.

52 Sl 16,2.

53 Gn 1,31.

54 Sl 148,7-12.

55 Sl 148,1-5.

56 Cf. 2Cor 6,16.

57 Sl 119,37.

58 Sb 9,15.

59 Rm 1,20.

60 1Tm 2,5.

61 Rm 9,5.

62 Jo 14,6.

63 Jo 1,14.

64 Bispo de Sírmio, em Panônia, vê em Cristo, não o próprio Deus, mas apenas um homem milagroso, dotado por Deus de força divina.

65 Cf. 1Cor. 11,19.

66 Cf. Rm 1,20.

67 Cf. Sl 102,28; Hb 1,12.

68 Cf. Sl 2,11.

69 Cf. 1Cor 4,7.

70 Cf. Rm 7,22.

71 Cf. Rm 7,23.

72 Cf. Dn 3,27 e 29,6.

73 Cf. Sl 32,4.

74 Cf. Jo 8,44.

75 Cf. Rm 7,24s.

76 Pr 8,22.

77 Jo 14,30.

78 Cf. Lc 23,14s.

79 Cl 2,14. A passagem deve ser lida no contexto: Paulo afirma que Deus, com a morte de Cristo na cruz, ab-rogou a antiga Lei que ele mesmo dera, prescrições acrescentadas. O próprio Deus pregou-a na cruz, substituindo-a pela Nova Lei que é o amor, do qual Cristo nos tornou capazes.

80 Sl 51,19.

81 Cf. Ap 21,2.

82 Cf. 2Cor 5,5.

83 Sl 62,2s.

84 Mt 11,28s.

85 Mt 11,25.

86 Cf. Dt 32,49.

87 Cf. Sl 91,13.

88 Cf. 1Cor 15,9.

89 Cf. Hab. 3,2.

VIII LIVRO

A CONVERSÃO

1. Encontro com Simpliciano

1 Meu Deus, faze que eu recorde tua misericórdia para comigo e a proclame para agradecer-te. Que meus ossos sejam penetrados por teu amor e digam: “Senhor, quem é semelhante a ti?[1] Quebraste as minhas cadeias! E eu te oferecerei um sacrifício de louvor”.[2] Narrarei como tu as quebraste e, ao saber disso, todos os que te adoram exclamarão: “Bendito é o Senhor no céu e na terra; grande e admirável é o seu nome”![3]

Tuas palavras se gravaram em meu coração, e tu me procuravas por toda parte. Eu tinha a certeza de tua vida eterna, embora só a tivesse visto em enigma e como num espelho.[4] Todavia, dissipou-se da minha mente toda a dúvida sobre a existência de uma substância incorruptível e sobre o fato de que dela provêm todas as outras substâncias. Eu agora não desejava ter maior certeza sobre ti, e sim estar mais firmemente unido a ti. Na realidade, tudo na minha vida temporal vacilava, e o meu coração devia ser purificado do velho fermento.[5] Encantava-me o verdadeiro caminho, que é o próprio Salvador, mas eu ainda relutava em enfrentar-lhe as estreitas passagens.[6]

Eis que me inspiraste a idéia, a meu ver muito boa, de dirigir-me a Simpliciano, que me parecia ser teu servo fiel e no qual brilhava a tua graça. Eu tinha ouvido dizer também que desde a juventude ele vivia totalmente devotado a ti. Ele era agora um ancião e parecia-me que, ao longo de toda uma vida zelosamente dedicada a seguir o teu caminho, deveria ter acumulado rica experiência e saber. E assim era realmente. Eu queria, por isso, falar com ele sobre as minhas inquietações, para que me propusesse o modo mais adequado de alguém, nas minhas condições, seguir os teus caminhos.

2 Eu via a Igreja cheia de fiéis que, desta ou daquela forma, faziam progressos. Eu me desagradava da vida que ia levando no mundo, vida que era para mim um fardo pesado, agora que as paixões e a expectativa de honras e riquezas já não me ajudavam a suportar jugo tão duro. Tudo isso não mais me atraía diante de tua doçura e da beleza de tua casa, que eu amava.[7]

Mas estava ainda fortemente preso a mulher. O apóstolo Paulo não me proibia o matrimônio, se bem me exortasse sobremaneira a escolher um estado mais alto, quando sugeria que, se possível, todos os homens vivessem como ele.[8] Mas eu, ainda bastante fraco, procurava uma condição mais cômoda. Era esse, em tudo, o único motivo de minhas hesitações, enfraquecido que estava por preocupações enervantes, pois, devendo entregar-me à vida conjugal, via-me sujeito a outras obrigações que não queria suportar.

Da boca da própria verdade, eu tinha ouvido que há “eunucos que se mutilaram voluntariamente por causa do Reino dos céus”. Mas acrescentou: “Quem tiver capa-

cidade para compreender, compreenda".[9] Certamente "são insensatos aqueles em quem não habita o conhecimento de Deus, e que através dos bens visíveis não souberam conhecer aquele que é".[10] Mas eu já não tinha esse gênero de vaidade; já havia superado tal estágio e, guiado pelo testemunho de tua criação, havia descoberto a ti, nosso Criador, e teu Verbo junto a ti e único Deus contigo: por meio dele criaste todas as coisas.

Existe uma espécie de ímpios: aqueles que, tendo conhecido a Deus, não o honraram como Deus, nem lhe renderam graças.[11] Caí também entre estes, mas "a tua direita me sustentou"[12] e, arrancando-me daí, colocou-me onde me pudesse curar. De fato, disseste ao homem: "a piedade é sabedoria".[13] E ainda: "Não queiras parecer sábio,[14] pois aqueles que se diziam sábios, tornaram-se tolos".[15] Eu já havia encontrado a pérola preciosa e devia vender todos os meus bens para comprá-la.[16] No entanto, ainda hesitava.

2. Simpliciano narra a conversão de Vitorino

3 Dirigi-me portanto a Simpliciano, pai do bispo Ambrósio, segundo a graça. Na verdade, este o amava como a um pai. Narrei-lhe os labirintos do meu erro. Quando lhe contei ter lido alguns livros de filósofos platônicos traduzidos para o latim por Vitorino — outrora retórico em Roma e de quem ouvira dizer que tinha morrido cristão — ele me felicitou por não ter caído nos escritos de outros filósofos, cheios de erros e de mentiras "segundo os elementos do mundo".[17] As obras platônicas insinuavam, de todos os modos, a idéia de Deus e de seu Verbo. E para im-pelir-me a seguir Cristo em sua humildade, oculta aos sábios, mas revelada aos pequeninos,[18] Simpliciano evocou todas as lembranças que tinha do próprio Vitorino, a quem conhecera intimamente durante a permanência deste em Roma. Não guardarei silêncio sobre o que dele me contou, pois assim terei ocasião de celebrar a grandeza da tua graça. Esse ancião, de erudição grande e profundo conhecedor de todas as disciplinas liberais, tinha lido e meditado um número extraordinário de obras de filósofos, e tinha sido preceptor de muitos senadores ilustres. Pelos méritos conquistados em sua brilhante carreira de ensino, recebeu uma estátua no fórum romano, fato este que os cidadãos deste mundo consideram grande honra. Havia, até então, participado da adoração aos ídolos e de seu culto sacrílego, pelo qual se entusiasmava quase toda a nobreza romana, como em delírio: pelos lactantes,[19] por divindades monstruosas de todo gênero e por Anúbis, a divindade que ladra, os quais, no passado, pegaram armas contra Netuno, Vênus e Minerva.[20] E Roma agora adorava essas divindades que um dia ela vencera. O velho Vitorino, que por tantos anos as defendera com eloqüência impressionante, não se acanhou de tornar-se servo do teu Cristo e criança na tua fonte, dobrando a cabeça ao jugo da humildade e inclinando a fronte diante do opróbrio da cruz.

4 Senhor, Senhor, que abaixaste os céus e desceste até nós, que tocaste as montanhas e

elas fumegaram,[21] como fizeste para insinuar-te nessa alma? Simpliciano conta que Vitorino lia a Sagrada Escritura e estudava e meditava com profunda atenção todos os escritos cristãos e confiava a Simpliciano, não em público, mas em grande segredo e na intimidade: “Sabes que já sou cristão”? Respondia-lhe Simpliciano: “Não acredito, e não te considerarei entre os cristãos enquanto não te vir na Igreja de Cristo”. Vitorino replicava-lhe, sorrindo: “Mas então, as paredes das igrejas é que nos fazem cristãos”? E repetia muitas vezes que era cristão. Simpliciano repetia-lhe sempre a mesma resposta, e ele replicava todas as vezes com o argumento das paredes das igrejas. Na realidade, não queria desgostar os amigos, orgulhosos adoradores de demônios; julgava que estes, do alto de sua babilônica dignidade, como cedros do Líbano ainda não abatidos pelo Senhor,[22] fariam cair sobre ele o peso da inimizade.[23] Mas depois, lendo e relendo, chegou a uma decisão: temeu ser negado por Cristo diante dos santos anjos, se receasse confessá-lo diante dos homens.[24] Sentiu-se culpado de grave crime por envergonhar-se dos sagrados mistérios de humildade do teu Verbo, e não envergonhar-se dos ritos sacrílegos dos soberbos demônios que ele, em sua soberba, aceitara imitar. Perdendo todo o receio humano diante da mentira e corando diante da verdade, disse inopinadamente ao amigo, como conta Simpli-ciano: “Vamos à igreja, quero tornar-me cristão”. Este, não cabendo em si de alegria, o acompanhou imediatamente. Foi aí iniciado nos primeiros mistérios da catequese e, pouco tempo depois, deu o nome para regenerar-se no batismo, para admiração de Roma e alegria de toda a Igreja. Diante do acontecimento, irritaram-se os orgulhosos e, consumindo-se de raiva, rangiam os dentes.[25] Mas o teu servo possuía agora o Senhor Deus como sua esperança, e já não olhava para vaidades e loucuras enganosas.[26]

5 Chegou finalmente a hora da profissão de fé. Em Roma, os que estão para se aproximar da tua graça costumam recitar de cor uma determinada fórmula, em lugar elevado, diante de todos os fiéis. Contudo, os presbíteros — contava Simpliciano — ofereceram a Vitorino a possibilidade de fazer a profissão a portas fechadas, como se costumava propor àqueles que poderiam emocionar-se por timidez. Mas ele preferiu confessar sua salvação diante do povo santo, uma vez que havia professado publicamente a retórica, que não ensinava a salvação. Se não se envergonhara das próprias palavras diante das multidões de insensatos, muito menos deveria envergonhar-se ao pronunciar palavras tuas diante do teu humilde rebanho. Assim, quando subiu à tribuna para recitar a fórmula, todos os que o conheciam o aplaudiam gritando seu nome. E quem não o conhecia? Ressoou pela boca de todos um alegre murmúrio: “Vitorino, Vitorino”! Logo que o viram, o aclamaram com alegria; e logo emudeceram para ouvi-lo com atenção. Ele proclamou sua verdadeira fé com admirável segurança. Todos desejavam levá-lo para dentro do coração e, de fato, para lá o arrebatavam com as mãos do amor e da alegria.

3. A alegria por um pecador que se converte

6 Deus de bondade, que se passa no homem, para que este se regozije com a salvação de uma alma desesperada, e agora livre de um grande perigo, mais do que se ela sempre tivesse conservado a esperança, ou se o perigo tivesse sido sempre menor? Tu também, Pai misericordio-so, sentes mais alegria "por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão".[27] E é grande a nossa alegria cada vez que ouvimos falar sobre a alegria do pastor que reconduz nos ombros a ovelha desgarrada,[28] ou da mulher que, encontrando a dracma perdida,[29] a recoloca nos teus cofres, em meio à alegria da vizinhança. E ainda arranca lágrimas de alegria a festa que se faz em tua casa,[30] quando lemos a narração do teu filho menor que "era morto e tornou a viver, estava perdido e foi reencontrado".[31] Tu te regozijas em nós e em teus anjos, que são santificados por um amor santo. Tu és sempre o mesmo.[32] Tu conheces, sempre e do mesmo modo, tudo[33] o que nem sempre e da mesma maneira existe. **7** Então, por que a alma sente mais alegria ao encontrar ou reaver os objetos que estima, do que se os tivesse possuído sempre? Na verdade, há muitos outros testemunhos que proclamam: "É assim mesmo". O general celebra o triunfo que alcançou. Mas não teria alcançado a vitória se não tivesse combatido, e quanto maior o perigo enfrentado na batalha, tanto maior a alegria do triunfo. Os navegantes são batidos pela tempestade e amea-çados de naufrágio. Todos empalidecem de terror diante de morte iminente. Mas quando o céu e o mar se tranqüilizam, todos exultam muito, porque muito temeram. Está doente uma pessoa querida, e seu pulso lhe revela que está mal. Todos os que desejam vê-lo curado estão interiormente doentes com ele. Se melhora e já anda, ainda que não recupere de todo as primitivas forças, já se faz tamanha festa como nunca se tinha feito antes, quando se achava com saúde e forte. Os próprios prazeres da vida são obtidos, não apenas à custa de sofrimentos fortuitos e inesperados, mas por incômodos previstos e voluntaria-mente aceitos. Não há prazer no comer e no beber, se não for precedido pelo mal-estar da fome e da sede. Os ébrios comem certos alimentos salgados para provocar uma irritação desagradável e sentir assim maior prazer em extingui-la com a bebida. Firmou-se o costume de não entregar imediatamente ao marido a esposa prometida, para que ele não a despreze, já que não suspirou por ela como noivo.

8 Isso tanto se verifica na alegria desonesta e abominável, como na lícita e permitida; tanto na mais sincera e honesta das amizades, como para aquele que "estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi encontrado". Uma grande felicidade é precedida sempre de um grande sofrimento. Por que isso, Senhor meu Deus? Por que, se tu és para ti mesmo a própria alegria, e somente algumas criaturas perto de ti gozam sempre essa alegria? Por que nesta outra parte do universo há dessas alternativas de regressos e progressos, de combates e acordos? É esta, porventura, a lei que estabeleceste para esta parte, quando "do alto dos Céus"[34] às profundezas da terra, do começo ao fim dos séculos, do anjo ao ínfimo verme, do primeiro ao último movimento, dispuseste todos os tipos de bens e todas as tuas obras justas, colocando cada uma em seu lugar e realizando cada uma no seu devido tempo? Oh, como tu és sublime nas coisas sublimes, como és

profundo nas coisas profundas! Nunca nos abandonaste e, no entanto, sentimos dificuldade em retornar para ti.

4. Alegria pela conversão de Vitorino

9 Vamos, Senhor, age, desperta-nos, convoca-nos, inflama-nos e arrebata-nos, enche-nos de fogo e doçura! Amemos! Corramos! Não são muitos os que voltam a ti, saindo de um abismo de cegueira mais profundo que o de Vitorino, e se aproximam de ti e são iluminados pela tua luz, pela qual recebem o poder de se tornarem filhos teus?[35] Mas, se eles são menos conhecidos no mundo, até quem os conhece já se alegra menos com eles. Com efeito, quando a alegria invade a muitos, maior é o prazer para cada um, porque um entusiasma o outro. Além disso, o fato de serem conhecidos por muitos, impele também muitos ao caminho da salvação, pois seguem na frente, e muitos os acompanham. Desse modo, quem vai à frente se regozija por muitos, e não somente por si.

Longe de mim pensar que em teu tabernáculo os ricos sejam recebidos de preferência aos pobres, ou que os nobres sejam acolhidos melhor que os humildes,[36] uma vez que escolheste "o que é fraco no mundo para confundires o que é forte; e escolheste o que neste mundo é vil e desprezado, e também o que não existe, como se existisse, para reduzires a nada o que existe".[37] No entanto, o último de teus apóstolos,[38] pelo qual pronunciaste as palavras que acabo de citar, abateu, com suas armas, o soberbo procônsul Paulo, fazendo-o passar sob o suave jugo do teu Cristo, e o tornou súdito de um grande rei; esse mesmo apóstolo quis por isso trocar o nome de Saulo para Paulo, como lembrança de tão brilhante vitória. Pois o inimigo é mais completamente vencido naquilo que por ele era dominado com mais força e através do qual ele dominava muitos outros. O inimigo domina com mais força os orgulhosos mediante seus títulos de nobreza e, por intermédio destes, muitos outros, em nome da autoridade. Ora, quanto mais se imaginava o coração de Vitorino como reduto inexpugnável, ocupado pelo demônio, e sua língua como forte e acerado dardo a causar a morte de muitos, tanto mais devem ter exultado os teus filhos ao verem nosso rei aprisionar o forte,[39] purificar-lhe os utensílios, tornando-os aptos para louvar e servir ao "Senhor em toda boa obra".[40]

5. Agostinho dilacerado entre duas vontades contrastantes

10 Logo que teu servo Simpliciano me contou esses fatos sobre Vitorino, senti imenso desejo de imitá-lo. Aliás, era o que sua narração tinha em vista. Acrescentou em seguida que, no tempo do imperador Juliano, uma lei proibia aos cristãos de ensinar literatura e oratória. Vitorino aceitou a imposição e preferiu renunciar à escola de parolagem em favor da tua Palavra, que torna eloqüente a língua das crianças.[41] Nisto pareceu-me sua energia superior à sua arte, por ter encontrado assim ocasião de dedicar mais tempo a ti. Também eu queria fazer o mesmo, porém era impedido, não por grilhões alheios, mas por minha própria vontade férrea. O inimigo dominava-me o querer e forjava uma cadeia

que me mantinha preso. Da vontade pervertida nasce a paixão; servindo à paixão, adquire-se o hábito, e, não resistindo ao hábito, cria-se a necessidade. Com essa espécie de anéis entrelaçados (por isso falei de cadeia), mantinha-me ligado à dura escravidão. A nova vontade apenas despontava; a vontade de servir-te e de gozar-te, ó meu Deus, única felicidade segura, ainda não era capaz de vencer a vontade anterior, fortalecida pelo tempo. Desse modo, tinha duas vontades, uma antiga, outra nova; uma carnal, outra espiritual, que se combatiam mutuamente; e essa rivalidade me dilacerava o espírito.

11 Portanto, eu compreendia por experiência própria o que havia lido: que a carne tem desejos contrários ao espírito, e o espírito tem desejos con-trários à carne.[42] Sentia claramente os dois desejos, reconhecendo-me mais naquele que interiormente aprovava do que naquele que desaprovava.

Com efeito, neste último caso, já não era eu que vivia, pois, em grande parte, o sofria mais contra a vontade, do que o praticava deliberadamente. Contudo, por minha culpa, o hábito tornou-se mais forte contra mim, pois eu voluntariamente chegara aonde não queria.

Quem poderia protestar contra a justa punição do pecador? Não podia mais invocar a desculpa habitual para me persuadir de que, se ainda não desprezava o mundo e não me decidia a servir-te, era porque para mim a verdade ainda não estava clara. Pois agora ela era bem conhecida. Sentindo-me ainda ligado à terra, recusava combater em tuas fileiras, e temia desligar-me dos laços, enquanto o que devia recear era permanecer preso a eles.

12 Assim, o peso das realidades do mundo me oprimia docemente, como costuma acontecer em sonhos. Os pensamentos e reflexões sobre ti eram como os esforços daqueles que desejam despertar, mas, vencidos pela profun-deza do sono, nele tornam a mergulhar. Ninguém quer dormir constantemente, e todos concordam que é melhor manter-se desperto. Contudo, quando o sono torna os membros pesados, retarda-se o esforço de acordar e quando a contragosto chega a hora de levantar, aprecia-se ainda mais o sono. Do mesmo modo, estava eu certo de que seria melhor entregar-me ao teu amor do que ceder à minha paixão. Aquele me agradava e me vencia, e esta me aprazia e me encadeava. Eu não sabia como responder quando me dizias: “Ó tu que dormes, desperta e levanta-te de entre os mortos, que Cristo te iluminará”.[43] Tu me mostravas que estavas dizendo a verdade, e eu, que já estava convencido, nada tinha a responder senão palavras preguiçosas e sonolentas: “Um momento”, “daqui a pouco”, “espera um instante”. Mas esses “momentos” não tinham fim. Aquele “espera um instante” se prolongava. Era inútil intimamente comprazer-me na tua lei; eu percebia outra lei em meus membros, que pelejava contra a lei da minha razão e que me acorrentava à lei do pecado existente em meus membros.[44] Com efeito, a lei do pecado é a violência do hábito pela qual a alma, mesmo contrafeita, é arrastada e presa, porém merecidamente, porque se deixa livremente escorregar. Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte, senão a tua graça, median-te o Senhor nosso, Jesus Cristo?[45]

6. Descoberta a beleza da vida monástica

13 Contarei agora como me arrancaste da escravidão dos desejos carnais que tão fortemente me subjugavam, e da servidão dos negócios deste mundo, "e glorificarei o teu nome, Senhor,[46] meu apoio e meu redentor".[47] Eu desenvolvia as atividades de costume, porém numa ansiedade sempre crescente, desejando-te cada dia mais. Quando estava livre dos negócios, sob cujo peso eu arfava, freqüentava a tua igreja. Comigo estava Alípio que, depois de desempenhar por três vezes a função de assessor,[48] agora livre dos trabalhos de jurisconsulto, esperava a ocasião de vender seus conselhos, assim como eu vendia a eloqüência, se é que tal arte pode ser transmitida pelo ensino na escola. Nebrídio, cedendo às solicitações dos amigos, tornara-se assistente de Verecundo, professor milanês, íntimo de todos nós. Verecundo desejava ardentemente, e o pediu em nome da amizade, receber do nosso grupo uma ajuda fiel, de que muito necessitava. Não foi a ambição de bem-estar que atraiu Nebrídio; poderia ter obtido maiores vantagens, se tivesse querido ensinar letras. Foi, portanto, apenas por dever de amizade que não quis recusar nosso pedido. Era de fato um amigo dedicado e amável. Desempenhou o ofício, evitando prudentemente tornar-se conhecido dos grandes deste mundo, evitando assim qualquer inquietação do espírito, que queria conservar livre, a fim de ter mais tempo disponível para indagar, ler e ouvir alguma coisa sobre a sabedoria.

14 Um dia — Nebrídio estava ausente, não me lembro por quê — recebemos, Alípio e eu, a visita de um digni-tário da corte imperial, cidadão africano como nós, chamado Ponticiano. Eu não sabia o que desejava de nós. Sentamo-nos para conversar. Por acaso, viu um livro sobre a mesa de jogo diante de nós. Abriu-o, e viu com surpresa que se tratava das epístolas de Paulo. Não esperava ver aí senão livros usados na minha profissão de professor. Sorriu e congratulou-se comigo, dizendo-se surpreso ao ver-me com essa obra, e somente essa, ao alcance da mão. Ele era cristão praticante e, muitas vezes, em tua igreja, prostrava-se diante de ti, Senhor, em longas e freqüentes orações. Eu lhe disse do meu grande interesse por esses escritos. Nasceu então a conversa de Ponticiano a respeito de Antão, monge egípcio, famoso entre teus servos. Para nós, até esse momento, o nome de Antão era desconhecido. Quando percebeu isso, Ponticiano admirou-se de nossa ignorância, e isto foi para ele motivo para insistir sobre o assunto e fazer-nos conhecer tão grande homem. Estávamos admirados ao ouvir as tuas maravilhas[49] validamente atestadas por fatos tão recentes, quase em nossos dias, ocorridos na verdadeira fé da Igreja católica. Estávamos todos maravilhados, nós pela grandiosidade dos fatos, e ele porque não os conhecíamos.

15 Daqui, a conversa passou aos inúmeros monges, a seus costumes tão agradáveis a ti, à fecunda solidão do deserto. E tudo isso era por nós ignorado. Até em Milão havia, fora dos muros da cidade, um mosteiro cheio de santos monges, sob a direção de Ambrósio, e nós nada sabíamos. Continuava a falar, e nós o ouvíamos em silêncio. Contou-nos que, estando em Tréveros, não sei em que época, ele e mais três amigos, aproveitando a

circunstância de o imperador ter ido assistir aos jogos vespertinos do circo, saíram a passear pelos jardins que circundavam os muros da cidade. Aconteceu que, caminhando dois a dois, um com ele no primeiro grupo, e os outros dois no segundo grupo, tomaram direções diferentes. Estes últimos entraram por acaso numa cabana, onde habitavam alguns servos teus, daqueles "pobres de espírito" aos quais "pertence o reino dos céus".[50] Aí encontraram um livro, onde estava escrita a vida de Antão. E começaram a lê-la. Arrebatado e impressionado por essa leitura, um deles resolveu abraçar a mesma vida e abandonar o serviço do mundo, para dedicar-se ao teu. E, no entanto, eram eles investidos de altas funções públicas. De repente, tomado de amor sobrenatural e honesta vergonha, irado consigo mesmo, fixou nos olhos o amigo e perguntou-lhe: "Diga-me, onde pretendemos chegar com todos os nossos trabalhos? O que buscamos? A que causa servimos? Podemos esperar mais, no palácio, do que figurar no rol dos amigos do imperador? E mesmo para isso, existe algo que não seja precário e perigoso? E há necessidade de passarmos tantos perigos para chegarmos a um perigo ainda maior? E quando lá chegarmos? Mas, se quiser ser amigo de Deus, eu posso ser imediatamente". Disse essas palavras e, exaltado, como se estivesse a gerar uma nova vida, lançou de novo os olhos ao livro. Lia, e no seu íntimo realizava-se uma transformação que só tu notavas; e seu espírito despojava-se deste mundo, o que desde logo se tornou evidente. Enquanto lia, e trazia no coração como que uma tempestade, teve a certo ponto um estremecimento: descobrira o melhor. E decidiu-se por tomar esse partido, e já, todo teu, disse ao amigo: "Rompi com todos aqueles nossos sonhos e decidi servir a Deus a partir deste momento, no lugar onde me encontro. Se recusas imitar-me, ao menos não te oponhas aos meus desejos". O outro respondeu que queria ser seu companheiro em tão nobre missão, com tão grande recompensa. E ambos, agora teus, e a tudo renunciando para te servir,[51] começaram a construir a torre[52] de salvação com capital suficiente. Então, Ponticiano e o outro, que com ele passeava no jardim, foram procurá-los e os chamaram para voltar à casa, pois já declinava o dia. Eles, porém, relataram sua resolução e plano, e como tal desejo nascera e se enraizara neles. Pediram que, se não quisessem unir-se a eles, pelo menos não os molestassem. Ponticiano e o amigo — como ele mesmo conta — embora não mudassem de vida, lamen-taram-se a si mesmos e, congratulando-se com os amigos, recomendaram-se a suas orações e, com o coração preso à terra, retornaram ao palácio, enquanto eles permaneceram na cabana com o coração voltado para o céu. Ambos eram noivos. E as noivas, ao saberem do ocorrido, também elas consagraram a ti a sua virgindade.

7. Reações no espírito de Agostinho

16 Foi isso que nos contou Ponticiano. E tu, Senhor, enquanto ele falava, me fazias refletir sobre mim mesmo, tirando-me da posição de costas, em que eu me havia colocado para não me enxergar a mim mesmo, e me colocavas diante de minha própria face, para que eu visse quanto era indigno, disforme e sórdido, coberto de manchas e de chagas. E eu via, e me horrorizava, e não tinha como fugir de mim mesmo. Se tentava

desviar o olhar de mim mesmo, lá estava Ponticiano continuando o seu relato, e tu me colocavas diante de mim mesmo e me impelias, por assim dizer, para diante de meus próprios olhos, a fim de que eu descobrisse a minha iniqüidade e a detestasse. Eu a conhecia, mas fingia não percebê-la, e tentava afastá-la, e a esquecia.

17 Agora, no entanto, quanto mais ardentemente amava aqueles dois de quem conhecera a salutar decisão de se entregarem completamente a ti para serem curados, mais profundamente eu me detestava, ao comparar-me com eles. Pois já eram decorridos muitos anos, talvez uns doze, desde a idade de dezenove anos, quando, ao ler o Hortênsio de Cícero, eu me sentira inclinado ao estudo da Sabedoria.[53] E mesmo agora não me decidia a desprezar a felicidade puramente terrena e empenhar-me a procurar aquela da qual, não só a posse, mas a própria busca, era de preferir-se a todos os tesouros, a todos os reinos da terra, mesmo já alcançados, e aos prazeres do corpo postos à minha disposição. Eu, porém, jovem tão miserável, miserável desde o despertar da juventude, tinha implorado a ti a castidade, dizendo: "Dá-me a castidade e a continência, mas que não seja para já". Pois temia que me atendesses logo e me curasses imediatamente do mal da concupiscência, que eu achava melhor satisfazer do que extinguir. Eu caminhava assim por maus caminhos, seguindo uma sacrílega superstição, sem dela estar seguro, é verdade, mas preferindo esta às outras doutrinas, que eu combatia ardentemente ao invés de estudá-las com devotamento. **18** Acreditava que a falta de uma diretriz certa a orientar-me os passos fosse a razão pela qual adiava, de dia para dia, o momento de seguir unicamente a ti, desprezando as promessas do mundo. E veio o dia em que me encontrava nu diante de mim mesmo, e minha consciência me repreendia: "Onde está tua eloqüência? Não dizias que era por causa da incerteza da verdade que não te livravas do fardo da vaidade? Mas agora, a verdade está clara e, no entanto, o peso da vaidade ainda te oprime, enquanto a outros, com os ombros livres que não se consumiram a procurá-la nem meditaram dez anos ou mais, já lhes cresceram as asas". Assim, eu me roía interiormente e sentia enorme vergonha, enquanto Ponticiano falava. E ele, ao terminar o seu relato e a tarefa para que viera, partiu; e eu voltei-me para dentro de mim. Que coisas não proferi contra mim mesmo! Com que açoites de pensamentos não flagelei a minha alma, para que me seguisse nos esforços que fazia para ir atrás de ti! Mas ela, renitente ao mesmo tempo recusava e não se desculpava. Os argumentos estavam todos esgotados, todos refutados; restava apenas uma perturbação muda. E ela temia, como à morte, sofrer restrições aos hábitos que, corrompendo-a, a levavam para a morte.

8. Agostinho hesita

19 Então, em meio à grande luta interior que eu violentamente travava no íntimo do coração contra mim mesmo, e transtornado na alma e na fisionomia, corro para Alípio e exclamo: "O que é que nos aflige tanto? Que significa isso que também tu acabas de ouvir? Erguem-se os incultos e tomam de assalto o reino do céu,[54] enquanto nós, com o

nosso saber insensato, nos debatemos na carne e no sangue! Será que nos envergonhamos de segui-los porque chegaram primeiro, e não nos envergonhamos de deixar de os seguir"? Dito isso, ou coisa semelhante, afastei-me, agitadíssimo, enquanto ele me olhava atônito, em silêncio. De fato, eu não falava como de costume, e minha fronte, minha face, meus olhos, minha cor, o tom da voz, mais do que as palavras, me denunciavam o estado de espírito. Junto a nossa residência havia um jardim, do qual dispúnhamos, como de toda a casa, pois o proprietário que nos hospedava não residia no local. Para aí fui levado pelo tumulto do coração, onde ninguém podia interferir na luta violenta que travava comigo mesmo, e cujo resultado nem eu mesmo conhecia, somente tu. Eu enlouquecia para recuperar a razão, morria para viver, e estava consciente do meu mal, sem saber do bem que viria pouco depois. Retirei-me, então, para o jardim. Alípio seguiu-me passo a passo. Mesmo em sua presença, minha solidão continuava. Como poderia ele abandonar-me nesse estado? Sentamo-nos o mais longe possível da casa. Eu fremia de violenta indignação contra mim mesmo, por não ceder à tua vontade e à aliança contigo, meu Deus, pela qual todos os meus ossos[55] clamavam, elevando louvores ao céu. E aí não se chega de navio, de carro ou a pé, nem mesmo para a distância que percorri de casa ao lugar onde estávamos. Com efeito, ir ou chegar junto a ti não é senão um ato de querer ir, mas com vontade forte e plena, e não titubeante e ferida, numa luta da parte que se ergue contra a parte que fraqueja.

20 Em meio à tempestade da hesitação, eu fazia gestos que às vezes os homens querem fazer, mas não conseguem, ou por lhes faltarem os membros, ou por estarem estes acorrentados, debilitados pela doença ou por outros motivos. Assim, eu arrancava os cabelos, batia na testa, apertava os joelhos entre os dedos entrelaçados, e fazia tudo isso porque queria. Poderia, porém, acontecer querer e não poder fazê-lo, se a flexibilidade dos membros não me obedecesse. E, no entanto, todos esses gestos, eu os fazia, mas neles o querer não era o mesmo que o poder. E eu não executava o gesto que há tanto tempo desejava acima de qualquer outro, apesar de poder fazê-lo logo que o quisesse, pois, apenas o tivesse desejado, tê-lo-ia certamente querido. Neste caso, poder já era querer, e querer era fazer. Contudo, eu não o fazia, pois mais facilmente o corpo me obedecia ao mínimo aceno da alma para mover os membros segundo suas ordens, do que a alma obedecia a si mesma para realizar, de sua própria vontade, o que constituía sua grande vontade.

9. Por que razão a vontade é ineficaz?

21 Qual a origem dessa monstruosidade? E qual a sua causa? Que brilhe a tua misericórdia, enquanto eu irei interrogando, caso possam responder-me, os abismos da miséria humana e os tenebrosos sofrimentos dos filhos de Adão. Qual a origem dessa monstruosidade, e qual a sua razão? A alma comanda o corpo, e este lhe obedece imediatamente; comanda-se a si mesma, e esta resiste. A alma ordena à mão que se mova, e a obediência é tão fácil, que mal se distingue a ordem da execução. No entanto,

a alma é espírito, e a mão é matéria. A alma ordena que a alma queira; e, ainda que se trate da mesma alma, ela não obedece. Qual a origem dessa monstruosidade, e qual a sua razão? A alma ordena o querer; não ordenaria se não o quisesse; no entanto, não executa aquilo que ela mesma ordena. Mas, como ela não quer totalmente, também não ordena totalmente. Ela ordena na proporção do querer. E não é executado o que ela ordena, enquanto ela mesma não o quer, pois a vontade é que ordena para que ela mesma seja realmente vontade, e não outra. De fato, não é a vontade plena que ordena, por isso ela não é o que ela mesma ordena. Se a vontade fosse plena, não ordenaria que fosse vontade, pois ela já o seria. Portanto, não é um absurdo querer em parte, e em parte não querer. É antes uma doença da alma, porque, embora sustentada pela verdade, a alma não consegue erguer-se totalmente, por estar abatida pelo peso do hábito. Trata-se portanto de duas vontades, mas nenhuma é completa: o que existe numa, falta na outra.

10. Contra os maniqueus

22 Desapareçam de tua presença,[56] ó meu Deus, como desaparecem os faladores e sedutores do espírito,[57] aqueles que, observando em todas as decisões a existência de duas vontades, afirmam a existência de duas almas com duas naturezas diversas, uma boa e outra má.[58] São realmente maus os que sustentam essa tese má. Somente serão bons quando pensarem de acordo com a vontade e acei-tarem a verdade, para que o Apóstolo possa dizer-lhes: "Ou-trora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor".[59] Enquanto desejam ser luz em si mesmos e não no Senhor, julgando ser a natureza da alma idêntica à de Deus, tornam-se trevas cada vez mais densas. Em sua espantosa arro-gância, afastam-se cada vez mais de ti, que "és a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo".[60] Estai atentos naquilo que afirmais! "Envergonhai-vos e aproximai-vos dele, para serdes iluminados, e os vossos rostos não serão cobertos de vergonha". [61] Quando deliberava servir desde logo ao Senhor meu Deus, como há muito tempo já pretendia, era eu quem o queria, e ao mesmo tem-po era eu quem não o queria: sempre eu. Não tinha uma vontade plena, nem decidida falta de vontade; daí a luta comigo mesmo, deixando-me dilacerado. Essa divisão se produzia contra a minha vontade, embora isso não demons-trasse a existência em mim de outra alma, e sim o castigo da minha própria alma. Não era eu que praticava a ação, mas o pecado que habitava em mim,[62] punição de um pecado livremente cometido enquanto filho de Adão.

23 De fato, se as naturezas contrárias entre si fossem tantas quantas as vontades em conflito, não seriam apenas duas, mas muitas. Se alguém hesita entre ir ao teatro ou a uma reunião dos maniqueístas,[63] eles logo bradam: "Eis as duas naturezas: a boa o traria aqui, a má o leva para lá. Como explicar de outro modo essa hesitação de duas vontades contraditórias"? Digo eu que ambas são más, tanto a que o arrasta para eles como a que o leva ao teatro. Mas eles só têm como vontade boa aquela que conduz para às suas reuniões. Que dizer? Supondo que um dos nossos tenha que decidir e hesite entre duas

vontades contrárias, se há de ir ao teatro ou à nossa igreja, não hesitarão também os maniqueístas na resposta a dar? Pois, ou confessarão o que não querem, isto é, que a vontade boa é que os conduz à nossa igreja (como fazem aqueles que já foram iniciados nos mistérios), ou então julgarão que num só homem combatem duas almas e duas naturezas más. E, então, não será verdade o que afirmam, isto é, que há uma natureza boa e outra má. Ou nada lhes restará senão converter-se à verdade e cessar de negar que uma mesma alma possa, enquanto delibera, debater-se entre vontades diversas.

24 Portanto, quando vêem duas vontades que se combatem num só homem, cessem de afirmar que são duas almas contrárias, uma boa e outra má, procedentes de duas substâncias contrárias; porque tu, Deus da verdade, os desaprovas, refutas e confundes.

Suponhamos que, com duas vontades más, alguém tenha que decidir entre matar um homem com veneno ou com a espada; entre apropriar-se deste ou daquele campo alheio, por não poder apossar-se dos dois ao mesmo tempo; entre gastar dinheiro no prazer da luxúria ou conser-vá-lo na avareza; entre ir ao circo ou ao teatro, quando calham os dois no mesmo dia; ou ainda, numa terceira eventualidade, se há de roubar a casa alheia havendo para isso oportunidade; ou ainda, uma quarta, se há de cometer adultério, em se apresentando a ocasião. Ora, se todas essas hipóteses ocorressem ao mesmo tempo, e com igual ânsia fossem desejadas, sem que pudessem realizar-se ao mesmo tempo, o espírito ver-se-ia dilacerado na luta de quatro ou mais vontades contrárias, em meio a tão grande profusão de objetos apetecíveis (se bem que habitualmente não haja tantas escolhas).

O mesmo vale para as vontades boas. Com efeito, pergunto-lhes se é bom deleitar-me com a leitura do Apóstolo, com a leitura de um salmo edificante, ou se é bom comentar o evangelho. A cada uma das perguntas responderão certamente: “É bom”. Mas, então, se essas três atividades agradam igualmente e ao mesmo tempo, não haverá vontades diversas a solicitar em direções diferentes o coração do homem que procura decidir sobre a melhor coisa a fazer? E, no entanto, são todas boas e lutam entre si, até que seja escolhida uma, para a qual se volte a vontade, antes dividida e agora uma só. Assim também, quando a eternidade nos atrai para o alto, e o prazer temporal nos retém embaixo, é a mesma alma que quer este ou aquele objeto, porém sem vontade plena. Daí as angustiosas perplexidades que a dilaceram, pois preferiria a eternidade por sua verdade, mas o hábito não lhe permite deixar o prazer temporal.

11. Árdua caminhada na senda da virtude

25 Assim eu sofria e me atormentava, acusando-me muito mais severamente que de costume. E, ao mesmo tempo, me debatia nas cadeias ainda não completamente rompidas e que, embora apenas por um fio, ainda me prendiam. E no entanto me prendiam. E tu, Senhor, não me davas trégua no íntimo do coração. Com severa misericórdia duplicavas os açoites do temor e da vergonha, para que eu não tornasse a ceder, para que eu rompesse definitivamente aquele exíguo e tênue fio, para que não se

reforçasse e me envolvesse ainda mais.

Dizia de mim para mim: "Vamos, agora é preciso agir, agora! E das palavras partia para a decisão final. Estava a ponto de agir, mas não agia. Já não recaía na situação anterior, mas dela estava muito próximo, e era o seu ar que eu ainda respirava. Fazia outra tentativa igual à anterior, um pouco mais e lá estaria; um pouco só, e logo atingiria a meta. Mas ainda não estava lá, nem a tocava, hesitava em morrer para a morte, em viver para a vida. A paixão, arraigada em mim, ainda me dominava mais do que o bem que jamais praticara. E quanto mais se aproximava o momento de transformar-me em outro homem, maior era o medo que me invadia. Esse terror não me impelia para trás nem me desencaminhava; mantinha-me, porém, na indecisão.

26 Ficava preso às mais insignificantes bagatelas, às vaidades das vaidades, minhas velhas amigas que me solicitavam a natureza carnal, murmurando: "Tu nos vais abandonar"? E também: "De agora em diante, nunca mais estaremos contigo". E ainda: "De agora em diante, não poderás mais fazer isso e aquilo"! E que pensamentos me sugeriam, meu Deus, ao dizerem: "Isto e aquilo". Que a tua misericórdia os afaste da alma de teu servo! Que torpezas não sugeriam, que indecências! Mas já se reduzia a menos de metade o número de vezes que eu lhes dava ouvidos. Já não ousavam assaltar-me abertamente, mas sussurravam, pelas costas, puxando-me furtivamente, à medida que eu me afastava, para me obrigarem a olhar para trás. De qualquer modo, conseguiam retardar-me. Eu hesitava em libertar-me de seu jugo, a fim de correr para onde me sentia chamado, pois o hábito fortemente enraizado me dizia: "Julgas que poderás passar sem elas"? **27** Contudo, já me dizia com voz mais fraca.

Do lado para onde voltava o rosto e por onde temia passar, apresentava-se a mim a casta dignidade da Continência, com serena alegria e sem desordem. Convidava-me, acariciando-me com pureza, para que viesse sem hesitação. Estendia-me as mãos piedosas, cheias de uma multidão de boas obras, para me receber e abraçar. Encontravam-se ai meninos e meninas, grande número de jovens e pessoas de todas as idades, dignas viúvas, virgens idosas. Em todas elas não era estéril a continência, e sim mãe fecunda das alegrias geradas[64] de ti, Senhor seu esposo. E a Continência ria, de mim e ao mesmo tempo me exortava, como se dissesse: "Não poderás tu fazer o mesmo que fizeram estes e aquelas? Foi porventura pela própria força que o fizeram, ou por virtude de seu Deus e Senhor? Foi o Senhor Deus que me entregou a eles. Por que queres apoiar-te em ti mesmo, ficando sem apoio? Lança-te nele, e não temas. Ele não fugirá de ti, e não cairás. Atira-te sem reservas, e ele te receberá e te curará". Sentia-me envergonhado por ainda dar ouvidos ao sussuro daquelas tolices, e indeciso hesitava. E a Continência parecia repetir: "Fecha os ouvidos às tentações imundas da tua própria carne que te prendem à terra, e deixa que elas pereçam. Elas te oferecem prazeres que vão contra a lei do Senhor teu Deus".[65] Realizava-se essa disputa no íntimo do meu espírito; tratava-se de mim contra mim mesmo. Alípio, imóvel a meu lado, aguardava em silêncio o desfecho dessa minha inusitada agitação.

12. “Toma e lê!”

28 Quando essas severas reflexões me fizeram emergir do íntimo e expuseram toda a minha miséria à contemplação do coração, desencadeou-se uma grande tempestade portadora de copiosa torrente de lágrimas. Para dar-lhes vazão com naturalidade, levantei-me e afastei-me de Alípio, o necessário para que sua presença não me perturbasse, pois a solidão me parecia mais apropriada ao pranto. Alípio percebeu o estado em que me encontrava: o tom da voz embargada pelas lágrimas, ao dizer-lhe alguma coisa, havia-me traído. Levantei-me; ele permaneceu atônito, onde estávamos sentados. Deixei-me, não sei como, cair debaixo de uma figueira e dei livre curso às lágrimas, que jorravam de meus olhos aos borbotões, como sacrifício agradável a ti.[66] E muitas coisas eu te disse, não exatamente nestes termos, mas com o seguinte sentido: “E tu, Senhor, até quando?[67] Até quando continuarás irritado? Não te lembres de nossas culpas passadas”![68] Sentia-me ainda preso ao passado, e por isso gritava desesperadamente: “Por quanto tempo, por quanto tempo direi ainda: amanhã, amanhã? Por que não agora? Por que não pôr fim agora à minha indignidade”?

29 Assim falava e chorava, oprimido pela mais amarga dor do coração. Eis que, de repente, ouço uma voz vinda da casa vizinha. Parecia de um menino ou menina repetindo continuamente uma canção: “Toma e lê, toma e lê”. Mudei de semblante e comecei com a máxima atenção a observar se se tratava de alguma cantilena que as crianças gostam de repetir em seus jogos. Não me lembrava, porém, de tê-la ouvido antes. Reprimi o pranto e levantei-me. A única interpretação possível, para mim, era a de uma ordem divina para abrir o livro e ler as primeiras palavras que encontrasse. Tinha ouvido que Antão, assistindo por acaso a uma leitura evangélica, sentiu um chamado, como se a passagem lida fosse pessoalmente dirigida a ele: “Vai, vende os teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me”.[69] E logo, através dessa mensagem, converteu-se a ti. Apressado, voltei ao lugar onde Alípio ficara sentado, pois, ao levantar-me, havia deixado aí o livro do Apóstolo. Peguei-o, abri e li em silêncio o primeiro capítulo sobre o qual caiu o meu olhar: “Não em orgias e bebedeiras, nem na devassidão e liberti-nagem, nem nas rixas e ciúmes. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis satisfazer os desejos da carne”.[70] Não quis ler mais, nem era necessário. Mal terminara a leitura dessa frase, dissiparam-se em mim todas as trevas da dúvida, como se penetrasse no meu coração uma luz de certeza.

30 Marcando a passagem com o dedo ou com outro sinal qualquer, fechei o livro e, de semblante já tranqüilo, o mostrei a Alípio. Também ele, por sua vez, me mostrou o que lhe acontecera e que eu ignorava. Pediu-me que lhe mostrasse a passagem lida por mim. Mostrei-a, e ele prosseguiu além do que eu havia lido, ignorando eu portanto o que estava escrito. O texto era o seguinte: “Acolhei o fraco na fé”.[71] Alípio aplicou-o a si mesmo e o revelou a mim. Foi como um convite que o firmou em seu propósito, perfeitamente de acordo com seu tipo de vida, que há muito tempo o havia distanciado

de mim. Sem hesitar e sem se perturbar, juntou-se a mim. Fomos imediatamente à minha mãe e lhe contamos o sucedido. Ela ficou radiante. E nós lhe relatamos como os fatos se tinham desenvolvido. E ela exulta e triunfa, bendizendo-te, Senhor, "que és poderoso além do que pedimos ou pensamos".[72] Verificava que lhe havias concedido muito mais do que ela pedira com lágrimas e orações em meu favor. De tal forma me converteste a ti, que eu já não procurava esposa, nem esperança alguma terrena, mas permanecia firme naquela fé em que tantos anos antes me tinhas mostrado em sonho a minha mãe.[73] "Transformaste sua tristeza em alegria". Alegria muito maior do que ela havia desejado, e muito mais preciosa e pura do que ela poderia esperar dos netos nascidos da minha carne.

1 Sl 34,10.

2 Sl 115,16s.

3 Sl 71,18; 88,53; 134,6; 75,2; 8,2.10.

4 Cf. 1Cor 13.12.

5 Cf. 1Cor 5,7.

6 Cf. Mt 7,14; Jo 14,6.

7 Cf. Sl 25,8.

8 Cf. 1Cor 7,7.

9 Mt 19,12.

10 Sb 13,1.

11 Rm 1,21.

12 Sl 17,36.

13 Tg 28,28.

14 Pr 3,7.

15 Cf. Rm 1,22; 12,16.

16 Cf. Mt 13,46.

17 Cl 2,8.

18 Cf. Mt 11,25.

19 Agostinho, aqui, refere-se ao culto, difundido na Roma de seu tempo, a Horo menino, representado em estatuetas que ele é amamentado por Ísis, sua mãe, que o mantém ao colo.

20 Virgílio, Eneida 8, 698-700.

21 Cf. Sl 143,5.

22 Cf. Sl 28,5.

23 Cf. Enarr, in Ps. 79,9.

24 Cf. Mt 10,33; Mc 8,38; Lc 12,9.

25 Cf. Sl 111,10.

26 Cf. Sl 39,5.

27 Lc 15,7ss.

28 Cf. Lc 15,4-6.

29 Cf. Lc 15,8.

30 Cf. Sl 25,8.

31 Lc 15,32.

32 Cf. Sl 101,28.

33 Cf. Dn 13,42.

34 Mt 24,31.

35 Cf. Jo 1,9 e 12.

36 Cf. Tg 2,1 e 9.

37 1Cor 1,27ss.

38 1Cor 15,9.

39 Cf. Mt 12,29.

40 2Tm 2,21.

41 Cf. Sb 10,21.

42 Cf. Gl 5,17.

43 Ef 5,14.

44 Cf. Rm 7,23.

45 Cf. Rm 7,24-25.

46 Sl 53,8.

47 Sl 18,15.

48 Ver Confiss. VI livro, cap. 10.

49 Sl 144,5.

50 Mt 5,3.

51 Cf. Mt 19,27.

52 Cf. Lc 14,28.

53 Ver acima, III livro, cap. 4.

54 Cf. Mt 11,12.

55 Cf. Sl 34,10.

56 Cf. Sl 67,3.

57 Cf. Tt 1,10.

58 Agostinho alude aos maniqueus.

59 Ef 5,8.

60 Jo 1,9.

61 Sl 33,6.

62 Cf. Rm 7,17.

63 Refere-se sempre aos maniqueus.

64 Cf. Sl 112,9.

65 Cf. Sl 118,85.

66 Cf. Sl 50,19.

67 Sl 6,4.

68 Sl 78,5 e 8.

69 Mt 19,21. O episódio é narrado na Vita Antonii, escrita por Atanásio (2, 26-32).

70 Rm 13,13s.

71 Rm 14,1.

72 Ef 3,20.

73 Ver acima, III livro, cap. 11.9. Sl 29,12.

IX LIVRO

O BATISMO E A VOLTA PARA A ÁFRICA

1. Oração de agradecimento

1 “Sou teu servo, Senhor, teu servo e filho de tua serva. Quebraste-me as cadeias; vou oferecer-te um sacrifício de louvor”.[1] Louvem-te meu coração e minha língua, e digam todos os meus ossos: “Quem é semelhante a ti, Senhor”?[2] Que eles o digam. E tu responde-me e “dize à minha alma: Eu sou o teu salvador”.[3] Quem sou eu? E como sou? Que malícia não houve nos meus atos! Ou, se não houve nos meus atos, existiu nas minhas palavras; ou, se não existiu nas minhas palavras, existiu na minha vontade! Mas tu, Senhor bom e misericordioso, com tua mão exploraste as profundezas de minha morte e purificaste o abismo de corrupção do meu espírito. Isso aconteceu no momento em que eu não queria mais aquilo que antes desejava, e queria aquilo que tu querias. Mas, onde tinha estado durante tanto tempo o meu livre-arbítrio? De que profundo e misterioso abismo foi ele chamado num instante, a fim de que eu inclinasse a cabeça sob teu jugo suave, e os ombros sob o teu fardo que é leve.[4] O Cristo Jesus, “minha ajuda e meu redentor”?[5] Quão suave se tornou de repente para mim a privação das falsas delícias! Eu que tanto temia perdê-las, senti prazer agora em abandoná-las. Tu, ó verdadeira e suprema suavidade, as afastavas de mim. Afastavas e entravas em lugar delas, mais doce do que qualquer prazer — é claro, não pela carne nem pelo sangue — mais luminoso que toda luz, porém mais oculto que qualquer segredo, mais sublime que todas as honras, mas não para aqueles que se exaltam a si mesmos. Meu espírito libertava-se agora das preocupações torturantes da ambição e da avareza, dos pruridos da sarna das paixões. Só me entretinha agora contigo, ó minha glória, riqueza e salvação, Senhor meu Deus.

2. Agostinho decide abandonar a cátedra de retórica

2 Diante de ti, resolvi evitar, na minha ruptura, todo es-tardalhaço, abandonando calmamente o ofício de comerciante de tagarelices. Assim o fiz para que os jovens que não cuidavam nem da tua lei nem da tua paz, e que sonhavam com tolices mentirosas e batalhas de fórum, não comprassem da minha boca as armas para o seu furor. Por feliz coincidência faltavam pouquíssimos dias para as férias da vindima. Resolvi manter a situação até essa época, para então deixar normalmente a escola e não mais retornar. Uma vez por ti resgatado, não pretendia vender-me novamente. Tal era o nosso plano, conhecido somente por ti; ninguém, com exceção dos íntimos, devia sabê-lo. Tínhamos combinado não divulgar a notícia, embora estivéssemos subindo o vale de lágrimas[6] e en-

toando o cântico gradual,[7] e nos tivesses concedido "setas agudas, carvões devoradores contra a língua pérfida".[8] Esta, sob a aparência de conselheira, contradiz e consome a quem ama, tal como se faz com o alimento.

3 Tu nos havias transpassado o coração com as flechas do teu amor,[9] e trazíamos tuas palavras dentro das nossas entranhas; os exemplos de teus servos — que das trevas trouxeras para a luz, e da morte para a vida — no ín-timo do pensamento nos queimavam e consumiam o pesado torpor, a fim de não mais nos inclinarmos para as baixezas. Inflamavam-nos de tal modo, que qualquer sopro de contradição vindo das línguas malévolas, longe de nos arrefecer, ainda mais nos incendiava.

Muitos, em honra de teu Nome (aquele Nome que tornaste santo sobre toda a terra), teriam certamente louvado o meu propósito. Pareceria um gesto de ostentação não aguardar a época das férias, já tão próxima. Demitir-me antecipadamente de uma profissão pública e conhecida por todos, antecipando à data da vindima tão próxima seria atrair a atenção de todos para a minha conduta; todos iriam dizer que eu desejaria parecer importante. E para que provocar suposições e discussões a respeito de meus sentimentos íntimos, tornando o meu bem alvo de maledicências?[10]

4 Nesse mesmo verão, um de meus pulmões começara a sofrer do excessivo cansaço provocado pelas aulas. Respirava com dificuldade, e as dores no peito revelavam uma lesão. Não conseguia mais falar alto, nem durante longo tempo. Fiquei angustiado num primeiro momento, ao pensar que seria forçado a abandonar o ensino, ou pelo menos interrompê-lo, para poder tratar-me e convalecer. Mas em mim nasceu então e se consolidou a firme vontade de dedicar-me à consideração de "que tu és o Senhor". [11] Aí, tu bem sabes, meu Deus, como me alegrou encontrar essa desculpa não capciosa para suavizar o desgosto daqueles que, por causa de seus filhos, não me teriam nunca permitido ser livre. Cheio de tal consolação, suportei com paciência que passasse esse intervalo de tempo — cerca de vinte dias. A espera, no entanto, era longa, pois já não me atraía a cobiça do ganho que me ajudava a desempenhar a dura tarefa. Teria sido esmagado por essa espera, se não fosse sustentado pela paciência. Talvez alguns de teus servos, meus irmãos, dirão que pequei por ter consentido em sentar-me ainda uma hora na cátedra da mentira,[12] quando o coração já transbordava do desejo de te servir. Não quero discutir isso. Mas tu, Senhor de misericórdia, acaso não me perdoaste e pela água santa não me remiste também este pecado, com todos os outros, horrendos e mortais?

3. Verecundo e Nebrídio

5 Verecundo[13] se angustiava com esse nosso encaminhamento para o bem, pois sentia-se afastado de nossa companhia, a que estava ligado por laços muito estreitos. Não sendo ainda cristão, embora unido a uma esposa cristã, nela encontrava o maior obstáculo que lhe fechava o caminho por onde tínhamos entrado. Ele dizia que não queria ser cristão de

outro modo, a não ser justamente pelos meios que lhe eram proibidos. Ofereceu-nos, generosamente, sua propriedade pelo tempo que desejássemos. Ó Senhor, tu o recompensarás na ressurreição dos justos. E certamente já lhe concedeste o prêmio. De fato, em nossa ausência, quando nos encontrávamos em Roma, foi acometido por uma doença, e morreu depois de se ter feito fiel cris-tão. De tua parte, foi um ato de misericórdia, não somente em relação a ele, mas também em relação a nós, pois teria sido intolerável tormento não ser possível incluir entre os membros do teu rebanho aquele amigo que fora tão generoso para conosco. Graças te sejam dadas, Senhor nosso Deus! Somos teus, o que é demonstrado pelas palavras de exortação e conforto que nos dás: fiel às tuas promessas, concedes a Verecundo a amenidade do teu jardim eternamente em flor, em troca da sua casa de campo em Cassicíaco, onde repousamos em ti, longe do fervilhar do mundo. Perdoaste-lhe os pecados cometidos na terra e o colocaste sobre "a montanha sublime, a montanha fértil em que habitas".[14]

6 Angustiava-se então Verecundo. Nebrídio, ao contrário, partilhava a nossa alegria, se bem que também este, não sendo ainda cristão, tivesse caído no perigosíssimo erro de crer que a verdadeira carne do teu Filho fosse mera aparência.[15] No entanto, desembaraçava-se pouco a pouco dessas idéias. Sem ser ainda iniciado em nenhum dos sacramentos da tua Igreja, procurava a verdade com grande zelo. Não muito tempo depois de nossa conversão e regeneração pelo batismo, também ele se fez católico. Enquanto na perfeita castidade e continência ele te servia na África entre seus familiares — todos convertidos com ele à fé cristã — tu o libertaste da vida da carne. Ele vive agora no seio de Abraão.[16] Qualquer seja o sentido da expressão "seio de Abraão", aí vive o meu Nebrídio, meu doce amigo, teu filho adotivo, e já liberto, Senhor. Aí está ele vivo, pois que outro lugar poderia acolher semelhante alma? Vive no lugar do qual me pedia tantas notícias, a mim pobre homem que nada sabia. Agora já não presta ouvidos à minha boca, e sim leva sua boca espiritual à tua fonte, e bebe a tua sabedoria o mais que lhe é possível, em proporção com a sua avidez e numa felicidade sem fim. Não creio, porém, que se embriague a ponto de esquecer-me, enquanto tu, que és o Senhor que o sacia, não te esqueces de nós.

Estávamos então nesta situação: confortávamos Verecundo, desgostoso com a nossa conversão, sem que a nossa amizade nada viesse a sofrer; e o animávamos a ser fiel à sua vida de casado. Por outro lado, esperávamos o momento em que Nebrídio nos seguisse. Esta ocasião estava próxima. Já poderia tê-lo realizado, e estava mesmo a ponto de fazê-lo. Enfim, passaram-se aqueles últimos dias de aulas, que me tinham parecido muitos e longos, à espera da tranqüila liberdade em que poderia cantar no íntimo de meu ser: "Meu coração me diz: eu busquei a tua face. É a tua face, Senhor, que eu procuro".[17]

4. Em Cassicíaco escreve e medita sobre os Salmos

7 Chegou finalmente o dia de libertação material da profissão de retórico, da qual eu já

estava espiritualmente livre. E aconteceu que me livraste a língua de uma atividade da qual já me havias livrado o espírito. E, partindo para a casa de campo com todos os meus, eu te louvava com alegria. Nos livros de discussões com meus amigos mesmo diante de ti[18] está documentada a atividade literária aí realizada, já a teu serviço, mas respirando ainda — como nas pausas da luta — o orgulho da erudição. As discussões que sustentei com Nebrídio, ausente, estão documentadas nas minhas Cartas.[19] Mas quando encontrarei tempo suficiente para dar testemunho de todos os grandes benefícios que me concedeste nessa época da minha vida, ainda mais que tenho pressa de referir outras coisas ainda mais importantes?

Lembro-me, Senhor, e é-me grato confessá-lo a ti, dos estímulos interiores com que me domaste, e como me aplai-naste a alma, abaixando as montanhas e as colinas de meus pensamentos,[20] endireitando os caminhos sinuosos, suavizando as asperezas. Como também submeteste Alípio, meu irmão espiritual, ao teu unigênito Senhor e Salvador nosso Jesus Cristo, cujo nome até então ele julgava indigno de figurar em meus escritos, pois ele preferia o odor dos cedros soberbos das escolas, já abatidos pelo Senhor,[21] ao perfume das saudáveis ervas da Igreja, antídoto contra as serpentes.

8 Quanto te invoquei, ó meu Deus, ao ler os salmos de Davi, cânticos de fé, hinos de piedade contrastantes com qualquer sentimento de orgulho, eu, novato ainda no caminho do teu verdadeiro amor, catecúmeno em férias, no campo com Alípio, catecúmeno também este, e na companhia de minha mãe, de aspecto feminino e fé varonil, com a serenidade da velhice, ternura maternal e sólida piedade cristã. Quantas exclamações me inspirava a leitura desses salmos, e como eles me inflamavam no teu amor! Desejava ardentemente recitá-los, se possível, para o mundo todo, a fim de rebater o orgulho do gênero humano. E, no entanto, são cantados no mundo inteiro, e nada pode furtar-se ao teu calor.[22] Com que veemência e com que sofrimento me indignava contra os maniqueístas, para logo passar à compaixão pela ignorância deles em relação aos sacramentos, nossos remédios, e por sua louca fúria contra um antídoto que teria podido curá-los! Nesses momentos, desejaria que estivessem perto de mim, em qualquer parte — sem que eu tivesse conhecimento da presença deles — e que me observassem o rosto e ou-vissem minhas exclamações ao ler, nesses momentos de descanso, o salmo quatro, e percebessem o efeito em mim produzido por suas palavras: "Quando te invoquei, tu me escutaste, ó Deus da minha justiça, aliviaste-me nas minhas angústias. *Tem piedade de mim, Senhor, e escuta a minha oração*".[23] Desejaria que ouvissem, à minha revelia, pois de outro modo poderiam entender como dirigidas a eles as palavras que eu intercalava às do salmo. Realmente, se eu percebesse que era observado, não as teria proferido, ou, pelo menos, as teria dito de outra forma. Ou, ainda que eu as pronunciasse, não as entenderiam tais como eu as dizia comigo mesmo, diante de ti, como expressão do íntimo sentimento de minha alma.

9 Eu tremia de medo e ao mesmo tempo ardia de esperança e alegria por tua misericórdia, ó Pai. E todos esses sentimentos, ó Pai, se patenteavam através de meus

olhos e de minha voz, quando o teu “Espírito de bondade”,[24] dirigindo-se a nós, dizia: “Filhos dos homens, até quando sereis duros de coração? Por que amais a vaidade e buscais a mentira”?[25] Sim, realmente eu tinha amado a vaidade e buscado a mentira. E tu, Senhor, já tinhas engrandecido o teu eleito, “ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o assentar à tua direita”,[26] de onde deverias enviar-nos o “Paráclito” prometido, “o Espírito da verdade”.[27] O Senhor já o tinha enviado, e eu não o sabia. Ele o en-viara, porque já estava glorificado, “ressurgindo dos mortos” e subindo ao céu. Primeiro, “ainda não tinha sido dado o Espírito, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado”.[28] E a profecia exclama: “Até quando sereis duros de coração? Por que amais a vaidade e buscais a mentira? Sabeis que o Senhor exaltou o seu santo”.[29] Até quando? E grita: “Sabei...” E eu, durante tanto tempo, sem o saber, amei a vaidade e busquei a mentira. Por isso tremi ao ouvi-lo. Lembrei-me que fui igual àqueles a quem eram dirigidas tais palavras. As fantasias, que eu havia tomado como verdade, eram vaidade e mentira. Por isso fiz ressoar gemidos fortes e profundos na dor da recordação. Oxalá os tivessem ouvido aqueles que até agora amam a vaidade e procuram a mentira! Talvez se perturbassem e as tivessem rejeitado. E tu os terias ouvido, ao clamarem por ti,[30] pois “aquele que intercede por nós, morreu”[31] da verdadeira morte da carne.[32]

10 Eu lia: “Irai-vos, e não queirais pecar”![33] Como me per-turbavam tais palavras, meu Deus! Já havia aprendido a irar-me contra os meus crimes passados, para me sentir impelido a não mais pecar no futuro! E era uma cólera justa, pois quem pecava em mim não era uma natureza estranha, da raça das trevas, segundo afirmam aqueles que, não se irando contra si mesmos, acumulam para si a ira “para o dia da ira e da revelação da tua justa sentença”![34] Meus verdadeiros bens já não estavam fora de mim, e já não os buscava com os olhos da carne à luz deste sol. Aqueles que pretendem encontrar a alegria fora de si mesmos facilmente encontram o vazio, dissipando-se nas coisas visíveis e temporais, das quais o seu pensamento faminto lambe somente as aparências. Oh! se esgotados pelo jejum, dissessem: “Quem nos mostrará a felicidade”?[35] Que ouçam a nossa resposta: “Está gravada dentro de nós a luz da tua face, Senhor”![36] De fato, não somos nós “a luz que ilu-mina todo homem”,[37] mas somos iluminados por ti, para que sejamos “luz em ti, nós que fomos trevas um dia”.[38] Oh! se ao menos com o olhar interior vislumbrassem o eterno! Eu que já o havia saboreado,[39] fremia por não poder mostrá-lo. Oh! se eles, trazendo no olhar o coração voltado para longe de ti, me dissessem: “Quem nos mostra os bens verdadeiros”? Pois lá onde me tinha irado contra mim mesmo, no recôndito de minha alma, onde tinha tomado pela contrição, onde tinha oferecido em sacrifício a parte velha de mim mesmo, onde, cheio de esperança em ti, começara a meditar na minha renovação interior, lá mesmo tinhas manifestado pela primeira vez a tua suavidade e tinhas dado a “felicidade ao meu coração”.[40] Enquanto lia em voz alta estas palavras, cujo eco repercutia em minha alma, eu prorrompia em

exclamações, e cada vez mais firme era a intenção de não multiplicar os bens terrenos, devorando o tempo e sendo por ele devorado, pois tinha agora, na simplicidade eterna, um “trigo, vinho e óleo” diferentes.[41]

11 No versículo seguinte, profundo suspiro me subia do fundo do coração: “Oh! na sua paz! Oh! no seu próprio Ser”! Mas o que diz ele? “Dormirei e me entregarei ao sono”?[42] Quem poderá resistir a nós quando se realizar “o que foi escrito: A morte foi absorvida na vitória”?[43] “És realmente o Senhor e não mudas”.[44] Em ti está o repouso que faz esquecer todas as fadigas, porque ninguém está contigo, nem vale a pena buscar outros bens que não sejam o que és. “Só tu, Senhor, me fazes descansar com segurança”.[45] Eu lia e me inflamava. Não sabia o que fazer para salvar aqueles surdos mortos, a cujo grupo eu havia pertencido, quando ainda era uma peste, um cão raivoso e cego que ladrava contra as Escrituras feitas de mel celeste e resplendentes de tua luz. “Consumia-me ao pensar nos inimigos” [46] destas Escrituras.

12 Quando recordarei todos os fatos sucedidos naqueles dias de lazer? Mas não os esqueci! E não deixarei de relatar a dureza do teu açoite e a presteza admirável de tua misericórdia. Tu me atormentavas com uma dor de dentes, e quando esta se agravou tanto que não me deixava falar, ocorreu-me pedir a todos os presentes que im-plorassem por mim a Deus, do qual vem toda salvação. Escrevi esse pedido numa tabuazinha encerada e entreguei-a para que lhes fosse lido. Logo que dobramos os joelhos, em piedosa súplica, a dor desapareceu. Mas que dor? E como desapareceu? Confesso que fiquei deslumbrado, “Senhor meu Deus”. Nunca havia experimentado nada de semelhante em toda a minha vida. Aquele sinal penetrou no mais íntimo de minha alma, e, alegre na minha fé, “louvei o teu nome”. Mas essa fé não me deixava tranqüilo quanto aos meus pecados passados, porque ainda não tinham sido apagados pelo teu batismo.

5. Deixa o ensino e se prepara para o batismo

13 Terminadas as férias da vindima, comuniquei aos habitantes de Milão que deveriam providenciar para seus estudantes outro vendedor de palavras, já que eu havia decidido dedicar-me ao teu serviço. Além disso, a dificuldade de respiração e as dores que sentia no peito impediam-me de continuar a desempenhar a profissão. Comuniquei por carta a teu santo bispo Ambrósio os meus erros passados e a minha intenção presente, pedindo-lhe que me sugerisse qual dos teus livros eu deveria de preferência ler, a fim de melhor me preparar para receber tão grande graça. Prescreveu-me a leitura do profeta Isaías, sem dúvida por ser este quem anuncia, mais explicitamente que os outros, o teu evangelho e a vocação dos gentios. Achando-lhe, no entanto, incompreensível o início, e julgando fosse todo assim, suspendi a leitura, com a intenção de retomá-la quando estivesse mais exercitado na palavra do Senhor.

6. Batismo em Milão com Alípio e Adeodato

14 Quando chegou o momento em que devia dar o meu nome para o batismo,[47] deixando o campo, voltamos para Milão. Quis também Alípio renascer em ti, juntamente comigo, já revestido da humildade tão de acordo com teus mistérios, e senhor absoluto de seu corpo, a ponto de caminhar descalço, com rara coragem, sobre o enregelado solo da Itália. Juntamos também a nós Adeodato, filho do meu pecado, a quem tinhas dotado de grandes qualidades. Com quinze anos apenas, superava em talento muitas pessoas maduras e eruditas. Reconheço os teus dons, Senhor meu Deus, criador de todas as coisas e tão poderoso para corrigir nossas deformidades, pois, de meu, naquele rapaz, nada havia senão o pecado. O fato de ter sido criado sob tua lei, era fruto de tua inspiração e de mais ninguém. Confesso os teus dons.

Escrevi um livro intitulado *O mestre,* no qual meu filho conversa comigo. Tu bem o sabes, todos os pensamentos aí manifestados por meu interlocutor são realmente dele, então com dezesseis anos. Nele encontrei muitas outras qualidades, ainda mais extraordinárias. Aquele talento causava-me admiração, pois quem, senão tu, poderia ser o autor de semelhantes maravilhas? Cedo o levaste desta terra; e com a recordação dele sinto maior segurança do que a teria com sua vida. Nada mais devo temer por sua infância, nem por sua adolescência ou puberdade. A nós o associamos pela mesma idade na tua graça. Queríamos educá-lo na tua lei. Fomos batizados, e desapareceu qualquer preocupação quanto à vida passada. Nesses dias, não me saciava a maravilhosa doçura de considerar a grandeza de teus desígnios para a salvação da humanidade. Quantas lágrimas verti, de profunda comoção, ao mavioso ressoar de teus hinos e cânticos em tua igreja! Aquelas vozes penetravam nos meus ouvidos e destilavam a verda-de em meu coração, inflamando-o de doce piedade, enquanto corria meu pranto e eu sentia um grande bem-estar.

7. Uso do canto litúrgico em Milão

15 Não havia muito tempo que a igreja de Milão começara a adotar o consolador e edificante costume de celebrar com grande fervor os ritos com o canto dos fiéis, que uniam num só coro as vozes e o coração.[48]

Havia um ano ou pouco mais que Justina, mãe do imperador Valentiniano, ainda menor, perseguia teu servo Ambrósio, por causa da heresia com que fora seduzida pelos arianos. A multidão dos fiéis velava na igreja, pronta a morrer com seu bispo, teu servo. Minha mãe, tua serva, pelo zelo era das primeiras nas vigílias: ela passava aí horas inteiras em oração. Também nós, embora ainda fracos espiritualmente, participávamos da consternação e emoção do povo. Foi então que começou o uso de cantarem hinos e salmos como os orientais, a fim de que os fiéis não se acabrunhassem com o tédio e a tristeza. Esse uso subsiste até hoje e foi imitado pela maior parte das comunidades de fiéis, espalhados por todo mundo.

16 Nessa ocasião, revelaste em visão ao teu bispo Ambrósio o lugar onde se encontravam os corpos dos mártires Protásio e Gervásio. Por longos anos os conservaste intac-tos no tesouro do teu segredo, para descobri-los no momento oportuno, a fim de domar o furor de uma mulher, embora rainha. Descobertos e desenterrados, foram os corpos transportados com todas as honras, para a basílica ambrosiana. Verificou-se, durante o trajeto, não só que possessos se livravam dos demônios, o que foi atestado pelos próprios demônios, como também um cego de muitos anos, cidadão bem conhecido na cidade, tendo ouvido o ruído da multidão em festa, e havendo indagado e sendo informado sobre a causa da turbulenta alegria do povo, levantou-se e pediu ao guia que o levasse até lá. Ao chegar, obteve permissão para tocar com o lenço o ataúde dos teus santos, cuja morte é tão preciosa a teus olhos.[49] Logo que tocou o caixão e encostou o lenço nos olhos, estes imediatamente se abriram. A notícia logo se divulgou, elevando-se a ti fervorosos e solenes louvores. O coração de tua inimiga, se não chegou a empenhar-se no ato de fé que a teria salvo, pelo menos moderou o furor da perseguição. Graças a ti, meu Deus! De onde e para onde guiaste a minha memória, a fim de que te louvasse por esses acontecimentos que, embora importantes, eu havia esquecido e descuidado? No entanto, eu ainda não corria atrás de ti, não obstante a suave fragrância de teus perfumes.[50] Por isso, eu chorava muito durante o canto dos teus hinos. Outrora havia suspirado ardentemente por ti, e finalmente respirava o pouco ar que pode circular numa cabana de feno.[51]

8. Educação de Mônica

17 “Tu, que preparaste uma casa para os corações unidos”,[52] associaste a nós também Evódio, um jovem de nosso município. Funcionário do Estado, tinha-se convertido antes de nós, fora batizado e, abandonando as ocupações mundanas, dedicara-se a teu serviço. Vivíamos juntos e nos dispúnhamos a morar sempre unidos em nosso santo propósito. Procurávamos justamente o lugar para melhor servir-te e voltávamos juntos para a África. Nessa ocasião, em Óstia, na foz do Tibre, faleceu minha mãe.

Deixo de relatar muitos fatos, na pressa de ir adiante. Recebe a minha confissão e a minha ação de graças, ó meu Deus, também pelos fatos que silencio. Mas não quero calar os sentimentos que me brotam na alma a respeito de tua serva, que me deu a vida temporal segundo a carne e que, pelo coração, fez-me nascer para a vida eterna. Não falarei sobre suas qualidades, mas sobre os dons que lhe concedeste; porque não foi ela quem se fez ou se educou por si. Foste tu que a criaste; nem mesmo o pai ou a mãe podiam prever a personalidade daquela que geraram. Foi o bordão do teu Cristo,[53] a disciplina do teu Filho unigênito, que a educaram no teu temor, no seio de uma família fiel, que era digno membro da tua Igreja. Mais que a diligência da mãe por sua educação, Mônica enal-tecia a dedicação de uma velha escrava, que já carregara às costas meu avô materno, ainda menino, como é costume serem trazidas as crianças pelas meninas mais crescidas. Por isso, como também por sua idade avançada e seus costumes exemplares, a

velha escrava era muito res-peitada por seus patrões nessa casa cristã. Ocupava-se também com solicitude da educação das filhas de seus patrões, que lhe fora confiada, repreendendo-as quando necessário, com santa e enérgica severidade, instruindo-as com discreta prudência. Fora do horário das refeições, que tomavam muito sobriamente à mesa dos pais, ela não permitia que bebessem nem mesmo água, ainda que tivessem muita sede, para evitar que adquirissem maus hábitos. E acrescentava estas palavras sensatas: “Agora bebeis água, porque não tendes vinho em vosso poder, mas quando casardes e fordes senhoras da despensa e da adega, não mais gostareis da água, mas prevalecerá o vício da bebida”. Com esse método de instrução, dado com autoridade, refreava-lhes a gula desde tenra idade e submetia a própria sede delas às normas da temperança, de modo que não as atraía o que não era conveniente.

18 No entanto, insinuou-se em minha mãe o gosto pelo vinho, como ela mesma o contou a mim, seu filho. Quando os pais, julgando-a sóbria, a mandavam, segundo o costume, apanhar o vinho no tonel, ela mergulhava a caneca pela abertura superior e, antes de derramá-lo na garrafa, sorvia um pouquinho com a ponta dos lábios; não tomava mais, porque a isso se recusavam suas inclinações. Não fazia isso por tendência à embriaguez, mas pela exuberância da juventude, que se manifesta através de atos impensados e habitualmente reprimidos pela autoridade dos adultos sobre as crianças. Acrescentando, porém, dia a dia, goles sobre goles, escravizou-se a um costume, de modo a esvaziar avidamente copos quase cheios de vinho, pois quem descuida as coisas pequenas insensivelmente cai nas maiores.[54] Onde estava então a prudente anciã com suas severas proibições? Que remédios poderiam curar aquela doença oculta, se o teu auxílio, Senhor, não velasse sobre nós? Ausentes o pai, a mãe e as amas, tu no entanto estavas presente, tu que nos criaste, que nos chamas, que também através das autoridades fazes o bem para a salvação das almas. Que fizeste então, meu Deus? Como a socorreste? Como a curaste? Inspiraste a outra pessoa uma expressão injuriosa, dura e pungente como ferro em brasa surgido de tuas misteriosas reservas, que de um só golpe extirpou toda essa podridão. De fato, a empregada que tinha o costume de acompanhá-la à adega, discutindo um dia com sua jovem patroa, como às vezes acontece, censurou esse vício, chamando-a insultuo-samente de beberrona. Sentindo-se como que esbofeteada, minha mãe reconheceu claramente a indignidade de seu comportamento, reprovou esse vício e livrou-se imediatamente dele. Assim como as adulações dos amigos nos pervertem, as censuras dos inimigos muitas vezes nos corrigem. Tu, porém, não os recompensas segundo os frutos de suas ações, mas segundo as intenções deles. A em-pregadinha, no momento da ira, queria irritar a patroa ao invés de curá-la, e o fez em segredo, ou porque simples-mente se encontravam sozinhas no lugar e momento da briga, ou talvez porque ela mesma se expunha a um perigo, se revelasse o fato tão tarde. Mas tu, Senhor, que tudo diriges no céu e na terra, fazendo a água das torrentes servir aos fins que queres, e regulando o curso turbulento dos séculos, curaste uma pessoa através da insensatez de outra. Por isso, refletindo sobre esse episódio, ninguém atribua à sua própria influência pessoal a melhoria que suas palavras provocam em outra pessoa que deseja ser corrigida.

19 Desse modo, educada no pudor e na sobriedade, e submissa por ti a seus pais, mais que por seus pais a ti, quando chegou à idade de casar-se, foi dada a um marido, a quem serviu como senhor. Procurava conquistá-lo para ti, falando-lhe de ti através das virtudes, com as quais tu a tornavas bela e pelas quais o marido a respeitava, amava e admirava. Suportou infidelidades conjugais, sem jamais hostilizar, demonstrar ressentimento contra o marido por isso. Esperava que tua misericórdia descesse sobre ele, para que tivesse fé em ti e se tornasse casto. Embora de coração afetuoso, ele se encolerizava facilmente. Minha mãe havia aprendido a não o contra-riar com atos ou palavras, quando o via irado. Depois que ele se refazia e acalmava, ela procurava o momento oportuno para mostrar-lhe como se tinha irritado sem refletir. Muitas senhoras, embora casadas com homens mais mansos, traziam sinais de pancadas que lhes desfiguravam o rosto e, nas conversas entre amigas, deploravam o comportamento dos maridos. Minha mãe, pelo contrário, ainda que com ar de brincadeira, lhes reprovava as conversas, lembrando-lhes que o contrato lido no casamento devia ser considerado como o documento da própria submissão, não tendo elas condição de assumirem atitudes de soberba contra seus senhores. Conhecendo o tipo de marido colérico que minha mãe suportava, muito se admiravam por nunca se ouvir dizer ou se revelar, por algum indício, que Patrício tivesse batido na mulher, nem que algum dia tivessem brigado em casa. As amigas perguntavam-lhe confidencialmente a razão disso, e ela explicava-lhes o comportamento que acabo de descrever. Algumas então adotavam o mesmo sistema e congratulavam-se por havê-lo experimentado. Aquelas que não o observavam continuavam a sofrer violências.

20 A princípio, a sogra irritava-se contra ela, devido aos mexericos de escravas intrigantes; mas foi também conquistada pelo respeito e pela perseverança na paciência e na doçura, de tal modo que ela própria quis denunciar ao filho, pedindo que fossem punidas as línguas malévolas que se interpunham entre ela e a nora, perturbando a paz familiar.

O filho, para restabelecer a disciplina e a concórdia em família e por obediência à mãe, fez castigar com vara as escravas culpadas, segundo o desejo de quem as acusara. E ela prometeu igual tratamento a qualquer outra que lhe falasse mal da nora, pensando em ser-lhe agradável. Nenhuma ousou mais fazê-lo, e as duas viveram em perfeito relacionamento de recíproca benevolência, digna de registro.

21 Concedeste ainda, “ó meu Deus e minha misericórdia”, um dia,[55] um grande dom àquela tua fiel serva, em cujo seio me criaste. Sempre que havia discórdia entre pessoas, ela procurava, quando possível, mostrar-se conciliadora, a ponto de nada referir de uma a outra, senão o que podia levá-las a se reconciliarem. E isso fazia, depois de ter ouvido de um lado e de outro, as queixas amargas que costumam surgir nos casos de forte antipatia, quando o rancor provoca as mais ásperas acusações contra as amigas ausentes. Esse dom me pareceria de pouca importância, se uma triste experiência não me houvesse

mostrado que grande número de pessoas — não sei por qual horrendo e muito difundido contágio do pecado — não só repetem a pessoas inimigas o que umas dizem das outras, sob o império da ira, como ainda acrescentam palavras que jamais foram pronunciadas. Para uma pessoa realmente humana, não será suficiente limitar-se a não provocar ou aumentar as inimizades, com ditos malévolos, mas também procurar extingui-las com boas palavras.

22 Assim era minha mãe, graças às lições que tu, seu mestre espiritual, lhe ensinaste. E ao final, nos últimos anos de vida do marido, ela o conquistou para ti. Depois da conversão deste, ela não precisou mais lamentar os ultrajes que antes sofria.

Minha mãe era a serva de todos os teus servos. Todos os que a conheciam louvavam, honravam e amavam profundamente a ti, por nela sentirem a tua presença, comprovada pelos frutos de uma vida santa. Tinha sido esposa de um só marido, tinha cumprido seu dever para com os pais, tinha governado a casa com dedicação e dado o testemunho das boas obras.[56] Educara os filhos, gerando-os de novo tantas vezes quantas os visse afastarem-se de ti. Enfim, ainda antes de adormecer para sempre no Senhor, quando já vivíamos em comunidade depois de ter recebido a graça do batismo — já que por tua bondade, ó Senhor, permites que falem teus servos — ela cuidou de todos, como se nos tivesse gerado a todos, servindo a todos nós, como se fosse filha de cada um.

10. Em Óstia: contemplação de Agostinho e Mônica

23 Ao aproximar-se o dia de sua morte — dia que só tu conhecias e nós ignorávamos — sucedeu, creio que por tua vontade e de modo misterioso como costumas fazer, que ela e eu nos encontrássemos sozinhos, apoiados a uma janela, cuja vista dava para o jardim interno da casa onde morávamos, em Óstia Tiberina. Afastados da multidão, procurávamos, depois das fadigas de uma longa viagem, recuperar as forças, tendo em vista a travessia marítima. Falávamos a sós, muito suavemente, esquecendo o passado e avançando para o futuro.[57] Tentávamos imaginar na tua presença, tu que és a verdade, qual seria a vida eterna dos santos, aquela que "os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, e o coração do homem não percebeu".[58] Abriam-se os lábios do coração à corrente impetuosa da tua fonte, fonte de vida que está em ti,[59] para que, aspergidos por ela, nossa inteligência pudesse meditar sobre tão grande realidade.

24 Nossa conversa chegou à conclusão de que o prazer dos sentidos do corpo, por maior que seja e por mais brilhante que seja essa luz temporal, não é digna de ser comparada à felicidade daquela vida, nem mesmo é digna de ser mencionada. Elevando-nos com o mais ardente amor ao próprio Bem,[60] percorremos gradualmente todas as coisas corporais até o próprio céu, de onde o sol, a lua e as estrelas iluminam a terra. E subíamos ainda mais ao interior de nós mesmos, meditando, celebrando e admirando as suas obras. E chegamos assim ao íntimo de nossas almas. Indo além, atingimos a região da inesgotável abundância, onde nutres eternamente Israel[61] com o alimento da verdade,

e onde a vida é a própria Sabedoria, pela qual foram criadas todas as coisas que existiram, existem e hão de existir, pois a Sabedoria mesma não é criada, mas existe como sempre existiu e como sempre há de existir. Antes, nela não há passado nem futuro, pois simplesmente "é", por ser eterna. Ter sido e haver de ser não são próprios do Ser eterno.

Enquanto assim falávamos, ávidos de alcançar a Sabedoria, chegamos apenas a tocá-la num supremo ímpeto do nosso coração, e, suspirando, renunciamos a essas "primícias do espírito",[62] para voltarmos ao som vazio de nossos lábios, onde a palavra nasce e morre. Como poderá esta palavra, meu Deus, comparar-se ao teu Verbo, estável em si mesmo, sem jamais envelhecer, e renovador de todas as coisas?

25 E comentávamos: se o tumulto da carne pudesse silenciar, se as imagens da terra, da água e do ar, se calassem; se os céus e a própria alma se calassem e esta superasse a si própria, não mais pensando em si mesma; se os sonhos e revelações da fantasia, se toda língua e todo sinal e tudo aquilo que nasce para desaparecer, se tudo se calasse completamente (sim, porque todas as coisas falam aos que sabem ouvir, e dizem: não fomos feitas por nós mesmas, fomos feitas por aquele que "dura eternamente");[63] se, ditas essas palavras, todos os seres emudecessem para escutar o seu Criador, e se só ele falasse, não pelas criaturas, mas por si mesmo, e se o escutássemos falar, não mais através de língua carnal, ou pela voz de anjo, ou pelo estrondo de trovão,[64] ou em parábola misteriosa, mas ele, diretamente, a quem amamos nas criaturas, a quem ouvimos sem intermediários tal como acabamos de experimentar, atingindo num relance a Sabedoria eterna, que permanece imutável e para além de toda realidade; se essa contemplação se prolongasse e todas as outras visões desaparecessem, e somente esta nos arrebatasse, nos absorvesse e nos mergulhasse no gozo interior, de tal modo que a vida eterna fosse como aquele momento de intuição pelo qual suspiramos... não seria tudo isso a realização do convite: "Vem alegrar-te com o teu Senhor"?[65] E quando acontecerá isso? Não será talvez "quando todos estivermos ressuscitados, mas nem todos transformados"?[66]

26 Assim falávamos, se bem que de modo e com palavras diversas. No entanto, Senhor, tu sabes como nesse dia, durante esse colóquio, o mundo, com todos os seus prazeres, perdia para nós todo valor, e minha mãe me disse: "Meu filho, nada mais me atrai nesta vida; não sei o que estou ainda fazendo aqui, nem por que estou ainda aqui. Já se acabou toda esperança terrena. Por um só motivo eu desejava prolongar a vida nesta terra: ver-te católico antes de eu morrer. Deus me satisfez amplamente, porque te vejo desprezar a felicidade terrena para servi-lo. Por isso, o que é que estou fazendo aqui"?

11. Morte de Mônica

27 Não lembro bem o que foi que lhe respondi. Passados, porém, cinco dias ou pouco mais, ela caiu de cama com febre. Durante a doença, perdeu os sentidos, por alguns

instantes não reconhecia os presentes. Acorremos logo, e ela imediatamente voltou a si. Olhou para meu irmão e para mim ao lado e, como se procurasse alguma coisa, perguntou-nos: “Onde é que eu estava”? Depois, notando nosso espanto e tristeza, acrescentou: “Enterrareis aqui a vossa mãe”. Permaneci mudo, procurando conter as lágrimas. Meu irmão, porém, proferiu algumas palavras, mostrando o desejo de vê-la morrer na pátria e não em terra estranha. Minha mãe repreendeu-o com olhar severo por pensar de tal maneira. E, voltando-se para mim, disse: “Vê o que ele está dizendo”! E então para nós dois: “Enterrai este corpo em qualquer lugar, e não vos preocupeis com ele. Faço-vos apenas um pedido: lembrai-vos de mim no altar do Senhor, seja qual for o lugar em que estiverdes”. Dito isso da maneira como lhe foi possível, calou-se. A moléstia agravava-se e a fazia sofrer.

28 Eu pensava, ó Deus invisível, nos dons que derramas nos corações de teus fiéis e dos quais provêm frutos maravilhosos. Alegrava-me e te agradecia, lembrando-me de como, no passado, ela se preocupava em preparar a própria sepultura ao lado do marido. Assim como tinha vivido em perfeita concórdia, ela desejava fosse lembrado aos homens: após a peregrinação para além dos mares, o que restava de terreno daquele par unido recebera a graça de ser coberto pela mesma terra, tanto é incapaz a alma humana de compreender os valores divinos. Mas eu ignorava quando foi que essas vaidades, por força da plenitude da vossa bondade, deixaram de existir no coração dela. Eu estava contente, admirando-me de que ela assim procedesse. Na verdade, já em nossa conversa à janela, o seu desejo de morrer na pátria se havia manifestado, quando disse: “O que é que estou eu fazendo neste mundo”? Ouvi também dizer que um dia, estando eu ausente de casa, quando já vivíamos em Óstia, ela, conversando com alguns amigos meus, falava com maternal confiança sobre o seu menosprezo por esta vida e sobre o grande bem que é a morte. Maravilhados diante da coragem dessa mulher — dádiva tua — perguntaram-lhe se não tinha medo de deixar o corpo tão longe de sua cidade natal. E ela respondeu: “Para Deus nada é longe, nem devo temer que no fim dos séculos ele não reconheça o lugar onde me ressuscitará”.

Pelo nono dia de doença, aos cinqüenta e seis anos de idade, quando eu tinha trinta e três, essa alma fiel e piedosa libertou-se do corpo.

12. Funerais de Mônica

29 Fechei-lhe os olhos, e uma tristeza infinita invadiu-me a alma. Estava prestes a transbordar em torrentes de lágrimas. Contudo, por um violento ato de vontade, meus olhos as absorveram até secar-lhes a fonte. Eu me senti mal ao fazer tal esforço. Quando ela exalou o último suspiro, o jovem Adeodato prorrompeu em soluços, mas, instado por nós, calou-se. Assim também eu, naquele resto de infância que tendia a manifestar-se em lágrimas, também eu calava, vencido pela voz do adulto, pela voz do espírito. De fato, não nos parecia justo celebrar o funeral com lamentos e choros, pois essas demonstrações servem usualmente para deplorar a morte como infelicidade ou como

aniquilamento total, ao passo que essa morte não era uma desgraça, nem era para sempre. Estávamos certos disso pelo testemunho de seus costumes, pela sinceridade de sua fé,[67] e por outros motivos bem fundados.

30 O que é que me fazia então sofrer interiormente, senão a chaga recente causada pela ruptura inopinada de um hábito tão suave e querido da vida em comum? Alegrava-me pelo testemunho que ela me havia dado por ocasião de sua última doença: acariciando-me por lhe ter prestado algum serviço, me chamava de bom e recordava com afeto que nunca a minha boca tinha proferido contra ela nem sequer uma palavra dura ou ofensiva. No entanto, ó Deus, criador nosso, que comparação podia haver entre a solicitude que eu lhe tributava e a servidão que ela suportou por mim? Privada de tão grande consolo, minha alma sangrava, e minha vida, sendo uma com a sua, se despedaçava.

31 Quando estancamos o pranto de Adeodato, Evódio tomou o saltério e começou a cantar um salmo. Todos de casa respondiam: “Quero cantar a ti, Senhor, tua justiça e tua misericórdia”.[68] Conhecida a notícia de sua morte, acorreram muitos irmãos e mulheres piedosas. E enquanto cuidavam dos funerais os que deviam fazê-lo, conforme os costumes, eu me retirava para um lugar conveniente, com os amigos que nesse momento desejavam ficar perto de mim, e conversávamos sobre assuntos adequados à circunstância. O bálsamo da verdade era o lenitivo do sofrimento, que apenas tu conhecias. Os outros o ignoravam e me ouviam atentos, convencidos de que eu não sofria. Mas eu, pertinho de ti, onde ninguém podia ouvir-me, reprovava minha fraqueza e reprimia as lágrimas; estas cediam um pouco, mas logo voltavam pela força da dor. Eu não chegava a romper em pranto, nem mudava a expressão, mas eu sabia o que estava sentindo no coração. Desagradava-me muito que essas fraquezas humanas, inevitáveis na ordem da natureza e em nossa condição humana, tivessem tão grande poder sobre mim; e uma nova dor vinha exacerbar a minha dor, e afligia-me assim com dupla tristeza.

32 Quando seu corpo foi levado, fomos à sepultura, e de lá voltamos sem chorar. Nem mesmo chorei durante as orações, quando oferecemos por ela o sacrifício de nossa redenção, com o corpo já colocado ao lado do túmulo, antes do enterro, segundo era costume do lugar. Nem durante essas preces chorei.

No entanto, durante o dia todo, me oprimia uma dor íntima e, com o coração perturbado, eu te suplicava, quanto podia, que aliviasses meu sofrimento. E tu não o fizeste, creio que para gravar-me bem na memória, também por essa experiência, como são os laços do costume, até na alma que já se alimenta da palavra da verdade.

Pensei então em tomar um banho, pois ouvira dizer que o nome banho vem do grego *balanion,* porque afasta os sofrimentos da alma.[69] Confesso também isso à tua misericórdia, ó Pai dos órfãos; confesso que saí do banho como estava antes, sem conseguir expulsar do coração essa amarga tristeza. Depois adormeci. Quando acordei, a dor era bem menor. Sozinho no meu leito, recordei como eram verídicos os versos do teu Ambrósio. Porque tu és:

Ó Deus, que criaste o universo
Tu reges os céus, e revestes
o dia com o esplendor da luz,
e a noite com a doçura do sono.

O repouso restitua aos membros cansados
o vigor necessário ao trabalho de cada dia,
alivie as mentes fatigadas,
e dissipe a angústia das preocupações.[70]

33 Depois, pouco a pouco, voltava a recordar os primeiros pensamentos sobre tua serva, seu comportamento pie-doso para contigo, tão solícito e discreto para conosco, e do qual eu fora subitamente privado; e queria ainda chorar diante de ti, a respeito dela e por ela, a respeito de mim e por mim. Afinal, não mais reprimi as lágrimas, que correram à vontade; e sobre elas pousei o coração, que nelas encontrou repouso. Só tu as compreendias, e não qualquer pessoa, que teria interpretado com desdém o meu pranto.

Confesso-te agora tudo isso, Senhor. Leia-o quem quiser, interprete-o como lhe aprouver. Se alguém julgar que pequei, ao chorar minha mãe por alguns instantes — arrancada momentaneamente aos meus olhos aquela que por tantos anos havia chorado a fim de que eu vivesse em tua presença — não se ria de mim; mas, se for dotado de suficiente caridade, chore também ele por meus pecados diante de ti, ó Pai de todos os irmãos de Jesus Cristo.

13. Preces de Agostinho pela mãe

34 Curado já o meu coração dessa ferida, pela qual podia ser repreendido por um apego demasiadamente carnal, derramo agora diante de ti, meu Deus, por tua serva, um tipo bem diferente de lágrimas, aquelas que brotam de um coração comovido pelos perigos que corre todo homem que deve morrer em Adão. É verdade que ela, regenerada em Cristo,[71] ainda antes de ser libertada da carne, vivia de tal modo, que o teu nome era glorificado na sua fé e nos seus bons costumes. Contudo, não ouso afirmar que desde o tempo em que a regeneraste pelo batismo não tenha escapado de sua boca alguma palavra contra a tua Lei. Foi afirmado pela própria Verdade, que é teu Filho: "Aquele que chamar a seu irmão: 'louco', terá de responder ao julgamento da geena de fogo".[72] E ai do homem, mesmo de vida irrepreensível, se tu o julgares sem misericórdia! Mas, como não perscrutas nossas faltas com rigor, esperamos con-fiantemente um lugar junto a ti. Quem quiser enumerar os próprios méritos diante de ti, que poderá enumerar senão os teus dons? Oh! se os homens se reconhecessem como homens, e "aquele que se gloria, se glorie no Senhor"![73]

35 Por isso, "Deus do meu coração",[74] minha glória[75] e minha vida, esquecendo por um momento as boas obras de minha mãe, pelas quais te dou graças alegremente, peço-te

perdão por seus pecados. Ouve-me, pelos méritos daquele Médico das nossas feridas, que foi suspenso no madeiro[76] e que, sentado à tua direita, intercede por nós. Sei que ela agiu sempre com misericórdia e que perdoou de coração as faltas contra ela cometidas. Perdoa-lhe também as suas faltas,[77] se algumas cometeu em tantos anos de vida depois do batismo. Perdoa, Senhor, perdoa, eu te suplico,[78] e "não chames a juízo a tua serva".[79] Que a misericórdia triunfe sobre a justiça. Tuas palavras são verdadeiras, e prometeste misericórdia aos misericordiosos.[80] Se alguém foi misericordioso, o foi por dom recebido de ti, tu que serás misericordioso com quem tiveres misericórdia e terás piedade de quem tiveres tido piedade.

36 Eu creio que já fizeste tudo o que peço, mas "acolhe, Senhor, as livres oferendas de meus lábios".[81] Aproximando-se o dia de sua morte, minha mãe não se preocupou em ter seu corpo suntuosamente revestido ou embalsamado com aromas, não desejou ter rico monumento, nem mesmo ter sepultura na própria pátria. Não nos pediu nenhuma dessas coisas, mas desejou somente que nos lembrássemos dela diante de teu altar, ao qual ela não deixou um só dia de servir, porque sabia que aí se oferece a Vítima santa, pela qual "foi destruído o libelo contra nós" e foi vencido o inimigo,[82] aquele inimigo que conta as nossas faltas e procura com que nos acusar, e nada encontra naquele mediante o qual fomos vencedores. Quem restituirá a ele o preço pago para nos libertar do inimigo? Ao mistério da tua redenção tua serva ligou a alma pelo vínculo da fé. Que nada a separe de tua proteção. Que o leão e o dragão[83] não se interponham entre ti e ela, nem pela força nem pelo engano. Ela não responderá que nada deve, por medo de ser convencida do contrário e de ser arrastada por um acusador astuto. Mas, ela responderá que sua dívida lhe foi perdoada por aquele a quem ninguém pode restituir o que ele pagou por nós sem ser devedor.

37 Que repouse em paz ao lado do marido, antes e depois do qual a ninguém ela desposou. Serviu a ele, oferecendo-te os frutos da paciência a fim de ganhá-lo para ti. E inspira, meu Senhor e meu Deus, inspira aos teus servos, aos meus irmãos, aos teus filhos, aos meus senhores, a quem sirvo com o coração, com a voz e com a pena, a fim de que, ao lerem estas páginas, se lembrem, diante de teu altar, de Mônica tua serva, e de Patrício, outrora seu esposo, pelos quais me introduziste misteriosamente nesta vida. Que se lembrem com piedosa emoção dos que foram meus pais nesta vida transitória, e de meus irmãos em ti, Pai, e na Igreja católica, nossa mãe. Que se lembrem dos meus concidadãos na eterna Jerusalém, pela qual suspira teu povo peregrino desde a partida da pátria até o regresso. Assim, o último desejo de minha mãe será satisfeito, graças às minhas *Confissões,* e mais abundantemente com as orações de muitos, do que somente com as minhas.

1 Sl 115,16s.

2 Sl 34,10.

3 Sl 34,3.

4 Cf. Mt 11,30.

5 Sl 18,15.

6 Cf. Sl 83,6s.

7 O nome “gradual” é dado à série de salmos que eram cantados pelos peregrinos, enquanto subiam os degraus (em latim gradus) do templo de Jerusalém.

8 Sl 119,3s.

9 Cf. Pr 7,23.

10 Cf. Rm 14,16.

11 Sl 45,11.

12 Cf. Sl 1,1.

13 Ver acima, VIII livro, cap. 6.

14 Sl 67,16.

15 Alusão aos maniqueus.

16 Cf. Lc 16,22. Cf. também Contra Faustum 33,6 e Sermo 14,4.

17 Sl 26,8.

18 Agostinho refere-se às suas obras Contra Academicos, De beata vita, de Ordine e aos Soliloquia.

19 Epist. 3,4,7,9-14.

20 Cf. Is 40,4; Lc 3,4s.

21 Cf. Sl 28,5; Enarr. in Ps 79,9.

22 Cf. Sl 18,7.

23 Sl 4,2.

24 Sl 142,10.

25 Sl 4,3.

26 Ef 1,20.

27 Jo 14,16s.

28 Jo 7,39.

29 Sl 4,3s.

30 Sl 4,4.

31 Rm 8,34.

32 Continuam as alusões aos erros maniqueístas.

33 Sl 4,1.

34 Rm 2,5.

35 Sl 4,7.

36 Sl 4,7.

37 Jo 1,9.

381 Ef 5,8.

39 Cf. Sl 33,9.

40 Sl 4,7.

41 Sl 4,8.

42 Sl 4,9.

43 1Cor 15,54.

44 Cf. Ml 3,6.

45 Sl 4,10.

46 Cf. Sl 138,21.

47 Entenda-se: ser batizado. Os catecúmenos, no início da quaresma, de-viam pedir o batismo.

48 Agostinho narra as origens do canto ambrosiano.

49 Cf. Sl 115,15.

50 Cf. Ct 1,3.

51 Cf. Enarr. in Ps. 102,22.

52 Sl 67,7

53 Cf. Sl 22,4.

54 Eclo 19,1.

55 Sl 58,18.

56 1Tm 5,9.

57 Fl 3,13.

58 1Cor 2,9.

59 Cf. Sl 35,10.

60 Cf. Sl 4,9.

61 Cf. Sl 79,2.

62 Rm 8,23. Entenda-se: a parte mais alta da alma.

63 Sl 32,11.

64 Cf. Sl 76,18.

65 Mt 25,21.

66 1Cor 15,51.

67 Tm 1,5.

68 Sl 100,1.

69 Agostinho pensa, como seus contemporâneos, que a palavra balneum deriva das palavras gregas: ballo, que significa atirar fora, e ania, que significa canseira.

70 Ambrósio, Hymn. 4,1-8. Deus, creator omnium Polique rector vestiens diem decoro lumine,artus solutos ut quies noctem sopors gratia, reddat laboris usui mentesque fessas allevet luctusque solvat anxios. (Extraído de A. Hamman: *Os Padres da Igreja*, Paulus, 1980, p. 209.)

71 1Cor 15,22.

72 Mt 5,22.

73 1Cor 1,31.

74 Sl 72,26.

75 Ex 15,2.

76 Cf. Gl 3,13.

77 Cf. Mt 6,12.

78 Cf. Nm 14,19.

79 Sl 142,2.

80 Cf. Mt 5,7.

81 Sl 118,108.

82 Cl 2,14s.

83 Sl 90,13.

X LIVRO

AGOSTINHO REFLETE NÃO MAIS SOBRE O PASSADO, MAS SOBRE O PRESENTE

1. Deus, única esperança e amante da verdade

1 Ó Deus, tu me conheces, faze que eu te conheça, como sou por ti conhecido.[1] Ó Virtude de minha alma, penetra na minha alma, faze que ela seja semelhante a ti, para que a possuas "sem mancha nem ruga".[2] Esta é a minha esperança, por ela falo e nessa esperança me alegro[3] quando experimento uma sã alegria. Tudo o mais nesta vida, quanto mais se chora, menos merece ser chorado e tanto mais seria de chorar quanto menos por ele se chora. "Amaste a verdade",[4] pois, quem a pratica alcança a luz.[5] Também eu quero praticá-la no íntimo do coração, diante de ti na minha confissão, e diante de muitas testemunhas nos meus escritos.

2. Confissão diante de Deus e dos homens

2 A ti, Senhor, que conheces os abismos da consciência humana,[6] poderia eu esconder algo, ainda que não quisesse confessar-te? Eu poderia esconder-te de mim, mas nunca esconder-me de ti! Agora que meu pranto demonstra quanto me desagrado a mim mesmo, tu resplandeces a meus olhos e me agradas, e és amável e desejável, a fim de que eu me despreze e renuncie a mim mesmo para escolher-te a ti, e que eu não agrade nem a mim nem a ti, senão por teu amor. Portanto, Senhor, tu me conheces como sou, e eu já disse com que finalidade me confesso a ti. É uma confissão feita, não com palavras e com a voz do corpo, mas com o grito interior da alma e com o clamor do pensamento, que teus ouvidos já conhecem. Confessar o que fiz de mal significa o desgosto que tenho de mim mesmo. Mas, quando confesso o bem que fiz, nada posso atribuir a mim próprio, pois tu, Senhor, "abençoas o justo";[7] no entanto, foste tu que o tornaste justo, de ímpio que era.[8] Assim, esta confissão diante de ti é, ao mesmo tempo, silenciosa e não silenciosa. Cala-se a voz, grita o coração. Tudo que digo aos homens, tu já ouviste de mim; e de mim nada ouves que tu mesmo não tenhas dito antes.

3. Sentido de uma confissão, não só do passado, mas do presente

3 Mas por que deveriam os homens ouvir minhas confissões, como se a eles coubesse curar minhas enfermidades?[9] Curiosos de conhecer a vida alheia, são indolentes em corrigir a própria. E por que desejam saber de mim quem sou, quando não se interessam em ouvir de ti quem são? E como poderiam estar certos de que digo a verdade ao falar de mim mesmo, quando homem algum conhece o que se passa no homem, senão o

espírito do homem que nele reside?[10] Se de ti eles ouvem falar de si mesmo, não poderão dizer: "O Senhor é falso". Que vem a ser, de fato, ouvir falar de si, senão conhecer-se a si mesmo? E quem, depois de se conhecer a si mesmo, consegue dizer sem mentir: é falso? E como a "caridade tudo crê",[11] ao menos entre aqueles que ela unifica unindo-os a si mesma, também eu, Senhor, te faço esta confissão, para que os homens a ouçam. Não posso provar a sinceridade da minha confissão, mas acreditarão em mim aqueles cujos ouvidos se me abram pela caridade.

4 Mas tu, médico de minha vida interior, mostra-me os frutos deste meu trabalho. A confissão de minhas faltas passadas — que perdoaste e esqueceste para me fazer feliz, transformando-me a alma pela fé e pelo teu sacramento — leva, a quem a lê e ouve, a não se entregar ao desespero dizendo: não posso. Que esta confissão desperte nele o amor pela tua misericórdia e pela doçura da tua graça, que fortalece todos os fracos e lhes permite tomar consciência da própria fraqueza. Os bons têm prazer em ouvir as faltas passadas de que agora estão livres, não pelo fato de serem faltas, mas porque, tendo existido, já não existem. Senhor meu Deus, a quem todos os dias a minha consciência se confessa, mais confiante na tua misericórdia do que na sua inocência, mostra-me qual o fruto desta confissão, feita também aos homens na tua presença, não do que fui, mas do que sou agora. Com-preendi e já recordei o fruto da confissão do passado. Mas muitos, quer me conheçam quer não, desejariam saber o que sou agora, no próprio momento em que escrevo minhas confissões. Já ouviram falar de mim, mas seus ouvidos não me auscultam o coração, onde, de fato, sou verdadeiramente eu mesmo. Desejariam, pois, ouvir-me confessar quem sou no meu íntimo, que o olhar, os ouvidos, a intuição não podem atingir. Querem ouvir-me, dispostos a acreditar em mim, mas como poderão estar certos de me conhecerem realmente? A caridade, que os torna justos, dir-lhes-á que eu, ao confessar-me, não minto. É ela que os faz acreditar em mim.

4. Agostinho se confessará também aos homens, para que com ele agradeçam a Deus

5 Mas que fruto podem esperar destas confissões? Desejam agradecer comigo, ouvindo quanto a tua graça me aproximou de ti, ou querem orar por mim, sabendo quanto estou ainda trôpego pelo peso dos pecados? A esses mostrarei quem sou. Já não é pouco, Senhor meu Deus, que "muitos rendam graças por nós"[12] e que muitos intercedam por nós. Que o coração fraterno ame em mim aquilo que ensinas a amar, e deplore em mim o que ensinas a deplorar. Que este sentimento brote de um coração fraterno e não de um estranho, "de filhos de estrangeiros, cuja boca diz coisas vãs e cuja mão é mão da iniqüidade".[13] Que o faça um coração fraterno, que se alegra comigo quando me aprova e se entristece quando me desaprova, porque me ama, quer me aprove ou não. É a esses que me revelarei, para que respirem, aliviados, diante do bem que fiz, e suspirem por minhas culpas. As boas ações são obras e dons teus, as más são culpa minha e sujeitas a

teu julgamento. Respirem de alívio pelo bem, suspirem pelo mal. Subam à tua presença hinos e lágrimas destes corações fraternos que são “os teus turíbulos”.[14] E tu, Senhor, alegre com o perfume do teu santo templo, “tem piedade de mim, segundo a tua grande misericórdia”,[15] por causa do teu nome.[16] Tu, que nunca abandonas as obras começadas, completa o que em mim há de imperfeito.[17]

6 Este poderá ser o fruto de minhas confissões, em relação, não àquilo que eu era, mas ao que sou agora. Por isso, farei a minha confissão com íntima alegria mesclada de temor,[18] com secreta tristeza e esperança, não só diante de ti, mas também diante de todos os homens de fé que se associam à minha alegria e participam de minha condição mortal, meus concidadãos e peregrinos como eu, que me precederam, que hão de seguir-me, ou que me acompanham no caminho da vida. São esses os teus servos e os meus irmãos que quiseste fossem teus filhos; e fossem senhores meus, a quem me ordenas servir, se quero viver contigo e de ti. Tal preceito teria sido insuficiente para mim, se teu Verbo o tivesse ordenado com palavras sem ter dado o exemplo pela ação. E eis-me obediente com atos e palavras, e o faço à sombra de tuas asas.[19] E grande seria o perigo, se minha alma não estivesse a ti sujeita e minha fraqueza não te fosse conhecida. Sou como criança, mas é sempre vivo o meu Pai, e idôneo o meu tutor; de fato, é ele quem me gerou e quem me protege. És todo o meu bem, tu, onipotente, que estás comigo antes mesmo de eu estar contigo. Revelarei, pois, àqueles a quem me mandas servir, não o que fui, mas o que já sou e o que ainda não sou. “Mas não me julgo a mim mesmo”.[20] Assim peço que me escutem.

5. Só Deus conhece verdadeiramente o homem

7 És tu, Senhor, quem me julgas. “Quem, dentre os homens, conhece o que é do homem, senão o espírito do homem que nele está”?[21] Existe, porém, algo no homem que nem sequer seu espírito conhece. Mas tu, Senhor, que o criaste, tudo conheces. E eu, ainda que diante de ti me despreze e me considere como pó e cinza,[22] sei de ti algo que não sei de mim. É certo que “agora vemos em es-pelho e de maneira confusa, e ainda não vemos face a face”.[23] Por isso, enquanto peregrino longe de ti,[24] estou mais presente a mim que a ti. Sei que és absolutamente inviolável, mas ignoro a que tentações posso ou não resistir. E há esperança, porque “és fiel e não permites que sejamos ten-tados acima de nossas forças”, mas com a tentação nos darás os meios de a ela resistir e a força para suportá-la.[25]

Confessarei, pois, o que sei de mim; e confessarei também o que de mim ignoro, pois o que sei de mim, eu o conheço graças à tua luz, e o que não sei, ignorarei, até que minhas trevas se transformem na luz do meio-dia[26] diante de tua face.[27]

6. Deus procurado e amado antes e acima de todas as coisas

8 Estou seguro, Senhor, de que te amo; disso não tenho dúvidas. Tocaste-me o coração com a tua palavra, e comecei a amar-te. O céu, a terra e tudo que neles existe dizem-me por toda parte que te ame, e não cessam de repeti-lo a todos os homens, "de modo que eles não tem desculpa".[28] Terás compaixão mais profunda de quem já te compadeceste, e usarás de misericórdia para quem já foste misericordioso.[29] De outra forma, o céu e a terra pronunciariam teus louvores a surdos.

Mas, que amo eu quando te amo? Não uma beleza corporal ou uma graça transitória, nem o esplendor da luz, tão cara a meus olhos, nem as doces melodias de variadas cantilenas, nem o suave odor das flores, dos ungüentos, dos aromas, nem o maná ou o mel, nem os membros tão suscetíveis às carícias carnais. Nada disso eu amo, quando amo o meu Deus. E contudo, amo a luz, a voz, o perfume, o alimento e o abraço, quando amo o meu Deus: a luz, a voz, o odor, o alimento, o abraço do homem interior que habita em mim, onde para a minha alma brilha uma luz que nenhum espaço contém, onde ressoa uma voz que o tempo não destrói, de onde exala um perfume que o vento não dissipa, onde se saboreia uma comida que o apetite não diminui, onde se estabelece um contato que a sociedade não desfaz. Eis o que amo quando amo o meu Deus.

9 E o que é isso? Perguntei à terra, e esta me respondeu: "Não sou eu". E tudo o que nela existe me respondeu a mesma coisa. Interroguei o mar, os abismos e os seres vivos,[30] e todos me responderam: "Não somos o teu Deus; busca-o acima de nós". Perguntei aos ventos que sopram, e toda a atmosfera com seus habitantes me responderam: "Anaxímenes está enganado;[31] não somos o teu Deus". Interroguei o céu, o sol, a lua e as estrelas: "Nós também não somos o Deus que procuras". Pedi a todos os seres que me rodeiam o corpo: "Falai-me do meu Deus, já que não sois o meu Deus; dizei-me ao menos alguma coisa sobre ele". E exclamaram em alta voz: "Foi ele quem nos criou".[32] Para interrogá-los, eu os contemplava, e sua resposta era a sua beleza. Dirigi-me então a mim mesmo, e me perguntei: "E tu, quem és"? E respondi: "Um homem". Tenho à minha disposição um corpo e uma alma, o primeiro é exterior e a outra é interior. A qual dos dois deverei perguntar pelo meu Deus? Através do corpo já o procurei, desde a terra até o céu, até onde pude enviar, como mensageiros, os raios do meu olhar. Mas a parte interior — a alma — é superior ao corpo. A ela, como a quem preside e julga, é que todos os mensageiros do corpo dirigiam as respostas do céu, da terra e de tudo o que neles existe: "Não somos Deus". E ainda: "Foi ele quem nos criou". O homem interior conheceu tais fatos graças ao homem exterior. Eu os conheci, eu, o espírito, graças aos sentidos do corpo. Perguntei pelo meu Deus a toda a imensidão do universo, e esta me respondeu: "Eu não sou Deus, mas foi ele quem me fez".

10 Mas essa beleza acaso não se manifesta claramente a todos os que são dotados de sentidos perfeitos? Por que não fala a todos a mesma linguagem? Os animais, sejam grandes ou pequenos, a vêem, mas não podem fazer-lhe perguntas. Não lhes foi concedida a razão, capaz de julgar as mensagens dos sentidos. Aos homens, porém, é dado indagar, para perceberem "o Deus invisível através da compreensão das coisas

criadas”.[33] Mas, escravizando-se a estas pela paixão, já não as podem julgar. E estas só respondem aos que podem julgar-lhes as respostas: não mudam de linguagem, isto é, de aparência, se um a vê simplesmente enquanto outro a vê e a interroga. Não apa-recem diversamente a um e a outro. Mas, aparecendo a um e a outro do mesmo modo, são mudas para o primeiro e só respondem ao segundo. Ou antes, falam a todos, mas somente as entendem aqueles que comparam a voz vinda do exterior com a verdade interior. De fato, a verdade me diz: “O teu Deus não é a terra, nem o céu, nem qualquer outro ser corporal”. É isso que a natureza das coisas afirma, e todos podem ver, pois a matéria é menor na parte que no todo. Tu, alma, digo-te que és mais importante que o corpo, sem dúvida, pois és tu que lhe dás a vida, e nenhum corpo pode fazer o mesmo a outro corpo. Mas o teu Deus é também a vida da tua vida.

7. Para chegar a Deus, é preciso ir além do mundo dos sentidos

11 Que amo então, quando amo o meu Deus? Quem é aquele que está acima de minha alma? Pela minha própria alma subirei até ele, ultrapassarei a força que me prende ao corpo e vivifica meu organismo. Mas não é por meio desta força que chegarei ao meu Deus. Se assim fosse, também o alcançariam “o cavalo e a mula que não têm inteligência”,[34] e cujos corpos vivem graças àquela mesma força. Mas existe outra força, que não só vivifica, mas também sensibiliza o corpo que o Senhor me deu, ordenando aos olhos, não que ouçam, mas vejam; e aos ouvidos, não que vejam, mas ouçam; e assim determinou a cada um dos outros sentidos a respectiva posição e atividade. É por meio deles que exerço as diversas funções, sem deixar de ser um único espírito. Ultrapassarei ainda outra força que igualmente o cavalo e a mula possuem, porque também possuem a sensibilidade corporal.

8. Maravilhas da memória

12 Ultrapassarei então essas minhas energias naturais, subindo passo a passo até aquele que me criou. Chegarei assim ao campo e aos vastos palácios da memória, onde se encontram os inúmeros tesouros de imagens de todos os gêneros, trazidas pela percepção. Aí é também depositada toda a atividade de nossa mente, que aumenta, diminui ou transforma, de modos diversos, o que os sentidos atingiram, e também tudo o que foi guardado e ainda não foi absorvido e sepultado no esquecimento. Quando aí me encontro, posso convocar as imagens que quero. Algumas se apresentam imediatamente; outras fazem-se esperar por mais tempo e parecem ser arrancadas de repositórios mais recônditos. Irrompem as outras em turbilhão no lugar daquela que procuro, pondo-se em evidência, como que a dizerem: “Não somos nós talvez o que procuras”? Afasto-as da memória com a mão do meu espírito; emerge então aquela que eu queria, surgindo das sombras. Outras sobrevêm dóceis em grupos ordenados, à medida que as conclamo, uma após outra, as primeiras cedendo lugar às seguintes, e desaparecendo para reaparecer quando quero. Eis o que sucede quando falo de memória.

13 Aí se observam, distintas pelo gênero as idéias que foram introduzidas, cada uma por sua via de acesso: assim a luz, as cores e as formas dos corpos, através dos olhos, os diversos tipos de som, através dos ouvidos, os vários odores, através do nariz; os sabores, pela boca e através da sensibilidade de todo o corpo, o que é duro ou mole, quente ou frio, liso ou áspero, pesado ou leve, e todas as sensações externas e internas. A memória armazena tudo isso nos seus amplos recessos e em seus esconderijos secretos e inacessíveis, para ser reencontrado e chamado no momento oportuno. Todas entram, cada uma por sua porta, e em ordem se alojam. Não são os próprios objetos que entram, mas as suas imagens pelos sentidos, e que aí ficam à disposição do pensamento, até que este se lembre de chamá-las. Quem poderá explicar como se formaram tais imagens, embora se conheçam os sentidos que as captam e as colocam em nosso íntimo? Mesmo quando me encontro nas trevas e no silêncio, posso representar na memória, se quiser, as cores, e distinguir o branco do preto e todas as outras cores entre si. E não sucede que as imagens recebidas pelos olhos sejam perturbadas pelos sons, estes embora presentes, estão como em lugar à parte. Mas se decido chamá-los, apresentam-se imediatamente, enquanto eu, sem abrir a boca, canto em silêncio o tempo que quiser. E as imagens das cores, presentes também estas na memória, não interferem nem perturbam enquanto me sirvo deste outro tesouro que penetra pelos ouvidos. Assim, posso recordar, conforme me agrada, todas as outras coisas que são introduzidas e acumuladas pelos outros sentidos. Sem nada cheirar, distingo o perfume dos lírios do perfume das violetas, e sem nada provar nem tocar, mas apenas de memória, prefiro o mel ao mosto cozido, o macio ao áspero.

14 Realizo interiormente todas essas ações, no grande palácio da memória. Encontram-se aí, à minha disposição, céu, terra e mar, com aquilo tudo que neles colher com os sentidos, excetuando-se apenas o que esqueci. É aí que me encontro a mim mesmo, e recordo as ações que realizei, quando, onde e sob que sentimentos as pratiquei. Aí estão também todos os conhecimentos que recordo, seja por experiência própria ou pelo testemunho alheio. Dessa riqueza de idéias me vem a possibilidade de confrontar muitas outras realidades, quer experimentadas pessoalmente, quer aceitas pelo testemunho dos outros; posso ligá-las aos acontecimentos do passado, deles inferindo ações, fatos e esperanças para o futuro, e, sempre pensando em todas como estando presentes, “farei isto ou aquilo”, digo de mim para mim no imenso interior de minha alma repleto de tantas imagens. “E acontecerá isto ou aquilo”. “Oh, se acontecesse isso ou aquilo! Deus nos livre disso ou daquilo!” Assim falo comigo mesmo e, enquanto falo, eis que se tornam presentes, retiradas do tesouro da memória, imagens de tudo o que nomeei; se me faltassem, de nenhuma eu poderia falar.

15 É grande realmente o poder da memória, bem grande, ó meu Deus. É um santuário imenso, ilimitado. Quem poderá atingir-lhe a profundeza? E essa força pertence ao meu espírito, faz parte de minha natureza; e na realidade não chego a apreender tudo o que sou. Mas então o espírito é limitado demais para compreender-se a si mesmo? E onde

está aquilo que não apreende de si mesmo? Estará então fora de si mesmo, e não dentro? Então por que não se compreende? Isso muito me admira e me espanta. Os homens vão admirar os cumes das montanhas, as ondas do mar, as largas correntes dos rios, o oceano, o movimento dos astros, e deixam de lado a si mesmos, e não se admiram do fato de eu falar de todas essas coisas sem vê-las com os próprios olhos; mas eu não poderia mencionar tais coisas, se não as visse, na memória, em toda a sua imensidão, como se tivesse diante de mim as montanhas, as ondas, os rios e os astros, que vi pessoalmente, e o oceano, no qual acredito. No entanto, quando os vi com os olhos, não os absorvi; são as imagens deles que em mim residem, e não eles próprios. E sei através de qual sentido do corpo me foi impressa cada imagem.

9. A memória é a sede de todas as noções apreendidas

16 No entanto, não acabam aqui as imensas possibilidades de minha memória. Encontram-se também nela as noções apreendidas pelo ensinamento das ciências liberais e que ainda não esqueci. Encontram-se como que escondidas em lugar muito recôndito, que não é lugar. E não são apenas as imagens, são as próprias realidades que carrego. As noções de literatura, de dialética, as diferentes espécies de problemas existentes, todos os conhecimentos que tenho a respeito, também existem na minha memória, mas não como simples imagem por ela retida como exclusão da realidade, nem como som agora dissipado, como voz que se fixa nos ouvidos através da impressão que permite ser lembrada como se ainda soasse, embora já não soe; ou como perfume que, ao passar e desvanecer-se nos ares, toca o olfato e transmite seus traços à memória que os reproduz com a lembrança; nem como alimento, que no estômago já não tem sabor e, todavia, através da lembrança, quase se saboreia; nem como acontece a qualquer objeto que o corpo percebe pelo tato e, quando afastado, é ainda guardado na memória. De fato, todas essas realidades não se introduzem na memória. São apenas imagens colhidas com extraordinária rapidez, dispostas como em compartimentos, de onde admiravelmente são extraídas pela lembrança.

10. Aquisição das noções pela memória

17 Ouço dizer que para cada coisa existem três tipos de problemas: a existência, a natureza e os atributos. Ao ouvir isso, retenho a imagem dos sons que compõem essas palavras, e sei que tais sons atravessaram o ar res-soando e agora não mais existem. Todavia, as coisas que esses sons significam não as percebi por nenhum sentido corporal, nem em lugar algum as vi a não ser no meu es-pírito. Depositei na memória não suas imagens, mas as próprias substâncias. Poderão elas ser capazes de dizer por onde passaram para entrar dentro de mim ? Certamen-te não. Percorro todas as entradas da minha carne e não encontro uma por onde tenham podido passar. Dizem os olhos: “Se são coloridas, fomos nós que as transmitimos”. Os ouvidos replicam: “Se emitiram sons, foram por nós comunicadas”. As narinas afirmam: “Se têm cheiro, foi por nós que

passaram". E o sentido do gosto: "Se não há sabor, nada me perguntem". Diz o tato: "Se não é um ser corpóreo, não o pude tocar, e se não o toquei, não o pude indicar". E então, de onde e por onde entraram na minha memória? Ignoro-o, porque, quando as aprendi, não foi por testemunho de outros, mas reconhecias existentes em mim, admitindo-as como verdadeiras, e entreguei-as ao meu espírito, como quem as deposita, para depois retirá-las quando quisesse. Estavam aí, portanto, mesmo antes de as aprender, mas não estavam na minha memória. Onde estavam então? Foi assim que eu as reconheci? Ao ouvir falar delas, eu disse: "É isso mesmo, é verdade"! Não estariam já na memória, mas tão escondidas e retiradas, como que nos mais profundos recessos, de tal modo que eu não poderia talvez pensar nelas, se alguém não me advertisse para arrancá-las?

11. Significado do verbo "cogitar"

18 Descobrimos assim que aprender as coisas — cujas imagens não atingimos pelos sentidos, mas que contemplamos interiormente sem imagens, tais como são em si mesmas — significa duas coisas: colher pelo pensamento o que a memória já continha esparsa e desordenadamente, e obrigá-lo pela reflexão a estar como que à mão, em vez de se ocultar na desordem e no abandono, de modo a se apresentar sem dificuldade à nossa reflexão. Quantas noções desse gênero contém a minha memória, noções já encontradas e, segundo a expressão usada anteriormente, como que à mão, e neste caso dizem que as aprendemos e conhecemos. Se, porém, deixamos de evocá-las, ainda que por pequeno espaço de tempo, elas de novo mergulham e se dispersam em remotos recessos. Então, é preciso que o pensamento as descubra, como se fossem novas, e as extraia (pois não têm outra habitação), e novamente as reú-na, para que seja possível conhecê-las, como que juntando-as depois de dispersas. Dessa operação deriva o verbo *cogitar,* estando *cogo* para *cogito,* como *ago* está para *agito, facio* para *factito.*[35] No entanto, a palavra *cogito* tornou-se exclusiva do espírito, de modo que agora *cogitar* significa a ação de colher, mas somente no espírito, e não alhures.

12. A memória dos números

19 A memória contém ainda todas as relações e inumeráveis regras da aritmética e da geometria, que não foram impressas por nenhum sentido do corpo, uma vez que elas não têm cor, nem som, nem cheiro, nem gosto, nem podem ser tocadas. Ouço, de fato, os sons das palavras enunciadas, quando delas se fala, mas as palavras não são o mesmo que as coisas: as primeiras têm som diferente conforme sejam gregas ou latinas, enquanto as coisas não pertencem nem ao grego, nem ao latim, nem a outra língua. Vi linhas traçadas por artesão, delgadas como teias de aranha. Todavia, são diferentes das representações vistas com os olhos da carne; as linhas geométricas, cada um as conhece representando-as interiormente, sem pensar em nenhum objeto material. Cheguei também, através de todos os sentidos do corpo, ao conhecimento dos números. No

entanto, os números com que calculamos são outra coisa. Nem ao menos são a imagem dos primeiros; são porém mais reais, porque têm a existência em si. Ria-se de mim quem não consegue com-preender o que digo, e eu terei compaixão do seu riso.

13. "Lembro-me de ter lembrado..."

20 Conservo tudo isso na memória, como também o modo pelo qual aprendi. Retenho igualmente na memória muitos argumentos errôneos contra essas verdades. São falsos, mas não é falso o fato de lembrar-me. Lembro-me também de ter sabido, nessas discussões, discernir entre verdades e falsidades que se opunham a elas. E vejo que as distingo de um modo diferente daquele com que as distingui tantas vezes quando as considerava. Recordo-me portanto de muitas vezes ter compreendido isso. E o que agora entendo e distingo, confio à memória, para poder mais tarde lembrar-me de ter compreendido agora. Por isso, lembro-me de que me lembrei. E assim, no futuro, se eu recordar o fato de ter podido recordar agora, será pela força da memória.

14. Na memória estão também os sentimentos da alma

21 Essa mesma memória contém ainda os sentimentos da alma, não do modo como o espírito sente no momento em que os experimenta, mas de maneira diferente, de acordo com o poder da própria memória. De fato, recordo-me de ter estado alegre, ainda que não o esteja neste momento, e lembro-me das minhas tristezas passadas, sem estar agora triste. Recordo-me de ter sentido às vezes medo, sem experimentá-lo agora, e me vem à mente um antigo desejo, sem que o sinta agora. Pelo contrário, acontece-me recordar a tristeza passada num momento de alegria, num momento triste recordar uma alegria. Tratando-se do corpo, isso não deve causar espanto, pois alma e corpo são coisas diferentes. Por isso, não é de admirar que eu recorde com alegria uma dor do corpo já passada. No entanto, a memória também é espírito. De fato, quando recomendamos a alguém que grave algo na memória, dizemos: "Vê lá, grava-o bem no teu espírito". E se nos esquecemos, dizemos: "Não conservei no espírito"; ou ainda: "Fugiu-me do espírito", assim, chamamos justamente a memória de espírito. Sendo assim, por que será que, evocando com alegria uma tristeza passada, a alma contém a alegria, e a memória contém a tristeza? Se o espírito está alegre contendo em si a alegria, por que a memória, que também contém a tristeza, não está triste? Será que a memória não faz parte da alma? Quem ousará afirmá-lo? O fato é que a memória é, por assim dizer, o estômago da alma. A alegria e a tristeza são como alimento, que ora é doce, ora é amargo. Quando tais emoções são confiadas à memória, podem ser aí despertadas como num estômago, mas perdem o sabor. Seria ridículo querer comparar sentimentos com alimentos; no entanto, não são completamente diferentes.

22 É ainda na memória que me apoio quando afirmo que são quatro as perturbações do espírito: o desejo, a alegria, o medo e a tristeza.[36] Assim, também, todos os racio-cínios

que eu puder fazer sobre elas, subdividindo cada uma segundo a espécie e o gênero, e dando-lhes várias definições, é ainda na memória que as encontro e de onde as extraio; mas não é pelo fato de recordá-las que fico perturbado por alguma delas. E antes que eu as recordasse e discutisse, já estavam aí. Por isso, consegui arran-cá-las daí pela lembrança. Assim como a comida, pela ruminação, sai do estômago, elas saem da memória através da lembrança. Por que então aquele que raciocina, isto é, que rumina, não sente na boca do pensamento a doçura da alegria ou o amargo da tristeza? Residirá aqui a diferença dos dois fatos? Na realidade, quem gostaria de falar de tais coisas, se cada vez que falássemos da tristeza ou do temor, fôssemos obrigados a ficar tristes e temerosos? No entanto, não poderíamos falar se não encontrássemos na memória, não somente os sons das palavras segundo as imagens impressas nos sentidos, mas as próprias noções das coisas que não entraram em nós através de algum acesso do corpo. Essas noções foram confiadas à memória pelo espírito, depois de este havê-las experimentado e sentido, ou foram retidas pela memória sem que ninguém as tivesse confiado a ela.

15. Lembrança através da imagem?

23 É difícil dizer se recordamos através da imagem, ou não. Nomeio a pedra e nomeio também o sol, e estes por si não estão presentes nos meus sentidos, enquanto suas imagens estão à disposição da minha memória. Evoco uma dor física, e não a sinto, porque nada me dói. No entanto, se a imagem da dor não me estivesse presente na memória, não saberia o que dizia e, na conversa, não a distingui-ria do prazer. Pronuncio o nome da saúde física enquanto estou sadio de corpo. Neste caso, o fato em si está presente em mim. No entanto, se não tivesse sua imagem na memória, não me lembraria absolutamente do significado do som dessa palavra, nem os doentes, ao ouvirem a palavra saúde, compreenderiam do que se estivesse falando, se a imagem da saúde não se lhes conservasse na memória, apesar da realidade ausente de seus corpos. Digo os números com os quais fazemos os cálculos, e à minha memória não se apresentam as imagens, mas os próprios números. Evoco a imagem do sol, e ela se apresenta à minha memória. Neste caso, eu não recordo a imagem de uma imagem, mas a própria imagem. Ela está à disposição da minha lembrança. Nomeio a palavra memória, e reconheço o que nomeio. E onde a reconheço, senão na própria memória? Estará ela presente a si mesma pela sua imagem, e não por si própria?

16. A memória se lembra do esquecimento

24 Quando falo do esquecimento, e sei aquilo que nomeio, como poderia reconhecê-lo, se dele não me lembrasse? E não falo do som da palavra em si, mas da realidade que esta significa. Se eu a tivesse esquecido, não seria certamente capaz de reconhecer o que significa esse som. Portanto, quando me lembro da memória, é a própria memória que se apresenta a mim. Quando, pelo contrário, me lembro do esquecimento, tanto a memória

como o esquecimento vêm à minha presença. A primeira é o meio pelo qual recordo; a segunda é o objeto que recordo. Mas o que é o esquecimento senão a privação da memória? E como pode estar presente, para que eu o recorde, se quando está presente não posso recordar? O que recordamos está guardado na memória, e se não nos lembrássemos do esquecimento, não poderíamos nem mesmo reconhecer o que significa esta palavra ao ser pronunciada, e isto quer dizer que a memória retém o esquecimento. Assim, a presença do esquecimento faz com que não o esqueçamos, mas, quando está presente, nos esquecemos. Será que devemos concluir daí que o esquecimento não está presente na memória quando o recordamos, mas apenas a sua imagem, pois, se ele mesmo estivesse presente, não nos faria recordar e sim esquecer? Quem conseguirá penetrar nisso? Quem compreenderá como isto sucede?

25 Senhor, eu me atormento com esse problema, um problema que está dentro de mim; para mim mesmo tornei-me terreno de difícil e cansativa lavra. Não se trata de perscrutar as regiões do céu, nem de medir as distâncias dos astros, nem de buscar o equilíbrio terrestre; sou eu que lembro; de mim é que me lembro; de mim, que sou espírito. Não é de admirar que esteja longe de mim tudo o que eu não sou. Pois, que há mais perto de mim, que eu mesmo? No entanto, nem sequer chego a compreender a faculdade da memória, sem a qual não poderia pronun-ciar meu próprio nome. Que deverei dizer, se estou certo de lembrar-me do esquecimento? Deveria dizer que aquilo que recordo não está na minha memória, ou que o esquecimento está na minha memória com a finalidade de me fazer esquecer? Ambas as hipóteses são absurdas. E haverá uma terceira hipótese? Poderei dizer que a minha memória conserva a imagem do esquecimento, quando dele me lembro, e não o próprio esquecimento? Como poderia dizer isso se é preciso primeiro existir o objeto do qual promana a imagem, para que se possa imprimir na memória a imagem de algum objeto? É assim que relem-bro Cartago, todos os lugares onde estive, o rosto das pessoas que vi; assim recordo todos os objetos assinalados pelos outros sentidos, bem como a saúde ou o sofrimento físico. Quando todos esses objetos me eram presentes, a memória captou-lhes as imagens, a fim de que mais tarde as contemplasse e repassasse no espírito, quando ausentes. Portanto, se é pela imagem e não por si mesmo que o esquecimento se grava na memória, é preciso que o esquecimento esteja presente, para que a memória lhe capte a imagem. Todavia, estando o esquecimento presente, como pode gravar a própria imagem na memória, se com sua presença apaga tudo o que lá encontra impresso? Contudo, seja como for, apesar de ser inexplicável e incompreensível, estou certo de que me lembro do esquecimento, isto é, daquilo que destrói em nós todas as lembranças.

17. A busca de Deus para além da faculdade da memória

26 Grande é o poder da memória, Senhor; tem algo de terrível, uma infinita e profunda complexidade. Mas isto é o espírito, isto sou eu próprio. Que sou eu, então, ó meu Deus? Qual a minha natureza? Uma vida variada e multiforme, imensamente ampla. Eis-

me nos campos, nas cavernas e nos inumeráveis recessos da minha memória, repletos de todo gênero de objetos, presentes ou em imagens — como no caso dos corpos — ou em si mesmas, quando se trata das ciências, ou ainda através de não sei que noções e sinais, como acontece com os sentimentos da alma (a memória os conserva mesmo quando o espírito não mais os experimenta, embora tudo o que está na memória se encontre no espírito). Percorro todas essas paragens, voando por aqui e por ali, e penetro o mais longe que posso, sem encontrar limites, tão grande é a força da memória, tão grande a força da vida do homem, que, no entanto, é mortal! Que devo fazer, meu Deus, ó minha vida verdadeira? Irei além dessa faculdade que se chama memória, para chegar a ti, ó doce luz.[37] Que me dizes? Subindo, através de minha alma, a ti, que estás acima de mim, transporei também essa minha faculdade que se chama memória, no desejo de alcançar-te onde podes ser atingido e prender-me a ti onde é possível fazê-lo. Pois também os animais e os pássaros têm memória. De outro modo, não saberiam regressar a suas tocas e a seus ninhos, nem fariam outras coisas a que já estão habituados. Sem a memória não poderiam contrair hábito nenhum. Portanto, ultrapassarei a memória para atingir aquele que me fez diferente dos quadrúpedes, mais sábio que as aves do céu. Ultrapassarei a memória, para encontrar-te. Mas onde, ó bondade verdadeira e suavidade segura? Encontrar-te onde? Se te encontro fora de minha memória, é porque me esqueci de ti. E como poderei encontrar-te, se não me lembro de ti?

18. Como encontrar o objeto perdido?

27 A mulher, que havia perdido a dracma e a procurava com lanterna acesa,[38] não a teria encontrado se dela não se lembrasse. Tendo-a depois achado, como saberia se era aquela, se dela não se recordasse? Lembro-me de ter perdido também muitos objetos e de tê-los procurado e encontrado. Sei disso porque me perguntavam enquanto procurava: "É isto? É aquilo"? E eu continuava a responder não, enquanto não me fosse mencionado exatamente o que eu procurava. Se não me recordasse do objeto, qualquer que ele fosse, não o teria encontrado, por não poder reconhecê-lo, mesmo que me fosse apresentado. É sempre assim que sucede, quando procuramos e encontramos alguma coisa perdida. Se um objeto — por exemplo, um corpo visível — nos desaparece dos olhos e não da memória, sua imagem conserva-se dentro de nós, e o procuramos até que novamente o vejamos. Quando o encontramos, o reconhecemos, graças à imagem interior. Não poderíamos dizer que achamos um objeto perdido, se não o reconhecêssemos. Tinha de fato desaparecido de nossa vista, mas estava conservado na memória.

19. Não se pode procurar o que está completamente esquecido

28 No entanto, quando a própria memória perde alguma coisa, como acontece quando nos esquecemos e procuramos lembrar-nos, onde afinal a procuramos senão na própria memória? E se esta, por acaso, nos apresenta uma coisa por outra, nós a rejeitamos até

que nos ocorra o que procuramos. E quando tal acontece, dizemos: “É isto”. E assim não diríamos se não a reconhecêssemos, e também não a reconheceríamos se não nos lembrássemos dela. É claro que a tínhamos esquecido. Todavia, talvez não nos tivesse saído completamente da memória; talvez, por meio da parte que nos ficou impressa na memória, procurássemos a outra. De fato, a memória sentia que já não podia resolver em conjunto, como costumava fazer, e, como que mutilada em seus hábitos, ela pedia a restituição daquilo que lhe faltava. É o que sucede quando encontramos uma pessoa conhecida, ou pensamos nela, e não conseguimos lembrar seu nome. Ao ocorrer-nos outro nome, não o associamos a tal pessoa, porque não temos o costume de pensar num e noutro ao mesmo tempo. E o repelimos até que se nos apresente o nome que satisfaça plenamente à noção da pessoa à qual se associa. Mas de onde vem esse nome, senão da memória? Mesmo que sugerido por outrem, nós o reconhecemos porque vem da memória. E, de fato, não o assumimos como novo, senão como lem-brança que aflora, pela qual confirmamos ser esse mesmo o nome que nos foi dito. Pelo contrário, se tivesse desaparecido completamente do espírito, nós não o reconheceríamos, nem mesmo por sugestão recebida. No entanto, não nos esquecemos completamente, porque nos lembramos de tê-lo esquecido. Se o tivéssemos esquecido com-pletamente, não poderíamos nem ao menos procurá-lo.

20. Ao buscar Deus, procuramos a felicidade

29 Como devo procurar-te, Senhor? Quando te procuro, ó meu Deus, procuro a felicidade da vida. Procurar-te-ei, para que minha alma viva. O meu corpo, com efeito, vive da minha alma, e a alma vive de ti. Como então devo pro-curar a felicidade? Não a possuirei enquanto não puder dizer: “Basta, aqui está”. E aqui é preciso que eu diga como a procuro. Pela lembrança, como se a tivesse esquecido, mas ainda lembrando-me de que a esqueci? Pelo desejo de conhecer o desconhecido, como algo que jamais conheci, ou que já esqueci tão completamente, que nem sequer me lembro de tê-lo esquecido? A felicidade não é justamente aquilo que todos querem, não havendo ninguém que não a queira? Onde a conheceram para assim a desejarem? Onde a viram para amá-la tanto? Que a possuímos, é certo, mas não sei de que maneira. Há um modo de possuí-la que nos torna felizes, e há os que são felizes pela esperança de possuí-la. Estes a possuem de modo inferior aos que já são felizes pela posse real, estando, porém, em melhores condições do que os que não são felizes nem na realidade nem na esperança. No entanto, quem a espera não desejaria tanto ser feliz, se já de algum modo não possuísse a felicidade. Não sei como a conheceram e, porque a conhecem, a possuem de um modo para mim desconhecido, que me esforço por aprender. Estará na memória? Neste caso, é porque já fomos alguma vez felizes. Não procuro indagar se fomos felizes individualmente ou se o fomos naquele que primeiro pecou e no qual todos morremos[39] e do qual todos nascemos para a infelicidade. Pergunto apenas se a felicidade reside na memória. De fato, não a desejaríamos, se já não a conhecêssemos. Mal ouvimos o seu nome, confessamos desejá-la, e não é o som da palavra que nos

alegra. De fato, quando um grego escuta pronunciar esse nome em latim, não se alegra, porque não entende o que foi dito. Nós, no entanto, nos alegramos como se alegraria um grupo que o ouvisse em sua própria língua. De fato, a felicidade em si não é grega nem latina, mas os gregos, os latinos e os homens de todas as línguas querem alcançá-la. Ela é conhecida por todos, e se todos pudessem ser interrogados a uma só voz — quereis ser felizes? — sem dúvida alguma responderiam que sim. O que não aconteceria se em sua memória não se conservasse a realidade que esta palavra significa.

21. O que significa recordar a felicidade

30 É ela uma recordação, como Cartago está na lembrança de quem a viu? Não. A vida feliz não se vê com os olhos, porque não é corporal. Então nos lembramos dela como quem se lembra dos números? Também não, pois, quem os conhece não procura possuí-los, ao passo que a noção de felicidade leva, não só a amá-la, mas a querer possuí-la para ser feliz. Lembramo-nos dela como quem se lembra da eloqüência? Também não, embora as pessoas não eloqüentes, ao ouvirem esta palavra, recordem a realidade que ela exprime e que muitos desejariam obter — o que mostra possuírem já alguma idéia de eloqüência. É, porém, através dos sentidos do corpo que ouviram outros oradores e, deleitando-se com isso, também desejam ser eloqüentes. É claro que não se deleitariam, se já não tivessem da eloqüência uma noção interior; e se com ela não se deleitassem, não desejariam alcançá-la. Todavia, não é pelos sentidos corporais que descobrimos a felicidade nos outros. Será que a recordamos como nos lembramos de uma alegria? Talvez sim. De fato, minhas alegrias são lembradas mesmo quando estou triste e penso na felicidade, ainda que esteja infeliz. E nunca vi, nem ouvi, nem cheirei, nem saboreei ou apalpei minha alegria, mas sempre a experimentei na alma quando me alegrei. E a idéia da alegria permaneceu-me impressa na memória, para que eu a pudesse recordar mais tarde, às vezes com desgosto, outras com saudade, conforme a diversidade das circunstâncias em que me lembro de ter estado alegre. Realmente, se me senti invadido de alegria por motivos torpes, agora detesto e abomino a lembrança deles; se por motivos bons e honestos, que agora recordo com saudade embora já não existam, evoco com tristeza a antiga alegria.

31 Onde e quando experimentei a felicidade para poder recordá-la, amá-la e desejá-la? Eu não sou o único, nem são poucos os que desejam ser felizes; mas todos sem exceção o querem. Se não conhecêssemos com precisão essa felicidade, não a desejaríamos com vontade tão firme. Que significa isso? Se perguntarmos a dois homens se querem fazer o serviço militar, pode acontecer que um respon-da sim e o outro diga não. Mas se lhes perguntarmos se querem ser felizes, ambos responderão imediatamente, sem hesitação, que o querem. E quando um aceita o servi-ço militar e o outro o rejeita, assim fazem para ser felizes. E, embora um tenha prazer numa determinada condição, e outro noutra, estarão todos de acordo em querer ser felizes, como também estariam se lhes fosse perguntado se desejam a alegria: é justamente a alegria que chama-mos de felicidade.

Ainda que este siga por um caminho e aquele por outro, ambos se esforçam por chegar a um só fim, que é alegrarem-se. Como ninguém pode dizer que nunca experimentou alegria, ela é encontrada na memória, e é reconhecida sempre que se ouve a palavra felicidade.

22. Só em ti se encontra a felicidade, Senhor

32 Longe de mim, Senhor, longe do coração do teu servo, que se confessa diante de ti, longe o pensamento de que uma alegria qualquer possa torná-lo feliz. Há uma alegria que não é concedida aos ímpios, mas àqueles que te servem por puro amor: essa alegria és tu mesmo. E esta é a felicidade: alegrar-nos em ti, de ti e por ti. É esta a felicidade, e não outra. Quem acredita que exista outra felicidade, persegue uma alegria que não é a verdadeira. Contudo, a sua vontade não se afasta de certa imagem de alegria.

23. Todos desejam a felicidade

33 Portanto, não podemos dizer com segurança que todos queiram ser felizes, pois aqueles que não querem alegrar-se em ti — única felicidade — certamente não querem ser felizes. Ou talvez o queiram, mas "não fazem o que desejariam, porque a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne".[40] Chegam somente até onde podem, e se contentam com isso, porque não podem alcançar o que não desejam com a força necessária para obtê-lo. Pergunto a todos se preferem gozar da verdade ou da falsidade. E todos com firme resolução dizem preferir a verdade, como também afirmam querer ser felizes. Felicidade é gozo da verdade, o que significa gozar de ti, que és a verdade,[41] "ó Deus, minha luz e salvação da minha face".[42] Essa felicidade, essa vida que é a única feliz, todos a querem, todos querem a alegria que provém da verdade. Conheci muitos com desejo de enganar aos outros, mas não encontrei ninguém que quisesse ser enganado. Onde conheceram essa felicidade, senão onde conheceram a verdade? Se de fato não querem ser enganados, é porque amam também a verdade. E já que amam a felicidade que nada mais é que a alegria oriunda da verdade, amam certamente também a verdade. No entanto, não a amariam se dela não tivessem alguma noção na memória. Por que não se alegram nela? Por que não são felizes? Porque se empolgam demais com outras coisas, que os tornam infelizes mais facilmente do que a verdade os faria felizes, a verdade que tão debilmente eles recordam. E ainda resta um pouco de luz entre os homens; que eles prossigam, prossigam no caminho, para que a escuridão não os alcance.[43]

34 No entanto, por que a verdade gera o ódio,[44] e o homem que anuncia a verdade em teu nome se torna inimigo daqueles que amam a felicidade, a qual consiste exatamente na alegria oriunda da verdade? De fato, o amor da verdade é tal, que os que amam algo diferente querem que aquilo que amam seja a verdade. Como não admitem ser

enganados, detestam ser convencidos do seu erro. Assim, odeiam a verdade porque amam aquilo que supõem ser a verdade. Amam-na quando ela brilha, e a odeiam quando ela os repreende. Não querendo ser enganados e desejando enganar, eles a amam quando se manifesta, e a odeiam quando os denuncia. Mas a verdade sabe retribuir: como eles não querem ser por ela revelados, ela os denunciará contra a vontade deles, e não mais se revelará a eles. Assim é o espírito humano: cego e preguiçoso, torpe e indecente; deseja permanecer escondido, mas não quer que nada lhe seja ocultado. E sucede-lhe o contrário: ele não se esconde da verdade, mas é esta que se lhe oculta. E apesar de tanta miséria, prefere en-contrar alegria no que é verdadeiro, a encontrá-la no que é falso. Portanto, ele será feliz quando, sem obstáculos nem perturbações, puder gozar daquela única verdade, fonte de tudo que é verdadeiro.

24. Presença de Deus em nossa memória

35 Eis o espaço que percorri em minha memória para buscar-te, Senhor, e não te encontrei fora dela. Nada en-contrei referente a ti, de que não me lembrasse desde que te conheci, porque, desde então, nunca mais me esqueci de ti. Onde encontrei a verdade, aí encontrei o meu Deus, que é a própria verdade, da qual nunca mais me esqueci, desde o dia em que a conheci. Desde então permaneces em minha memória, e aí eu te encontro, quando me lembro de ti e em ti me alegro. São essas as delícias que me deste em tua misericórdia, ao volveres teu olhar para à minha pobreza.

25. Lugar de Deus na memória

36 Onde habitas, Senhor, na minha memória? Em que recanto dela habitas? Que esconderijo aí construíste, que santuário edificaste? Deste-me a honra de habitar em minha memória, mas em que parte? É o que estou procurando. Ao recordar-me de ti, ultrapassei as regiões da memória que também os animais possuem, porque aí, entre as imagens dos seres corpóreos, eu não te encontrava. Passei às regiões onde depositei os sentimentos do espírito,[45] e nem mesmo aí te encontrei. Entrei na sede da própria alma[46] — pois o espírito também se recorda de si mesmo — e nem aí estavas. Como não és imagem cor-pórea, e tampouco sentimento de um ser vivente como alegria, tristeza, desejo, temor, lembrança, esquecimento e outros semelhantes, assim também tu, não podes ser o próprio espírito, porque és o Senhor e Deus do espírito. E enquanto todas essas coisas são mutáveis, tu permaneces imutável acima de todas elas. E te dignaste habitar na minha memória desde que te conheci. Mas, por que procurar em que parte habitas, como se na memória houvesse vários compartimentos? É certo que nela habitas, pois recordo-me de ti desde o dia em que te conheci. E é aí que te encontro quando me lembro de ti.

26. O conhecimento de Deus

37 Todavia, onde é que te encontrei, para poder conhecer-te? Não estavas na minha memória antes de eu te conhecer. Onde, então, te encontrei, para conhecer-te, senão em ti mesmo, acima de mim? No entanto, aí não existe espaço. Quer nos distanciemos, quer nos aproximemos de ti, espaço não há.[47] Tu, a verdade, reinas em toda parte sobre todos aqueles que te consultam, e respondes ao mesmo tempo a todas as consultas diversas que te são apresentadas. Respondes com clareza, mas nem todos entendem claramente. Todos te consultam sobre o que querem, mas nem todos ouvem sempre o que querem. Servo fiel é aquele que não espera ouvir de ti o que desejaria ouvir, mas antes deseja aquilo que ouve de ti.

27. "Tarde te amei! . . ."

38 Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu te amei! Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! Eu, disforme, lançava-me sobre as belas formas das tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não existissem. Tu me chamaste, e teu grito rompeu a minha surdez. Fulguraste e brilhaste e tua luz afugentou a minha cegueira. Espargiste tua fragrância e, respirando-a, suspirei por ti. Eu te saboreei, e agora tenho fome e sede de ti. Tu me tocaste, e agora estou ardendo no desejo de tua paz.

28. Miséria da vida humana

39 Quando estiver unido a ti com todo o meu ser, não mais sentirei dor ou cansaço. Minha vida será verdadeiramente vida, toda plena de ti. Alivias aqueles a quem plenamente satisfazes. Não estando ainda repleto de ti, sou um peso para mim mesmo. Minhas alegrias, que deveriam ser choradas, contrastam em mim com as tristezas que deveriam causar-me júbilo, e ignoro de que lado está a vitória. Falsas tristezas pelejam em mim contra as verdadeiras alegrias, e não sei quem vencerá. Ai de mim! "Tem piedade de mim, Senhor"![48] Ai de mim! Vês que não escondo minhas chagas. Tu és o médico, eu sou o enfermo. Tu és misericordioso, e eu sou miserável. Não "é uma provação a vida do homem sobre a terra"?[49] Quem deseja trabalhos e dificuldades? Ordenas aos homens que as suportem, e não que as amem! Ninguém ama aquilo que tolera, ainda que ame suportá-lo; mesmo que se rejubile em tolerar, prefere não ter o que suportar.

Na adversidade desejo a prosperidade, e na prosperidade temo a adversidade. Haverá entre esses dois extremos um estado intermediário, onde a vida humana não seja uma tentação? Execráveis as prosperidades do mundo, duas vezes execráveis, seja pelo temor da adversidade, seja pela corrupção da alegria! Amargas adversidades do mundo, uma, duas e três vezes amargas, por causa do desejo da prosperidade, pela dureza da adversidade e pelo medo de que esta vença nossa capacidade de suportá-la! Quem

poderá negar que a vida humana sobre a terra seja uma tentação sem tréguas?

29. Deus nos impõe a continência

40 Toda a minha esperança baseia-se na grandeza da tua misericórdia. Concede-me o que me ordenas, e ordena o que quiseres. Tu nos ordenas a continência, e alguém disse: "Consciente de que ninguém pode possuir a continência, a não ser por dom de Deus, já era sabedoria o saber de onde vem esse dom".[50] É graças à continência que nos reunimos e nos reconduzimos à unidade, da qual nos afastamos para nos perdermos na multiplicidade. Pouco te ama aquele que ao mesmo tempo ama outra cria-tura, sem amá-la por tua causa. Ó amor, que sempre ardes e não te extingues jamais! Ó caridade, meu Deus, inflama-me! Tu me ordenas a continência: concede-me o que me ordenas, e ordena o que quiseres.

30. A concupiscência da carne

41 Sem dúvida, tu me ordenas que eu me abstenha da concupiscência da carne, da concupiscência dos olhos e da ambição do mundo.[51] Tu me ordenaste a abstenção do concubinato e, ainda que me permitindo o matrimônio, me ensinaste algo bem melhor.[52] Por tua graça, segui aquela indicação, mesmo antes de tornar-me dispensador de teus mistérios. Mas sobrevivem ainda na minha memória, sobre a qual longamente falei, as imagens daqueles prazeres, agravados pelo costume. Quando acordado, elas não têm força, mas, durante o sono, chegam não somente a suscitar em mim o prazer, mas até o consentimento e a semelhança da própria ação. É tão poderosa a ilusão daquela imagem no meu espírito e no meu corpo que, no sono, falsas visões me impelem a atos que a própria realidade não me leva a fazer quando acordado. Senhor meu Deus, nesses momentos será que eu já não sou eu? E por que tanta diferença dentro de mim mesmo, quando passo da vigília ao sono e vice-versa? Onde está, nesse momento, a razão que resiste a tais sugestões quando estou acordado e permanece inabalável diante da realidade? Será que se fecha simultaneamente com os olhos, ou dorme com os sentidos do corpo? E por que resistimos, mesmo no sono, lembrados do nosso propósito, e nele permanecemos castos, não dando nenhum consentimento a tais seduções? Na verdade, são dois estados tão diversos que, quando no sono nos sucede não resistir, ao acordar voltamos à paz da consciência, e, por esta mesma diferença, descobrimos que não fomos nós que fizemos aquilo que, de certa maneira, foi feito em nós para nosso desgosto.

42 Deus onipotente, será que a tua mão não me pode curar todas as fraquezas da alma e extinguir, com graça mais abundante, até os movimentos lascivos do meu sono? Ó Senhor, multiplica cada vez mais teus dons sobre mim, a fim de que a minha alma, liberta dos laços da concupiscência, siga para junto de ti, que minha alma não se revolte contra si mesma. Que ela no sono, estimulada por baixas imaginações que desenfreiam os instintos carnais, não cometa certas obscenidades, e, muito menos venha a consentir

nelas. Para a tua onipotência, “que pode mais do que pedimos e entendemos”,[53] não é muita coisa fazer com que eu não experimente atração alguma pela concupiscência, ou que ela seja tão leve, que eu possa reprimi-la com o mais tênue esforço da vontade, com a intenção casta na qual adormeço, e isso não apenas para o resto da vida, mas especialmente na idade que tenho agora. No entanto, Senhor, que és o meu bem, a ti exponho o estado de pecado em que me encontro exultando, sim, mas também com temor,[54] perante os dons que me concedes, e com lágrimas pelas minhas imperfeições. Espero que completes em mim as tuas misericórdias,[55] até que eu alcance a plena paz, de que o meu ser corporal e espiritual gozará em ti, quando “a morte for absorvida na vitória”.[56]

1 1Cor 13,12.

2 Ef 5,27.

3 Cf. Rm 12,12.

4 Sl 50,8.

5 Cf. Jo 3,21.

6 Cf. Hb 4,13.

7 Sl 5,13.

8 Cf. Rm 4,5.

9 Cf. Sl 102,3.

10 1Cor 2,11.

11 1Cor 13,7.

12 2Cor 1,11.

13 Sl 143,7s.

14 Cf. Ap 8,3.

15 Sl 50,3.

16 Cf. Jo 15,21.

17 Cf. Fl 1,6.

18 Cf. Sl 2,11.

19 Cf. Sl 16,8.

20 1Cor 4,3.

21 1Cor 2,11.

22 Cf. Tb 42,6.

23 1Cor 13,12.

24 Cf. 2Cor 5,6.

25 Cf. 1Cor 10,13.

26 Cf. Is 58,10.

27 Cf. Sl 89,8.

28 Rm 1,20.

29 Cf. Rm 9,15.

30 Gn 1,20.

31 Anaxímenes foi filósofo grego do século VI a.C. Para ele, o ar é o princípio gerador de tudo.

32 Sl 99,3.

33 Rm 1,20.

34 Sl 31,9.

35 A língua latina, acrescentando ao verbo uma raiz ito, exprimia assim as ações que se realizavam repetida e intensamente. Destarte, atendo-nos apenas aos exemplos do texto, cogo (de co-ago = co-agir) era equivalente a estimular ao mesmo tempo; cogito queria dizer estimular simultaneamente dentro (na mente) muitas coisas durante muito tempo, isto é, pensar; ago equivalia a estimular; agito era estimular com força e repetidamente; facio era igual a faço, e, portanto, factito equivalia a faço habitualmente.

36 Assim ensinava, por exemplo, Cícero: cf. De finibus bonorum et malorum, 3,10; Tusculanae Disputationes 4,6.

37 Ecl. 11,7.

38 Cf. Lc 15,8.

39 Cf. 1Cor 15,22.

40 Gl 5,17.

41 Cf. Jo 14,6.

42 Sl 26,1; 41,6s.

43 Cf. Jo 12,35.

44 Terêncio, Andria a. I, sc. I, v. 68.

45 Ver acima, cap. 14.

46 Ver acima, cap. 8.

47 Ver cap. 1

48 Sl 30,10.

49 Jó 7,1.

[50] Sb 8,21.

[51] Cf. 1Jo 2,16.

[52] Cf. 1Cor 7,38.

[53] Ef 3,20.

[54] Cf. Sl 2,11.

[55] Cf. Sl 102,6.

[56] Cf. 1Cor 15,54.

31. As tentações do paladar

43 Há outro tipo de pecado para cada dia, e, prouvera Deus, fosse o único.[1] Comendo e bebendo, restauramos as energias que o corpo consome cotidianamente, até que um dia destruirás os alimentos e os estômagos, extinguindo a minha necessidade com uma saciedade maravilhosa, revestindo este corpo corruptível de eterna incorrup-tibilidade.[2] Por enquanto, essa necessidade me agrada, e luto contra essa atração, para não ser por ela dominado. Faço guerra cotidiana com jejuns, reduzindo o corpo à escravidão.[3] E minhas dores são então eliminadas pelo prazer. Fome e sede são de fato sofrimentos, queimam e matam como a febre se não recebem o remédio do alimento. E como esse remédio está ao nosso alcance, graças ao conforto de teus dons, através dos quais terra, água e céu são postos a serviço de nossa fraqueza, essa desgraça recebe o nome de prazer.

44 Ensinaste-me a considerar os alimentos como remédio. No entanto, quando passo da ânsia da fome ao repouso da saciedade, é nesta mesma passagem que me aguarda a cilada da concupiscência. De fato, passagem é um prazer, e não há outro por onde se possa chegar até onde nos obriga a necessidade. É pela saúde que como e bebo, mas acrescenta-se a isso o perigo do prazer, que na maioria das vezes procura tomar a dianteira, e, assim, o que digo querer fazer pela saúde, acabo fazendo pelo prazer. Ora, a medida não é igual para ambos os casos, pois, o que é suficiente para a saúde, é pouco para o prazer. Muitas vezes, é pouco claro se é indispensável o cuidado corporal que pede o reforço do alimento, ou a enganadora satisfação da gula que deseja ser servida. Nossa pobre alma alegra-se com essa incerteza, encontrando aí a defesa de uma desculpa, e regozija-se por não poder determinar o que é suficiente para o cuidado com a saúde, e, sob o pretexto de conservá-la, encobre a busca do prazer. Procuro todos os dias resistir a essas tentações e invoco tua destra para que me socorra. A ti confio as minhas lutas, pois meu juízo neste ponto não é seguro ainda.

45 Escuto a voz do meu Deus que ordena: "Que os vossos corações não fiquem pesados pela intemperança e embriaguez".[4] A embriaguez está longe de mim; que tua misericórdia não a deixe aproximar-se. A intemperança, pelo contrário, arrasta algumas vezes o teu

servo. Tem compaixão de mim, faz que ela se afaste. “Ninguém possui a continência, a não ser por dom de Deus”.[5] Muitas graças nos concedes quando te invocamos. E também todas as que recebemos, antes de pedi-las, foi de ti que as recebemos. E reconhecê-las, depois de recebidas, é também uma graça tua. Nunca estive embriagado, mas conheci pessoas dadas a esse vício e que se tornaram só-brias pela tua graça. Assim, é graças a ti que alguns não tenham sido o que nunca foram, e que outros não continuem sendo o que eram; é ainda graça tua que uns e outros compreendam que eras tu que neles agias.

Ouvi outra palavra tua: “Não te deixes levar por tuas más inclinações, e refreia teus apetites”.[6] Por graça tua, ouvi também outra frase que muito me agradou: “Nem o comer traz abundância, nem o deixar de comer traz privação”.[7] Isso equivale a dizer: nem a abundância me fará rico, nem a necessidade me tornará pobre. Ouvi ainda outra palavra tua: “Aprendi a adaptar-me às necessidades; sei viver na abundância, e sei também como haver-me na penúria. Tudo posso naquele que me fortalece”.[8]

Eis um verdadeiro soldado da milícia celeste, e não pó, como somos nós. Mas, recorda-te Senhor, que somos pó[9] e com o pó fizeste o homem. Lembra-te que esse homem estava perdido e foi reencontrado.[10] Nem o Apóstolo — também ele era pó — encontrou força em si mesmo, ele que, por tua inspiração, disse aquilo que tanto me agrada: “Tudo posso naquele que me fortalece”. Fortalece-me, para que também eu seja forte. Concede-me aquilo que ordenas, e ordena o que quiseres. O Apóstolo reconhece ter recebido os dons de ti e, quando se gloria, é no Senhor que se gloria.[11] Ouvi também outro que te pedia: “Afasta de mim a intemperança”.[12] Daí se conclui claramente, ó Deus Santo, que és tu quem concede a graça quando fazemos o que mandas.

46 Tu me ensinaste também, ó Pai bondoso, que “para os puros todas as coisas são puras”,[13] mas que “faz mal o homem que se alimenta dando escândalo”;[14] e que “tudo o que criaste é bom, e nada é desprezível, se tomado com ação de graça”.[15] Ensinaste-me que “não são os alimentos que nos aproximam de Deus”;[16] que “ninguém nos julgue por questões de comida ou bebida”,[17] e “quem come não despreze aquele que não come, e quem não come não julgue aquele que come”.[18] De ti aprendi essas coisas. Graças e louvores te sejam dados, meu Deus, meu mestre, que me bateste às portas dos ouvidos,[19] e me iluminaste o espírito. Livra-me de toda tentação.[20] Não receio a impureza do alimento, mas temo a impureza do prazer. Sei que a Noé foi permitido comer toda espécie de carne que lhe pudesse servir de alimento;[21] que Elias refez as forças comendo carne;[22] que João, embora dotado de admirável austeridade, não foi contaminado por se alimentar de gafanhotos.[23] Todavia, sei que Esaú foi vítima do desejo de um prato de lentilhas;[24] que Davi se repreendeu a si mesmo por ter desejado água,[25] e que o nosso Rei foi tentado, não com carne, mas com pão.[26] Por isso, também o povo mereceu ser repreendido no deserto, não por desejar carne, mas porque

murmurou contra o Senhor por desejar o alimento.[27]

47 Exposto a essas tentações, combato todos os dias contra a concupiscência do comer e do beber, pois não é possível neste campo cortar tudo, de uma vez por todas, e não mais cair, como fiz em relação às tentações da carne. Por isso, devemos ter mão nas rédeas da gula, afrouxando-as ou retesando-as oportunamente. Mas, Senhor, quem não se deixa arrastar às vezes para além dos limites do necessário? Se existe alguém, é um grande homem, e engrandeça o teu nome! Eu, porém, não sou desse número, porque sou pecador.[28] Mas também engrandeço o teu nome. Sei que aquele que venceu o mundo[29] intercede junto a ti por meus pecados, enumerando-me entre os membros enfermos do seu corpo.[30] De fato, "teus olhos viram as minhas imperfeições, e todas serão escritas no teu livro".[31]

32. As tentações do olfato

48 Quanto aos prazeres do olfato, não me preocupo muito. Quando ausentes, não os procuro. Quando presentes, não os recuso, mas estou preparado para deles me abster. Pelo menos assim me parece. Mas talvez me engane, pois sou envolvido por deploráveis trevas que me escondem as reais capacidades. Assim, quando o meu espírito se interroga sobre as próprias forças, ele julga que não pode confiar facilmente em si, pois o seu íntimo permanece muitas vezes desconhecido, se não o revela a experiência. E ninguém deve sentir-se seguro nesta vida, pois toda ela se chama tentação.[32] De fato, se alguém, sendo pior, pode tornar-se melhor, poderá também descer de melhor a pior. Há uma única esperança, um único motivo de confiança, uma única promessa segura: a tua misericórdia.

33. As tentações do ouvido

49 Os prazeres do ouvido me prendem e escravizam com mais tenacidade,[33] mas tu me soltaste e me livraste deles. Ainda agora encontro algum descanso nos cânticos vivificados pelas tuas palavras, quando entoados com suavidades e arte, sem porém permanecer preso, a ponto de não me desvencilhar quando quero. É verdade que essas melodias exigem não pequeno lugar em meu coração, e querem ser aí admitidas em companhia dos pensamentos que as vivificam, e eu me esforço para conceder-lhes apenas o que lhes convém. Às vezes, parece-me tributar-lhes atenção excessiva; mas, por outro lado, sinto que, se aquelas palavras são cantadas assim, nossas almas são impelidas a um fervor de piedade mais devoto e mais ardente. Sinto que todos os nossos afetos interiores encontram na voz e no canto um modo próprio de expressão, uma como misteriosa e excitante correspondência. No entanto, muitas vezes me seduzem; os prazeres da carne, aos quais não se deve permitir que enfraqueçam o espírito; os sentidos não acompanham a razão, aceitando posição subalterna: tendo sido aceitos apenas para

servir a ela, procuram precedê-la e guiá-la. Deste modo, peco sem consentimento; mais tarde, porém, a reflexão me adverte.

50 Outras vezes, pelo contrário (mas muito raramente), exagerando em precaver-me desse perigo, peco por excessiva severidade, a ponto de querer privar meus ouvidos, e conseqüentemente os de toda a igreja, das suaves melodias usadas para acompanhar o Saltério de Davi. Nessas ocasiões, me parece mais seguro seguir o costume de Atanásio, bispo de Alexandria: segundo ouvi dizer, ele fazia ler os salmos com modulação de voz tão discreta, que mais parecia uma recitação que um canto. Todavia, quando me lembro das lágrimas derramadas ao ouvir os cânticos de tua igreja nos primórdios de minha conversão à fé,[34] e ao sentir-me agora atraído, não tanto pela música como pela letra dessas melodias, cantadas em voz límpida e modulação apropriada, reconheço de novo a grande utilidade deste costume. Assim, oscilo entre o perigo do prazer e a constatação de seus efeitos salutares. Portanto, mesmo não querendo exprimir um julgamento definitivo, inclino-me a aprovar o costume de cantar na igreja, para que os espíritos mais fracos possam, através do prazer dos ouvidos, elevar-se na devoção. Quando às vezes sucede que a música me sensibilize mais do que a letra, confesso que peco e mereço castigo; nessas ocasiões preferiria não ouvir o canto. Eis em que estado me encontro. Chorai comigo e por mim, vós que possuis o bem em vossos corações e o traduzis em obras. Porque vós, que não vos preocupais com isso, não sois atingidos por esses problemas. Tu, Senhor meu Deus, ouve-me, olha-me, tem piedade de mim e cura-me.[35] Diante de teus olhos, tornei-me para mim mesmo um problema, e esta é a minha fraqueza.

34. A tentação do olhar

51 Resta-me falar da voluptuosidade destes olhos da minha carne. Confessarei essas fraquezas, a fim de que cheguem aos ouvidos do teu templo,[36] ouvidos fraternos e piedosos. Concluiremos assim as tentações da concupiscência que ainda me perseguem, apesar dos meus gemidos e meu ardente desejo de ser revestido de minha habitação celeste.[37]

Os olhos amam a beleza e a variedade das formas, o brilho e a luminosidade das cores. Oxalá tais atrativos não me acorrentem a alma. Que ela somente seja possuí-da por aquele Deus que criou essas coisas "tão boas".[38] Somente ele é o meu sumo bem, não elas. Todos os dias, enquanto estou acordado, elas me importunam sem dar-me descanso, como dão as vozes que cantam, e outros sons, quando silenciam. A própria rainha das cores, a luz que inunda tudo o que vemos, me alcança de mil maneiras, onde quer que eu esteja, durante o dia, e acaricia-me até mesmo quando me ocupo de outra coisa e dela me abstraio. Insinua-se com tal vigor que, se de repente me falta, a procuro com ansiedade, e se permanece ausente por muito tempo, minha alma se entristece.

52 Ó luz, que Tobias contemplava quando, cego dos olhos do corpo, ensinava ao filho o caminho da vida e o precedia, caminhando com os passos do amor sem jamais se

perder;[39] ou luz que Isaac via, tendo embora os olhos da carne oprimidos e velados pela velhice, quando, aben-çoando os filhos sem reconhecê-los, mereceu reconhecê-los ao abençoá-los;[40] ou luz que Jacó via quando, cego também pela idade avançada, irradiou, do coração iluminado, clarões sobre as gerações futuras, representadas nos seus filhos, e impôs as mãos, misteriosamente cruzadas, sobre os filhos de José, seus netos, não segundo a ordem em que o pai exteriormente os colocara, mas segundo a ordem que ele distinguia interiormente.[41] É esta a luz verdadeira, a luz única, e os que a vêem e amam são todos um. A outra luz corporal, aquela à que me referia, ameniza a vida dos cegos amantes do mundo, com sua sedutora e perigosa doçura. Contudo, os que sabem louvar-te por causa dessa luz, "ó Deus, criador de todas as coisas",[42] adotam-na nos hinos em teu louvor, sem por ela serem dominados no sono.[43] É assim que desejo ser. Resisto às seduções dos olhos, para que não se enredem os meus pés ao trilhar os teus caminhos. Elevo a ti olhos invisíveis, para que libertes os meus pés das armadilhas.[44] Tu o fazes continuamente, pois freqüentemente eles se deixam prender. Não cessas de libertar-me, e eu, continuo a cair nas insídias esparsas por toda parte, porque não dormirás nem cochilarás, ó tu, que cuidas de Israel.[45]

53 Quantas e quantas coisas os homens não acrescentaram às seduções da vista, com a variedade das artes e com o trabalho de suas mãos, na roupa, nos calçados, nos vasos e objetos de todos os gêneros, e também na pintura e outras reproduções, indo além dos limites da necessidade, da moderação e de uma pia significação! Seguindo exteriormente suas criações, os homens abandonam interiormente o Criador deles, deturpando em si a obra divina. Eu, porém, ó meu Deus e minha glória, encontro também aí oportunidade de erguer um hino e um sacrifício de louvor[46] àquele que sacrifica por mim. A beleza que, através da alma do artista, é transmitida às suas mãos, procede daquela Beleza que está acima de nossas almas, e pela qual a minha alma suspira noite e dia.[47] No entanto, aqueles que fabricam ou admiram essas obras dotadas de beleza exterior, delas tiram o critério para um julgamento estético, e não a norma para bem usá-las. Todavia, essa norma aí está, mas eles não enxergam, do contrário, não se afastariam tanto de ti, mas te reservariam todas as suas forças,[48] não as dispersando em prazeres que cansam. Eu mesmo, apesar de expor e compreender essas verdades, também me deixo prender por essas belezas exteriores; mas tu, Senhor, me libertas! Tu me libertas, porque "ante os meus olhos está a tua misericórdia".[49] Caio miseravelmente, e tu me levantas misericordiosa-mente, às vezes sem eu perceber, apenas resvalado de leve, às vezes penosamente, por ter ficado preso ao chão.

35. A tentação da curiosidade

54 Outro tipo, de complexidade ainda mais perigoso, se acrescenta às tentações precedentes. Além da concupiscência da carne — que consiste no prazer de todos os

sentidos e voluptuosidades, prazer esse que faz perecer a todos que o servem, afastando-os de ti — uma ânsia diferente se insinua pelos sentidos do corpo, não de prazer na carne, mas de tudo conhecer através da carne. Esse desejo se disfarça sob o nome de saber e ciência. Como nasce do desejo de conhecer, é chamado na Sagrada Escritura de "concupiscência dos olhos";[50] por serem estes os sentidos mais aptos para o conhecimento. De fato, é aos olhos que compete ver, mas muitas vezes usamos este termo também para os outros sentidos, quando os empregamos para obter qualque conhecimento. Assim, não dizemos: "Ouve como brilha", ou "cheira como resplandece", ou, ainda, "saboreia como reluz", ou "apalpa como cintila". Para tudo se usa dizer: "Veja". Não só dizemos: "Veja como brilha", o que somente os olhos podem perceber; mas também: "Veja como ressoa, como cheira, como tem sabor, como é duro". Por isso, todo o conjunto de experiências que nos vem pelos sentidos é chamado, como já disse, de concupiscência dos olhos. Apesar de caber aos olhos a tarefa de ver, os restantes sentidos assumem-na por analogia, quando procuram um conhecimento qualquer.

55 Daí não ser difícil distinguir o que nos sentidos pertence à volúpia ou à curiosidade. A volúpia procura o que é belo, harmonioso, perfumado, agradável ao gosto e ao tato. A curiosidade, pelo contrário, procura o oposto, não pela vontade de se aborrecer, mas para ter a satisfação de tudo experimentar e conhecer. Que pode haver de agradável quando se vê um cadáver dilacerado que provoca horror? No entanto, onde há um no chão, todos acorrem para se entristecerem e empalidecerem. Temem revê-lo em sonho, como se tivessem sido obrigados a vê-lo quando acordados, ou como se um anúncio de beleza os tivesse atraído. O mesmo se dá com os outros sentidos, mas seria muito longo continuar. Por causa dessa mórbida tendência da curiosidade, exibem-se tantas cenas estranhas nos espetáculos. É ela que nos impele a descobrir os segredos da natureza que estão longe de nós, que de nada nos servem, mas que os homens procuram só pelo gosto de conhecer. É essa curiosidade que faz o homem recorrer às artes mágicas, com a mesma finalidade de alcançar uma ciência reprovável, e, também na religião, quando se tenta a Deus, pedindo-lhe sinais e prodígios,[51] não para obter algum benefício, mas apenas para fazer a experiência.

56 Nessa floresta imensa, cheia de insídias e perigos, muito cortei e expulsei do coração, na medida que me deste a força de fazê-lo, ó Deus da minha salvação.[52] Mas, no meio de tantas solicitações dessa espécie, que por todos os lados me assediam a vida cotidiana, quando ousaria eu afirmar que nenhuma delas me prende o olhar ou me absorve a vã curiosidade? É certo que os teatros não mais me seduzem,[53] nem me interessa conhecer o movimento dos astros,[54] e jamais invoquei resposta das sombras, pois detesto qualquer rito sacrílego. Contudo, quan-tas tentativas faz o inimigo para me sugestionar, a fim de que eu te peça algum sinal, Senhor meu Deus, a quem devo servir com humildade e simplicidade. Peço-te ardentemente, por nosso Rei e por Jerusalém, nossa pátria simples e pura, que me conserves sempre afastado, como até agora, do perigo do consentir nessas solicitações. Quando peço pela saúde de algum de meus irmãos, o fim que me

proponho é bem diverso; e tu me concedes e concederás sempre seguir de bom grado a tua vontade, qualquer que ela seja.

57 Contudo, quem poderia contar as ridículas e desprezíveis misérias que todos os dias tentam a nossa curiosidade, e o número de vezes que caímos? Quantas e quantas vezes toleramos ficar ouvindo banalidades, primeiro para não ferir a suscetibilidade de alguém, e depois, aos poucos, vamos tomando gosto em ouvi-las! Não vou mais ao circo para assistir à corrida dos cães que perseguem as lebres, mas, se por acaso passo pelo campo, a caça me atrai e me distrai até de pensamentos importantes; não me leva a desviar a marcha do meu cavalo, mas sim a do meu coração. E se não interviesses logo, admoestando-me contra a minha fraqueza, já mais vezes revelada, para que eu me eleve a ti com alguma consideração, ou para que eu despreze esse espetáculo, eu ficaria absorvido a olhar. E que dizer quando, sentado em casa, muitas vezes atrai minha atenção uma lagartixa a capturar moscas ou uma aranha que as envolve em sua teia? Acaso, por serem animais pequenos, a curiosidade deixará de ser a mesma? De tais cenas passo a louvar-te, ó Criador admirável e ordenador de tudo, mas eu não tinha começado com essa intenção. Uma coisa é levantar-se logo após a queda, outra coisa é não cair nunca.

E minha vida está repleta dessas misérias. Minha única esperança é a tua imensa misericórdia. De fato, sendo o nosso coração o recipiente de todas essas misé-rias, e trazendo dentro de si grande quantidade dessas vaidades, nossas orações são muitas vezes interrompidas e perturbadas. E enquanto na tua presença procuramos elevar aos teus ouvidos a voz do nosso coração, não sei de onde provêm tantos pensamentos fúteis a desviar-nos a atenção num ato tão importante.

36. A tentação do orgulho

58 Deverei considerar também essa uma tolice? Onde poremos nossa esperança senão em tua misericórdia? Pois começaste a obra da minha conversão, e sabes até que ponto me transformaste. Curaste-me da paixão da vingan-ça, para depois perdoar todos os meus pecados e curar as minhas fraquezas, para resgatar a minha vida da corrup-ção e conservar-me na tua piedade e misericórdia, e para saciar com teus bens os meus desejos.[55] Com a força do teu temor abateste o meu orgulho e curvaste a minha cerviz sob o teu jugo. Trago agora esse teu jugo e o sinto leve, porque assim prometeste e cumpriste;[56] na verdade ele já o era, mas eu o ignorava quando receava carregá-lo.

59 Ó Senhor, tu és o único a dominar sem orgulho porque és o único verdadeiro Senhor e não tens dominadores sobre ti! Acaso terei superado definitivamente esse terceiro gênero de tentações,[57] se é que possa ser superado nesta vida, tentação que consiste em querer ser temido e amado pelos homens com o único fim de encontrar uma alegria que não é alegria? Pobre vida, indigna arrogância! Daí o motivo por que não te amamos nem te tememos santamente. Por isso "tu resistes aos soberbos, e dás a graça aos

humildes”,[58] trovejas contra as ambições mundanas, e os fundamentos da montanha se abalam.[59] Ora, como é necessário para certos deveres sociais que nos façamos amar ou temer pelos homens, o inimigo de nossa verdadeira felicidade semeia por toda parte os laços dos aplausos (“muito bem, bravo!”). Desse modo, enquanto os colhemos avidamente, nos deixamos prender incautamente e desligamos da tua verdade a nossa alegria, colocando-a na falsidade humana; preferimos ser amados e temidos, não por amor de ti, mas em teu lugar! Assemelhando-nos assim ao inimigo, vivemos em companhia dele, associados a suas penas e não unidos na concórdia da caridade. Esse inimigo determinou estabelecer sua morada no aquilão,[60] para que os homens, seguindo-o nesta via tortuosa e perversa, o sirvam nas trevas geladas onde ele reina. Nós, Senhor, somos o teu “pequeno rebanho”.[61] Aqui estamos: estende as asas, para que possamos debaixo delas refugiar-nos. Sê a nossa glória. Faze que sejamos amados por amor de ti, e que a tua palavra seja por nós venerada. Quem quiser ser louvado pelos homens, quando tu o reprovas, não será por eles defendido quando tu o julgares, nem será libertado quando o condenares. Quando não se louva a um pecador pelos desejos de sua alma, nem se abençoa a quem pratica a iniqüidade,[62] porém se louva ao homem por algum dom que lhe concedeste, e este homem se compraz mais no louvor a si mesmo do que na posse do dom pelo qual é louvado, ele é por ti reprovado, ainda que louvado pelos homens. Melhor é quem louva do que aquele que é louvado, pois, um teve prazer no dom de Deus ao homem, e a outro agrada mais o dom do homem que o dom de Deus.

37. O prazer do louvor

60 Todos os dias somos atacados por essas tentações, Senhor; somos tentados sem cessar. A língua dos homens é o nosso crisol cotidiano.[63] Tu nos ordenas a continência também nesse ponto. Concede-nos o que nos ordenas, e ordena o que quiseres. Conheces, sobre esse ponto, os lamentos do meu coração e as lágrimas que vertem os meus olhos. Não me é fácil ver até onde estou purificado dessa peste, e tenho muito medo de minhas inclinações secretas,[64] que teus olhos conhecem e os meus não vêem. Posso examinar-me com facilidade acerca de outras espécies de tentação, mas no que diz respeito a essa, quase nada. A facilidade que alcancei em refrear a alma diante dos prazeres da carne e das inúteis curiosidades do saber, reconheço-a quando me privo dessas paixões, quer voluntariamente, quer por não tê-las diante de mim. Nesses momentos, eu me pergunto se causa maior ou menor pena a sua ausência. As riquezas que me perseguem com o fim de satisfazer a uma dessas três paixões, ou a duas ou até mesmo às três, se a alma não pode certificar-se de que as despreza enquanto as possui, pode ao menos delas desfazer-se para se pôr à prova. Todavia, para nos privar dos louvores e provar do que somos capazes nesse caso, precisaremos acaso levar vida má, tão perversa e monstruosa, que ninguém nos conheça sem nos detestar? Que maior loucura se pode dizer ou imaginar? Se o louvor deve habitualmente acompanhar a vida honesta e as boas ações, não é preciso abandonar-lhe a companhia nem a vida honesta.

Por outro lado, para saber se a ausência de um bem me deixa indiferente ou me entristece, é preciso que ele me falte.

61 Que devo confessar-te, então, Senhor, a respeito desse tipo de tentação? Que me alegro com os louvores? Porém, mais do que com os louvores, eu me alegro com a verdade. De fato, se me propusessem escolher entre ser um doido mergulhado no erro, mas louvado por todos os homens, ou ser um homem fiel e seguro na verdade, com a reprovação de todos, bem sei o que escolheria. No entanto, não quereria que o louvor saído de boca estranha aumentasse a alegria que experimento pela boa obra; mas confesso que aumenta, enquanto a reprovação diminui. Quando me perturbo com semelhantes misérias, penetra-me na mente uma desculpa que somente tu sabes, meu Deus, se é válida. De fato, fico inseguro. Tu nos ordenaste não só a prática da continência, que nos ensina a afastar da nossa afeição algumas coisas, mas também a prática da justiça, que nos ensina para onde dirigir o nosso amor. E quiseste que amássemos não somente a ti, mas também o nosso próximo.[65] Ora, muitas vezes, quando me alegro com o louvor inteligente, parece-me que estou me alegrando com o aproveitamento e boas esperanças do meu próximo, ou me entristeço com seu erro quando o vejo censurar tanto aquilo que ele não entende, como também aquilo que é bom. De fato, às vezes os louvores que me dão me entristecem, quando em mim enaltecem algo que me desagrada, ou quando superestimam certas qualidades secundárias e fúteis. Mas, nesse caso, que fazer para saber se tal sentimento não é devido ao fato de eu não suportar que o meu admirador tenha a meu respeito juízo diverso do meu? Não que me preocupe por seu interesse, e sim porque essas mesmas coisas boas que me satisfazem, me agradam ainda mais quando também agradam a outra pessoa. Em certo sentido, não sou louvado quando a aprovação não está de acordo com a opinião que tenho de mim mesmo, pois, ou se louva aquilo que a mim não agrada, ou se louva demais aquilo que a mim pouco agrada. Talvez nesse ponto eu seja um enigma para mim mesmo.

62 Em ti, ó Verdade, compreendo que não é por mim, mas pelo bem do próximo, que devo alegrar-me com os louvores que me dirigem. Mas não sei se me comporto assim. Nesse ponto, eu me conheço menos do que te conheço a ti. Eu te peço, meu Deus, que me reveles a mim mesmo, a fim de que confesse aos meus irmãos, de quem espero orações, as feridas que em mim encontrar. Examinar-me-ei de novo, e mais diligentemente. Se me alegro pelo bem do próximo no louvor a mim dirigido, como pode uma censura injusta dirigida a outro sensibilizar-me menos do que se fosse dirigida a mim? Por que sou mais ofendido pela afronta que me fazem, do que por outra, igualmente injusta, feita diante de mim a outra pessoa? Acaso ignoro também isso? Ou devo concluir que me engano a mim mesmo e não respeito a verdade diante de ti, nem no coração nem na língua? Afasta de mim, Senhor, essa loucura, a fim de que minhas palavras não sejam para mim o “óleo do ímpio para ungir a minha fronte”.[66]

38. A tentação da vanglória

63 “Sou pobre e necessitado”,[67] e somente melhoro quando, com gemidos interiores e desgostoso de mim mesmo, invoco tua misericórdia até ver sanada minha indigência e até alcançar aquela paz que o olhar do soberbo desconhece. Todavia, as palavras que saem dos lábios e as ações que são conhecidas dos homens constituem tentação muito perigosa, nascida da estima do louvor, que leva a mendigar aplausos alheios para evidenciar certa excelência pessoal. É essa uma tentação que subsiste, mesmo quando interiormente a desaprovo, e no próprio momento em que a desaprovo. Muitas vezes, por extremo de vaidade, o homem se gloria até mesmo por desprezar a vanglória, e deste modo já não se gloria por desprezar a glória, pois no momento em que se gloria, não a despreza.

39. O amor de si mesmo

64 Existe dentro de nós, sim, dentro de nós, outra tentação má do mesmo gênero, que consiste na autocompla-cência, mesmo quando não agrade aos outros, ou até desagrade, ou ainda não procure agradar-lhes. Mas os que assim se enfatuam, agradando a si mesmos, muito desagradam a ti, não só tomando como bom o que não é, mas também por se gloriarem de teus bens como se a eles pertencessem, ou, como sendo teus, mas que eles atribuem a si pelos próprios méritos; ou ainda, mesmo reconhecendo-os como dons de tua generosidade, não os gozam em co-mum com os outros, guardando-os ciumentamente para si.

Vê como treme o meu coração em meio a todas essas provações e perigos! Sinto que é mais fácil ter as feridas curadas por ti do que eu deixar de me infligir novas feridas.

40. Em busca de Deus

65 Quando deixaste de me acompanhar, ó Verdade, ensinando-me o que devia evitar e o que devia procurar, sempre que te manifestei minhas humildes observações e que te consultei? Percorri o mundo exterior com os sentidos,[68] examinei a vida do meu corpo e os meus próprios sentidos.[69] Daí entrei nas profundezas da memória,[70] admiravelmente repleta de inúmeras riquezas. Observei-as estupefato. Nada pude discernir sem o teu auxílio, e reconheci que nada disso eras tu. Nem era eu o descobridor quando percorria todas as coisas, tentando distingui-las e avaliá-las de acordo com a dignidade de cada uma, tomando e interrogando as que me eram transmitidas pelos sentidos.[71] Analisei as que sentia como unidas a mim;[72] examinei e classifiquei os próprios órgãos, dos quais as recebera.[73] Enfim, no vasto tesouro da memória, revolvi muitas impressões, guardando algumas e trazendo outras à luz. Entretanto, nem a pessoa empenhada nesse trabalho, ou melhor, nem as minhas forças que me faziam trabalhar não eram tu, pois tu és a luz inextinguível que eu consultava sobre a existência, a natureza e o valor de todos os seres.

Ouvia teus ensinamentos e tuas ordens. E o faço muitas vezes, pois me é agradável, e neste prazer me refugio assim que posso livrar-me de minhas ocupações. Em nenhuma dessas realidades que percorro, e sobre as quais te consulto, encontro lugar seguro para minha alma, senão em ti. Somente em ti posso reunir todos os pensamentos dispersos, e nada de mim se afasta de ti. E tu às vezes me introduzes num sentimento interior totalmente desconhecido, inexplicavelmente doce; tal sentimento, se atingisse dentro de mim a plenitude, tornar-se-ia algo certamente não pertencente a esta vida. Contudo, recaio em baixezas cujo peso me acabrunha. Dei-xo-me absorver e dominar pelas imperfeições habituais. Choro muito por essas coisas, porém me sinto ainda muito tolhido. Como pesa o fardo do hábito! Não quero estar onde posso, nem posso estar onde quero; de qualquer modo, sou infeliz.

41. Deus é Verdade e não pode coexistir com a mentira

66 Examinei minhas fraquezas pecaminosas sob as três formas da concupiscência,[74] e invoquei tua destra para me salvar.[75] Apesar de ter o coração ferido, vi o teu esplendor e, ofuscado, falei: Quem pode lá chegar? Sim, fui expulso da tua presença.[76] Tu és a verdade que a tudo preside, e eu, na minha avidez, não queria perder-te, mas possuir a ti e ao mesmo tempo a falsidade. Pois, ninguém quer men-tir tanto, a ponto de ele mesmo ignorar a verdade. E assim te perdi, porque tu não aceitas ser possuído juntamente com a mentira.

42. Falsos mediadores entre Deus e os homens

67 Poderia encontrar alguém que me reconciliasse contigo? Deveria recorrer aos anjos? Com que orações? Com que ritos? Ouço dizer que muitos, querendo retornar a ti, e não podendo consegui-lo sozinhos, tentaram seguir esse caminho; mas caíram no desejo de presenciar visões extravagantes, tornando-se assim capazes apenas de ilusões. Estes soberbos que procuravam, com todo o fausto da ciência e cheios de arrogância em vez de contrição, atraíram a si os demônios do ar[77] como companheiros e aliados da sua soberba, devido à semelhança de sentimentos, e se deixaram enganar pelas artes mágicas, desses espíritos, já que procuravam algum mediador que os purificasse e não o encontraram. Era de fato o demônio, transfigurado em anjo da luz,[78] e poderosamente seduziu a carne orgulhosa, precisamente por ele não possuir um corpo de carne.[79] Aqueles eram mortais e pecadores, enquanto tu, Senhor, com quem queriam orgulhosamente reconciliar-se, tu és imortal e sem pecado. O mediador entre Deus e os homens devia ter alguma semelhança com Deus e alguma semelhança com os homens. Se ele se parecesse apenas com os homens estaria longe de Deus, e se fosse semelhante só a Deus estaria longe dos homens, e assim não poderia ser verdadeiro mediador. Aquele falso mediador, o demônio, a quem, por misteriosos desígnios teus, é permitido iludir a soberba, ele tem algo de comum com os homens, o pecado; e quer ao mesmo

tempo fazer crer que possui algo de comum com Deus, a imortalidade, pelo fato de não ser revestido de carne mortal. Mas, “porque o salário do pecado é a morte”,[80] ele tem isto em comum com os homens: é com eles condenado à morte.

43. O verdadeiro mediador é Jesus Cristo

68 O verdadeiro mediador, que tua insondável misericór-dia manifestou e enviou aos homens, a fim de que apren-dessem a humildade a exemplo dele, este “mediador entre Deus e os homens é o homem Jesus Cristo”.[81] Ele se apresentou entre os pecadores mortais e o Justo imortal, mortal como os homens e justo como Deus. Ora, dado que a vida e a paz são a recompensa da justiça, ele, por meio da justiça unida a Deus, anulou a morte dos ímpios justificados, compartilhando-a com eles. Foi revelado aos santos antigos, pela fé na futura paixão dele, para que eles se salvassem, como nós nos salvamos pela fé na paixão já passada. De fato, ele é mediador enquanto homem. Porque, enquanto Verbo, não é intermediário, pois é igual a Deus, “Deus em Deus”,[82] sendo um só Deus com Deus.

69 Quanto nos amaste! ó Pai bondoso, a ponto de não poupares teu Filho unigênito, entregando-o por nós nas mãos dos ímpios![83] Quanto nos amaste! Por nós, “não se prevalecendo de sua igualdade com Deus, ele assumiu a condição de escravo até a morte de cruz”.[84] Ele era o “único livre entre os mortos”,[85] com o poder de entregar a vida e o poder de retomá-la.[86] Por nós, ele foi, diante de ti, vencedor e vítima, e, justamente porque vítima, foi vencedor. Por nós, diante de ti, ele foi sacerdote e sacrifício, e justamente sacerdote enquanto sacrifício. Fazendo-se nosso servo, ele, teu Filho, transformou-nos de servos em teus filhos. Com razão ponho nele a minha firme esperança, porque fortalecerás todas as minhas fraquezas, por intermédio daquele que, intercede por nós sentado à tua direita.[87] Se assim não fosse, eu estaria sem esperança. Com efeito, muitas e graves são as minhas fraquezas! Maior, porém, é o poder do teu remédio! Poderíamos ter pensado que o teu Verbo estivesse longe de unir-se ao homem, e estarmos desesperados de nós mesmos, se ele não se tivesse feito carne e habitado entre nós.[88]

70 Aterrorizado com os meus pecados e com o peso da minha miséria, tinha tomado em meu coração o projeto de fugir para a solidão. Mas tu me impediste e me fortaleceste, dizendo: “Cristo morreu por todos, a fim de que aqueles que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que morreu por eles”.[89] Eis-me, Senhor, eu confio a ti os meus cuidados[90] para poder viver, e “contemplarei as maravilhas da tua lei”.[91] Conheces a minha inexperiência e a minha fraqueza. Ensina-me e cura-me,[92] Teu Filho unigênito, “no qual se acham escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência”,[93] ele me remiu com o seu sangue. “Não me oprimam os soberbos”,[94] porque conheço o preço da

minha redenção, e faço dele o meu alimento e a minha bebida, e o distribuo. Sendo pobre, desejo dele saciar-me, juntamente com aqueles que dele se alimentam e são saciados. "Louvarão o Senhor aqueles que o buscam".[95]

1 Cf. Mt 6,34.

2 Cf. 1Cor 15,53.

3 Cf. 1Cor 9,26s.

4 Lc 21,34.

5 Sb 8,21.

6 Eclo 18,30.

7 1Cor 8,8.

8 Fl 4,11.13.

9 Cf. Sl 102,14.

10 Lc 15,24.

11 Cf. 1Cor 1,31.

12 Eclo 23,6.

13 Tt 1,15.

14 Rm 14,20.

15 1Tm 4,4.

16 1Cor 8,8.

17 Cl 2,16.

18 Rm 14,3.

19 Cf. Ap 3,20.

20 Cf. Sl 17,30.

21 Cf. Gn 9,2s.

22 Cf. 1Rs 17,6.

23 Cf. Mt 3,4.

24 Cf. Gn 25,34.

25 Cf. 2Rs 23,15-17.

26 Cf. Mt 4,3.

27 Cf. Nm 11,1-20.

28 Cf. Lc 5,8.

29 Cf. Jo 16,33.

30 Cf. 1Cor 12,12.

31 Sl 138,16.

32 Jó 7,1

33 Lembremos que Agostinho escreveu um tratado sobre a música.

34 Ver acima, IX livro, cap. 6.

35 Cf. Sl 12,4.

36 O templo de Deus são os fiéis de Cristo: cf. 3,16s e De Civ. Dei 17,8.

37 Cf. 2Cor 5,2.

38 Gn 1,31.

39 Cf. Tb 4,2.

40 Cf. Gn 27,1-40.

41 Cf. Gn 48,3 e 49,28.

42 Ambrósio Hymni 4,1.

43 Agostinho faz alusão aos maniqueus, que consideravam o sol como criador de tudo: cf. De moribus manichaeorum 2,8.

44 Cf. Sl 24,15.

45 Cf. Sl 120,4.

46 Cf. Sl 115,17.

47 Cf. Sl 1,2.

48 Cf. Sl 58,10.

49 Sl 25,3.

50 Sl 39,12.

51 Cf. Jo 4,48.

52 Cf. Sl 17,47.

53 Ver acima, III livro, cap. 21.

54 Ver acima, IV livro, cap. 3 e VII livro, cap. 6.

55 Cf. Sl 102,3-5.

56 Cf. Mt 11,30.

57 Cf. 1Jo 2,16.

58 Tg 4,6.

59 Cf. Sl 17,8.

60 Cf. Is 14,13. Na Epístola 140, Agostinho diz que os demônios, perdido o calor da caridade, tornaram-se como gelo; daí a imagem do aquilão, que é o vento frio do norte.

61 Lc 12,32.

62 Cf. Sl 10,3.

63 Cf. Pr 27,21.

64 Cf. Sl 18,13.

65 Cf. Mt 22,37; Mc 12,30; Lc 10,27.

66 Sl 140,5.

67 Sl 108,22.

68 Ver acima, cap. 6.

69 Ver acima, cap. 7.

70 Ver acima, cap. 8ss.

71 Ver acima, cap. 8.

72 Ver acima, cap. 11ss.

73 Ver acima, cap. 8.

74 Ver acima, cap. 30ss.

75 Cf. Sl 102,3; 59,7; 107,7.

76 Cf. Sl 30,23.

77 Cf. Ef 2,2.

78 Agostinho alude aos filósofos neoplatônicos, que sustentavam que as potências do ar, isto é, os demônios, possuíam uma condição intermediária entre as divindades e os homens, sendo felizes como aquelas, mas participando também das misérias humanas.

79 Cf. 2Cor 11,14.

80 Rm 6,23.

81 1Tm 2,5

82 Jo 1,1.

83 Cf. Rm 8,32.

84 Fl 2,6 8.

85 Sl 87,6.

86 Cf. Jo 10,18.

87 Cf. Rm 8,34.

88 Cf. Jo 1,14.

89 2Cor 5,15.

90 Cf. Sl 54,23.

91 Sl 118,18.

92 Cf. Sl 142,10 e Sl 6,3.

93 Cl 2,3.

94 Sl 118,122.

95 Sl 21,27.

XI LIVRO

MEDITAÇÃO SOBRE O PRIMEIRO VERSÍCULO DO GÊNESIS: "NO PRINCÍPIO DEUS CRIOU..."

1. Finalidade da confissão de Agostinho a Deus

1 Porventura, Senhor, tu que és eterno, já não conheces o que te digo? Não vês no tempo o que se passa no tempo? Por que motivo te narro então tantos acontecimentos? Não é, certamente, para que os conheças por mim, mas para despertar meu amor por ti e o amor daqueles que lerem estas páginas, a fim de que todos exclamemos: "Grande é o Senhor e digno de todos os louvores".[1] Eu o disse e repito: é por amor ao vosso amor que escrevo estas páginas. Pois também nós oramos, e contudo a verdade diz: "Vosso Pai sabe do que tendes necessidade, ainda antes de lhe pedirdes".[2]

Portanto, quando confessamos nossas misérias e reconhecemos tua misericórdia para conosco, manifestamos o nosso amor por ti, a fim de que leves a termo a nossa libertação que iniciaste, e deixando de ser infelizes em nós, sejamos felizes em ti, que nos chamaste a ter espírito de pobres, a ser mansos, plangentes, devorados pela fome e sede de justiça, misericordiosos, puros de coração e pacificadores.[3] Eu te contei muitos fatos, conforme pude e desejei. Foste tu o primeiro a exigir de mim que me confessasse a ti, meu Senhor e meu Deus, porque és bom e a tua misericórdia perdura eternamente.[4]

2 . Agostinho quer fazer a meditação sistemática da Sagrada Escritura

2 Quando conseguirei, com a linguagem da minha pena, descrever todas as exortações, todos os terrores, todas as consolações, todas as inspirações, das quais te serviste para levar-me a pregar a tua palavra e a dispensar ao povo os teus sacramentos? Mesmo que eu fosse capaz de tudo expor ordenadamente, cada gota de tempo me é preciosa. De longa data desejo ardentemente meditar a tua lei e confessar-te o meu conhecimento e a minha ignorância sobre o assunto, os primeiros raios da tua luz e o que resta em mim de trevas, até que a minha fraqueza seja absorvida pela tua força. Não quero gastar noutra coisa as horas livres que me sobrarem do necessário repouso do corpo, do trabalho intelectual e do serviço que devemos aos homens ou que, mesmo não devido, ainda assim prestamos.

3 Senhor meu Deus, "escuta a minha prece",[5] e que a tua misericórdia atenda ao meu desejo, porque não é só por mim que ele arde, mas quer ser útil também ao meu amor pelos irmãos. Tu vês o meu coração e sabes que é assim. Deixa que eu te ofereça em sacrifício o serviço do meu pensamento e da minha palavra, e concede-me aquilo que

desejo oferecer-te.[6] “Sou pobre e desvalido,[7] tu és rico para todos os que te invocam”.[8] Sem cuidados por ti mesmo, tu cuidas de nossa existência. Tira-me da boca e do coração toda incerteza e toda mentira. Que tuas Escrituras sejam castas delícias para mim; que eu não me engane sobre elas, nem a outros engane com elas. Senhor meu Deus, escuta-me e tem compaixão de mim, ó luz dos cegos e força dos fracos, e também luz dos que vêem e força dos fortes, presta atenção à minha alma, ouve-a enquanto clama do abismo profundo. Se teus ouvidos não estiverem presentes mesmo no abismo, aonde iremos? Por quem chamaremos? “O dia te pertence, e tua é a noite”.[9] A um aceno teu, os instantes voam. Concede-me um pouco deste tempo para as minhas meditações sobre os mistérios da tua Lei. Não feches a porta a quem bate. Não foi em vão que quiseste fossem escritas tantas páginas cheias de mistério. Nem nessas florestas faltam cervos, que nelas se refugiem e se restaurem, passeiem e pastem, se deitem e ruminem.[10] Ó Deus, completa em mim a tua obra e revela-me estes mistérios.[11] Tua voz é minha alegria; tua voz está acima de todos os prazeres. Dá-me aquilo que amo, porque amo, e foste tu que me deste este amor. Não abandones os teus dons, não descuides esta tua erva sedenta. Que eu te exalte por tudo o que encontrar em teus Livros, que “eu escute a voz dos teus louvores”.[12] Possa eu inebriar-me de ti e contemplar “as maravilhas da tua Lei,[13] desde o princípio, em que criaste o céu e a terra, até o reino eterno contigo na tua cidade santa.

4 “Senhor, tem compaixão de mim e atende” o meu desejo. Não creio que seja um desejo de coisas terrenas, de ouro ou prata ou pedras preciosas, belas roupas, honras e poder ou prazeres carnais, nem tampouco de coisas necessárias ao corpo e a esta nossa vida de peregrinação, coisas essas que todas nos serão dadas em acréscimo se procurarmos o teu reino e a tua justiça.[14] Vê, ó meu Deus, de onde brota o meu desejo. “Os ímpios me descreveram as suas alegrias, mas elas não são como as alegrias da tua lei”,[15] ó Senhor. Pelo contrário, na tua lei se inspira o meu desejo. Vê, Pai, volve o teu olhar, vê e aprova. Queira a tua misericórdia que eu encontre graça junto a ti, a fim de que me sejam revelados os significados ocultos de tuas palavras, quando eu lhes bater à porta. Isso eu te peço por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, “o homem da tua destra, o filho do homem que estabeleceste” [16] como mediador entre ti e nós, pelo qual nos buscaste quando nós não te buscávamos; no entanto nos buscaste para que também nós te buscássemos. Conjuro-te em nome deste Verbo, por quem fizeste todas as coisas, e a mim entre elas. Conjuro-te pelo teu Unigênito, pelo qual chamaste à adoção o povo dos crentes, entre os quais estou também eu. Conjuro-te por aquele que “está sentado à direita de Deus e intercede por nós”.[17] Nele se acham escondidos todos os tesouros “da sabedoria e do conhecimento”.[18] São estes que procuro em teus livros. Moisés deles tratou por escrito, e os afirma. Portanto, é a Verdade quem o diz.

3. Prece para compreender as palavras da Sagrada Escritura

5 Concede-me que ouça e compreenda como no princípio criaste o céu e a terra.[19] Assim escreveu Moisés, assim escreveu e partiu, para passar deste mundo a ti, e agora não o tenho diante de mim. Se aqui estivesse, eu o deteria, interrogá-lo-ia e em teu nome pediria que me explicasse essas palavras, e prestaria ouvidos às palavras que lhe saíssem da boca. Se falasse em hebraico, em vão bateriam aos meus ouvidos e nenhuma idéia me chegaria à mente. Se, porém, se exprimisse em latim, compreenderia o que me dissesse. Mas, como iria saber que estaria falando a verdade? Poderia sabê-lo por seu próprio intermédio? Não, mas dentro de mim, no íntimo recesso do meu pensamento, estaria a verdade, que não é hebraica, nem grega, nem latina, nem bárbara, e que, sem o auxílio da boca e da língua, sem os sons das sílabas, a verdade a mim diria: "Ele fala a verdade". E eu imediatamente, cheio de confiança e de certeza, diria àquele teu servo: "Tu dizes a verdade". Mas, como não posso interrogar Moisés, dirijo-me a ti, ó Verdade, cuja plenitude ele possuía quando enunciou essas verdades. Suplico-te, meu Deus, perdoa os meus pecados.[20] Tu, que concedeste àquele teu servo dizer essas palavras, concede que eu as compreenda.

4. Existência e criação do mundo

6 O céu e a terra existem e, através de suas mudanças e variações, proclamam que foram criados. Ora, o que foi criado e todavia existe, em si nada tem que antes não existisse. Do contrário, sofreria mudanças e variações. E todas as coisas proclamam que não se fizeram por si mesmas: "Existimos porque fomos criados; mas não exis-tíamos antes de existir, portanto não podíamos ter criado a nós mesmos". E este seu modo de falar é a própria evidência. Portanto, Senhor, tu as criaste, tu que és belo, pois elas são belas; tu que és bom, pois elas são boas; tu que existes, já que elas existem. No entanto, nem são tão belas, nem tão boas, nem existem tal como existes, tu que és o Criador delas. Comparadas contigo, nem são belas, nem boas, nem mesmo existem. Disso nós sabemos. E eu te dou graças. E o nosso conhecimento, comparado com o teu, é ignorância.

5. Criação de Deus e trabalho do homem

7 De que modo, porém, criaste o céu e a terra? Que ins-trumento empregaste em tão grande obra? Certamente não fizeste como o artista, que se serve de um corpo para formar outro corpo, imprimindo-lhe, segundo a inspiração do espírito, a imagem que seu olhar interior descobre. E de onde lhe vem tal capacidade, senão de ti que a crias-te? O artista impõe uma forma à matéria que, já existindo, pode recebê-la: assim é a terra, a pedra, a madeira, o ouro ou qualquer outra coisa. Mas de onde proviria a matéria, se não a tivesses criado? Deste ao artista um corpo, uma alma que governa os membros, a matéria com que ele fabrica os objetos, a inteligência para conceber a arte e ver interiormente o plano que vai exterio-rizar. Concedeste ao artista os sentidos do corpo, por meio dos quais ele transfere para a matéria a obra do espírito. Com os sentidos ele

anuncia ao espírito o que faz, a fim de que este consulte a verdade interior e soberana para julgar se a obra é boa ou má. Todas essas criaturas te louvam como Criador de tudo. Mas tu, como as fazes? Meu Deus, como fizeste o céu e a terra? Evidentemente não criaste o céu e a terra no céu e na terra, nem no ar ou na água, porque também estes pertencem ao céu e à terra. Nem criaste o universo no universo, pois, antes de o criares, não havia espaço onde ele pudesse existir. Nem tinhas à mão matéria alguma com que modelasses o céu e a terra. E para fazer alguma coisa, de onde terias tomado o que ainda não tinhas feito? Que criatura existe, senão porque tu existes? Portanto, disseste uma palavra, e as coisas foram feitas.[21] Com a tua palavra as criaste.

6. As palavras humanas passam, a palavra de Deus permanece eternamente

8 Mas como falaste? Porventura do mesmo modo como saiu da nuvem uma voz que dizia: "Este é o meu Filho, o Eleito"?[22] Todavia, aquela voz ressoou e se extinguiu, teve um princípio e um fim. Ressoaram as sílabas e passaram, a segunda após a primeira, a terceira depois da segunda, e assim por diante até a última, e depois da última, o silêncio. Portanto, é claro e óbvio que essa voz foi produzida pelo movimento de uma criatura, intérprete temporal da tua vontade eterna. E essas tuas palavras, pronunciadas no tempo, foram comunicadas, através de ouvidos externos, à inteligência que as compreende, e cujo ouvido interior está atento à tua palavra eterna. A razão comparou essas palavras, proferidas no tempo, com teu eterno Verbo silencioso, e disse: "É diferente, muito diferente. Estas palavras estão muito abaixo de mim. Nem sequer existem, porque fogem e passam. Mas a palavra do meu Deus permanece eternamente sobre mim".[23] Portanto, se com palavras sonoras e transitórias ordenaste que se fizessem o céu e a terra, e se assim os criaste, conclui-se que já existia, antes do céu e da terra, uma criatura material, cujas vibrações sucessivas puderam transmitir essa voz no tempo. Ora, antes do céu e da terra, não havia nada corpóreo ou, se havia, certamente os terias criado sem nenhuma voz passageira, da qual saísse uma voz para dizer: Sejam feitos o céu e a terra. Qualquer que fosse o ser de onde saísse tal voz, ele não poderia existir sem ter sido criado por ti.[24] De que palavra então te serviste para criar esse corpo, necessário à produção de tua palavra?

7. Eternidade do Verbo

9 Tu nos chamas então a compreender o Deus Verbo que é Deus contigo,[25] o Verbo que é pronunciado eternamente, e por ele todas as coisas são eternamente proferidas. Pois o que foi dito não foi sucessivamente proferido — uma coisa concluída para que a seguinte pudesse ser dita, mas todas as coisas proferidas simultânea e eternamente. Se assim não fosse, já haveria tempo e mudança, e não verdadeira eternidade e verdadeira imortalidade. Tudo isso eu sei, meu Deus, e por isso te agradeço. Confesso-te, Senhor, que o sei; e comigo o sabe e agradece todo aquele que não é ingrato à Verdade infalível.

Sabemos, Senhor, sabemos que de algum modo uma coisa nasce e morre, quando deixa de ser o que era e passa a ser o que não era. Na tua palavra, nada aparece e desaparece, porque é realmente imortal e eterna. Com esta palavra, que é eterna como tu, enuncias a um só tempo e eternamente tudo o que dizes. E tudo o que dizes que se faça, realiza-se. Não de outro modo, mas somente com a palavra, tu crias. Nem todas as coisas, porém, que crias com a palavra, passam a existir simultaneamente e desde toda a eternidade.

8. A palavra de Deus dirige-se a nós no Evangelho

10 Senhor meu Deus, eu me pergunto sobre o porquê de tudo isso. De certo modo já o vejo, mas não sei como exprimi-lo. Talvez assim: Todo ser que começa a existir e tem um fim, começa e acaba quando a eterna inteligência, que não tem nem início nem fim, sabe que ele devia começar ou acabar. Essa inteligência é o teu Verbo, que é o começo porque também nos fala.[26] No Evangelho, ele falou com voz humana, e a sua palavra repercutiu exteriormente nos ouvidos dos homens, a fim de que nele cressem, e o buscassem no íntimo, e o encontrassem na verdade eterna, onde o bom e único Mestre ensina a todos os seus discípulos. Aí, Senhor, ouço a tua voz a dizer-me que só nos fala verdadeiramente aquele que nos ensina, enquanto aquele que não nos instrui, mesmo que nos fale, é como se não nos falasse. Mas, quem é que nos ensina, senão a Verdade imutável?[27] Ainda quando somos elucidados por uma criatura mutável, somos conduzidos à Verdade imutável, onde verdadeiramente aprendemos. E nos conservamos imóveis a ouvi-lo, e "somos tomados de alegria à voz do esposo",[28] que nos devolve àquele do qual viemos. Portanto, ele é o princípio. De fato, se ele não permanecesse estável enquanto nos desencaminhamos, não teríamos mais para onde voltar. Quando voltamos de nossos erros, é com pleno conhecimento que o fazemos. Ora, é ele quem nos ensina esse conhecimento, porque ele é o Princípio, e é ele que nos fala.

9. Deus fala no nosso íntimo

11 Ó Deus, criaste o céu e a terra neste Princípio, ou seja, no teu Verbo,[29] no teu Filho, na tua virtude, na tua sabedoria, na tua verdade, falando e agindo maravilhosamente. Quem o poderá compreender ou descrever? Que luz é essa que brilha diante de mim e golpeia o meu coração sem o ferir? Eu me atemorizo e ao mesmo tempo me inflamo. Aterrorizo-me enquanto sou diferente dessa luz, e me inflamo enquanto semelhante a ela. É a Sabedoria, a própria Sabedoria que brilha em mim, dispersando as nuvens que me cercam, quando novamente dela me afasto por causa da escuridão que para meu castigo me envolve. "O meu vigor esmoreceu na indigência",[30] de tal mo-do que não posso suportar o meu próprio bem, até que tu, Senhor, que me socorreste com todas as minhas inqüi-dades, venhas curar todas as minhas fraquezas. Resgatarás, pois, a minha alma da corrupção; na tua piedade e misericórdia me hás de coroar, e saciarás de coisas boas o

meu desejo, porque minha juventude será então renovada como a águia.[31] Na esperança fomos salvos, e aguardamos com paciência o cumprimento das tuas promessas.[32] Quem puder ouça a tua voz no seu interior. E eu, cheio de confiança, clamarei com teu oráculo: Como são magníficas as tuas obras, Senhor! Tudo fizeste na tua Sabedoria![33] É ela o princípio, e neste princípio criaste o céu e a terra.

10. Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra?

12 Certamente estão ainda mergulhados na cegueira do velho homem[34] aque]es que dizem: Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra? E acrescentam: Se estava ocioso e nada realizava, por que não ficou sempre assim, continuando a abster-se do trabalho? Se existiu em Deus um movimento novo, uma vontade nova de criar uma criatura que ele ainda não tinha feito antes, como se pode falar de verdadeira eternidade, onde nasce uma vontade que antes não existia? Mas a vontade de Deus não é uma cria-tura; é anterior a toda criatura, pois nada seria criado se antes não existisse a vontade do Criador. Essa vontade pertence à própria substância de Deus. Mas se algo surgiu na substância de Deus que antes não existia, não é justo denominá-la substância eterna. Pelo contrário, se era eterna a vontade de Deus que existisse a criatura, por que não é eterna também a criatura?

11. Diferença entre tempo e eternidade

13 Aqueles que assim falam, ainda não te compreenderam, ó Sabedoria de Deus,[35] ó luz das inteligências; ainda não compreenderam como se fazem as coisas que são cria-das por ti e em ti. Eles se esforçam para conhecer as coisas eternas, mas o pensamento deles vagueia ainda[36] na agitação das realidades passadas e futuras. Quem poderá deter esse pensamento e fixá-lo um instante, a fim de que colha por um momento o esplendor da tua sempre imutável eternidade, e veja como não se pode estabelecer um confronto com o tempo sempre móvel. Compreenderá então que a duração do tempo só será longa porque composta de muitos movimentos passageiros que não podem alongar-se simultaneamente. Na eternidade nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente. Verá então que o passado é compelido pelo futuro, que o futuro nasce do passado, que passado e futuro têm suas origens e existências naquele que é sempre presente. Quem poderá deter o coração do homem, a fim de que pare e veja como a eternidade, não passada nem futura, sempre imóvel, determina o futuro e o passado? Será minha mão capaz de tanto, ou poderá minha boca obter efeito semelhante através da palavra?

12. Antes de criar, Deus nada fazia

14 Eis como respondo a quem pergunta: “Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra”? Não vou responder como aquele que, segundo se narra, respondeu, contornando com graça a dificuldade da pergunta: “Deus preparava o inferno para aqueles que perscrutam estes profundos mistérios”. Não vou responder assim, porque uma coisa é procurar compreender, outra é querer brincar. Eu preferiria responder: “Aquilo que não sei, não sei”. Seria melhor do que dar uma resposta que expunha ao ridículo quem fez uma pergunta profunda e traga louvor a quem deu uma resposta falsa. Mas, eu respondo, meu Deus, que és o Criador de tudo. E se pelo nome de céu e terra se compreendem todas as criaturas, responderei sem hesitação: “Antes de criar o céu e a terra, Deus não fazia nada”. Pois, se tivesses feito alguma coisa, o que poderia ser, senão uma criatura? Oxalá pudesse saber tudo o que importa conhecer, como estou certo de que não havia nenhuma criatura antes da primeira criatura!

13. O tempo começou com a criação

15 Se algum espírito leviano, errando entre as imagens vãs do passado, se admirar de que tu, ó Deus, que tudo podes, tudo crias e tudo dominas, autor do céu e da terra, se esse espírito se admirar que tu te tenhas mantido inativo por inúmeros séculos antes de empreenderes a criação, que ele procure despertar e observar que o seu espanto não tem fundamento. De onde poderiam vir e como poderiam transcorrer os inumeráveis séculos, se não os tivesses criado, tu que és o autor e criador de todos os séculos? Que tempo poderia existir, se não fosse estabelecido por ti? E como poderia esse tempo transcorrer, se nunca tivesse existido? Portanto, sendo tu o Criador de todos os tempos — se é que existiu algum tempo antes da criação do céu e da terra — como se pode dizer que cessavas de agir? De fato, foste tu que criaste o próprio tempo, e ele não podia decorrer antes de o criares. Mas se antes da criação do céu e da terra não havia tempo, para que perguntar o que fazias então? Não podia existir um “então” onde não havia tempo.

16 Mas não é no tempo que tu precedes os tempos, pois, doutro modo não serias anterior a todos os tempos. Precedes, porém, todo o passado com a sublimidade de tua eternidade sempre presente, e dominas todo o futuro porque é ainda futuro, e, quando vier, tornar-se-á passado. “Tu, porém, és sempre o mesmo, e os teus anos jamais terão fim”.[37] Os teus anos não vão nem vem, ao passo que os nossos vão e vêm, para que venham todos. Os teus anos existem juntos, porque são fixos e não são expulsos pelos que vêm, porque não passam. Os nossos, pelo contrário, só poderão existir todos quando já todos não existirem. “Os teus anos são como um só dia”,[38] e o teu dia não é cada dia, mas hoje, porque o teu hoje não cede lugar ao amanhã nem sucedeu ao ontem. O teu hoje é a eternidade. Por isso geraste coeterno contigo aquele a quem disseste: “Eu hoje te gerei”.[39] Criaste todos os tempos e existes antes de todos os tempos. E não existia tempo quando não havia tempo.

14. O conceito de tempo

17 Não houve portanto um tempo em que nada fizeste, porque o próprio tempo foi feito por ti. E não há um tempo eterno contigo, porque tu és estável, e se o tempo fosse estável não seria tempo.

O que é realmente o tempo? Quem poderia explicá-lo de modo fácil e breve? Quem poderia captar o seu conceito, para exprimi-lo em palavras? No entanto, que assunto mais familiar e mais conhecido em nossas conversações? Sem dúvida, nós o compreendemos quando dele falamos, e compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. Por conseguinte, o que é o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; porém, se quero explicá-lo a quem me pergunta, então não sei. No entanto, posso dizer com segurança que não existiria um tempo passado, se nada passasse; e não existiria um tempo futuro, se nada devesse vir; e não haveria o tempo presente se nada existisse. De que modo existem esses dois tempos — passado e futuro, — uma vez que o passado não mais existe e o futuro ainda não existe? E quanto ao presente, se permanecesse sempre presente e não se tornasse passado, não seria mais tempo, mas eternidade. Portanto se o presente, para ser tempo, deve tornar-se passado, como poderemos dizer que existe, uma vez que a sua razão de ser é a mesma pela qual deixará de existir? Daí não podermos falar verdadeiramente da existência do tempo, senão enquanto tende a não existir.

15 . Passado, presente e futuro

18 No entanto, costumamos dizer que um tempo é longo e outro é breve, referindo-nos somente ao passado e ao futuro. Por exemplo, cem anos passados, cem anos a vir, é um tempo longo; enquanto dez dias passados ou dez dias a vir são tempos breves.

Mas como se pode chamar de longo ou breve àquilo que não existe? O passado não existe mais, o futuro ainda não existe. Portanto, seria melhor dizermos em relação ao passado: foi longo; e do futuro: será longo. Meu Senhor, minha luz,[40] será que nesta questão a tua verdade irá escarnecer do homem? Aquele tempo passado foi longo, quando era já passado ou quando ainda era presente? Podia ser longo apenas no momento em que existia; uma vez passado, não mais existia; portanto, não podia ser longo, porque de fato não existia. Portanto, não vamos dizer que o tempo passado foi longo, porque não acharemos o que possa ter sido longo, desde o momento que, uma vez passado, já não existe. Digamos antes que foi longo aquele tempo presente, porque foi longo enquanto presente. Ainda não havia passado ao não existir e, portanto, era uma coisa que podia ser longa. Mas logo que passou, não podia ser longa, porque cessou de existir.

19 Vejamos, portanto, ó alma humana, se pode ser longo o tempo presente, desde o momento que te foi concedido o poder de perceber e de medir-lhe a duração. Que me responderás? Talvez cem anos presentes sejam um tempo longo? Considera primeiro: cem anos podem ser presentes? Se está transcorrendo o primeiro deles, este, sim, é presente, mas os outros noventa e nove são futuros, isto é, ainda não existem. Se decorre

o segundo, o primeiro é já passado, o segundo é presente, e todos os outros são futuros. O mesmo acontece a cada um dos anos intermediários que escolhermos; apenas um será presente, os anteriores serão passados, e os posteriores, serão futuros. Portanto, cem anos não podem ser presentes. E o que está transitando, poderá ser presente? Na realidade, se estamos no primeiro mês, os restantes são futuros; quando estivermos no segundo, o primeiro é passado e os outros ainda não existem. Portanto, nem mesmo o ano presente é totalmente presente. De fato, o ano é feito de doze meses; quando um deles está em curso, é presente, enquanto os outros são passados ou futuros. Nem sequer, porém, o mês que está decorrendo é presente, mas somente o dia. Tratando-se do primeiro dia, todos os outros são futuros; se se trata do último, todos os outros são passados; se é um dia intermediário, está entre dois dias: um passado e um futuro.

20 Sendo assim, o tempo presente, o único que pensávamos poder chamar longo, está reduzido apenas ao espaço de um só dia. Mas, se examinarmos atentamente também este dia, chegaremos à conclusão de que nem a duração de um dia é toda ela tempo presente. O dia e a noite compõem-se de vinte e quatro horas, entre as quais a primeira tem as outras todas como futuras, e a última tem a todas como passadas. E em relação a qualquer hora intermediária, algumas são passadas, outras são futuras. E essa mesma hora é composta de fugitivos instantes: o que se foi é passado, o que ainda resta é futuro. Se pudermos conceber um espaço de tempo que não seja suscetível de ser dividido em minúsculas partes de momentos, só a este podemos chamar tempo presente. Esse, porém, passa tão velozmente do futuro ao passado, que não tem nenhuma duração. Se tivesse alguma duração, dividir-se-ia em passado e futuro. Logo, o tempo presente não tem extensão alguma. Onde se encontra então o tempo que possa ser chamado de longo? O futuro? Não dizemos certamente que é longo, porque não existe ainda. Dizemos, sim, que será longo. E quando será? Se esse tempo ainda agora está para vir, não será longo, pois ainda não existe nele aquilo que seja capaz de ser longo. Mas, só o poderá começar a ser, no instante em que nascer desse futuro — que ainda não existe — e se tornar tempo presente, porque só então será capaz de ser longo. Mas, pelo que dissemos até aqui, o presente clama que não pode ser longo.

16. Pode-se medir o tempo?

21 Todavia, Senhor, percebemos os intervalos do tempo, comparamos um com outro, e afirmamos que uns são mais longos, outros mais breves. Medimos também quanto um tempo é mais longo ou mais breve que outro, e depois afirmamos que este é o dobro ou o triplo, enquanto aquele é simples; ou, ainda, dura tanto este quanto aquele. Mas se fazemos tais cálculos, é porque temos a percepção do tempo que está passando. Mas quem pode medir o tempo passado, que agora já não existe, ou o tempo futuro, que ainda não existe, se não tiver a coragem de dizer que pode medir o que não existe? Portanto, pode-se perceber e medir o tempo que está passando; mas se já é passado não se pode mais medir, porque não existe.

17. A existência do passado e do futuro

22 Pai, eu busco, não afirmo. Ó Deus, vigia os meus passos e guia-me. Quem se atreveria a dizer-me que não há três tempos — conforme aprendemos na infância e ensinamos às crianças, isto é, o passado, o presente e o futuro, — mas somente o presente, porque os outros dois não existem? Ou poderemos dizer que eles realmente existem, e que o futuro, tornando-se presente, sai de algum lugar oculto, e que, tornando-se passado, torna a entrar em algum lugar secreto? Na realidade, aqueles que predisseram o futuro, onde é que o viram, se ainda não existia? Não se pode ver o que não existe. E aqueles que narram coisas passadas, não poderiam relatar coisas verdadeiras, se não as vissem na mente. Ora, se o passado real-mente não existisse, de modo algum poderia ser percebido. De onde se conclui que tanto o futuro como o passado existem.

18. Como se faz para falar do passado ou para predizer o futuro?

23 Permite, ó Senhor, ó minha esperança, que eu prossiga na busca e não seja perturbada esta minha tentativa. Se futuro e passado existem, quero saber onde estão. Se ainda não consigo compreender, todavia sei que, onde quer que estejam, não serão futuro nem passado, mas presente. Se aí fosse futuro, não existiria ainda; e se fosse passado, já não existiria. Por conseguinte, em qualquer parte onde estiverem, seja o que for, não podem existir senão no presente. Quando narramos os acontecimentos passados, que são verdadeiros, nós os tiramos da memória. Mas não são os fatos em si, uma vez que são passados, e sim as palavras que exprimem as imagens que os próprios fatos, passando pelos sentidos, deixaram impressas no espírito. Minha infância, que não existe mais, está no passado, que também não mais existe. Mas a imagem dela, quando a evoco e é objeto de alguma conversa, eu a vejo no presente, porque está ainda na minha memória. Confesso-te, meu Deus, que não sei se é análogo o caso da predição do futuro, com a qual se prevêem, como já existentes, as imagens das coisas que ainda não existem. Sei com certeza que nós premeditamos nossas ações futuras e que tal premeditação é presente, mas o ato que premeditamos ainda não existe, porque é futuro. Quando empreendermos e começarmos a realizar o que premeditávamos, então esse ato existirá, pois não será mais futuro, e sim presente.

24 Qualquer que seja a natureza dessa misteriosa previsão do futuro, não podemos ver senão o que existe. Mas o que existe não é futuro, e sim presente. Por conseguinte, quando dizemos que vemos o futuro, não se vêem os próprios acontecimentos ainda inexistentes, — isto é, o futuro, — mas sim as causas ou os sinais precursores que já existem. Portanto, para quem vê, não se trata do futuro, mas do presente, do qual é tirada a predição de um futuro concebido na mente. Por sua vez, essas imagens já existem, e aqueles que fazem predições as vêem presentes diante de si. Tomemos um exemplo entre muitos possíveis. Vejo a aurora e posso predizer que o sol está para surgir. O fenômeno que observo está presente, o que prevejo é futuro. Não é futuro o sol, que já existe, mas sim o seu surgimento, que ainda não se realizou. Todavia, se eu não

tivesse no espírito uma imagem desse sur-gimento, como tenho no momento em que falo, não o poderia prever. No entanto, nem essa aurora que vejo, e que também precede o nascer do sol, nem a imagem dela são o próprio nascimento do sol: são dois os fatos presentes que vejo e que me servem para predizer um acontecimento futuro. Portanto, o futuro ainda não existe. Se ainda não existe, não existe; e se não existe, de maneira nenhuma pode ser visto, mas podemos predizê-lo mediante os fatos presentes, que existem e que vemos.

19. O mistério da profecia

25 Dize-nos, pois, ó Rei da criação, de que maneira mostras às almas os fatos futuros? De fato os mostraste aos teus profetas. Senhor, de que modo ensinas as coisas futuras, tu, para quem não existe futuro? Ou antes, como ensinas a eles o que há de presente nos acontecimentos futuros já que não existe aquilo que não pode ser mostrado? Esse teu modo de agir está longe da minha capacidade de entender; transcende as minhas forças, não o posso atingir.[41] Com a tua força, o poderia, quando a concederes a mim, ó doce luz dos olhos[42] de minha alma!

20. Só de maneira imprópria se fala de passado, presente e futuro

26 Agora está claro e evidente para mim que o futuro e o passado não existem, e que não é exato falar de três tempos — passado, presente e futuro. Seria talvez mais justo dizer que os tempos são três, isto é, o presente dos fatos passados, o presente dos fatos presentes, o presente dos fatos futuros. E estes três tempos estão na mente e não os vejo em outro lugar. O presente do passado é a memória. O presente do presente é a visão. O presente do futuro é a espera. Se me é permitido falar assim, direi que vejo e admito três tempos, e três tempos existem. Diga-se mesmo que há três tempos: passado, presente e futuro, conforme a expressão abusiva em uso. Admito que se diga assim. Não me importo, não me oponho nem critico tal uso, contanto que se entenda: o futuro não existe agora, nem o passado. Raramente se fala com exatidão. O mais das vezes falamos impropriamente, mas entende-se o que queremos dizer.

21. A medida do tempo

27 Eu disse há pouco que nós medimos o tempo que passa, de modo que podemos afirmar que este tempo é o dobro daquele que é simples, ou dura tanto este quanto aquele; ou também podemos indicar qualquer outra relação entre intervalos de tempo. Como dizíamos, medimos o tempo no momento em que este passa. E se alguém me perguntar: “Como o sabes”? Responderei: “Sei disso porque o medimos, e não se pode medir o que não existe. Ora, o passado e o futuro não existem”. Quanto ao presente, como o podemos medir, se não tem extensão? Nós o medimos enquanto ele passa. No entanto, quando já tiver passado, não se mede, porque já não haverá nada a medir.

Donde então vem ele, por onde passa e para onde vai? Não pode vir senão do futuro, não pode passar senão pelo presente, e não pode acabar senão no passado. Provém daquilo que ainda não existe, atravessa o que não tem dimensão, para mergulhar no que já não existe. Todavia, o que medimos nós, senão o tempo tomado no espaço? De fato, afirmando que há tempos simples, duplos, triplos e iguais entre si ou com qualquer outra relação recíproca, é porque os consideramos como espaços de tempo. Mas então, em que espaços medimos o tempo no momento em que passa? Talvez no futuro de onde parte? Mas não se pode medir o que ainda não existe. Será no presente por onde ele passa? Mas não se pode medir um espaço sem extensão. Será no passado para onde vai? Não se pode medir o que não mais existe.

22. Agostinho deseja ardentemente entender esse problema

28 Meu espírito arde no desejo de penetrar nesse intrin-cadíssimo mistério. Não impeças, Senhor meu Deus, Pai bondoso, eu te peço pelo amor de Cristo, não impeças ao meu desejo a compreensão desses fatos. Embora comuns, são tão obscuros. Ó Senhor, faze que eu penetre neles e que eles se iluminem à luz da tua misericórdia. A quem devo consultar sobre esses assuntos? A quem confessar minha ignorância com mais fruto do que a ti, a quem não desagrada o ardor que me inflama por tuas Santas Escrituras? Concede-me o que amo, pois tu me concedeste a graça de amar. Dá-me, ó Pai, o que te peço, tu que sabes dar boas dádivas aos teus filhos.[43] Dá-me esta luz, porque determinei conhecê-la, e será muito penosa tal tarefa,[44] até que me reveles a verdade.[45] Eu te peço em nome de Cristo, o Santo dos santos: que ninguém perturbe meu esforço. Acreditei, e por isso falo.[46] É esta a minha esperança, pela qual vivo: que eu contemple as delícias de Deus.[47] Tornaste velhos os meus dias;[48] eles passam e nem sei como. Falamos de um tempo e de outro tempo, de tempos diversos: “Por quanto tempo ele falou”? “Em quanto tempo ele fez isso”? “Há quanto tempo não o vejo”? “Esta sílaba é longa, tem o dobro da outra que é breve”. Usamos e ouvimos expressões assim. E nos fazemos compreender, e compreendemos. São palavras muito claras e muito comuns, mas ao mesmo tempo são muito obscuras, e sua descoberta parece novidade.

23. O tempo e o movimento dos astros

29 Ouvi um homem instruído dizer que o tempo nada mais é que o movimento do sol, da lua e das estrelas.[49] Mas eu não concordei. Antes, por que não seria o movimento de todos os corpos? Se os astros parassem e a roda do oleiro continuasse a mover-se, deixaria de existir o tempo para medirmos as voltas dela? Acaso não poderíamos dizer que essas voltas se realizavam em espaços iguais, ou que uns são mais longos, outros mais curtos se a roda algumas vezes se move mais devagar, outras vezes mais depressa? E dizendo isso, não falamos também nós no tempo, e não há em nossas palavras algumas sílabas longas e outras breves, pelo fato de umas ressoarem durante mais tempo

e outras durante menos tempo? Ó Deus, concede aos homens verem nesse modesto fato os conceitos comuns das pequenas e das grandes realidades. Existem astros e luzes no céu que servem como sinais para indicar as estações, os dias e os anos.[50] Contudo, assim como eu não ousaria afirmar que uma volta daquela roda de madeira representa um dia, também aquele homem instruído não se atreva a dizer que não represente um tempo.

30 Meu desejo é conhecer o valor e a natureza do tempo, com o qual medimos os movimentos dos corpos, e dizemos, por exemplo, que um movimento é, quanto ao tempo, duas vezes mais longo do que outro. É isto que desejo saber: denominamos dia, não somente o período de tempo que o sol está sobre a terra, e que dá origem à distinção entre dia e noite, mas também ao giro completo de oriente a oriente, pelo qual dizemos: "Passaram-se tantos dias". E como compreendemos por dia também as respectivas noites, sem excluí-las. Ora, se o dia se completa pelo movimento de rotação do sol de oriente a oriente, procuro saber se o dia é o próprio movimento ou o intervalo de tempo durante o qual esse movimento realiza, ou as duas coisas. Se o dia fosse o movimento do sol, teríamos um dia, mesmo se o sol completasse aquele seu percurso no intervalo de uma hora. Se a duração do percurso do sol constituísse o dia, não haveria um dia se o intervalo entre um nascer a outro do sol durasse apenas uma hora. Seria preciso que o sol desse vinte e quatro voltas para completar um dia. Se um dia consistisse no movimento do sol e na duração desse movimento, não se poderia chamar de dia ao giro do sol que se completasse em uma hora, nem, na hipótese de o sol parar, ao espaço de tempo que ele utiliza hoje para percorrer o circuito habitual de uma a outra manhã. Portanto, não me pergunto mais o que seja o dia, e sim o tempo, este tempo com o qual medimos o movimento de rotação do sol. Assim poderíamos dizer que tal movimento foi completado em um tempo que é a metade do habitual, se executado em doze horas. Comparando as duas durações, diremos que uma é simples e a outra é dupla, ainda que o sol empregasse, de um nascer a outro, às vezes o tempo simples, outras vezes o tempo duplo. Portanto, ninguém me diga que o tempo é o movimento dos corpos celestes. Porque, quando o sol parou a pedido de um homem[51] para que pudesse concluir vitoriosamente uma batalha, o sol estava parado, mas o tempo continuava a passar. Com efeito, aquela batalha foi conduzida a termo no espaço de tempo que lhe era suficiente. Vejo portanto que o tempo é uma espécie de extensão. Será que o percebo realmente, ou tenho a ilusão de viver? Mostra-me tu, ó Luz, ó Verdade.

24. O tempo não é o movimento dos corpos

31 Desejas que eu concorde com quem diz que o tempo é o movimento dos corpos? É claro que não concordo. De fato, os corpos só se podem mover no tempo, eu sei e tu o afirmas. No entanto, não creio que o próprio movimento do corpo seja o tempo: isso não o dizes. Quando um corpo se move, posso medir com o tempo a duração do seu movimento, do começo ao fim. Se não vi quando começou, e continua o movimento, sem que eu veja quando acaba, não posso medi-lo. Posso fazê-lo somente do momento

em que comecei a vê-lo até deixar de vê-lo. Se o vejo durante um tempo longo, apenas posso dizer que é um tempo longo, mas não quanto; isto, somente por comparação podemos avaliar. Dizemos, por exemplo: "Isto durou tanto quanto aquilo", ou: "isto durou o dobro daquilo", e assim por diante. No entanto, se pudermos observar os pontos de partida e chegada de um corpo em movimento, ou de suas partes, no caso de mover-se em círculo, poderemos dizer quanto tempo foi empregado pelo corpo, ou pelas suas partes, para mover-se de um ponto a outro. Portanto, o movimento do corpo é diferente da medida de sua duração. E quem não entende qual destas duas realidades deva ser chamada de tempo? Se um corpo, ora se move de maneira desigual, ora está parado, medimos com o tempo, não só o seu movimento, mas também o seu repouso, e dizemos: "Esteve tanto tempo parado quanto em movimento"; ou: "Esteve parado o dobro ou o triplo do tempo em que esteve em movimento"; ou qualquer outro intervalo de tempo, que aproximadamente tenhamos calculado ou avaliado. Em conclusão, o tempo não é o movimento dos corpos.

25. Confissão e invocação

32 Confesso-te, Senhor, que não sei ainda o que é tempo, e, no entanto, sei que pronuncio estas palavras no tempo. Sei também que há muito estou falando do tempo, e que este "muito" não é outra coisa senão uma duração de tempo. Como posso saber isso, se ignoro o que seja o tempo? Será que não sei exprimir o que sei? Ai de mim, que nem ao menos sei o que ignoro! Senhor, tu vês que eu não minto. Eu te falo de coração. Tu me acenderás a lâm-pada, Senhor meu Deus,[52] e iluminarás as minhas trevas!

26. Será o tempo simplesmente extensão?

33 Porventura não é sincera a minha alma ao dizer-te que posso medir o tempo? Então, meu Deus, meço sem saber o que meço? Meço com o tempo o movimento de um corpo, e não posso medir do mesmo modo também o tempo? Seria possível medir a duração do movimento de um corpo, e quanto o corpo demora para chegar de um lugar a outro, sem medir o tempo em que se move? E com que meço o tempo? Posso eu medir um tempo mais longo com o espaço mais breve de tempo, do mesmo modo que medimos o comprimento de um caibro com uma unidade menor? De fato, medimos a duração de uma sílaba longa com a duração de uma breve, e dizemos que a primeira é o dobro da segunda. Assim, medimos a extensão de um poema pelo número de versos, o comprimento dos versos pelo número de pés, e a dimensão dos pés com a dimensão das sílabas, e a dimensão das sílabas longas com a dimensão das sílabas breves, e não pelas páginas, pois desse modo estaríamos medindo espaços e não tempos. Conforme as palavras passam e nós as pronunciamos, dizendo: "Este poema é extenso porque se compõe de tantos versos; estes versos são longos porque se compõem de tantos pés; estes pés são longos porque feitos de tantas sílabas; e esta é uma sílaba longa, porque é o dobro de uma breve. Todavia, nem desse modo chegamos à noção exata da medida do

tempo, porque pode suceder que um verso breve, recitado lentamente, dure mais tempo que um verso mais longo recitado apressadamente. O mesmo acontece a um poema, a um pé ou a uma sílaba. Daí concluo que o tempo nada mais é do que extensão. Mas extensão de quê? Ignoro. Seria surpreendente, se não fosse a extensão da própria alma. Portanto, dize-me, eu te suplico, meu Deus, que coisa meço eu quando me exprimo de modo indeterminado: "Este tempo é mais longo do que aquele"; ou quando digo, de modo mais preciso: "Este tempo é o dobro daquele". Sei perfeitamente que meço o tempo, mas não o futuro, porque ainda não existe; nem o presente porque não tem extensão, nem o passado porque não existe mais. Que meço eu então? O tempo que está passando, e não o que já passou? Isto é de fato o que tinha dito antes.[53]

27. A medida do tempo realiza-se em nossa mente

34 Insiste, ó minha alma, e presta redobrada atenção: "Deus é a nossa ajuda.[54] Foi ele quem nos fez, e não nós que nos criamos".[55] Olha para lá onde surge a aurora da verdade. Imagina, por exemplo, que a voz de um corpo começa a soar, soa e continua a vibrar. Depois, cessa; vem o silêncio. A voz passou, não existe mais. Antes de soar era futura e não podia ser medida, porque ainda não existia, e agora não pode porque não existe mais. Podíamos medi-la naquele instante em que soava, porque existia e podia ser medida. Mas mesmo nesses momentos não era estável, porque vinha e passava. Será que essa instabilidade é que a tornava mensurável? De fato, enquanto passava, prolongava-se por certo espaço de tempo, durante o qual podia ser medida, mas o presente não tem extensão. Se então era possível medi-la, imagina que outra vez comece a soar, numa vibração contínua e de igual intensidade. Vamos medi-la enquanto soa, porque quando cessar de vibrar será passada, e nada haverá para medir. Vamos medi-la e dizer quanto dura.

O fato é que ainda soa, e não podemos medir, a não ser desde o início, desde quando começou a soar, até o fim, quando cessar. Os intervalos são medidos justamente desde certo início até certo fim. Por isso, não pode ser medida a voz que ainda não terminou. Não podemos calcular a sua duração longa ou breve, nem podemos afirmar que é igual a outra, ou que a relação seja simples ou dupla, ou que tenha outra qualquer proporção. Logo que essa voz cessar, ficará destruída da existência. De que modo então poderá ser medida? Com efeito, medimos o tempo, mas não o que ainda não existe, nem o que já não existe, nem o que não tem extensão, nem o que não tem limites. Em outras palavras, não medimos o futuro, nem o passado, nem o presente, nem o tempo que está passando. E no entanto, medimos o tempo.

35 O verso "Deus creator omnium"[56] é composto de oito sílabas, breves e longas alternadas entre si: as quatro breves, isto é, a primeira, a terceira, a quinta e a sétima, são simples em relação às quatro longas, isto é, a segunda, a quarta, a sexta e a oitava. Estas duram, cada uma, um tempo duplo em relação às breves; eu pronuncio e o percebo claramente pelo testemunho dos sentidos. Segundo o que estes me revelam, meço a

sílaba longa pela breve, e vejo que a longa contém duas vezes a breve. Mas quando soa uma após a outra, se a primeira é breve e a segunda é longa, como reter a breve? Como aplicá-la para medi-la e averiguar que tem o dobro da duração, uma vez que a longa só começa a ressoar no momento em que a breve tenha cessado? E como medir essa longa quando está presente, se só posso medi-la quando tiver terminado? E uma vez terminada, passou. Que medirei então? Onde está a breve que me serve de medida? E a longa que devo medir? Ambas soaram, voaram, passaram, e não mais existem. Meço-as e afirmo confiadamente, com a certeza que me pode dar a experiência dos sentidos, que no espaço de tempo uma é simples, a outra é dupla. E posso dizê-lo porque passaram e terminaram. Portanto, já não meço as sílabas, porque não mais existem; meço alguma coisa delas que permanece gravada na minha memória.

36 É em ti, meu espírito, que eu meço o tempo.[57] Não me perturbes, ou melhor, não te perturbes com o tumulto de tuas impressões. É em ti, repito, que meço os tempos. Meço, enquanto está presente, a impressão que as coisas gravam em ti no momento em que passam, e que permanece mesmo depois de passadas, e não as coisas que passaram para que a impressão se reproduzisse. É essa impressão que meço, quando meço os tempos. Portanto, ou essa impressão é o tempo, ou não meço o tempo. Mas quando medimos os silêncios e dizemos que tal silêncio durou tanto tempo quanto durou tal voz, será que não concentramos o pensamento na duração da voz como se ressoasse ainda, para podermos dizer alguma coisa sobre os intervalos de silêncio em termos de extensão temporal? De fato, mesmo sem usar a voz, percorremos com o pensamento poemas, versos e discursos, enfim, toda sorte de medidas, de movimentos, e determinamos a relação desses intervalos de tempo entre si, exatamente como se usássemos a voz. Se alguém quiser pronunciar uma sílaba longa, e com o pensamento se houver previamente estabelecido o comprimento, deve ter reproduzido em silêncio esse espaço de tempo e, confiando na memória, começa a emitir o som, que se produz até atingir o limite fixado. Ou melhor, soou e soará, porque a parte já realizada evidentemente já soou, e o que resta ainda soará. Assim se realiza o som. O esforço presente transforma o futuro em passado, o passado cresce com a diminuição do futuro, até o momento em que, tudo será passado, quando se consumar o futuro.

28. Expectativa do futuro, atenção ao presente, lembrança do passado

37 Mas como é que diminui e se consome o futuro que ainda não existe? Ou ainda: como é que cresce o passado, que já não existe, a não ser pela existência dos três momentos no espírito que os realiza: expectativa, atenção e lembrança? Desse modo, aquilo que a alma espera torna-se lembrança depois de ser objeto da atenção. Quem se atreve a negar que o futuro ainda não existe? No entanto, já existe no espírito a expectativa do futuro. Quem pode negar que o passado não mais existe? Contudo, existe ainda no espírito a lembrança do passado. E quem nega que o presente carece de extensão, uma vez que passa em um instante? No entanto, perdura a atenção, diante da qual continua a retirar-se o que era presente. Portanto, não é o tempo futuro que é longo, pois não existe, mas o longo futuro

é a longa espera do futuro. Também não é longo o tempo passado inexistente, mas o longo passado é a longa recordação do passado.

38 Se estou para recitar uma canção que conheço, antes de começar, já minha expectativa se estende a toda ela. Mas, assim que começo, tudo o que vou destacando e entregando ao passado vai se estendendo ao longo da memória. Assim, a minha atividade volta-se para a lembrança da parte já recitada e para a expectativa da parte ainda a recitar; a minha atenção, porém, está presente: por seu intermédio, o futuro torna-se passado. E quanto mais avança o ato tanto mais se abrevia a espera e se prolonga a lembrança, até que esta fica totalmente consumida, quando o ato, totalmente acabado, passa inteiramente para o domínio da memória. Ora, o que acontece com o cântico todo, sucede também para cada uma das partes e de suas sílabas; acontece também a um ato mais longo, do qual faz parte, por exemplo, o cântico, e em toda a vida do homem, da qual todas as ações humanas são partes. Isso mesmo sucede em toda a história dos filhos dos homens,[58] da qual a vida de cada homem é apenas uma parte.

29. Aspiração ao eterno, depois da dissipação do tempo

39 "Mas porque a tua misericórdia é melhor que todas as vidas",[59] a minha vida nada mais é que uma distenção, "e a tua destra me sustentou"[60] no meu Senhor, o filho do homem, mediador entre ti, que és único, e nós, que somos muitos[61] e que vivemos divididos por paixões diversas e objetos vários. Assim é, para que eu "alcance aquele por quem já fui alcançado"[62] e me desprenda da dissipação dos dias antigos, seguindo a Deus uno. Assim, "esquecendo o passado", sem a preocupação das coisas futuras que passarão, e inteiramente "voltado para o que é" eterno, "poderei caminhar para o prêmio da vocação do alto",[63] não na distensão, mas com desejo pleno; lá "ouvirei o cântico de teus louvores"[64] e "contemplarei a tua beleza",[65] que não tem começo nem fim. Agora, porém, "transcorrem os meus anos em lamentos".[66] E tu, Senhor, meu Pai eterno, tu és o meu conforto. Mas eu me dispersei nos tempos cuja ordem ignoro, e os meus pensamentos, vís-ceras da minha alma, são dilacerados por tumultuosas vicissitudes, até que eu purificado pelo fogo do teu amor mergulho em ti.

30. Inutilidade da pergunta: "Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra"?

40 Finalmente, repousarei e me estabilizarei em ti, na tua verdade, que é o meu molde. Não mais tolerarei as perguntas dos homens que, por uma espécie de enfermidade — castigo da sua culpa — têm mais sede de saber do que lhe permite a capacidade. Perguntam: "Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra"? "Como lhe veio a idéia de fazer alguma coisa, se antes nunca fazia nada"? Faze, Senhor, que reflitam bem no que dizem e que compreendam não ser possível falar de "nunca" quando não existe o tempo.

Dizer: “Nunca tinha feito nada”, será talvez o mesmo que dizer: Não tinha feito nada em tempo algum? Compreendam portanto que não existe tempo algum antes da criação, e deixem de dizer frivolidades como essa.[67] Que avancem para o que está adiante,[68] de modo a compreender que tu existes antes de todos os tempos, eterno Criador de todos os tempos; que nenhum tempo é coeterno contigo, nem criatura alguma, se bem que haja algumas superiores ao tempo.[69]

31. Ciência humana e ciência divina

41 Senhor meu Deus, quão impenetrável é a profundeza de teus segredos, e quão longe deles me levaram as conseqüências de meus pecados! Cura-me os olhos, para que possam gozar de tua luz. Se existisse realmente um espírito dotado de tão grande ciência e presciência, a ponto de conhecer todo o passado e o futuro — como eu conheço um cântico conhecido de todos — esse tal seria um ser maravilhoso e surpreendente sem dúvida alguma. Isso porque nada dos séculos passados ou futuros lhe permaneceria oculto, como a mim, que entôo aquele cântico, não é oculto o que já cantei desde o início, nem é oculto o que resta para chegar ao fim. Longe de mim a idéia de que tu, Criador do universo, Criador das almas e dos corpos, conheças do mesmo modo grosseiro o futuro e o passado! És bem mais maravilhoso, bem mais misterioso! Porque aquele que canta ou que escuta um cântico conhecido passa por estados diversos de sentimento e é dividido entre a expectativa dos sons que ainda vêm e a lembrança dos sons passados. Nada de semelhante acontece contigo, a ti que és imutavelmente eterno, verdadeiramente Criador eterno das almas. Como conheceste “no princípio o céu e a terra”, sem modificação no teu conhecimento, do mesmo modo criaste “no princípio o céu e a terra”, sem que se modificasse a tua ação.

Entoe teus louvores aquele que compreende, e te exalte também quem não compreende.

Como tu és sublime! E todos os que têm coração humilde são da tua família. De fato, ergues os abatidos,[70] e não caem aqueles de quem és a elevação.

1 Sl 47,1.

2 Mt 6,8.

3 Cf. Mt 5,3-9.

4 Cf. Sl 117,1.

5 Sl 60,2.

6 Cf. Sl 65,15.

7 Sl 85,1.

8 Rm 10,12.

9 Sl 73,16.

10 Em Enarrationes in Psalmos 28, Agostinho diz que o Senhor tornará luminosas para os vencedores, representados pelos cervos, as florestas mais escuras, isto é, as passagens difíceis da Palavra divina, de maneira a poderem nelas pastar tranqüilamente.

11 Cf. Sl 16,15.

12 Sl 25,7.

13 Sl 118,18.

14 Cf. Mt 6,33.

15 Sl 118,85.

16 Sl 79,18.

17 Rm 8,34.

18 Cl 2,3.

19 Cf. Gn 1,1.

20 Cf. Jó 14,16.

21 Cf. Sl 32,9.

22 Lc 9,35.

23 Cf. Is 40,8.

24 Cf. De Genesi ad litt. 1,2.

25 Cf. Jo 1,1.

26 Cf. Jo 8,25.

27 Cf. De mag. 11,38.

28 Jo 3,29.

29 Cf. Gn 1,1.

30 Sl 30,11.

31 Cf. Sl 102,3-5.

32 Cf. Rm 8,24ss.

33 Sl 103,24.

34 Cf. Rm 6,6. Nos Sermões 267,2, Agostinho diz que é próprio do velho homem viver e julgar como homens carnais, isto é, não do ponto de vista da eternidade.

35 Cf. Ef 3,10.

36 Cf. Sl 5,10.

37 Sl 101,28; Hb 1,12.

38 2Pd 3,8.

39 Sl 2,7.

40 Mq 7,8.

41 Cf. Sl 138,6.

42 Cf. Ecl 11,7.

43 Cf. Mt 7,11.

44 Cf. Sl 72,16.

45 Cf. Mt 7,7s.

46 Cf. Sl 115,10; 2Cor 4,13.

47 Cf. Sl 26,4.

48 Cf. Sl 38,6.

49 Não se sabe a quem Agostinho quer aludir em particular; a opinião citada é dos filósofos pitagóricos: Platão, Aristóteles, Fílon e outros.

50 Cf. Gn 1,14.

51 Cf. Js 10,12s.

52 Cf. Sl 17,29.

53 Ver acima, XI livro, cap. 16.

54 Sl 61,9.

55 Sl 99,3.

56 Ver acima, IX livro, cap. 12.

57 Agostinho ensina, em conclusão, que o tempo é um produto da nossa alma, que o torna presente mediante a memória no caso de ser passado, median-te a atenção no caso de ser atual, e mediante a espera se é futuro.

58 Cf. Sl 30,20.

59 Sl 62,4.

60 Sl 17,36.

61 Cf. 1Tm 2,5.

62 Fl 3,12.

63 Fl 3,13-14.

64 Sl 25,7.

65 Sl 26,4.

66 Sl 30,11.

67 Cf. Sl 143,8.

68 Fl 3,13.

69 Mais adiante, no XII livro, cap. 12, Agostinho dirá que assim são os anjos.

70 Cf. Sl 144,14.

XII LIVRO

MEDITAÇÃO SOBRE O PRIMEIRO VERSÍCULO DO GÊNESIS: "NO PRINCÍPIO DEUS CRIOU O CÉU E A TERRA"

1. Pobreza do homem que procura: mas Deus está com ele

1 Senhor, na miséria desta vida, o meu coração, atingido pelas palavras da tua Sagrada Escritura, anda profundamente perturbado. Por isso, muitas vezes, a pobreza da inteligência humana se manifesta na abundância de palavras, porque a busca requer mais palavras do que a descoberta, o pedir exige mais tempo que o obter, e a mão que bate à porta faz mais esforço do que aquela que recebe. No entanto, temos a tua promessa, e quem a destruirá? "Se Deus está conosco, quem será contra nós?[1] Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto; pois todo aquele que pede recebe; quem procura encontra, e a quem bate lhe será aberta a porta".[2] São promessas tuas. Quem temerá ser enganado, se a própria Verdade[3] é quem promete?

2. Que é o "céu do céu"?

2 A humildade da minha língua confessa, diante da tua grandeza, que foste tu quem criou o céu e a terra, este céu que vejo, e esta terra que piso, e da qual provém a terra que levo comigo. Tu os criaste. Mas onde está, Senhor, o céu do céu, do qual ouvimos falar no salmo: "O céu do céu é do Senhor, mas a terra, ele a deu aos filhos dos homens"?[4] Onde está o céu que não vemos, e diante do qual tudo o que vemos é terra? Com efeito, todo este universo corpóreo, cuja base é a terra, recebeu aspecto atraen-te, mesmo nas partes mais humildes, ainda que não inteiramente em todas as partes. No entanto, diante daquele céu do céu, o céu da nossa terra nada mais é do que terra. E não seria absurdo chamar de terra estes dois grandes corpos que vemos, em relação àquele misterioso céu, que pertence "ao Senhor" e não "aos filhos dos homens".

3. Que são as "trevas" e o "abismo"

3 Nossa terra era invisível e confusa, um profundo e impenetrável abismo onde não havia luz, pois não tinha forma. Por isso ordenaste que se escrevesse: "As trevas cobriam o abismo".[5] Que significa isso, senão a falta de luz? Com efeito, se a luz existisse, onde poderia ela estar, senão acima de todas as coisas, para iluminar do alto? Onde não havia luz, que significavam as trevas, senão ausência de luz? As trevas reinavam sobre o abismo, porque sobre ele faltava a luz, do mesmo modo que reina o silêncio onde não há som. A existência do silêncio indica a inexistência do som. Não ensinaste, Senhor, a esta

alma que te fala, não me ensinaste, Senhor, que antes de esta matéria informe receber de ti forma e ordem, nada existia, nem cor, nem figura, nem corpo, nem espírito? Não era, porém, um nada absoluto. Era apenas a massa informe, sem nenhuma aparência exterior.

4. Que significa "terra invisível e informe"

4 Que nome darei a essa matéria? Para que de algum modo penetre nas inteligências mais curtas, há de ser um vocábulo de uso comum. Ora, que expressões se poderiam encontrar, em todas as partes do universo, mais próximas dessa total ausência de forma, do que terra e abismo? Pois, colocadas no ínfimo grau da criação, são menos belas do que as demais partes, mais altas, brilhan-tes e luminosas. Por que então não aceitar que a matéria sem forma, que criaste sem beleza para fazeres dela um mundo belo, seja adequadamente anunciada aos homens pelo nome de "terra invisível e informe"?[6]

5. A inteligência pesquisa...

5 Por isso, a inteligência busca o que os sentidos podem colher e diz a si mesma: "Não se trata de uma forma inteligível como a vida e a justiça, pois é matéria corpórea; nem tampouco se trata de uma forma sensível, pois o que se vê e se sente não pode ser invisível e informe". E eu repito: enquanto a inteligência humana diz tais coisas, pro-cura conhecê-la ignorando-a, ou ignorá-la conhecendo-a?[7]

6. Evolução do conceito de matéria

6 Senhor, pela boca e pela pena devo confessar-te tudo o que me ensinaste acerca desta matéria, devo dizer-te que anteriormente eu ouvia falar[8] desse nome sem entendê-lo, como também não o entendiam aqueles que disso me falavam. Eu o imaginava rico de inúmeros aspec-tos diversos, sem concretizá-lo no pensamento. Meu espírito revolvia em desordem formas hediondas e horríveis, porém sempre formas. Chamava de informe essa matéria, não que lhe faltasse forma, mas por ser dotada de forma tão insólita e estranha que, se me aparecesse, dela afastaria os sentidos e ficaria perturbada a minha humana fraqueza. O que imaginava era informe, não pela carência de qualquer forma, mas pelo confronto com formas mais belas. A reta razão, porém, me persuadia de que, se eu quisesse imaginar um ser absolutamente informe, deveria suprimir qualquer pormenor de forma. Mas eu não conseguia fazer isso; parecia-me bem mais simples negar a existência de algo que não tivesse forma, do que conceber um meio termo entre a forma e o nada, que não fosse nem forma nem nada, um ser informe bem próximo do não ser. Minha inteligência cessou de interrogar a minha fantasia, habitada esta por imagens de formas corpóreas, que ela mudava e variava a seu bel-prazer. Fixei a atenção nos próprios corpos, analisando mais profundamente sua mutabilidade, pela qual cessam de ser aquilo que eram e começam a ser o que não eram. Suspeitei que essa transição de uma forma para outra se fazia por meio de algum ser informe, e não pelo nada absoluto.

Mas a mim não interessava fazer suposições, e sim saber. Se minha voz e minha pena te confessassem todas as dificuldades que me aplainaste em relação a essas questões, qual dos meus leitores teria a paciên-cia de me ouvir? No entanto, meu coração não cessara por isso de honrar-te com cânticos de louvor por tudo aquilo que não consigo exprimir em palavras. A própria mutabilidade das coisas é capaz de tomar todas as formas em que se transfiguram as coisas mutáveis. E essa mutabilidade, que é? Um espírito? Um corpo? ou talvez uma espécie de espírito ou de corpo? Se fosse possível dizer "um certo nada que é e não é", eu o diria. No entanto, de certa maneira já existia, para poder assumir tais aspectos visíveis e complexos.

7. A origem da matéria

7 E essa matéria, qualquer que fosse, donde provinha, senão de ti, de quem provêm todas as coisas, enquanto existem? Tanto mais longe estão de ti, quanto mais diferem de ti. Com efeito, aqui não se trata de distância espacial.[9] Portanto tu, Senhor, não és aqui uma coisa, e ali outra. Tu és sempre, sempre, sempre o mesmo, "santo, santo, santo, Senhor Deus onipotente".[10] Tu no princípio que procede de ti, na tua Sabedoria nascida da tua substância, do nada criaste alguma coisa. Fizeste o céu e a terra, mas não da tua substância, pois assim teriam sido iguais ao teu Filho unigênito, e, portanto, iguais também a ti. E não seria absolutamente justo que fosse igual a ti aquilo que não veio de ti. Por outro lado, nada havia fora de ti, de onde pudesses criar, ó Deus, Trindade una e Unidade trina. Por isso, criaste do nada o céu e a terra, duas realidades, uma grande e outra pequena. Tu és onipotente e bom, para criares tudo bom: um céu grande e uma terra pequena. Só tu existias, e nada mais. Deste nada, fizeste o céu e a terra, duas realidades: uma perto de ti, outra perto do nada. Uma que só a ti tem como superior, outra que nada tem inferior a si.

8. A matéria informe é o fundamento da criação

8 Mas este "céu do céu" pertence a ti, Senhor, e a terra que deste "aos filhos dos homens",[11] para que eles a contemplassem e a tocassem, não era assim como agora a vemos e tocamos. Era invisível e informe, era um abismo sobre o qual não brilhava a luz: "as trevas cobriam o abismo",[12] ou seja: as trevas eram maiores que o abismo. Este abismo das águas, agora visíveis, tem ainda nas suas en-tranhas alguma luminosidade, perceptível aos peixes e aos outros animais que vivem no fundo. O outro abismo era como um nada, pois era ainda totalmente carente de forma; mas já existia, de modo que podia receber uma forma. De fato, Senhor, "tu criaste o universo de uma matéria informe".[13] Tiraste do nada um quase nada, para dele fazer as coisas grandes, que nós, filhos dos homens, admiramos. É realmente maravilhoso este céu corpóreo, este firmamento que separa umas águas das outras, que criaste no segundo dia depois da criação da luz, quando disseste: "Faça-se: e assim se fez".[14] Chamaste céu[15] a esse

firmamento, mas o céu desta terra e deste mar é que fizeste no terceiro dia,[16] dando forma visível à matéria informe que tinhas criado antes do início dos dias. Já anteriormente a este céu, tinhas criado outro céu, que era o céu do céu, porque "no princípio criaste o céu e a terra". Mas esta mesma terra que criaste, era matéria carente de for-ma, porque "era invisível e informe, e as trevas cobriam o abismo". Desta terra invisível e sem ordem, dessa infor-midade, deste quase nada, fizeste tudo aquilo de que é formado e não formado este mundo mutável, no qual se manifesta esta mobilidade, pela qual se pode sentir e medir o tempo. De fato, este tempo é feito da mudança das coisas, da variação e da sucessão das formas, cuja matéria é a terra invisível, da qual falamos anteriormente.

9. Intemporalidade dessas criaturas

9 Por isso o Espírito, mestre do teu servo Moisés, quando lembra que fizeste "no princípio o céu e a terra", não fala de tempos nem fala de dias. Com efeito, aquele "céu do céu", que fizeste no princípio, é de certa forma uma criatura racional que, embora não coeterna contigo, ó Trindade, participa todavia da tua eternidade,[17] e, através da suavidade de tua beatífica contemplação, reduz fortemente a sua própria mobilidade. Desde que foi criada, permanece sempre unida a ti, sem movimento nenhum, e se sobrepõe às vicissitudes passageiras do tempo. Quanto a essa amorfia que é a "terra invisível" e informe,[18] não foi contada entre os dias. De fato, onde não existe forma nem ordem, nada vem e nada passa; e onde tal não se dá, não existem certamente nem dias nem sucessão de espaços de tempo.

10. Invocação à verdade

10 Ó verdade, ó luz do meu coração, faze que não sejam as trevas a falar-me! Deixei-me cair no meio delas, e me encontrei na sombra, porém, mesmo daí eu te amei imensamente. Eu me desgarrei, "mas lembrei-me de ti".[19] Ouvi a tua voz atrás de mim[20] que me convidava a voltar. Mas dificilmente podia ouvi-la, por causa do tumulto interior. Eis, porém, que agora volto sedento e desejoso da tua fonte. Que ninguém me impeça de aproximar-me: beberei, e assim viverei.[21] Que não seja eu a minha própria vida. Vivia mal, vivendo de mim mesmo. Fui causa de minha morte. Em ti eu revivo. Fala-me, ensina-me. Creio nas Escrituras; as palavras dela são muito misteriosas.[22]

11. Eternidade de Deus

11 Já me disseste, Senhor, com voz forte no meu íntimo, que és eterno, o único a possuir a imortalidade,[23] pois nunca mudas nem de forma nem de movimento, e tua vontade não varia conforme o tempo, pois uma vontade mutável não pode ser imortal. Este fato me é claro diante de ti.[24] Peço-te que me seja sempre mais claro. Que sob as tuas asas eu

permaneça sempre, sempre atento a esta revelação. Também me disseste, Senhor[25] com voz forte aos ouvidos da alma, que todas as naturezas e substân-cias que não são o que és, mas existem, foram criadas por ti. Só o nada não provêm de ti, nem os movimentos da vontade tendentes a se afastarem de ti — que existes — para irem rumo aos seres inferiores. Esse afastamento, com efeito, é pecado, e não há pecado que possa prejudicar-te ou perturbar a ordem de teu império, seja nas criaturas mais altas, seja nas ínfimas. Isto me é claro diante de ti. Eu te peço que me seja sempre mais claro, e que eu permaneça sob as tuas asas, sempre atento a essa revelação.

12 Disseste ainda, com voz forte ao meu ouvido interior, que não é coeterna contigo nem mesmo aquela criatu-ra para quem a alegria és tu somente e que, comprazendo-se em ti numa união casta e perseverante, não revela em nenhum tempo ou lugar a sua mutabilidade, que te tem sempre presente e se conserva unida a ti com todo o afeto, sem ter um futuro a esperar ou um passado a recordar, e portanto, imutável através do tempo e dos acontecimentos que passam. Feliz tal criatura, se existe, porque participa da tua felicidade; feliz, porque nela habitas perenemente e a iluminas! Nada encontro que melhor possa ser chamado de "céu do céu do Senhor", senão a tua morada, criatura que contempla eternamente tuas delícias, sem jamais se afastar para outra parte. Inteligência pura, unida na máxima concórdia, pelo vínculo estável da paz, aos espíritos dos santos, que são cidadãos da tua cidade, situada naquele céu que está acima do nosso céu.

13 À vista do que foi dito, a alma, cuja peregrinação a levou para longe de ti, possa compreender se já tem sede de ti, se "o seu pranto foi para ela o pão, enquanto lhe dizem todos os dias: Onde está o teu Deus?",[26] se ela pede unicamente a graça de habitar em tua casa todos os dias de sua vida.[27] E o que é a vida dela, senão tu? E quais os teus dias, senão a tua eternidade, como os teus anos que não acabam, porque tu és sempre o mesmo?[28] Por aí, compreenda a alma, se possível, tua eternidade superior a todos os tempos. Tua morada que nunca se afastou de ti, sem ser eterna como tu, não sofre as vicissitudes do tempo, graças à sua união incessante e ininterrupta contigo. Vejo claramente essa verdade em tua presença, e te peço que isso me seja sempre mais claro, e que, protegido por tuas asas, eu permaneça sempre atento a esta revelação.

14 Com efeito, vejo um não sei que de informe nas mudanças das últimas e ínfimas criaturas. E quem, senão aqueles que se revolvem no seu interior em companhia das próprias fantasias, quem poderá dizer-me que, eliminando nas criaturas todo aspecto e permanecendo estas sem forma, a ponto de poderem transformar-se de um aspecto em outro, quem poderá dizer-me que essa informidade poderia mostrar em si a vicissitude dos tempos? Não, tal hipótese é impossível, pois não há tempo sem variedade de movimentos, e não há variedade alguma onde não há forma.

12. Duas criaturas estão fora do tempo

15 Por essas considerações, feitas por graça tua, ó meu Deus, que me incitas a bater, e abres a quem bate,[29] acho que fizeste duas criaturas isentas de tempo, sem que nenhuma das duas seja coeterna contigo. Uma é tão perfeita, que jamais deixa de te contemplar, e, embora mutável, não sofre mudança nenhuma, e participa da tua eternidade e imutabilidade. A outra é tão informe, a ponto de nada ter que possa passar de uma forma a outra, nem no movimento nem no estado de repouso, sendo-lhe impossível estar sujeita ao tempo. A esta segunda, porém, não permitiste que ficasse informe, pois, antes de todos os dias "criaste no princípio o céu e a terra", isto é, precisamente as duas criaturas de que falei. "A terra era invisível e informe e as trevas cobriam o abismo". Estas palavras sugerem a idéia da falta de forma, para atrair gradualmente aqueles que não conseguem imaginar algo com total falta de forma, sem que esteja reduzido a nada. Desta matéria informe é que foi formado depois outro céu, uma terra visível e organizada, estas águas cristalinas, e tudo o que na criação do mundo[30] foi feito em dias sucessivos. E essas criaturas são sujeitas às vicissitudes do tempo, devido às mutações regulares de seus movimentos e formas.

13. Criações fora do tempo

16 "No princípio Deus criou o céu e a terra; a terra era invisível e informe, e as trevas cobriam o abismo".[31] Quando ouço, ó meu Deus, essas palavras da Escritura, sem precisar o dia em que os criaste, eu as interpreto do seguinte modo: a primeira é "o céu do céu", o céu intelec-tual, onde compreender é conhecer tudo ao mesmo tempo e não "em parte", não por "enigmas ou através de um espelho", mas inteiramente, em plena evidência, "face a face".[32] Conhecer, não ora isto ora aquilo, mas — como já dissemos — tudo simultaneamente, sem as vicissitudes do tempo. A segunda é a terra invisível e desorganizada, sem aquela temporalidade que costuma trazer consigo, ora uma realidade ora outra. Porque, onde não há forma, não há ora isto ora aquilo. São duas realidades, uma com sua forma desde o princípio, a outra absolutamente informe; isto é, uma o céu — ou seja, o céu do céu — e a ou-tra a terra, ou seja, a terra invisível e informe. É por essas duas realidades que acredito compreender quando a Escritura diz: "No princípio Deus criou o céu e a terra", sem mencionar dias. E imediatamente acrescenta de qual terra falava. Quando recorda que no segundo dia foi criado o firmamento, que chamou de céu, dá a entender a que céu se referia antes, quando não mencionou dias.

14. A palavra de Deus é admiravelmente profunda

17 Oh! admirável profundidade das tuas palavras! Essa tal profundidade está diante de nós como um rosto sorridente diante das crianças. Mas como é admirável essa profundidade, meu Deus, como é admirável essa profundidade! Querer perscrutá-la infunde tremor, tremor diante de tamanha grandeza, tremor de amor! Odeio com veemência os inimigos dela. Oh! se os matasses com a es-pada de dois gumes,[33] e não

mais existissem os inimigos dela! Eu desejaria vê-los morrer por si mesmos, a fim de que possam viver para ti. Mas há outros que, ao invés de censuras, exaltam o livro do Gênesis, dizendo: "O Espírito de Deus, por meio de seu servo Moisés, escreveu estas palavras e não quis que se interpretasse como dizes, mas como dizemos nós". Ó Deus de todos nós, tomando a ti como árbitro, eu lhes respondo da maneira seguinte.

15 . Argumentos sobre os quais existe acordo com os adversários

18 Ousareis afirmar a falsidade de tudo o que a Verdade me sugere, com voz forte ao meu ouvido interior, a res-peito do verdadeiro conceito de eternidade do Criador: isto é, que a sua substância nunca varia com o tempo e que a sua vontade não é distinta da sua substância, e que, por isso, Deus não quer ora isto, ora aquilo; ao contrário, aquilo que uma vez quis, ele o quer simultaneamente e para sempre? Ele não quer repetidas vezes, nem ora isto, ora aquilo; nem quer mais tarde o que anteriormente não queria, e vice-versa; tal querer seria mutável, e o que é mutável não é eterno; mas o nosso Deus é eterno.[34] Certamente ousareis afirmar que é falso aquilo que me faz ouvir interiormente, isto é: a espera das realidades futuras torna-se contemplação, uma vez que elas se realizam e, por sua vez, essa contemplação se transformará em memória depois de passadas. E todo pensamento que assim varia é mutável, e tudo o que é mutável não é eterno, enquanto o nosso Deus é eterno. Ousareis afirmar isso? Recolhendo e reunindo essas verdades, descubro que o meu Deus, Deus eterno, não criou o mundo com um ato novo de vontade, e sua ciência não sofre transição alguma.

19 Que respondeis a isso, meus contraditores? São falsas essas coisas? E respondem: "Não". Por acaso é falsa a afirmação de que toda criatura dotada de forma, ou toda matéria suscetível de possuí-la, provém somente daquele que é sumamente bom, por ser o Ente supremo? Dizem eles: "Também não negamos isso". E então? Negais talvez a existência de uma criatura sublime, de tal modo unida em casto amor ao Deus verdadeiro e eterno, embora não coeterna com ele, mas que nunca se separa dele para entregar-se às vicissitudes mutáveis do tempo, mas repousa sempre e unicamente na contemplação dele? Com efeito, ó Deus, voltando tua face para a criatura que te ama conforme a tua vontade, tu a sacias,[35] e deste modo tal criatura não se afasta de ti para recolher-se em si mesma. Ela é a casa de Deus, que não é terrena nem formada do nosso céu material, mas espiritual e participante da tua eternidade, porque permanece eternamente imaculada. Fundaste-a "pelos séculos dos séculos" e a colocaste "sob uma lei que não passará".[36] Todavia, essa habitação não é coeterna contigo, porque teve princípio. Foi criada.

20 Não encontramos o tempo antes dessa criatura. De fato, a sabedoria foi criada antes de todas as coisas.[37] É claro, não se trata da Sabedoria coeterna e perfeitamente igual a ti, seu Pai e nosso Deus, por meio da qual tudo foi criado e que é o princípio no qual criaste o céu e a terra.[38] Trata-se daquela sabedoria que é criatura, isto é, a natureza

intelectual, que é luz para contemplar a luz. Também esta é chamada sabedoria, embora criada.[39] Entre a sabedoria que cria e a sabedoria criada, e entre a justiça que justifica e a justiça que vem da justificação, existe a mesma diferença que há entre a luz que ilumina e a luz refletida. Nós mesmos fomos denominados tua justiça. Diz um servo teu: "...a fim de que nele nos tornemos justiça de Deus".[40] Portanto, antes de tudo criaste uma sabedoria, espírito racional e intelectual, cidadão de tua cidade santa, nossa mãe que está no alto, livre e eterna nos céus, "aqueles céus dos céus que te louvam",[41] isto é, aquele "céu que pertence ao Senhor".[42]

Portanto, achamos que não existe um tempo antes dessa sabedoria, pois ela foi criada antes de tudo e precede também a criação do tempo. Antes dela existe a eternidade do Criador, de quem recebeu a origem, mas não no tempo, que ainda não existia, e sim na sua própria condição de criatura.

21 Desse modo, ela procede de ti, meu Deus, mas permanecendo completamente diferente de ti. Não encontramos nenhum tempo, não só antes dela, mas nem sequer nela, porque ela é capaz de contemplar sempre a tua face, sem jamais dela se afastar. Por isso, não sofre variações. Contudo, nela existe a possibilidade de mudar, e tornar-se-ia tenebrosa e gélida se não continuasse a permanecer unida a ti por um grande amor, brilhando perenemente como a luz do meio-dia. Ó morada luminosa e fascinante, amei a tua beleza e o lugar onde habita a glória do meu Senhor,[43] teu Criador e Senhor. Por ti suspiro no meu exílio, pedindo ao teu Criador que também me possua em ti, porque criou também a mim. "Errei como ovelha desgarrada",[44] mas espero ser reconduzido a ti sobre os ombros do meu pastor,[45] teu Criador.

22 Que me respondeis, ó contraditores, que também vedes em Moisés um servidor devoto de Deus, e em seus livros a palavra do Espírito Santo? Não é esta a casa de Deus que, apesar de não ser coeterna com ele, é, a seu modo, eterna nos céus, onde em vão procurais as vicissitudes do tempo, porque não as podeis encontrar? Ela transcende toda extensão e todo espaço de tempo, pois que a felicidade dela consiste em estar junto de Deus.[46] "Estamos de acordo", dizem eles. Mas então, qual dessas verdades, proclamadas ante meu Deus pelo meu coração quando eu escutava no meu interior a voz dos seus louvores, qual delas podeis afirmar que é falsa? Porventura é falso afirmar que existia uma matéria informe, e que nela podia haver ordem, porque não havia forma? Mas, onde não há ordem nenhuma, também não podem existir as vicissitudes dos tempos. Todavia, este quase nada — visto não ser um nada absoluto — provinha certamente daquele de quem provém tudo o que existe, mas que de algum modo existe. "Nem isso te contestamos", dizem eles.

16. Os interlocutores de Agostinho

23 Quero discutir na tua presença, meu Deus, com aqueles que aceitam como

verdadeiras todas as afirmações que a tua Verdade manifesta no interior da minha mente. Que ladrem e façam barulho, quanto quiserem, aqueles que negam. Procurarei convencê-los a se acalmarem e abrirem os corações à tua palavra. Se não quiserem e me repelirem, eu te peço, ó meu Deus, "que não te faças de surdo à minha voz".[47] Fala-me ao coração a linguagem da verdade; somente tu o podes fazer. Eu os deixarei fora soprando o pó, a levantar poeira contra os próprios olhos.[48] Eu me retirarei ao santuário de minha alma para cantar a ti hinos de amor, e chorarei lamentando-me com gemidos inenarráveis durante o meu exílio, ao lembrar-me de Jerusalém, minha pátria e mãe, com o coração voltado para ela; ao lembrar-me de ti, que és para ela o rei, a luz, o pai, o tutor, o esposo, as puras e intensas delícias, a firme alegria, enfim, que és para ela todos os bens inefáveis, porque és o único, o verdadeiro e o supremo bem. Não me apartarei de ti até que sejam reunidas todas as partes do meu ser, dispersas e deformadas, na paz desta mãe querida, onde residem as primícias de meu espírito e da qual me vem toda certeza, e até que me conformes e me confirmes para sempre, ó "meu Deus e minha misericórdia".[49]

E dirijo estas palavras àqueles que tem algumas objeções, embora não negando todas essas verdades e respeitando e colocando no vértice da autoridade a tua Sagrada Escritura divulgada pelo santo Moisés. Ó meu Deus, sê tu o árbitro entre as minhas confissões e as contradições deles.

17. Opiniões diversas sobre o sentido de "céu e terra"

24 "Tudo isso é verdade", dizem eles, "mas não era isso que Moisés queria significar quando disse, por inspiração do Espírito Santo: 'No princípio Deus criou o céu e a terra'. Com a palavra céu, ele não designou aquela criatura espiritual ou intelectual que contempla continuamente a face de Deus, nem quis exprimir, com a palavra terra, aquela matéria informe". A que se referia então? Respondem eles: "Aquele grande homem quis exprimir precisamente o que nós afirmamos. Foi isso o que declarou com tais palavras". E o que é que dizeis? Eles replicam: "Por céu e terra ele quis significar primeiro a totalidade deste mundo visível, numa palavra concisa, para depois classificar, pela enumeração dos dias, tudo o que o Espírito Santo quis enunciar assim. Pois os homens, a quem ele se dirigia, eram tão rudes e carnais que não julgou conveniente falar-lhes de outras obras de Deus, a não ser das visíveis". Admitem, no entanto, que possa ser entendido como matéria informe aquilo que chamamos terra invisível e desorganizada, abismo tenebroso, de onde se desenvolveu a realidade visível que todos conhecemos, e que foi criada e ordenada naqueles dias.

25 E que dizer, se alguém sustenta que essa própria informidade, esse caos, foi inicialmente introduzido com o nome de céu e terra, porque a partir dela é que foi formado e aperfeiçoado este mundo visível, com todas as realidades naturais nele manifestadas, e que se costuma designar por céu e terra? E ainda: se outro alguém afirmar que a natureza invisível e visível não foi chamada impropriamente de céu e terra,

e que nestes dois vocábulos está compreendida toda a criação realizada por Deus na Sabedoria, isto é, "no princípio"? No entanto, como não foram feitas da mesma substância de Deus, mas tiradas do nada, e porque não são a mesma coisa que Deus, todas estão sujeitas a certa mutabilidade, quer permaneçam como a eterna mansão de Deus, quer mudem como a alma e o corpo do homem. Por isso, a matéria comum a todas essas coisas visíveis e invisíveis (ainda informes, mas suscetíveis de forma), da qual seriam feitos o sol e a terra, isto é, a dupla criação visível e invisível já dotada de forma, tal matéria foi designada pelos nomes de "terra invisível e informe" e de "trevas sobre o abismo". Existe somente uma distinção: por "terra invisível e desordenada" entende-se a matéria corpórea antes de ser qualificada pela forma, e por "trevas sobre o abismo", a matéria espiritual, antes de qualquer ação que restringe — digamos assim — a sua fluidez desmedida, e antes de ser iluminada pela Sabedoria.

26 Quando se lê: "no princípio Deus fez o céu e a terra", alguém poderá também dizer, se quiser, que não devemos entender, pelo nome de céu e terra, duas criaturas, uma invisível e outra visível, já perfeitas e formadas, mas apenas o início ainda informe das coisas, e a matéria suscetível de receber forma e criação. Nessa matéria já existiam, ainda sem ordem e sem distinção de qualidades e forma, os entes que, separados e apropriadamente ordenados, são chamados de céu e terra, ambas criaturas, uma espiritual e outra corporal.

18. Várias interpretações das Sagradas Escrituras

27 Ouvidas e meditadas todas essas teorias, "não quero discussões sobre termos: elas não servem para nada, senão para confundir os ouvintes.[50] Para a edificação a Lei é boa, contanto que seja usada segundo as normas, porque a finalidade dela é a caridade, que procede de coração puro, de boa consciência e de fé sem hipocrisia".[51] O nosso Mestre sabe quais os dois preceitos em que fez consistir "toda a Lei e os Profetas".[52] Ó meu Deus, na escuridão sois a "luz dos meus olhos!"[53] Se eu observo com zelo esses preceitos, que me importa que possam dar diferentes sentidos a essas palavras, contanto que todos sejam verdadeiros? O que me importa, repito, se a minha opinião diverge da opinião de outros a respeito do pensamento do escritor? Todos nós, ao lermos, esforçamo-nos por estudar e compreender o que o autor queria dizer. Se o acreditamos verídico, não ousamos supor que tenha podido dizer algo que sabemos ou julgamos falso. Portanto, enquanto cada um procura compreender nas Sagradas Escrituras o que o autor quis dizer, que mal há em interpretá-las em outro sentido, se tu, ó Luz de todas as mentes sinceras, mostras ser verdade, ainda que não seja aquilo que o autor quis dizer? Também ele, de fato, entendeu dizer a verdade, embora não precisamente aquela verdade.

19. Verdades deduzidas da leitura do Gênesis

28 Com efeito, Senhor, é bem verdade que fizeste o céu e a terra. É verdade que o princípio é a tua Sabedoria, na qual criaste todas as coisas. É também verdade que este mundo visível se compõe de duas grandes partes — o céu e a terra — síntese de todos os seres criados. É verdade que todo ser mutável sugere ao nosso pensamento conceito de massa informe, capaz de tomar forma ou de mudar e transformar-se. É verdade que um ser intimamente unido à substância imutável não está sujeito ao passar do tempo e não muda, embora por natureza não seja incapaz de mudança. É verdade que a falta de forma, muito próxima ao nada, não pode sofrer as vicissitudes do tempo. É verdade que a matéria originária de uma coisa pode, em certo modo de falar, ter o nome do objeto que dela resulta. Dessa maneira, aquela matéria informe, de onde foram criados o céu e a terra, pode ser chamada céu e terra. É verdade que de tudo o que é revestido de formas, nada se aproxima tanto do informe como a terra e o abismo. É verdade que tu criaste não só o que foi criado e tem forma, mas também qualquer coisa que possa ser criada e receber forma, porque "de ti derivam todas as coisas".[54] É verdade que tudo o que é formado de matéria informe, primeiro é informe para depois receber forma.

20. As várias interpretações das primeiras palavras do Gênesis

29 Diante de todas essas verdades, das quais não duvidam aqueles que receberam de ti a graça de ver com o olhar interior da alma, crendo firmemente que o teu servo Moisés falou em espírito de verdade, há quem interpreta do seguinte modo: as palavras "No princípio Deus criou o céu e a terra": Significa que Deus criou no seu Verbo, que lhe é coeterno, o mundo racional e sensível, espiritual e corporal. Há quem dê outra interpretação, explicando que Deus criou no seu Verbo, que lhe é coe-terno, toda a massa deste mundo material, e juntamente com essa massa tudo o que ela contém de realidades mani-festamente conhecidas. Outro afirma: que a expressão "no princípio Deus criou o céu e a terra" quer dizer: Deus fez no seu Verbo, que lhe é coeterno, a matéria informe das criaturas espirituais e corporais. Sustentam outros: "no princípio Deus criou o céu e a terra" significa que Deus criou no seu Verbo, que lhe é coeterno, a matéria informe do ser corporal, no qual estavam ainda confusos o céu e a terra, que agora percebemos bem distintos e dotados de forma própria, nesta grande estrutura do mundo. Há enfim quem explique aquela frase dizendo: quando começou a atuar, Deus criou a matéria informe que em si continha confusamente o céu e a terra, e estes, posteriormente dotados de forma, aparecem agora bem evidentes, com todas as coisas que neles existem.

21. As várias interpretações do segundo versículo do Gênesis

30 Do mesmo modo, quanto à interpretação das palavras que vêm a seguir, entre todas as afirmações verdadeiras há uma que diz: a frase "a terra era invisível e desordenada e as trevas cobriam o abismo"[55] significa que toda a massa corpórea que Deus criou era a matéria das coisas corpóreas, ainda sem forma, sem ordem e sem luz. Outro diz: "a terra era invisível e desordenada e as trevas cobriam o abismo" significa que o conjunto

chamado céu e terra era a matéria, ainda informe e tenebrosa, donde haviam de sair o céu e a terra corpóreos com tudo o que neles existe, apreendidos por nossos sentidos corporais. Outro explica que este complexo chamado céu e terra era a matéria, ainda informe e tenebrosa, da qual nasceria, quer o céu inteligível — por outras palavras, o "céu do céu" —, quer a terra, isto é, toda a natureza corpórea, entendendo-se igualmente, sob este nome, o céu material, ou seja, a matéria donde haveriam de sair todas as criaturas visíveis e invisíveis. Outro explica ainda que não foi a Escritura que deu àquela massa informe o nome de céu e terra, mas que essa massa já existia. Dessa massa informe chamada "terra invisível e desordenada e abismo sem luz", Deus criou o céu e a terra, ou seja, a criatura espiritual e a corporal. Enfim, outro explica: estas palavras significam que já existia uma massa informe, ou seja, a matéria da qual a Escritura disse que Deus tirou o céu e a terra, isto é, toda a massa corpórea do mundo, dividida em duas grandes partes, a superior e a inferior, com todas as criaturas, conhecidas e comuns, nelas existentes.

22. Silêncio da Escritura sobre algumas obras do Criador

31 Alguém poderia tentar opor às duas últimas opiniões esta objeção: "Se não quereis dar o nome de céu e terra a esta matéria informe, havia então alguma coisa que Deus não tinha feito, da qual formou o céu e a terra. De fato, a Escritura não conta que Deus tenha criado tal matéria, a menos que entendamos seja ela a entidade chamada céu e terra, ou simplesmente terra, quando se diz: 'no princípio Deus criou o céu e a terra'. Quanto ao que segue: 'a terra era invisível e informe', ainda que a Escritura tivesse querido chamar assim a matéria sem forma, não deveríamos entender outra matéria senão aquela que Deus fez, na passagem onde está escrito: 'criou o céu e a terra'".

Mas, os defensores das duas últimas opiniões que expusemos, quer os de uma quer os de outra, ouvindo esses argumentos, responderão: "Não negamos que esta matéria informe tenha sido feita por Deus, de quem provêm 'todas as coisas tão boas'.[56] Com efeito, dizemos que tudo o que foi criado e tem forma é um bem maior, assim como afirmamos também que um ente criável e susceptível de forma é um bem menor, mas enfim é sempre um bem. E se é verdade que a Escritura não afirma tenha essa massa informe sido criada por Deus, também é verdade que ela deixa de mencionar a criação de muitos outros seres, como os Querubins, os Serafins,[57] e todas as criaturas de que fala claramente o Apóstolo, isto é, os Tronos, as Dominações, os Principados, as Potestades;[58] no entanto, é bem claro que foram feitas por Deus. E se na expressão 'fez o céu e a terra' estão compreendidas todas as coisas, que dizer então das águas sobre as quais pairava o Espírito de Deus?[59] Se entendemos que elas sejam compreendidas em conjunto sob o nome de terra, como podemos conceber, sob o nome de terra, a matéria informe, quando vemos água de tão grande beleza? Por outro lado, por que está escrito que desta massa informe foi formado o firmamento, chamado céu,[60] sem se declarar que também assim foram formadas as águas? Estas, de fato, não são informes e invisíveis,

pois as vemos correr em caudais tão belos! Se receberam esta beleza quando Deus disse: 'Reúnam-se as águas que estão debaixo do céu',[61] e portanto, reunindo-se, tomaram forma, que dizer das águas que estão sobre o firmamento?[62] Se fossem informes, não teriam recebido um lugar tão honroso, nem está escrito com que palavras foram formadas. Desse modo, se o Gênesis deixou de mencionar a criação de certas coisas, que no entanto nem a fé pura nem a inteligência segura põem em dúvida que tenham sido criadas por ele, e nenhuma doutrina séria ousa sustentar que essas águas são coeternas com Deus pelo fato de serem recordadas no livro do Gênesis sem se mencionar quando foram feitas, por que então não deveríamos, instruídos pela verdade, entender que também aquela matéria informe, que a Escritura chama de terra invisível e desordenada e abismo tenebroso, foi feita por Deus do nada, e que, por isso, não lhe é coeterna, ainda que o texto bíblico deixe de referir o momento preciso em que foi criada"?

23. Duas espécies de dissensão

32 Ouvindo e examinando essas opiniões, à medida de minha fraqueza, fraqueza que te confesso, ó meu Deus, embora a conheças, vejo que duas espécies de desacordos podem surgir quando um pensamento é enunciado por mensageiro fidedigno. Uma a respeito da verdade dos fatos enunciados, outra sobre a intenção de quem os enunciou. A respeito da criação, uma coisa é procurar a realidade sobre o acontecimento, outra é determinar o que Moisés, grande servidor da tua fé, quis que o leitor ou ouvinte entendesse de suas palavras. Quanto à primeira, longe de mim todos aqueles que têm como verdadeiro o que é falso. Quanto à segunda, afastem-se de mim os que julgam falsas as doutrinas de Moisés. Possa eu unir-me a ti, Senhor, e em ti gozar com aqueles que se alimentam da tua verdade, na plenitude da caridade, e juntos nos aproximemos das palavras do teu livro, nelas procurando a tua vontade, segundo a intenção do teu servo, através de cuja pena a comunicaste a nós.

24. É possível conhecer o pensamento de Moisés?

33 Entre tantos outros significados igualmente verdadeiros, quem de nós descobriu o verdadeiro significado que as mesmas palavras diversamente interpretadas sugerem, de modo a afirmar com segurança: "Isto é o que Moisés quis dizer. Este é o sentido que Moisés quis dar à sua narração"? Quem pode afirmar isso com a mesma segurança com que afirma que a narração é verdadeira, qualquer que seja a intenção de Moisés? Meu Deus, eis aqui teu servo, eu te prometi a oferta de minha confissão nestas páginas, e peço à tua misericórdia que me dê a força de ser fiel à minha promessa.[63] Eis que eu afirmo com extrema segurança que criaste todas as coisas, visíveis e invisíveis, no teu Verbo imutável. No entanto, será que eu posso dizer, com a mesma certeza, que foi esta, e não outra, a intenção de Moisés, ao escrever: "no princípio Deus criou o céu e a terra"? Embora eu esteja persua-dido que isto é claro na tua Verdade, não vejo qual

tenha sido o pensamento do espírito dele ao escrever tais palavras. Servindo-se dessas palavras: “no princípio”, ele poderia entender simplesmente: no começo da criação. Poderia entender, por “céu e terra”, a natureza espiritual e corporal, não já formada e perfeita, mas apenas esboçada e sem forma. Vejo que se poderiam admitir os dois sentidos como verdadeiros, mas não vejo claramente que sentido deu Moisés a essas palavras. De qualquer modo, não duvido que esse grande homem tenha conhecido a verdade e a tenha enunciado de modo adequado, quer tenha admitido algum desses significados, ou qualquer outro não mencionado por mim.

25. Palavras de advertência a quem soberbamente presume entender

34 “Ninguém mais me moleste”[64] dizendo-me ainda: “Moisés não pensou como tu dizes, mas como eu digo”. Alguém me dirá: “Como sabes tu que a intenção de Moisés foi a que atribuis às suas palavras”? Se alguém assim me falasse, eu suportaria com paciência e responderia talvez como o fiz anteriormente, ou mais abundantemente, se meu interlocutor insistisse. Quando, porém, me diz: “A intenção de Moisés não foi aquela que dizes, e sim a que eu afirmo”, sem todavia provar a veracidade nem de uma nem da outra, ó meu Deus, ó vida dos pobres, em quem não há contradição, inunda meu coração de paciên-cia para que eu possa suportar essa espécie de gente. Falam assim, não por serem adivinhos ou por terem lido no coração de teu servo, mas porque são orgulhosos. Não conhecem a opinião de Moisés, mas amam somente o próprio parecer, não por ser verdadeiro, mas por ser o seu próprio. Se eles fossem assim, acatariam igualmente a opinião alheia, quando verdadeira, assim como eu considero o que dizem, quando afirmam a verdade, não por ser opinião deles, mas por ser verdade e que, por isso mesmo, já não é um bem exclusivo deles. Se amam essa opinião por ser a verdade, esta verdade pertence a eles e a mim, pois é um bem comum a todos os que amam a verdade. Contudo, não aceito quando sustentam que Moisés pensou, não segundo a minha interpretação e sim segundo a deles. Ainda que assim fosse, seria temeridade e não ciência; seria produto, não de uma constatação, mas do orgulho. Por isso, Senhor, são terríveis os teus julgamentos, porque a tua verdade não é minha, nem deste, nem daquele, mas de todos nós. A todos nós tu chamas publicamente à comunhão com ela, admoestando-nos severamente a não presumirmos possuí-la como bem privativo, para não nos arriscarmos a ser privados dela. Quem reivindica para si próprio aquilo que ofereces para uso de todos, querendo como particular o que é de todos, é repelido do que é de todos para o que é seu, isto é, da verdade para a mentira: “quem mente fala do que lhe é próprio”.[65]

35 Ouve, Deus, excelente juiz, que és a própria Verdade, ouve a minha resposta, dirigida a este impugnador. Falo diante de ti e diante de meus irmãos, que usam legitimamente da lei, isto é, a serviço da caridade. Escuta o que lhe digo e vê se te agrada. Dirijo-lhe estas palavras fraternas e pacíficas: “Se ambos vemos que é verdade o que tu dizes é o que eu digo, onde o vemos? Certamente não eu em ti e tu em mim, mas ambos na própria

verdade imutável que está acima de nossas inteligências. Se não discutimos sobre essa luz do Senhor nosso Deus, por que discutir sobre a opinião do nosso próximo, que não conseguimos contemplar como contemplamos a verdade imutável? Se o próprio Moisés nos aparecesse e nos dissesse o seu pensamento, nem assim o compreenderíamos, mas acreditaría-mos nele".

"Cuidado, portanto, para não nos elevarmos orgulhosamente um contra o outro a respeito das Escrituras".[66] Amemos ao Senhor nosso Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento, e ao nosso próximo como a nós mesmos.[67] Se não acreditarmos que tudo o que Moisés exarou naqueles livros foi à luz desses dois preceitos, faremos do Senhor um mentiroso,[68] ao interpretarmos o pensamento de seu servo diferentemente dos ensinamen-tos divinos. Dentre tantas opiniões verdadeiras que daquelas opiniões se podem deduzir, como seria insensato afirmar temerariamente qual foi a de Moisés. E como é insensato ofender a caridade com discussões perigosas, quando foi justamente pela caridade que ele proferiu todas as palavras que procuramos interpretar!

26. "Se eu estivesse no lugar de Moisés"

36 Todavia, ó meu Deus, elevação de minha pequenez e repouso de meu labor, que ouves minhas confissões e me perdoas os pecados, tu ordenas que eu ame o próximo como a mim mesmo:[69] não posso crer que teu fidelíssimo servo Moisés tenha recebido de ti um dom menor do que eu teria desejado para mim, se tivesse nascido naquela época e me tivesses confiado a tarefa de disseminar as Escrituras com a inteligência e a palavra. Estas, ainda tanto tempo depois, haveriam de ser úteis a todos os homens e, pelo prestígio de sua autoridade, deveriam triun-far de todas as doutrinas falsas e orgulhosas surgidas no mundo. Eu quereria, se estivesse no lugar de Moisés — pois viemos todos da mesma massa;[70] afinal, que é o homem, se não te lembras dele?[71] —, se eu tivesse existido naquela época e tivesse recebido a incumbência de escrever o livro do Gênesis, eu quereria o dom de uma eloqüência capaz de tecer um discurso tal que até aqueles que não conseguem compreender como Deus pode criar não me rejeitassem as palavras como superiores às forças deles. E que outros, mais esclarecidos, pudessem encontrar, nas poucas palavras de teu servo, todos os pensamentos que lhes viessem ao espírito, desde que verdadeiros; enfim, se alguém percebesse algum outro pensamento, sempre à luz da verdade, pudesse também reco-nhecê-lo nessas mesmas palavras.

27. O que pensam algumas almas simples

37 A fonte, no seu leito estreito, é depois mais abundante e se estende pelos regatos que vai alimentando por espaços mais amplos do que quaisquer rios que dela se originam e passam por muitas terras; assim também a narração de teu agente,[72] a ser utilizada no futuro por muitos pregadores, contém, na sua modesta eloqüência, rios de límpida

verdade, de onde cada um extrai a verdade que pode: uns extraem esta, outros aquela, através de longas sinuosidades verbais. Alguns, de fato, ao lerem ou escutarem aquelas palavras, representam Deus como um homem, ou qual massa imensa dotada de poder. Esse poder, por decisão de certa forma nova súbita, criou, exteriormente a si mesmo e em lugares distantes, o céu e a terra, dois grandes corpos, um no alto, outro embaixo, nos quais estão contidas todas as coisas. E, ao ouvirem que Deus disse: "Faça-se isto" e logo foi feito, pensam que se trata de palavras normais, com início e fim, que ressoam e passam no tempo e que, apenas pronunciadas, fazem surgir para a existência o que foi ordenado. Enfim, desse mesmo modo a imaginação deles concebe outras idéias, provenientes sempre de seus hábitos carnais. Neles, porém, por serem ainda como crianças, sua debilidade se deixa levar por essa humilde simplicidade de linguagem, como no seio materno e assim se fortifica salutarmente a fé, e por ela eles têm como certo e aceito que Deus criou todas as variedades de seres que os sentidos percebem. Se algum deles, porém, desprezar como vis essas palavras, tentando, em sua orgulhosa fraqueza, abandonar o ninho em que se nutriu, então cairá miseravelmente. Senhor Deus, tem piedade dele, e não deixes que os viandantes calquem aos pés este pássaro implume. Envia teu anjo para que o reponha no ninho, e assim possa viver até que aprenda a voar.

28. Outras interpretações das primeiras palavras do Gênesis

38 Para outros, essas palavras não são um ninho, mas um pomar sombrio, onde descobrem frutos escondidos, e voam alegres e cantam festivamente, enquanto os buscam e colhem. De fato, quando lêem ou escutam essas tuas palavras, ó Deus eterno, eles sabem, que todo o tempo, passado e futuro, é dominado por tua eterna e estável permanência e que, no entanto, não existe criatura alguma temporal que não tenha sido criada por ti. Que a tua vontade — que é uma contigo — tudo criou, sem que tenha ocorrido nela mudança alguma ou decisão que anteriormente não existia. Sabem que fizeste o mundo, não tirando de tua substância uma perfeita semelhança de ti mesmo, mas sim, tirando do nada uma matéria informe, diferente de ti, porém suscetível de receber a forma de uma semelhança contigo, referida à tua unidade segundo a medida pré-estabelecida para cada um dos seres na sua própria espécie. Eles vêem que todas as obras da criação "são muito boas",[73] quer permaneçam perto de ti, quer se afastem gradualmente, no tempo e no espaço, recebendo ou assumindo admiráveis variedades. Eles vêem todas essas coisas e se alegram à luz da tua verdade, na medida que é permitido gozar aqui na terra.

39 Outros ainda refletem sobre as palavras: "no princípio Deus criou".[74] E reconhecem por "princípio" a Sabedoria, porque ela mesma no-lo diz.[75] Outros, sempre refletindo sobre as mesmas palavras, entendem o princípio como exórdio da criação e tomam a expressão: "no princípio criou", como se fosse: criou primeiramente. Entre aqueles que interpretam "no princípio" como significando que Deus criou o céu e a terra na sua Sabedoria, alguns crêem que céu e terra sejam simplesmente nomes dados à matéria

criável do céu e da terra. Outros pensam que são duas naturezas já dotadas de forma e distinção. Sustentam outros que o nome céu designa uma entidade formada e espiritual, e o nome terra quer dizer uma matéria informe e corpórea. No entanto, mesmo aqueles que entendem os nomes de céu e terra no sentido de matéria ainda informe, da qual se teriam formado tanto o céu, como a terra, não os interpretam de maneira igual. Uns pretendem que dessa matéria seriam originadas as criaturas inteligentes e sensíveis; outros julgam que dela somente nasceria certa massa sensível e corpórea, contendo em si a natureza visível e perceptível aos sentidos. Deste modo, não estão de acordo nem mesmo os que consideram designadas nesta passagem, como céu e terra, as criaturas já ordenadamente dispostas. Alguns se referem à realidade, quer visível quer invisível; outros somente à visível, na qual contemplamos o céu luminoso e a terra tenebrosa, com tudo o que neles se contém.

29. A primeira obra criada foi a matéria

40 Mas, quem interpreta as palavras "no princípio criou" como se dissesse "primeiramente crio", não tem possibilidade de compreender realmente "céu e terra" senão como matéria do céu e da terra, ou seja, de todo o universo, de toda a criação espiritual e corporal. Com efeito, se quises-se ver nessa expressão um universo já dotado de forma, seria possível e justificável perguntar-lhe: "Se Deus fez primeiro isso, o que fez depois"? E como nada encontrará além do universo, ouvirá com desapontamento: "Como criou primeiramente aquilo, se nada criou depois"? Quando, porém, afirma que no princípio a matéria era informe e depois dotada de forma, isto já não é absurdo: basta que seja capaz de discernir a prioridade quanto à eternidade, ao tempo, à intenção e à origem. Na eternidade, Deus antecede tudo; no tempo, a flor vem antes do fruto; na intenção, vem o fruto antes da flor; quanto à origem, o som antes do canto. Dos quatro casos mencionados, o primeiro e o último não são fáceis de entender, o segundo e o terceiro, pelo contrário, são muito fáceis. Com efeito, Senhor, é raro e difícil chegar a distinguir bem a tua eternidade, que, permanecendo imutável, cria as coisas mutá-veis e por isso mesmo as antecede. Quem é tão perspicaz que consiga compreender, sem grande esforço, como pode o som anteceder o canto, uma vez que o canto é um som dotado de forma? Ora, pode certamente existir algo sem forma, mas, aquilo que não existe não pode receber forma. Portanto, a matéria é anterior ao que dela se formou, mas não por ser criadora — pois ela também é cria-tura —, nem por precedê-la no tempo. Num primeiro momento, não emitimos sons informes sem canto, para posteriormente ligá-los e dispô-los em forma de melodia, como fazemos com a madeira para fabricar uma arca, ou com a prata para fazer um vaso. Com efeito, estas matérias existem antes das formas dos objetos que delas se fazem. Mas, no canto, tal não acontece. Não soa antes algo de informe que depois se transforma em canto, mas no próprio momento em que se canta, ouve-se o som. Um som qualquer, depois de ressoado, passa sem deixar nada que possa ser retomado para ser composto com arte. Portanto, o canto se realiza no seu próprio som, que lhe constitui a matéria. O som recebe justamente uma forma para

ser canto, e portanto, como eu dizia, a matéria do som precede a forma do canto, mas não por uma capacidade criativa, pois o som não é autor do canto, mas é o corpo posto à disposição da alma de quem canta, precisamente para que dele faça um canto. O som não precede na ordem do tempo porque, na realidade, é produzido ao mesmo tempo que o canto; nem precede por intenção, pois não é mais importante que o canto. De fato, o canto é, não somente um som, mas também um som revestido de beleza. Portanto, o som precede enquanto à origem, porque não é o canto que recebe a forma para ser som, mas o som que recebe a forma para ser canto.

Com esse exemplo, podemos compreender como a matéria do universo foi feita antes, e foi chamada céu e terra, porque dela foram feitos o céu e a terra. Não foi cria-da primeiro em sentido cronológico, porque o tempo é expresso pelas formas das coisas, e essa matéria era informe enquanto agora é perceptível juntamente com o tempo. Todavia, nada se pode expor acerca dessa matéria, a não ser atribuir-lhe certa prioridade cronológica, se bem que seja considerada o menor de todos os seres, pois a matéria dotada de forma tem mais valor que a informe. E esta matéria informe foi precedida pela eternidade do Criador, que a fez para que as coisas fossem extraídas do nada.

30. Sobre a diversidade das opiniões triunfe o amor

41 Nessa diversidade de opiniões verdadeiras, que a própria verdade nos mantenha unidos na concórdia! Que o nosso Deus tenha compaixão de nós, para que usemos legitimamente da lei, segundo a sua finalidade, que é a caridade pura.[1] Por isso, se alguém me pergunta qual das interpretações foi a de Moisés, teu grande servo, não posso responder com as minhas confissões. Porque ignoro, não o confesso mesmo sabendo que são opiniões verdadeiras, com exceção das interpretações materialistas, sobre as quais expus o meu parecer.[2] Mas os filhos da tua esperança não se intimidam com as palavras do teu livro, sublimes na sua humildade, tão ricas na sua concisão. Amemo-nos todos nós que interpretamos essas palavras e delas dizemos a verdade. E amemos a ti, nosso Deus, fonte da verdade, se temos sede não de vãs fanta-sias, mas dessa mesma verdade. E não só isso, mas honremos teu servo, cheio do teu Espírito, e de quem recebemos esta Escritura, e não duvidemos de que ele, ao escrever essas palavras por tua revelação, tinha em vista as revelações mais marcantes da verdade e ricas de utilidade.

31. Multiplicidade de significados nos escritos de Moisés

42 Quando alguém disser: “Moisés entendeu isto como eu”, e outro: “Não, ele pensou como eu”, julgo ser de espírito religioso dizer: “Por que não as duas interpretações, se ambas são verdadeiras? E se alguém encontrar um terceiro, e um quarto, ou mais sentidos verdadeiros, por que não acreditar que Moisés os viu todos, ele de quem Deus se serviu para adaptar os escritos à inteligência de muitos que haviam de neles descobrir coisas verdadeiras e diferentes”? Com efeito — e o declaro intrepidamente do fundo do coração — se eu, tendo alcançado a culminância da autoridade, devesse escrever alguma

coisa, teria maior prazer em fazê-lo de modo que minhas palavras proclamassem tudo aquilo que alguém pudesse conceber de verdadeiro nesse assunto, ao invés de propor uma única afirmação clara que excluísse qualquer outra, mesmo não evidentemente falsa. Portanto, não quero ser temerário, meu Deus, a ponto de acreditar que tal homem não mereceu de ti esse privilégio. Sem dúvida, ao escrever essas palavras, ele percebeu e pensou nas verdades que já fomos capazes de descobrir nelas e também, com certeza, pensou nas verdades que ainda não fomos capazes de descobrir, mas que naquelas palavras dele poderão ser encontradas.

32. Ó Deus, revela-nos a verdade!

43 Finalmente, Senhor, que és Deus, e não carne e sangue,[76] se o homem nem tudo pôde ver completamente, poderia acaso teu bom Espírito — que me conduzirá à terra da retidão[77] — desconhecer algo do que irias revelar naquelas palavras aos futuros leitores? E isso, embora aquele, pelo qual foram pronunciadas, não as entendesse a não ser num só dos muitos sentidos verdadeiros? Se assim é, o sentido por ele escolhido é o mais nobre. Revela a nós, Senhor, esse significado ou qualquer outro que seja verdadeiro, que mais te agrade. Assim, mostrando-nos o mesmo significado revelado ao teu servo, ou qualquer outro, nas mesmas palavras, tal significado nos alimente o espírito e o preserve do erro. Eis, Senhor meu Deus, quanta coisa escrevi, quanta coisa sobre tão poucas palavras. Neste ritmo, como terei forças e tempo para examinar todos os teus livros? Permite-me tornar mais breves minhas confissões, e faze-me escolher um sentido que me inspires e que seja verdadeiro, seguro e bom, entre tantos outros que poderiam igualmente apresentar-se ao meu espírito. E assim, nesta fiel confissão, se eu vier a exprimir o mesmo sentido que o teu servo entendeu manifestar, que eu o faça de modo justo e exato. É para isso que me esforçarei. Se não o conseguir, possa ao menos expor o que a tua verdade desejou comunicar-me através das palavras dele, como ela mesma quis revelar a ele.

1 Rm 8,31.

2 Jo 16,24; Mt 7,7; Lc 11,9s.

3 Cf. Jo 14,6.

4 Sl 113,16.

5 Gn 1,2.

6 Gn 1,2.

7 Agostinho ouvia isso dos seus mestres maniqueístas.

8 De Gen. ad litt., liv. 4.

9 Cf. Confess. 1,18.

10 Ap 4,8.

11 Sl 113,16.

12 Gn 1,2.

13 Sb 11,18.

14 Gn 1,6s.

15 Cf. Gn 1,8.

16 Cf. Gn 1,9.

17 Agostinho, no céu do céu, vê então um símbolo dos anjos.

18 Gn 1,1.

19 Sl 118,176; Jn 2,8.

20 Ez 3,12.

21 Cf. Jo 4,13s.

22 Cf. 2Cor 12,4.

23 Cf. 1Tm 6,16.

24 Cf. Sl 18,15.

25 Cf. Confess. VII, 8; VIII, 8.

26 Sl 41,3s.

27 Cf. Sl 26,4.

28 Cf. Sl 101,28.

29 Cf. Mt 7,7s.

30 Cf. Gn 1,3ss.

31 Gn 1,1s.

32 1Cor 13,12.

33 Cf. Sl 149,6.

34 Cf. Sl 47,15.

35 Cf. Jo 14,21.

36 Sl 148,6.

37 Cf. Eclo 1,4.

38 Cf. Gn 1,1.

39 Cf. Agostinho, De Gen. ad litt. 2,8.

40 2Cor 5,21.

41 Cf. Sl 148,4.

42 Sl 113,6.

43 Cf. Sl 25,8.

44 Sl 118,176.

45 Cf. Lc 15,5.

46 Sl 72,28.

47 Sl 27,1.

48 Trata-se de expressões em uso no jargão circense; o derrotado come pó e tem a vista turvada por ele.

49 Sl 58,18.

50 2Tm 2,14.

51 Ef 4,29; 1Tm 1,8 e 5.

52 Cf. Mt 22,40.

53 Sl 37,11.

54 1Cor 8,6.

55 Gn 1,2.

56 Gn 1,31.

57 Cf. Gn 3,24 e Is 6,2.

58 Cl 1,16.

59 Gn 1,2.

60 Cf. Gn 1,7s.

61 Gn 1,9.

62 Gn 1,7.

63 Cf. Sl 115,16.

64 Gl 6,17.

65 Jo 8,44.

66 1Cor 4,6.

67 Cf. Mt 22,37 e 39.

68 Cf. 1Jo 1,10.

69 Cf. Mt 22,39.

70 Cf. Rm 9,21.

71 Cf. Sl 8,5.

72 Cf. Tt 1,7.

73 Gn 1,31.

74 Gn 1,1.

75 Cf. Jo 8,25.

76 Cf. 1Tm 1,8 e 5.

77 Cf. Confess. XII, 27.

XIII LIVRO

MEDITAÇÃO SOBRE OS SIGNIFICADOS ALEGÓRICOS DA CRIAÇÃO

1. Invocação a Deus

1 Eu te invoco, "meu Deus, misericórdia minha",[1] que me criaste e não te esqueceste daquele que se esqueceu de ti. Eu te chamo à minha alma, que preparas para te receber, inspirando-lhe este desejo. Não desampares aquele que te invoca, tu que te antecipaste, antes que eu te invocasse.[2] Cada vez mais insistentemente falaste comigo e de diversos modos, para que eu de longe te escutasse, me convertesse e chamasse por ti, que me chamavas. Senhor, apagaste todos os meus delitos, para não punir minhas mãos[3] com as quais pequei contra ti, e te antecipaste a meus méritos, para poder retribuí-los por tuas mãos, com as quais me criaste. De fato, antes que eu existisse, já existias; e eu não existia, para que pudesses oferecer-me o dom da existência. Eis que agora existo, graças à tua bondade, que precedeu tudo aquilo que sou e de onde fui criado. Não tinhas necessidade de mim, e eu não sou um bem de quem possas receber auxílio, "meu Senhor e meu Deus".[4] Se me coloco ao teu serviço, não é para te aliviar, nem teu poder diminui se faltarem minhas homenagens; e o meu culto por ti não é a mesma coisa que a cultura é para a terra; sem a cultura, a terra ficaria estéril. Eu é que devo servir-te e honrar-te, a fim de ser feliz em ti, de quem depende a minha felicidade.

2. Nossa existência é dom de Deus

2 Foi pela plenitude da tua bondade que a criatura recebeu a existência, a fim de que não deixasse de existir um bem, de todo inútil para ti e que, ainda que originado de ti, não é igual a ti, pois que por ti podia ser criado. Que merecimento podiam apresentar-te o céu e a terra, para que "no princípio" os criastes? E digam as naturezas espirituais e corporais, "por ti criadas na tua Sabedoria", que méritos tinham, diante de ti, para que delas dependessem todos os seres imperfeitos e informes! Cada uma no seu gênero, seja espiritual seja corporal, tende a afastar-se de ti em direção à desordem e à degeneração;[5] e a espiritual, ainda que informe, é mais importante que a corporal dotada de forma; e a corporal, ainda que sem forma, é mais importante que o nada absoluto. Essas criaxturas informes teriam permanecido suspensas no teu Verbo, se este mesmo Verbo não as tivesse recolhido na tua unidade e não lhes tivesse dado forma e as "tivesse tornado todas muito boas", graças a ti, único e sumo Bem. **3** Que merecimentos antecipados essa matéria apresentou diante de ti, uma vez que não poderia ter existido, nem mesmo de modo "invisível e desordenado",[6] se tu não a tivesses criado? Não podia sequer merecer

existência, pois ainda era inexistente. Eis, a criatura espiritual, apenas em embrião, que título teria diante de ti para va-guear, ainda que tenebrosa e semelhante ao abismo,[7] diferente de ti, se a tua palavra não a tivesse conduzido àquele que a criou, e, por ele iluminada, não a tivesse transformado em luz, não igual, mas semelhante a uma forma igual a ti?[8] Para um corpo a existência não implica a beleza; caso contrário, não poderia haver disformidade. Assim também, para um espírito criado, viver não é o mesmo que viver sapientemente; do contrário, todo espírito viveria infalivelmente na sabedoria. Para o espírito, o viver sempre unido a ti é um bem,[9] de modo a não perder, afastando-se de ti, a luz que conquistara ao voltar-se para ti, e a não resvalar para uma vida semelhante a um abismo de trevas. Também nós, pela alma somos criaturas espirituais; no entanto, nos afastamos de ti, que és a nossa luz, e fomos trevas;[10] e, por entre os restos de nossa escuridão, penamos até que, em teu único Filho, nos tornemos tua justiça, como as montanhas de Deus. Pois fomos objeto dos teus juízos, que são profundos como os abismos.[11]

3. Criando a luz, Deus iluminou a criatura espiritual

4 Pelas palavras que disseste no princípio: “Faça-se a luz, e a luz foi feita”,[12] entendo — e não me parece impropriamente — que a sua aplicação se adapta às criaturas espirituais. De fato, já existia então uma espécie de vida a ser por ti iluminada. Mas, assim como nenhuma possuía méritos para ser uma vida que pudesses iluminar, também nenhuma delas merecia, depois de adquirir existência, a graça de ser iluminada. Sua informidade não te poderia ser agradável, a menos que se tornasse luz, e isso, não pelo simples fato de existir, mas por contemplar a luz que ilumina, e a ela aderir. Assim ela deve à tua graça o viver, e toda a felicidade de viver, uma vez que, por uma feliz reversão, voltou-se para aquilo que é incapaz de mudar em melhor ou pior, isto é, voltou-se para ti, que és, e somente tu, o único Ser simples, aquele que não possui outra vida, senão a vida feliz, porque tu és a tua própria felicidade.

4. Que significado tem a expressão: o espírito pairava sobre as águas

5 Que faltaria para tua felicidade — que para ti consiste em ti mesmo — se as criaturas não existissem ou permanecessem informes? De fato, não as criaste por necessidade, nem para completar com elas a tua felicidade. Por excesso de bondade as moldaste e lhes impuseste forma. A ti, que és perfeito, não agrada a imperfeição delas, e por isso elas adquirem de ti a perfeição, para agradar-te, mas não como se fosses imperfeito e tivesses necessidade de ser aperfeiçoado pela perfeição delas. “O teu espírito bom pairava sobre as águas”,[13] mas não era por elas levado, como se sobre elas descansasse. O que se diz é que o teu Espírito Bom repousava nelas. Mas, era ele quem as fazia repousar nele.[14] Tua vontade incor-ruptível e imutável, suficiente a si mesma, estava sus-pensa sobre essa vida, por ti criada e para a qual o viver não é o mesmo que viver feliz, pois ela vive,

mesmo que flutue sobre as trevas. Essa vida tem necessidade de voltar-se para o Criador, de viver cada vez mais próxima da fonte da vida, de ver a luz na Luz divina,[15] para ser aperfeiçoada, iluminada e nela alcançar a felicidade.

5. A Trindade na criação

6 Eis que me aparece em enigma a Trindade que tu és, meu Deus. Porque tu, Pai, criaste o céu e a terra "no princípio" da nossa sabedoria, que é a tua Sabedoria, nascida de ti, igual a ti e coeterna contigo, isto é, no teu Filho. Falei longamente sobre o céu do céu, sobre a terra invisível e confusa, sobre o abismo tenebroso, visto como delírio da criatura espiritual, ainda informe, que permaneceria errante se não se voltasse para aquele de onde procede toda forma de vida, o qual, com sua iluminação, a transformou em vida maravilhosa para que se tornasse o céu do céu, mais tarde criado entre as águas superiores e as águas inferiores.[16] E assim, eu já sabia que pelo nome de Deus se entende o Pai, que criou; e pelo nome de Princípio, o Filho, no qual Deus criou. E como eu acreditava que o meu Deus é Trino, eu procurava a Trindade em suas santas palavras e via que o "teu Espírito pairava sobre as águas". Eis a Trindade, meu Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, Criador de todas as criaturas.

6. Por que o Espírito Santo é mencionado por último?

7 Ó luz verdadeira, aproximo de ti o meu coração para que não me ensine falsas noções: dissipa nele as trevas e dize-me, eu te peço por meio da mãe caridade: por que motivo, somente depois de ter falado do céu, da terra invisível e desordenada, e das trevas sobre o abismo, somente então a Escritura fala do teu Espírito? Porventura convinha apresentá-lo assim, carregado sobre as águas? E como se poderia dizer isso, sem mencionar primeiro o elemento sobre o qual se poderia imaginar pairando o teu Espírito? De fato, não pairava acima do Pai, nem acima do Filho, nem se poderia dizer que pairava, a não ser por sobre alguma coisa. Era, pois, necessário citar primeiro o elemento sobre o qual pairava, e depois nomear aquele a quem não podia referir-se de outra maneira, senão dizendo que pairava. Mas, por que não convinha apresentá-lo de outra maneira, senão dizendo que pairava?

7. O Espírito de Deus nos eleva e conforta

8 Agora, chegados a este ponto, quem puder siga com inteligência o pensamento do teu Apóstolo, quando diz: "o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado"[17] e nos instrui sobre as realidades espirituais,[18] mostra-nos o "excelso caminho"[19] da caridade, e dobra o joelho diante de ti[20] por nossa causa, a fim de "conhecermos o amor de Cristo que excede a todo conhecimento".[21] Por isso, "pairava sobre as águas" aquele que desde o início era soberano. A quem falarei, e como,

sob o peso da concupiscência que nos arrasta ao fundo do abismo? Como falar da caridade que eleva graças ao teu Espírito, o qual "pairava sobre as águas"? A quem falar? Como falar? Não se trata de lugares materiais, onde submergimos e de onde emergimos. Que há mais semelhante e ao mesmo tempo menos semelhante a isso? Por um lado, são os nossos afetos e sentimentos, a impureza do nosso espírito a deixar-se arrastar para baixo, por amor às preocupações. E, por outro lado, a santidade do teu Espírito, que nos eleva por amor à tranqüilidade, a fim de que tenhamos os corações no alto, perto de ti, onde o teu Espírito paira sobre as águas, e assim cheguemos ao sublime repouso, depois de nossa alma ter atravessado as águas que não tem substância.[22]

8. Queda e elevação das criaturas espirituais

9 Caiu o anjo, caiu a alma do homem, revelando assim o abismo profundo e tenebroso, onde permaneceriam as criaturas espirituais, se não tivesses dito desde o início: "faça-se a luz", e a luz não tivesse sido feita;[23] e se todas as inteligências da tua cidade celeste não se houvessem unido a ti pela obediência, e não tivessem repousado em teu Espírito, que paira imutável sobre os seres transitórios. De outro modo, até o "céu do céu" seria, em si, um abismo tenebroso, enquanto na realidade "é luz no Senhor".[24] Com efeito, mesmo na infeliz inquietude dos espíritos caídos, que manifestam as próprias trevas, privados que são da veste da tua luz, tu mostras bem claramente a grandeza da criatura racional que criaste; pois, na ânsia de ser feliz, nada que seja inferior a ti é sufi-ciente para ela, nem sequer ela própria se contenta a si mesma. Tu, de fato, nosso Deus, iluminarás nossas trevas.[25] De ti provém nossas vestes, e "tua noite resplandecerá como o dia".[26] Ó meu Deus, tu te dás e te entregas a mim. Eu te amo. E, se ainda é pouco, faze que eu te ame ainda mais. Não posso medir para saber quanto me falta de amor, que seja suficiente para que a minha vida corra para os teus braços e daí não se afaste, até esconder-se no segredo de tua face.[27] Uma só coisa reconheço: é que tudo me corre mal fora de ti, e não só à minha volta, mas em mim mesmo, e que toda a riqueza, que não seja o meu Deus, para mim é indigência.

9. Transportados pelo amor

10 Porventura o Pai e o Filho também não pairavam sobre as águas? Se essas palavras forem entendidas no sentido de um corpo localizado no espaço, não podemos aplicá-las nem mesmo ao Espírito Santo. Porém, se elas exprimem a preeminência imutável de um ser divino acima de tudo o que é transitório, então o Pai, o Filho e o Es-pírito Santo foram igualmente "levados sobre as águas". Então por que só se faz esta afirmação em relação ao Espírito Santo? Por que só a ele se refere a Escritura, como se estivesse em algum lugar aquele que não ocupa lugar, e do qual somente se diz que é um dom de Deus?[28] Em teu dom repousamos e nele gozamos em ti. Ele é o nosso descanso, é o nosso lugar. É para lá que o amor nos arrebata. O Espírito Santo nos eleva a humildade,

afastando-a das portas da morte.[29] Na tua boa vontade temos a paz.[30] Todo corpo, devido ao peso, tende para o lugar que lhe é próprio, porque o peso não tende só para baixo, mas também para o lugar que lhe é próprio. Assim, o fogo tende para o alto, a pedra para baixo. Por seu peso são impelidos para o seu justo lugar. O óleo derramado sobre a água aflora à superfície; a água, jogada sobre o óleo, submerge. São ambos impelidos por seu peso a procurar o próprio posto. Onde há desordem reina a agitação, e na ordem reina a paz. Meu peso é o amor; por ele sou levado para onde sou levado. Teu dom nos inflama e nos leva para o alto; nós nos inflamamos e nos movemos. Subimos os degraus do coração,[31] cantando o cântico dos degraus.[32] É o teu fogo, o teu fogo santo que nos inflama e nos move, enquanto subimos para a paz de Jerusalém. "Quanta alegria quando ouvi: vamos à casa do Senhor"![33] Aí seremos colocados por tua vontade benigna, e nada mais desejaremos senão aí permanecer eternamente.[34]

10. A felicidade dos anjos

11 Feliz a criatura que não conheceu outra condição! Mas o seu estado seria diferente se, apenas criada, o teu Espírito — o Espírito que paira sobre todos os objetos mutáveis — não a tivesse erguido com aquele apelo com que disse: "Faça-se a luz", e a luz foi feita. Distinguimos em nós dois momentos no tempo: aquele em que fomos treva e aquele em que nos tornamos luz.[35] Daquela foi apenas indicado o que teria sido, se não fosse iluminada. E a Escritura a ela se refere como se tivesse sido primeiro flutuante e tenebrosa, a fim de realçar a causa que a tornou diferente, isto é, que a conduziu ao resplendor inextinguível[36] e a transfigurou em luz. Entenda quem puder, e quem não puder te peça a graça de compreender. Por que me perturbam,[37] como se eu fosse a luz que, "vindo ao mundo, ilumina todo homem"?[38]

11. A imagem humana da Trindade

12 Quem poderá compreender a Trindade onipotente? E quem não fala dela, ainda que não a compreenda? É rara a pessoa que, ao falar da Santíssima Trindade, saiba o que diz. Discute-se, debate-se, mas ninguém é capaz de contemplar essa visão, sem paz interior. Quisera meditassem os homens sobre três coisas que têm dentro de si mesmos, as três bem diferentes da Trindade. Indico-as, para que se exercitem, e assim experimentem e sintam quão longe estão desse mistério. Aludo à existência, ao conhecimento e à vontade. De fato existo, conheço e quero. Existo, sabendo e querendo; sei que existo e quero; quero existir e conhecer. Repare, quem puder, como é inseparável a vida nessas três faculdades: uma só vida, uma só inteligência, uma só essência. Como são insepa-ráveis os objetos dessa distinção. Distinção, no entanto, que existe! Cada um está diante de si mesmo. Estude-se, veja e responda-me. Contudo, mesmo que reflita e me res-ponda, não julgue ter compreendido a essência deste Ser imutável que está acima

de todas as criaturas, o Ser que imutavelmente existe, imutavelmente sabe e imutavelmente quer. Será porventura graças a essas três faculdades que há em Deus a Trindade, ou essa tríplice faculdade existe em cada uma das três Pessoas, de modo a serem três em cada uma? Ou ambas as coisas se realizam de modo admirável, numa simplicidade múltipla, sendo a Trindade o seu próprio fim infinito, pela qual existe, se conhece e se basta imutavelmente, na grande abundância de sua Unidade? Quem poderia exprimir facilmente esse conceito? Quem teria palavras para o exprimir? Quem, de algum modo, ousaria pronunciar-se temeraria-mente a esse respeito?

12. "Nós nos convertemos a ti, e a luz se fez"

13 Ó minha fé, vai avante na tua confissão. Diz ao Senhor teu Deus: santo, santo, santo é o Senhor meu Deus. Fomos batizados em teu nome, Pai, Filho e Espírito Santo. Em teu nome, Pai, Filho e Espírito Santo, batizamos, pois também entre nós, seres espirituais e carnais da sua Igreja.[39] Deus criou o céu e a terra no seu Cristo. A nossa terra, antes de receber a forma de que nos fala a doutrina, "era invisível e desordenada", e nós estávamos envoltos nas trevas da ignorância, porque, "punindo a culpa, corriges o homem,[40] e os teus juízos são como os abismos profundos".[41] Mas, porque o teu Espírito pairava sobre as águas, a tua misericórdia não abandonou a nossa miséria, e disseste: "Faça-se a luz.[42] Fazei penitência, porque o reino dos céus está próximo.[43] Fazei penitência, faça-se a luz". Porque tínhamos a alma perturbada, lembramo-nos de ti, Senhor, na terra do Jordão e na montanha grande como tu, feito pequeno por nossa causa.[44] A ti desagradaram as nossas trevas, e assim nos voltamos para ti;[45] então se fez a luz. Uma vez "éramos de fato trevas, mas agora somos luz no Senhor".[46]

13. Como será seu esplendor quando o virmos?

14 No entanto, até agora, somos a luz pela fé, não ainda pela visão direta.[47] "Fomos salvos na esperança; e ver o que se espera não é esperar".[48] Até agora, o abismo clama por outro abismo, mas daqui por diante clama pela voz de tuas cataratas.[49] "Não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão-somente como a homens carnais".[50] Aquele que ainda assim fala julga que ainda não alcançou a meta. E, dessa maneira, "esquecendo-se do que ficou para trás, avança para o que está adiante",[51] e geme sob o peso do seu fardo.[52] "Sua alma tem sede do Deus vivo, como a corça anseia pela água viva", e pergunta: "Quando chegarei"?[53] "Desejando ser revestido por sua habitação celeste",[54] chama pelos que se encontram no abismo inferior, e dizem: "Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente".[55] E ainda: "Não sejais como crianças; sim, sede crianças, mas somente quanto à malícia para que sejais perfeitos no espírito".[56] E também: "Ó gálatas insensatos, quem vos

fascinou"?[57] Mas, ele já não o diz com a sua própria voz, e sim com a tua, porque do alto[58] enviaste o teu Espírito, por meio daquele Jesus que subiu ao céu[59] e abriu as cataratas dos seus dons,[60] a fim de que as torrentes do seu rio alegrassem a tua cidade.[61] É por esta que o amigo do esposo suspira,[62] ele que já possui em si as primícias do Espírito;[63] no entanto, ainda geme consigo mesmo, esperando a adoção, a redenção do seu próprio corpo.[64] Ele suspira, pela cidade, membro que ele é da Esposa de Cristo, e por ela se abrasa em zelo.[65] Porque é amigo do esposo, zela pelos interesses do esposo, não pelos próprios, porque pela voz das tuas cataratas, e não pela sua própria, é que ele chama por outro abismo,[66] objeto do seu zelo e dos seus temores. Assim como a serpente seduziu Eva por sua astúcia, ele receia que seus pensamentos se corrompam, desviando-se da pureza que existe em nosso Esposo, teu Filho Unigênito.[67] Como será bela a luz dele, quando o virmos tal como ele é;[68] "e quando tiverem passado as lágrimas que se tornaram o meu pão de dia e de noite, enquanto me perguntam a cada dia: Onde está o teu Deus"?[69]

14. A força da alma está na fé e na esperança

15 Também eu pergunto: "Meu Deus, onde estás"? Eis onde estás! Respiro por um momento em ti[70], quando dentro de mim se expande a alma entre gritos de alegria e louvor, verdadeiro canto de festa.[71] E no entanto, ela ainda está triste, porque torna a cair e se torna abismo, ou antes, percebe que ainda é abismo. A fé, que acendeste na noite para conduzir-me os passos, me diz: Por que desfaleces, ó minha alma, por que me perturbas? Espera em Deus.[72] A palavra dele é uma lanterna para os teus passos.[73] Espera e persevera, até que passe a noite, mãe dos ímpios, e passe a ira do Senhor, do qual também nós fomos filhos,[74] quando éramos trevas.[75] Dessas trevas arrastamos ainda os restos no corpo morto pelo pecado,[76] até que venha o alvorecer do dia e se dissipem as sombras.[77] Espera no Senhor!

Desde o amanhecer permanecerei na tua presença, e te contemplarei,[78] e sempre te confessarei.[79] Desde o amanhecer estarei em tua presença e verei a salvação de minha face, ó meu Deus,[80] e tua face "dará vida também aos nossos corpos mortais, através do teu Espírito que habita em nós",[81] o qual por sua misericórdia é levado sobre as ondas tenebrosas do nosso íntimo. Dele recebemos, nesta peregrinação, o penhor de já sermos luz,[82] pois fomos salvos pela esperança.[83] De filhos da noite e das trevas que antes éramos, fomos tornados filhos da luz e do dia.[84] Na incerteza da ciência humana, só tu podes distinguir entre uns e outros, porque nos perscrutas os corações[85] e à luz dás o nome dia, e às trevas denominas noite.[86] De fato, quem nos distingue, senão tu? Mas o que possuímos nós, que não tenhamos recebido de ti,[87] vasos de honra que fomos

tirados da mesma massa de argila, da qual outros foram feitos vasos de ignomínia?[88]

15. Significados simbólicos do firmamento

16 E quem, senão tu, nosso Deus, fez da divina Escritura um firmamento de autoridade sobre nós?[89] Os céus se dobrarão como um livro,[90] e agora se desdobram sobre nós como tenda.[91] A tua divina Escritura goza da mais sublime autoridade depois que aqueles mortais, através de quem no-la dispensaste, encontraram a morte. Sabes, Senhor, tu sabes como revestiste de pele os homens, quando pelo pecado se tornaram mortais.[92] Por isso, estendeste como pele o firmamento do teu livro, com palavras sempre coerentes, que puseste sobre nós pelo ministério de alguns homens mortais. A morte deles aumentou a autoridade das tuas palavras por eles anunciadas, e a estendeu sobre toda a terra, de modo muito mais amplo do que enquanto viviam. Ainda não tinhas estendido o céu como tenda,[93] ainda não tinhas difundido por toda parte a fama de sua morte.

17 Ó Senhor, concede que contemplemos "os céus, obra de tuas mãos".[94] Dissipa as nuvens com que envolveste nossos olhos. Neles encontra-se o teu "testemunho que dá sabedoria aos simples".[95] Completa, meu Deus, o teu louvor, "pelos lábios das crianças e dos bebês".[96] Não conhecemos outros livros que tão eficazmente destruam a soberba[97] e abatam o inimigo, o defensor que resiste à idéia de reconciliar-se contigo, defendendo os próprios pecados. Não conheço, Senhor, não conheço palavras tão puras,[98] que tanto me induzissem a confessar-te, a tomar sobre minha cabeça o teu jugo,[99] que me convidassem a prestar-te tão desinteressado culto. Oxalá eu compreenda essas verdades, ó Pai bondoso. Concede-me essa graça, porque me submeti a ti e estabeleceste firmemente aquelas palavras para as almas submissas.

18 Existem, penso, outras águas sobre este firmamento, águas imortais e separadas da corrupção terrena. Louvem elas o teu nome, que te louvem as multidões dos anjos do alto dos céus[100] e que não têm necessidade de olhar para o firmamento e de conhecer tua palavra pela leitura, porque vêem continuamente a tua face[101] e aí lêem a tua eterna vontade sem precisar de sílabas distribuídas no tempo. Eles lêem, escolhem e amam. Lêem perenemente, e nunca passa o que lêem, porque, escolhendo e amando, lêem a imutabilidade de tua vontade. Este é um códice que não se dobra nunca, um volume que nunca se fecha, porque tu mesmo és eternamente o seu livro.[102] Tu os colocaste acima deste firmamento estabelecido acima da fragilidade dos povos que habitam esta terra, a fim de que estes, levantando o olhar, reconheçam a tua misericórdia, que te anunciou no tempo, a ti, criador do tempo. "No céu está a tua misericórdia, Senhor, e a tua verdade se eleva até as nuvens".[103] As nuvens passam;[104] o céu, porém, permanece. Os pregadores da tua palavra passam à outra vida,[105] mas a tua Escritura se estenderá sobre

todos os povos até ao fim dos séculos. Também “passará o céu e a terra. Tuas palavras, porém, não passarão”.[106] O pergaminho será enrolado, e a erva sobre a qual se estendia passará com a sua glória, mas a tua palavra permanecerá eternamente.[107] Esta não nos aparece agora tal como é, mas no mistério das nuvens e através do espelho dos céus,[108] porque também não se manifestou o que seremos,[109] se bem que amados por teu Filho. Ele nos olhou através das malhas[110] de sua carne mortal. Acariciou-nos, inflamou-nos no seu amor e corremos atrás de sua fragrância.[111] “E quando ele aparecer, seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é”.[112] Vê-lo como ele é, Senhor, é o nosso destino, que ainda não está em nossas mãos.

16. Perto de ti está a fonte de vida

19 Como só tu existes plenamente, assim só tu conheces, tu, que imutavelmente existes, imutavelmente conheces e imutavelmente queres. Tua essência imutavel-mente sabe e quer, tua ciência imutavelmente existe e quer, tua vontade imutavelmente existe e sabe. Ora, não parece justo a teus olhos que a luz imutável, tal como se conhece, seja também conhecida pela criatura iluminada, mutável. Por isso, “a minha alma é para ti como terra sem água”,[113] porque não pode iluminar-se por si mesma, não podendo assim saciar-se por si mesma. Pois “em ti se encontra a fonte da vida: graças à tua luz, vemos a luz”.[114]

17. Mar e terra: obras más e obras boas

20 Quem reuniu numa só conjunção as águas salgadas?[115] Têm estas, de fato, um único objetivo — a felicidade temporal e terrena — para o qual dirigem todas as suas ações, vacilando embora em variadíssimas preocupações. Quem as reuniu senão tu, Senhor, dizendo às águas que se juntassem num só lugar, e que aparecesse a terra enxuta,[116] sedenta de ti? Teu é o mar, porquanto tu o fizeste, e tuas mãos plasmaram a terra enxuta.[117] Chama-se mar, não à amargura das vontades humanas, mas à reunião das águas. Reprimes as tendências más das almas e determinas os limites até onde podem avançar as águas, para que as ondas se quebrem contra si mesmas;[118] assim crias o mar submetido ao teu poder universal.

21 As almas que têm sede de ti e que aparecem aos teus olhos separadas do mar por outro fim, tu as rorejas com doce e misterioso orvalho, para que a terra dê o seu fruto. A terra, com efeito, dá o seu fruto, e a nossa alma, ao teu comando, Senhor seu Deus, germina obras de misericórdia “segundo a sua condição,[119] amando o próximo e ajudando-o em suas necessidades materiais. Ela em si tem “a semente de acordo com a semelhança”:[120] é o sentimento nascido de nossa fraqueza que nos leva a ajudar os necessitados, na medida que desejaríamos que nos auxiliassem, caso tivéssemos as mesmas necessidades. E não somente nas coisas fáceis, como ervas nascidas de

sementes, mas também com o auxílio de proteção forte e vigorosa, semelhante à árvore que dá frutos. Assim, arrebatamos das mãos dos poderosos aquele que sofre injustiça e o abrigamos sob a proteção da força inflexível de um justo julgamento.

18. Significado simbólico dos astros

22 Assim como tu, Senhor, concedes às almas a alegria e a força, assim, eu te peço, “germine da terra a verdade, e do céu a justiça olhe para nós[121] e surjam astros no firmamento”.[122] Repartamos o pão com os que têm fome, recebamos em casa o pobre sem abrigo, vistamos os nus e não desprezemos os nossos semelhantes. Nascidos estes frutos da nossa terra, vê, Senhor, como são bons. Concede que brilhe nossa luz temporal,[123] e que esta humilde colheita de boas obras nos eleve às delícias da contemplação, alcançando o Verbo da vida, superior a tudo; e que brilhemos enfim como “astros no mundo” [124] fixos no firmamento de tua Escritura! É aí, de fato, que nos ensinas a distinguir entre as realidades inteligíveis e as realidades sensíveis, como entre o dia e a noite, ou a diferençar as almas espirituais daquelas que se entregam aos sentidos. Deste modo, já não és o único, como antes da criação do firmamento, a separar a luz das trevas, no segredo do teu discernimento. Também as tuas criaturas espirituais, dispostas e ordenadas no mesmo firmamento, depois que a tua graça se manifestou através do mundo, “resplandecem sobre a terra, discernindo o dia e a noite e marcando a diferença dos tempos”.[125] De fato, “passaram-se as coisas antigas; eis que se fez uma realidade nova;[126] a nossa salvação está mais próxima agora do que quando abraçamos a fé. A noite avançou e o dia se aproxima.[127] Coroas o ano com a tua bênção, enviando operários para a tua messe”,[128] em cuja sementeira outros trabalharam,[129] enviando-os também a outras sementeiras, cuja colheita se fará no fim dos séculos. Assim, tu dás a quem pede o que deseja, e abençoas os anos dos justos. Contudo, tu és sempre o mesmo, e nos teus anos, que não terão fim,[130] preparas um celeiro para os anos que passam. Nos teus desígnios eternos, distribuis sobre a terra os dons celestes no momento oportuno.

23 “A uns o Espírito dá a palavra da sabedoria”[131] como luzeiro maior,[132] destinada àqueles que se alegram com a luz da verdade, clara como o raiar do dia; “a outro, a palavra da ciência segundo o mesmo Espírito, como lâmpada menor; a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda, o dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar em línguas”.[133] E todos esses dons são como estrelas. Mas, “isso tudo é o único e mesmo Espírito que o realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz”, fazendo aparecer tais astros “para utilidade de todos”.[134]

No entanto, “a palavra da ciência”, que contém todos os mistérios[135] que variam com o tempo, como as fases da lua, e o conhecimento de todos os outros dons, que aqui

recordei comparando-os às estrelas, como diferem todos eles do brilho da Sabedoria com que se alegra o dia anunciado, a ponto de não serem mais que o começo da noite! Palavra e conhecimento são ambos necessários àqueles a quem o teu prudentíssimo servo não pode falar como a seres espirituais, mas carnais,[136] ele que fala de "sabedoria entre os perfeitos".[137] Como criança que em Cristo se alimenta de leite, o homem carnal[138] não se considere abandonado em sua noite desolada, mas se contente com a luz da lua e das estrelas, até que se robusteça bastante para mastigar alimento sólido[139] e fixar os olhos no brilho do sol.

Eis o que nos ensinas com grande sabedoria, ó nosso Deus, no teu livro que é teu firmamento, a fim de que possamos distinguir todas as realidades numa admirável visão, apesar de ainda sujeitos aos sinais, ao tempo, aos dias e aos anos.

19. Exortação aos eleitos

24 Antes de tudo, porém, "lavai-vos, purificai-vos, tirai a perversidade de vossas almas e da fonte de meus olhos",[140] a fim de que apareça "a terra nua.[141] Aprendei a fazer o bem, fazei justiça ao órfão, defendei a viúva,[142] para que a terra produza erva de pastagem e árvores frutíferas.[143] Vinde, dialoguemos, diz o Senhor",[144] a fim de que "se façam os luzeiros no firmamento dos céus para iluminar a terra".[145] Aquele rico perguntava ao bom Mestre o que fazer de bom para ter a vida eterna.[146] Diga-lhe o bom Mestre, por ele considerado um homem e nada mais — enquanto na realidade é "bom," porque é Deus —, diga-lhe o Mestre que, se quiser conseguir a vida, guarde os mandamentos, aparte de si a amargura da malícia e da iniqüidade, não mate, não cometa adultério, não roube, não pronuncie falsos testemunhos, para que apareça a terra enxuta e germine o respeito ao pai e à mãe, e o amor ao próximo. Responde o moço: "Tudo isso já fiz". Donde provém então tantos espinhos, se a terra é frutífera? Vai, arranca as densas raízes da avareza, "vende os teus bens" e enche-te de frutos, dando tudo aos pobres; "terás um tesouro nos céus", e depois segue o Senhor, "se quiseres ser perfeito", unindo-te àqueles que ele instrui na Sabedoria, ele que sabe fazer a distinção entre o dia e a noite, e fará que conheças a Sabedoria para que tenhas lugar entre os "astros do firmamento do céu"; o que não se realizará se aí não estiver o teu coração; não se realizará, se aí não estiver o teu tesouro, como ouviste o bom Mestre dizer. Mas a tristeza difundiu-se pela terra estéril e "os espinhos sufocaram a palavra divina".[147]

25 Vós, porém, "povo eleito,[148] fraqueza do mundo",[149] que deixastes tudo para seguir o Senhor,[150] acompanhai-o e confundi as criaturas fortes,[151] acompanhai-o, "ó pés maravilhosos",[152] e resplandecei no firmamento, para que os céus cantem a glória do Senhor,[153] distinguindo entre a luz dos perfeitos, ainda não semelhante à dos anjos, e as trevas dos pequenos, a quem não faltou a esperança. Brilhai sobre toda a terra, e o dia resplandecente de sol comunique ao dia seguinte a palavra da sabedoria, e a noite,

resplandecente da luz da lua, anuncie à noite a palavra da ciência.[154] A lua e as estrelas iluminam a noite, mas a noite não as obscurece, porque elas a iluminam na medida de suas possibilidades. Foi como se Deus tivesse dito: "Apareçam os astros no firmamento dos céus,[155] e subitamente se produziu um ruído vindo do céu como se soprasse um vento muito forte, e foram vistas línguas de fogo que, dividindo-se, pousaram sobre cada um deles".[156] Assim, no firmamento dos céus se criaram astros que possuíam a palavra da vida.[157] Correi por toda parte, chamas santas, chamas belas. "Sois a luz do mundo e não estais sob o alqueire".[158] Aquele a quem vos ligastes foi exaltado e vos exaltou. Correi por toda parte e dai-vos a conhecer a todas as gentes.[159]

20. Significado simbólico dos répteis, dos cetáceos e das aves

26 Que o mar conceba e dê à luz as vossas obras: que as águas produzam os répteis com almas vivas.[160] De fato, separando o que é precioso daquilo que é desprezível, vos tornastes "a boca de Deus",[161] pela qual ele diz: Que as águas produzam, não as almas vivas que a terra produz, mas répteis dotados de almas vivas, e as aves que voam sobre a terra.[162] É assim que os teus sacramentos, ó Deus, graças às obras dos teus santos, deslizam entre as ondas das tentações do mundo para regenerarem os povos no batismo em teu nome. E então foram operadas grandes maravilhas — semelhantes a enormes cetáceos — e as vozes dos teus mensageiros percorreram a terra, conforme o firmamento do teu livro, que eles escolheram como autoridade protetora por toda parte onde íam. "Não há língua nem palavras em que não se ouçam as vozes deles", já que o "brado dos Apóstolos espalhou-se por toda a terra e suas palavras chegaram até os confins do universo".[163] Tu, Senhor, as multiplicaste com tua bênção.[164]

27 Minto talvez, ou faço confusão, não distinguindo o claro conhecimento das realidades, que estão no firma-mento do céu, e as obras corpóreas que estão sobre as ondas do mar e sob o firmamento? Na verdade, as noções dessas realidades são firmes e determinadas, e não se multiplicam ao passarem de geração em geração, como as luzes da sabedoria e da ciência. No entanto, essas noções tem grande variedade de atividades materiais, e se multiplicam, crescendo umas das outras, sob a tua bênção, ó meu Deus. Mitigas a impertinência dos sentidos, permitindo que uma única verdade seja expressa e apresentada de várias maneiras, através dos movimentos do corpo. As águas produziram essas maravilhas,[165] mas foi pela tua palavra. As necessidades dos povos, divorciados da tua eterna verdade, produziram esses prodígios, mas através do teu evangelho. Efetivamente, essas maravilhas foram produzidas pelas águas, cuja amargura foi a causa de se originarem esses seres da tua palavra.

28 Todas as obras saídas de tuas mãos são belas, e tu, que as criaste, és indizivelmente mais belo. Se Adão, em sua queda, não se tivesse afastado de ti, do seio dele não teria saído a salsugem do mar, isto é, o gênero humano com toda a sua profunda sede de

saber, seu orgulho tempestuoso, sua instável inconstância. E assim não teria sido necessário que os dispensadores da tua palavra, em meio a tantas águas, operassem tantos sinais corporais e sensíveis para explicar as místicas ações e palavras. Foi assim que se me apresentaram os répteis e as aves. Os homens, imbuídos e iniciados nesse simbolismo, não avançariam mais no conhecimento desses mistérios, se a alma não vivesse mais espiritualmente em outro plano, e se, não aspirasse à perfeição, após a palavra de iniciação.

21. Significado simbólico da alma viva e dos animais

29 Por isso, não foi o mar profundo, mas a terra separada das águas salgadas, que lançou, impelida pela tua palavra, não répteis de almas vivas e aves, mas a "alma viva".[166] E esta já não tem necessidade do batismo, como têm os pagãos, e tinha também ela, quando estava coberta pelas águas. Pois, ninguém entra no reino dos céus de outro modo, que não seja através daquele que estabeleceste.[167] Nem exige esta alma fatos maravilhosos para se enraizar na fé; ela crê, mesmo que não veja sinais e prodígios,[168] pois, ela já é terra fiel, distinta das águas do mar, que são amargas pela incredulidade. "As línguas são um sinal, não para os que crêem, mas para os que não crêem".[169] A terra que estendeste sobre as águas[170] não tem necessidade dessa espécie de aves que as águas produziram por tua ordem.[171] Envia-lhe tua palavra através dos teus mensageiros. Nós falamos das obras destes, mas és tu que ages neles para que produzam uma alma viva. A terra é a causa desses fenômenos que se realizam na superfície, assim como o mar foi a causa de que fossem produzidos os "répteis de almas vivas e as aves sob o firma-mento do céu", dos quais a terra não tem necessidade, embora se alimente do peixe tirado do fundo do oceano e servido por ti à mesa, preparada na presença dos que crêem.[172] Pois o peixe foi extraído do fundo das águas para alimentar a terra árida. E as aves, ainda que nascidas no mar, multiplicam-se sobre a terra. A incredulidade dos homens foi o motivo das primeiras missões de evangeli-zação, porém, mesmo os fiéis recebem copiosamente exortações e bênçãos dia a dia.[173] Todavia, a alma viva extrai sua origem da terra, porque é bom para os fiéis conservar-se livres do amor deste mundo, a fim de que sua alma, que "estava morta vivendo nos prazeres",[174] nas delícias que produzem a morte, viva agora para ti,[175] Senhor. De fato, tu és as delícias vitais de um coração puro.

30 Que os teus ministros trabalhem na terra, mas não como sobre as águas da incredulidade, anunciando a verdade e falando através de milagres, símbolos e palavras misteriosas, a fim de que a ignorância, mãe da admiração, preste atenção por causa do temor desses sinais ocultos. Dessa maneira são introduzidos na fé os filhos de Adão que se esquecem de ti, escondendo-se de tua face e tornando-se abismo. Ao contrário, que os teus ministros trabalhem como sobre terra seca e separada da voragem do abismo, e

sejam na vida "modelo para os fiéis",[176] estimulando-os à imitação. E assim ouvem, não só para compreender, mas também para praticar.

"Procurai a Deus, e vossa alma viverá",[177] a fim de que "a terra produza a alma viva".[178] Não vos conformeis com este mundo,[179] mas abstende-vos dele. A alma vive, evita aquilo que, apetecendo, a faz morrer. Evitai a selvagem malícia do orgulho, o ócio voluptuoso da luxúria, as contradições de uma falsa ciência,[180] a fim de que as feras se tornem mansas, os animais sejam domados e as serpentes sejam inofensivas:[181] estas, de fato, são as expressões alegóricas dos sentimentos da alma. A vaidade soberba, os prazeres libidinosos, a curiosidade venenosa, são paixões da alma morta. Esta não morre a ponto de perder totalmente o sentido, mas morre, afastando-se da fonte da vida,[182] e é arrebatada pelo mundo que passa e com o qual se conforma.

31 Mas, a Palavra de Deus é fonte de vida eterna[183] e não passa.[184] É ela mesma que nos impede de nos afastarmos de ti, ao dizer-nos: "Não vos conformeis com este mundo", a fim de que "a terra, fecundada por esta fonte de vida, produza uma alma viva", uma alma que, pela tua Palavra anunciada pelos evangelistas, se mortifica imitando os imitadores de teu Cristo.[185] Eis o significado da expressão: "segundo a sua espécie".[186] Porque o homem imita a quem ama. "Eu vos suplico, diz o Apóstolo, que vos torneis como eu, pois eu também me tornei como vós".[187] Desse modo, as feras, dotadas de almas vivas, tornar-se-ão boas na mansidão de suas ações. Pois ordenaste: "Realiza as tuas obras na mansidão e serás amado por todos os homens".[188] Os animais serão bons; comendo não terão fastio; e não comendo não terão fome.[189] As serpentes não serão venenosas para fazerem o mal, porém astutas para se acautelarem[190] e não procurarão conhecer, da natureza temporal, senão o necessário: assim, através das coisas criadas, se descobre a eternidade.[191] Esses animais servem à razão quando, refreados nos caminhos para a morte, vivem na bondade e se tornam bons.

22. Significado simbólico do homem feito à imagem de Deus

32 Senhor nosso Deus, nosso Criador, quando as nossas paixões, que nos faziam morrer porque vivíamos mal, foram desviadas do amor do mundo, e a nossa alma, vivendo bem, começar realmente a viver, cumprir-se-á então a palavra que disseste pela boca do teu Apóstolo: "Não vos conformeis com este mundo". Seguir-se-á então aquilo que acrescentaste logo depois: "mas transformai-vos, renovando a vossa mente".[192] Já não será, porém, "segundo a espécie", porque não se trata de imitar quem nos precedeu, ou de viver conforme o exemplo de um homem melhor que nós. Pois tu não disseste: Faça-se o homem segundo a sua espécie, mas "façamos o homem à nossa imagem e semelhança",[193] a fim de que possamos reconhecer a tua vontade. Para isso o teu servidor, gerando filhos pelo teu evangelho,[194] não querendo que permanecessem sempre

criancinhas aqueles que ele alimentara com o leite[195] e que, como ama, criara,[196] assim fala: "Transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, e o que é bom, agradável e perfeito".[197] Por isso não dizes: Faça-se o homem, mas "façamos o homem". E não: segundo a sua espécie, mas "à nossa imagem e semelhança". Quem tem a alma renovada, e contempla e compreende a tua verdade, não precisa das indicações de outro homem para imitar alguém da sua espécie. Graças aos teus ensinamentos, ele mesmo compreende a "tua vontade, e o que é bom, agradável e perfeito". E a ele, agora capaz, ensinas a ver a Trindade da Unidade e a Unidade da Trindade. Por isso, depois de dizer no plural "façamos o homem", foi afirmado no singular: "E Deus fez o homem". Por isso, depois de dizer no plural "à nossa imagem", foi afirmado no singular "à imagem de Deus".[198] Desse modo, o homem "se renova para o conhecimento segundo a imagem de Deus, seu Criador",[199] e, tornando-se espiritual, "julga tudo" o que deve ser julgado, e "por ninguém é julgado".[200]

23. O homem espiritual tem o poder de julgar

33 A expressão "julga tudo" significa que tem poder sobre os peixes do mar e as aves do céu, sobre todos os animais domésticos e selvagens, sobre toda a terra e os répteis que nela se arrastam.[201] Ele exerce tal poder por meio da inteligência, pela qual "percebe o que pertence ao espírito de Deus".[202] Por outro lado, "o homem, posto em lugar de honra, não entendeu sua própria grandeza, igualou-se aos animais destituídos de razão, tornando-se semelhante a eles.[203] Portanto, na tua Igreja, Senhor nosso, o dom de julgar, que vem da graça que deste ao homem, porque "somos criaturas tuas, criadas em Jesus Cristo para as boas obras",[204] esse dom não pertence somente aos que detêm o governo espiritual, mas também aos que obedecem aos governantes. Desse modo, formaste a criatura humana, o homem e a mulher,[205] na graça espiritual; no entanto, não houve distinção de sexo entre eles, como "não há judeu nem grego, não há escravo nem livre".[206] Portanto, os homens espirituais, quer governem, quer obedeçam, julgam segundo o espírito,[207] não a respeito dos conhecimentos espirituais que brilham no firmamento[208] (pois não lhes cabe formular juízos sobre tão sublime autoridade), nem a respeito da tua Escritura, ainda que contenha passagens obscuras, porque a ela submetemos a inteligência, e temos como justo e verdadeiro até mesmo o que permanece velado à nossa compreensão. O homem, de fato, mesmo quando já espiritual e renovado "para o conhecimento segundo a imagem do seu Criador",[209] deve ser cumpridor e não juiz da lei.[210] Nem tampouco pode ajuizar daquilo que distingue os homens espirituais dos carnais, distinção essa conhecida somente por teus olhos, Senhor nosso. A nós, os homens, ainda não foram revelados por nenhuma de suas obras, a fim de que possam ser reconhecidos "pelos seus frutos".[211] Mas tu, Senhor, já os conheceste e os classificaste e convidaste em segredo, antes da existência do firmamento. E o homem, ainda que espiritual, nem ao menos julga as multidões inquietas deste mundo. "Acaso compete a ele

julgar os que estão fora”,[212] visto que ignora quem alcançará a doçura da tua graça e quem permanecerá na eterna amargura da impiedade?

34 Portanto, o homem, que fizeste à tua imagem, não recebeu o poder sobre os astros do céu, nem sobre o próprio céu misterioso, nem sobre o dia e a noite, que chamaste à existência antes da criação do céu, nem sobre a massa de águas que é o mar. Mas recebeu poder sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais, sobre toda a terra e todos os répteis que se arrastam sobre a terra. Ele julga e aprova aquilo que acha correto, e desaprova tudo o que é mau, seja na celebração dos sacramentos, nos quais são iniciados aqueles que tua misericórdia procura na vastidão das águas; seja no banquete em que se oferece o peixe, tirado do oceano para alimentar a terra fiel, seja nas expressões e palavras sujeitas à autoridade do teu Livro, como aves que voam debaixo do firmamento, quando o teu pregador interpreta, expõe, discute, louvando-te e invocando-te em expressões sonoras que irrompem de seus lábios, às quais o povo responde: Assim seja! A razão pela qual precisamos pronunciar materialmente essas palavras é o abismo do mundo e a cegueira da carne, cegueira que não permite ver os pensamentos e torna necessário falar alto aos ouvidos. Assim, as aves, embora se multipliquem sobre a terra, têm sua origem nas águas.[213] O homem espiritual julga também, aprovando o que considera justo e condenando o que é mau, nas obras e nos costumes dos fiéis. Julga as esmolas que são como frutos da terra, julga as paixões da alma viva, domadas “pela castidade, os jejuns”[214] e os bons pensamentos. Julga de tudo aquilo que pelos sentidos corporais se manifesta. Julga enfim a respeito de tudo o que tem possibilidade de ser corrigido.

24. Significado simbólico da multiplicação das espécies

35 Mas, que é isto? De que mistério se trata? Ó Senhor, tu abençoas os homens para que cresçam, se multipliquem e encham a terra.[215] Não queres, porventura, sugerir com isso que compreendamos por qual razão não abençoaste do mesmo modo a luz que chamaste dia, nem o firmamento do céu, nem os astros, nem as estrelas, nem a terra, nem o mar? Eu poderia dizer que tu, ó Deus — que nos criaste à tua imagem[216] —, quiseste conceder essa graça especialmente ao homem, se não houvesses igualmente abençoado os peixes e os cetáceos, para que crescessem e se multiplicassem e enchessem as águas do mar, e que as aves se multiplicassem sobre a terra. Poderia afirmar que essa bênção pertence também a todas as espécies que se propagam a si mesmas por meio de geração, se a encontrasse nas árvores, plantas e animais da terra. Mas o fato é que nem às ervas, nem às plantas nem aos animais e aos répteis foi dito: “crescei e multi-plicai-vos”, embora todos esses seres, como os peixes, as aves e os homens, cresçam através da procriação e assim conservem a sua espécie.

36 E então, que direi, ó minha luz, ó verdade? Que essa expressão é vazia e pronunciada inutilmente? De modo algum, Pai amoroso; longe de um ministro da tua palavra falar

dessa maneira! Se não entendo o que queres dizer com essas expressões, espero que delas melhor possam servir-se os que são melhores do que eu, mais inteligentes, na medida da capacidade de cada um. Espero, no entanto, que te agrade a profissão que faço diante de ti. Por ela eu te declaro estar convencido, Senhor, de que não foi sem motivo que assim falaste. Nem calarei os pensamentos que essas palavras me sugeriram ao lê-las. O que penso é verdadeiro, e nada impede que eu interprete a linguagem figurada dos teus Livros. Sei que o corpo pode exprimir de várias maneiras o que a mente faz de um único modo e que por outro lado, a mente pode conceber de muitas maneiras uma única expressão do corpo. Por exemplo, a simples noção do amor de Deus e do próximo, com quantos ritos e línguas, e, em cada língua, com quan-tas expressões pode ser materialmente anunciado! É neste sentido que crescem e se multiplicam os peixes das águas. Notai ainda, vós, que ledes estas linhas: o que a Escritura declara com palavras ditas de uma só maneira — "no princípio Deus criou o céu e a terra" — acaso não é interpretado de diferentes modos, não através de falsidades, mas de acordo com as diversas faces da verdade? Assim crescem e se multiplicam as gerações dos homens.

37 Se considerarmos a natureza das coisas, não alegoricamente, mas em sentido próprio, a expressão "crescei e multiplicai-vos" adapta-se a todos os seres que nascem de uma semente. Pelo contrário, se a considerarmos metaforicamente, como era a intenção da Escritura, penso eu, ela certamente não atribui em vão essa bênção exclusivamente à descendência dos peixes e dos homens. Então encontraremos realmente multidões nas criaturas espirituais e nas corporais, no céu e na terra; nas almas justas e injustas, como na luz e nas trevas; nos santos escritores, pelas quais nos foi dada a tua lei, como no firmamento estabelecido entre as águas; na sociedade dos povos amargurados, como no mar, no zelo das almas piedosas, como na terra árida; nas obras de misericórdia da vida presente, como nas ervas que nascem da semente, e nas árvores frutíferas; nos dons espirituais concedidos para o nosso bem, como nos astros do céu; nas afeições regradas pela temperança, como na alma viva. Em todos esses elementos encontramos variedade, abundância, acréscimo. Mas, que essa espécie de acréscimo e de propagação venha expressa de várias maneiras diferentes, e que uma mesma expressão seja entendida de diferentes modos, é o que só descobrimos nas imagens materiais e nas concepções intelectuais. Ora, os símbolos materiais, que têm sua origem na nossa profunda cegueira carnal, equivalem às gerações das águas; as concepções intelectuais, que se originam da fecundidade da inteligência, equivalem às gerações humanas. Por isso, acreditamos, Senhor, que tenhas dito a ambas as espécies: "Crescei e multiplicai-vos". Por esta bênção penso que nos tenha sido concedida a faculdade e o poder de enunciar de muitos modos o que de uma só maneira compreendemos, e de entender de vários modos uma única expressão obscura que tenhamos lido. É assim que se povoam as águas do mar, as quais não se movem sem os diversos sopros do espírito. É assim que as várias gerações dos homens enchem a terra, cuja aridez aparece no desejo de saber, sob o domínio da razão.

25. Significado simbólico das ervas e das árvores

38 Quero ainda dizer, Senhor meu Deus, o que me inspiram as seguintes palavras de tua Escritura, e o direi sem temor, porque direi a verdade, inspirado por ti a dizer aquilo que quiseste que eu dissesse sobre aquelas palavras. Não creio dizer a verdade por inspiração de outros, pois "só tu és a verdade, enquanto todo homem é mentiroso".[217] Pois, "quem mente fala do que lhe é próprio";[218] portanto, se quero falar a verdade, devo falar do que me inspiraste. Tu nos deste por alimento "toda erva que produz semente sobre a terra, e todas as árvores que contêm em si mesmas a sua semente".[219] E não o deste somente a nós, mas também a todas as aves do céu, aos animais da terra e aos répteis.[220] Não as deste, porém, aos peixes e aos grandes cetáceos.

Dissemos anteriormente que nesses frutos da terra se ocultam e se representam metaforicamente as obras de misericórdia que brotam da terra fecunda, destinadas às necessidades desta vida. Semelhante a esta terra foi o piedoso Onesíforo, a cuja família concedeste a tua misericórdia, porque ele confortou muitas vezes o teu servo Paulo, cujas cadeias não foram para Onesíforo motivo de envergonhar-se.[221] O mesmo fizeram os irmão vindos da Macedônia, que forneceram tudo o que faltava a Paulo,[222] produzindo assim iguais frutos de misericórdia. No entanto, muito fizeram sofrer o Apóstolo certas árvores que não lhe deram o fruto devido; por isso ele se queixava: "Na primeira vez em que apresentei a minha defesa, ninguém me assistiu, todos me abandonaram. Que isto não lhes seja imputado".[223] Tais frutos são devidos aos dispensadores de uma doutrina racional, ajudando-os a compreender os divinos mistérios. São frutos devidos a eles enquanto homens, mas são devidos a eles também como a almas vivas, que se oferecem quais modelos de mortificações de toda espécie. Do mesmo modo, esses frutos são devidos a eles como a aves, por causa das suas bênçãos que se multiplicam sobre a terra, pois, "por toda a terra se difundiram as suas vozes".[224]

26. O valor da oferta está na intenção

39 Nutrem-se desse alimento aqueles que o saboreiam com prazer, e não o saboreiam "aqueles cujo deus é o ventre".[225] E naqueles que os oferecem, merece o nome de fruto, não aquilo que eles dão, mas a intenção com que oferecem. Por isso, quando vejo esse Apóstolo, que servia a Deus e não ao próprio ventre, percebo bem onde ele põe a sua alegria; vejo e me regozijo com ele. Paulo havia recebido, por intermédio de Epafrodito,[226] as ofertas enviadas pelos filipenses. Vejo bem a causa de sua alegria. Ele se nutria do fruto de sua própria alegria, pois afirma com sinceridade: "Foi grande a minha alegria no Senhor, porque finalmente floresceu o vosso interesse por mim, e sempre pensáveis nisso, mas depois o tédio se apossou de vós".[227] Eles tinham estado realmente abatidos por um longo torpor, tornando-se áridos pela ausência do fruto das boas obras. E Paulo se alegra por ver essa afeição deles renascer, e não devido ao socorro que eles lhe deram na indigência. E prossegue: "Falo assim, não por causa das privações que sofro, pois aprendi a adaptar-me às necessidades; sei viver modestamente,

e sei também como haver-me na abundância; estou acostumado com toda e qualquer situação: viver saciado e passar fome; ter abundância e passar necessidade. Tudo posso naquele que me fortalece".[228]

40 Qual o motivo da tua alegria, ó grande Paulo? Qual o motivo do teu júbilo, e de que te alimentas, ó homem renovado "para o conhecimento de Deus segundo a imagem do seu Criador",[229] ó alma viva por tua intensa mortificação, língua alada que exprime os mistérios?[230] A tais almas é certamente devido este alimento. O que foi que te serviu de alimento? A alegria. Escutemos o que segue: "Entretanto, fizestes bem em participardes da minha aflição".[231] É com isto que ele se alegra, é disto que ele se alimenta. Não tanto porque lhe foi aliviado o sofrimento, como porque eles praticaram o bem. De fato, ele te diz: "Na hora da angústia, dilataste o meu coração",[232] porque em ti, que és a sua força, ele aprendeu a "ter abundância e sofrer necessidade". E diz: "Vos mesmos bem sabeis, filipenses, gue no início da pregação do evangelho, quando parti da Macedônia nenhuma Igreja teve contato comigo quanto a dar e receber, senão vós somente; já em Tessalônica, uma primeira e uma segunda vez vós me enviastes ajuda para as minhas necessidades".[233] O Apóstolo alegra-se agora pelo fato de terem eles retornado às boas obras e terem reflorido como um campo fértil e verdejante.

41 Referia-se, porventura, às próprias necessidades, quando disse: "vós me enviastes ajuda para as minhas necessidades"? Alegra-se por causa disso? Não! E como o sabemos? Pelo que ele diz em seguida: Não que eu busque presentes; o que busco é o fruto.[234] Aprendi de ti, meu Deus, a discernir entre a dádiva e o fruto. A dádiva é o próprio objeto oferecido por quem nos provê nas necessidades, como dinheiro, comida, bebida, roupa, pousada ou qualquer outra ajuda. O fruto é a boa e reta vontade do doador. O bom Mestre não se limitou a dizer: "Quem acolhe um profeta", mas acrescentou: "na quatidade de profeta"; tampouco disse apenas: "quem acolhe um justo", mas acrescentou: "na qualidade de justo". E assim se receberá respectivamente a recompensa do profeta e do justo. Nem disse somente: "E quem der, nem que seja um copo de água fria, a um destes pequeninos", mas acrescentou: "por ser meu discípulo", e continua: "em verdade vos digo que não perderá a sua recompensa".[235] Dádiva é acolher um profeta, receber um justo, dar um copo de água fria a um discípulo; fruto é praticar esses atos justamente por se tratar de profeta, de justo, de discípulo. Com o fruto, Elias era sustentado pela viúva, que estava consciente de alimentar um homem de Deus, e por isso mesmo o fazia. O corvo, ao contrário, o alimentava com uma dádiva,[236] que lhe nutria, não o interior, mas a parte externa, que poderia morrer se faltasse tal alimento.

27. As boas obras de quem não tem fé

42 Direi, portanto, a verdade diante de ti, Senhor. Algumas vezes, os homens "ignorantes e incrédulos",[237] que para serem iniciados na fé e convertidos têm necessidade de ritos

misteriosos e milagres espantosos (figurados, assim o creio, sob o nome de peixes e cetáceos), acolhem teus servos e os socorrem, ou de algum modo os ajudam nas necessidades materiais da vida presente, ignorando por que o fazem e por que o devem fazer. Desse modo, nem aqueles nutrem nem estes são nutridos, pois nem os primeiros agem com intenção santa e reta, nem os outros se alegram com suas dádivas, nas quais não descobrem nenhum fruto. Ora, a alma só se alimenta daquilo que lhe traz alegria. Por isso, os peixes e os cetáceos só comem o alimento que a terra produz, depois de separado e purificado da amargura das águas do mar.[238]

28. A obra da criação é boa

43 Ó Deus, viste finalmente que todas as coisas que tinhas criado eram "muito boas".[239] Também nós as vemos, e observamos que são todas muito boas. Depois de dizeres a cada uma das espécies das tuas obras que fossem criadas, e depois de elas o serem, viste que eram boas. Contei que sete vezes está escrito que tu julgaste boa a obra que criaste.[240] A oitava vez foi quando, completadas todas as tuas obras, tu as julgaste não somente boas, mas ótimas, quando tomadas em conjunto. Cada uma das cria-turas em particular era boa, mas, tomadas em conjunto, eram muito boas. O mesmo se diz da beleza dos corpos, porque o corpo, que é composto de membros belos, é bem mais belo que os membros separadamente, cujo conjunto harmonioso compõe o todo, embora os membros considerados separadamente sejam belos também.

1 Sl 58,18.

2 Cf. Sl 58,11.

3 Cf. Sl 17,21.

4 Jo 20,28.

5 A doutrina neoplatônica, em sua fase alexandrino-romana, ensinava que o ser degenera à medida que se afasta do único, de quem procede; ensinava também que a alma iluminada aperfeiçoa-se na conversão ao bem. Agostinho experimenta as conseqüências dessa terminologia.

6 Gn 1,2.

7 Cf. Gn 1,2.

8 Cf. Fl 2,6.

9 Cf. Sl 72,28.

10 Cf. Ef 5,8.

11 Sl 35,7.

12 Gn 1,3.

13 Sl 142,10; cf. Gn 1,2.

14 Cf. Nm 11,25; Is 11,2.

15 Cf. Sl 35,10.

16 Cf. Gn 1,6.

17 Rm 5,5.

18 Cf. 1Cor 12,1.

19 1Cor 12,31.

20 Cf. Ef 3,14.

21 Ef 3,19.

22 Sl 123,5.

23 Cf. Gn 1,3.

24 Ef 5,8.

25 Cf. Sl 17,29.

26 Is 58,10.

27 Sl 30,21.

28 Cf. At 2,38.

29 Cf. Sl 9,14.

30 Cf. Lc 2,14.

31 Cf. Sl 83,6.

32 Cf. Sl 119,1.

33 Sl 121,1.

34 Cf. Sl 60,8.

35 Cf. Ef 5,8.

36 Cf. Eclo 24,6.

37 Cf. Gl 6,17.

38 Jo 1,9.

39 “Espirituais” são os membros regenerados e iluminados da Igreja, capazes portanto de iluminar os outros membros; “carnais”, pelo contrário, são aqueles ainda nas trevas do erro e da imperfeição. A terminologia é própria das cartas de Paulo.

40 Sl 38,12.

41 Sl 35,7.

42 Gn 1,3.

43 Mt 3,2 e 4,17.

44 Cf. Sl 41,7. Cf. também Fl 2,7.

45 Cf. Sl 50,15.

46 Ef 5,8.

47 2Cor 5,7.

48 Rm 8,24.

49 Cf. Sl 41,8. O homem é sempre um abismo, mesmo quando ensina (“chama”) a outro homem: cf. Agostinho, Enarr. in Ps. 41.

50 1Cor 3,1.

51 Cf Fl 3,13.

52 Cf. 2Cor 5,4.

53 Cf. Sl 41,2ss.

54 Cf. 2Cor 5,2.

55 Rm 12,2.

56 1Cor 14,20.

57 Gl 3,1.

58 Cf. Sb 9,17.

59 Cf. Sl 67,19.

60 Cf. Mt 3,10.

61 Cf. Sl 45,5.

62 Cf. Jo 3,29.

63 Cf. Confiss. IX, 10.

64 Cf. Rm 8,23.

65 Cf. 2Cor 11,2.

66 Cf. Sl 41,8.

67 Cf. 2Cor 11,3. O Apóstolo suspira pela cidade celeste, e ao mesmo tempo preocupa-se com os outros membros da Igreja, a que deseja salvar mediante a pregação.

68 Cf. 1Jo 3,2.

69 Sl 41,4.

70 Cf. Jó 32,20.

71 Sl 41,5.

72 Sl 41,6.12; 42,5.

73 Sl 118,105.

74 Cf. Ef 2,3.

75 Cf. Ef 5,8.

76 Cf. Rm 8,10.

77 Ct 2,17.

78 Sl 5,4.

79 Cf. Sl 41,6.

80 Cf. Sl 41,6ss.

81 Cf. Rm 8,11.

82 Cf. 2Cor 1,22; Ef 5,8.

83 Cf. Rm 8,24.

84 Cf. 1Ts 5,5 e Ef 5,8.

85 Cf. 1Ts 2,4.

86 Cf. Gn 1,5.

87 Cf. 1Cor 4,7.

88 Cf. Rm 9,21.

89 Cf. Gn 1,7.

90 Cf. Is 34,4.

91 Cf. Sl 103,2.

92 Cf. Gn 3,21.

93 Cf. Sl 103,2.

94 Sl 8,4. Em outra passagem (Enarr. in Ps. 8) Agostinho diz que é das mãos de Deus a autoria dos livros da Escritura; por isso, esses livros são os céus, obra das mãos de Deus.

95 Sl 18,8.

96 Sl 8,3.

97 Cf. Ez 30,6.

98 Cf. Sl 11,7.

99 Cf. Mt 11,29ss.

100 Cf. Sl 148,2.

101 Cf. Mt 18,10.

102 Cf. Sl 47,15.

103 Sl 35,6.

104 Cf. Sl 17,13.

105 Cf. Confiss. II, 2.

106 Mt 24,35.

107 Cf. Is 40,6.

108 Cf. 1Cor 13,12.

109 Cf. 1Jo 3,2.

110 Cf. Ct 2,9.

111 Cf. Ct 1,3.

112 1Jo 3,2.

113 Sl 142,6.

114 Sl 35,10.

115 Segundo Agostinho (cf. Enarr. in Ps. 64), o mar representa o mundo cheio de amarguras e freqüentemente revolto por tempestades, que são as paixões dos homens.

116 Cf. Gn 1,9.

117 Cf. Sl 94,5.

118 Cf. Jó 38,10s.

119 Gn 1,11.

120 Gn 1,12.

121 Sl 84,12.

122 Gn 1,14.

123 Cf. Is 58,7s.

124 Fl 2,15.

125 Gn 1,14s.

126 2Cor 5,17.

127 Rm 13,11s.

128 Cf. Sl 64,12; Mt 9,38.

129 Cf. Jo 4,38.

130 Sl 101,28.

131 1Cor 12,8.

132 Gn 1,16.

133 1Cor 12,8-10

134 1Cor 12,11 e 7.

135 Cf. 1Cor 13,2.

136 Cf. 1Cor 3,1.

137 1Cor 2,6.

138 1Cor 2,14.

139 Cf. Hb 5,12-14. Nesta última parte do capítulo, Agostinho quer dizer que os sinais e ritos que se encontram na Escritura foram adaptando às várias necessidades do plano salvífico dos homens (cf. Enarr. in Ps. 73 e 146).

140 Is 1,16.

141 Gn 1,9.

142 Is 1,17.

143 Gn 1,11.

144 Is 1,18.

145 Gn 1,14.

146 Mt 19,16ss.

147 Mt 13,7; cf. Mt 6,21; Lc 18,23.

148 1Pd 2,9.

149 1Cor 1,27.

150 Cf. Mc 10,28.

151 Cf. 1Cor 1,27.

152 Rm 10,15.

153 Cf. Sl 18,2.

154 Cf. Sl 18,3. Os homens espirituais são o dia; porque anunciam a Palavra aos semelhantes, que são capazes de entendê-los. Os homens carnais são a noite: às vezes, também estes compreendem, e então anunciam a fé às almas pequenas que possam entendê-los. Agostinho em Enarr, in Ps. 73.

155 Gn 1,14.

156 At 2,2ss.

157 1Jo 1,1.

158 Mt 5,14.

159 Cf. Sl 78,10.

160 Gn 1,20.

161 Jr 15,19.

162 Cf. Gn 1,20.

163 Sl 18,4ss.

164 Cf. Gn 1,22.

165 Cf. Gn 1,21.

166 Gn 1,24.

167 Cf. Jo 3,5.

168 Cf. Jo 4,48.

169 1Cor 14,22.

170 Cf. Sl 135,6.

171 Cf. Gn 1,20.

172 Cf. Sl 22,5. Agostinho faz alusão à Eucaristia, cf. De Civ. Dei 18,23.

173 Cf. Sl 60,9.

174 1Tm 5,6.

175 Cf. 2Cor 5,15.

176 1Ts 1,7.

177 Sl 68,33.

178 Gn 1,24.

179 Rm 12,2.

180 Cf. 1Tm 6,20.

181 Cf. Gn 1,24.

182 Cf. Jr 2,13.

183 Cf. Jo 4,14.

184 Cf. Mt 24,35.

185 Cf. 1Cor 11,1.

186 Gn 1,21.

187 Gl 4,12.

188 Eclo 3,19.

189 Cf. 1Cor 8,8.

190 Cf. Gn 3,1; Mt 10,16.

191 Rm 1,20.

192 Rm 12,2.

193 Gn 1,26.

194 Cf. 1Cor 4,15.

195 Cf. 1Cor 3,1ss.

196 Cf. 1Ts 2,7.

197 Rm 12,2.

198 Gn 1,27.

199 Cl 3,10.

200 1Cor 2,15.

201 Cf. Gn 1,26.

202 Cf 1Cor 2,15.

203 Sl 48,13 e 21.

204 Ef 2,10.

205 Cf. Gn 1,27.

206 Gl 3,28.

207 Cf. 1Cor 2,15.

208 Cf. Gn 1,15.

209 Cl 3,10.

210 Cf. Tg 4,11.

211 Mt 7,20.

212 1Cor 5,12.

213 Cf. Gn 1,21s.

214 2Cor 6,6.

215 Cf. Gn 1,28.

216 Cf. Gn 1,27.

217 Jo 14,6; Rm 3,4.

218 Jo 8,44.

219 Gn 1,29.

220 Cf. Gn 1,30.

221 Cf. 2Tm 1,16.

222 Cf. 2Cor 11,9.

223 2Tm 4,16.

224 Sl 18,5.

225 Fl 3,19.

226 Cf. Fl 4,18.

227 Fl 4,10.

228 Fl 4,11-13.

229 Cl 3,10.

230 Cf. 1Cor 14,2.

231 Fl 4,14.

232 Sl 4,2.

233 Fl 4,15s.

234 10 Fl 4,17.

235 Mt 10,42s.

236 Cf. 1Rs 17,6ss.

237 Cf. 1Cor 14,23.

238 Cf. Gn 1,9s.

239 Gn 1,31.

240 Cf. Gn 1,4.10.12.1825. Na realidade, são seis, e não sete.

29. Eternidade da visão e da palavra divina

44 Com atenção procurei saber se por sete ou oito vezes viste que as tuas obras eram boas, quando te agradaram. Mas não encontrei uma seqüência de tempo, enquanto contemplavas, pela qual pudesse deduzir quantas vezes contemplaste tuas criaturas. E eu disse: “Senhor, por acaso não será verdadeira a tua Escritura, ditada que foi por ti, que és verdadeiro, ou melhor, que és a própria Verdade? E por que então me dizes que a visão dos seres criados não está sujeita ao tempo, quando a tua Escritura me afirma que dia por dia estavas vendo que as tuas obras eram boas, e que eu, contando, encontrei o

número de vezes que as contemplaste"? A esta minha pergunta, respondes que tu és o meu Deus,[1] e dizes, falando com voz poderosa ao ouvido interior do teu servo, rompendo-lhe a surdez e clamando: "Homem, o que a minha Escritura diz, eu o digo. Mas ela o diz no tempo, e este não atinge o meu Verbo, que subsiste comigo numa eternidade igual à minha. Assim, o que vedes através do meu espírito, sou eu que vejo; o que dizeis pelo meu espírito, sou eu que digo. Mas, o que vedes no tempo, eu não o vejo no tempo; assim também, o que dizeis no tempo, eu não o digo no tempo".

30. Erros dos maniqueístas a respeito da criação

45 Escutei, Senhor meu Deus, e consegui recolher uma doce gota da tua verdade. Compreendi que a alguns desagradam as tuas obras. Sustentam que muitas delas criaste impelido pela necessidade; assim, por exemplo, a estrutura dos céus e o sistema dos astros. Dizem que essas não foram criadas por ti, mas que já existiam, provindas de outra fonte. Tu as terias apenas reunido, compondo-as e coordenando-as, quando edificaste as muralhas do mundo, depois de teres vencido os teus inimigos, para que, cativos nessa construção, não pudessem de novo rebelar-se contra ti. Quanto aos outros seres, não os terias criado nem ao menos ordenado; assim, por exemplo, os corpos carnais, os animais menores e tudo o que se radica na terra; teria sido um espírito hostil e uma natureza não criada por ti e oposta à tua, quem teria gerado e formado tais seres nas regiões inferiores do universo.[2] São loucos os que assim falam, porque não vêem as tuas obras através do teu espírito, nem nelas te reconhecem.

31. Tudo o que existe é visto em Deus como coisa boa

46 O contrário sucede àqueles que contemplam as tuas obras através do teu espírito, porque tu é que neles as contemplas. Por isso, quando vêem que são boas, és tu que vês que são boas. Em tudo o que lhes agrada por pessoa, és tu que nisso agradas a eles, e aquilo que pelo teu espírito nos agrada, é em nós que te agrada. "Quem dentre os homens conhece o que é do homem, senão o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, o que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus. Quanto a nós, diz o Apóstolo, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, a fim de que conheçamos os dons recebidos de Deus".[3] Isto me faz perguntar: "É certo que ninguém sabe o que é de Deus, a não ser o Espírito de Deus"; como então conhecemos nós os "dons recebidos de Deus"? Alguém me responderá: o que sabemos pelo Espírito de Deus, "ninguém conhece senão o Espírito de Deus". Como foi dito justamente àqueles que falavam inspirados pelo Espírito de Deus: "não sois vos que falais".[4] Assim se diz justamente a quem conhece pelo Espírito de Deus: "Não sois vós que conheceis". E não menos justamente se diz a quem vê pelo Espírito de Deus: "Não sois vós que vedes". Desse modo, tudo o que se vê de bom pelo Espírito de Deus,

não somos nós que vemos, é Deus que vê assim. Portanto, há quem julgue ser mau aquilo que é bom, como aqueles (os maniqueístas) que recordei acima.[5] Outros que vêem como bom aquilo que é bom, como aqueles que tanto admiram a tua criação, porque é boa. Contudo, não és tu que lhes agradas, pois eles acham melhor alegrar-se na criatura que em ti. Outros ainda vêem que alguma criatura é boa, sendo Deus que neles vê que a criatura é boa, e assim ele é amado naquilo que criou. Mas, Deus só pode ser amado pelo Espírito que ele nos concedeu, "porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado".[6] No Espírito Santo nós vemos que é bom tudo o que de algum modo existe, porque procede, não de quem existe em certo grau, mas daquele que é por essência.[7]

32. Agradecimento a Deus por toda a criação

47 "Graças te damos, Senhor"![8] Vemos o céu e a terra, tanto a parte corpórea superior e inferior, como também a criação espiritual e corpórea. Para ornamento destas partes que compõem o conjunto da massa do mundo e a totalidade das criaturas, vemos a luz, criada e separada das trevas. Vemos o firmamento do céu: aquele situado entre as águas espirituais superiores e as águas corpóreas inferiores, corpo primário do universo, como o espaço físico do ar — que também se chama céu, onde voam as aves — situado entre as águas que, transformando-se em vapor, elevam-se acima dele, para cair em orvalho durante as noites serenas, e essas outras águas que, pesadas, correm sobre a terra. Vemos a beleza das águas reunidas na extensão do mar, e a terra árida, ora nua, ora formada, tor-nada visível e ordenada, mãe das ervas e das árvores. Vemos os astros a brilhar no alto, o sol que é suficiente ao dia, a lua e as estrelas que consolam a noite, e as divisões do tempo que são medidas e marcadas por eles. Vemos por toda parte o elemento úmido da natureza habitado por peixes, feras e aves, porque a densidade do ar que susten-ta o vôo das aves se forma da evaporação das águas. Vemos a face da terra ornar-se de animais terrestres e o homem feito à tua imagem e semelhança, isto é, tendo raciocínio e inteligência, superior a todos os animais irra-cionais. E como na alma do homem há uma parte que delibera, e por isso governa, e outra parte que é submissa pela obediência, assim vemos a mulher feita para o homem fisicamente. De fato, ela possui, quanto à inteligência racional, uma natureza igual à dele, mas, quanto ao sexo, é submissa ao sexo masculino, tal como o impulso para agir está subordinado à inteligência que concebe a norma de ação. Contemplamos todas essas coisas e vemos que cada uma é boa, e que todas em conjunto são muito boas.

33. O conjunto da criação

48 Tuas obras te louvam[9] para que te amemos. E nós te amamos, para que tuas obras te louvem, elas que tiveram início e fim no tempo, nascimento e morte, progresso e regresso, beleza e imperfeição. Todas elas têm sucessivamente manhã e tarde, ora oculta

ora manifestamente. Do nada foram criadas por ti, não da tua substância; não de alguma matéria não tua que existisse antes de ti, mas de matéria concreta, criada por ti ao mesmo tempo que lhe deste uma forma sem nenhum intervalo de tempo. Uma coisa é a matéria do céu e da terra, outra é a aparência do céu e da terra. Essa matéria foi criada do nada, e essa forma do mundo foi tirada da matéria informe, mas essas duas operações foram simultâneas, de modo que entre a forma e a matéria não houve intervalo de tempo.

34. Recapitulação dos símbolos das primeiras palavras do Gênesis

49 Examinamos as verdades que quiseste significar nessas tuas obras; quer criando-as naquela ordem, quer nessa ordem descrevendo-as. E vimos que são boas, cada uma em si, e muito boas em conjunto. No teu Verbo, teu Filho único, vimos o céu e a terra, a cabeça e o corpo da Igreja,[10] predestinados antes da existência do tempo, sem manhã e sem tarde. Depois começaste a executar no tempo as obras predestinadas. Querias manifestar os teus ocultos desígnios[11] e ordenar o nosso mundo desordenado, porque sobre nós pesavam nossos pecados e, longe de ti, nos precipitamos na voragem das trevas. O teu Espírito misericordioso[12] pairava sobre nós para socorrer-nos no momento oportuno.[13] Então tornaste justos os ímpios,[14] separaste-os dos pecadores e confirmaste a autoridade da tua Escritura entre os homens superiores, para que fossem dóceis a ti, e entre os inferiores, para que a eles se submetessem. Reuniste os incrédulos numa única sociedade, para que aparecesse o zelo dos fiéis, desejosos de praticar em tua honra obras de misericórdia, distribuindo aos pobres as riquezas terrenas, a fim de conquistar as celestes. Acendeste então no firmamento muitas luzes, os teus santos que têm palavras de vida e refulgem com sublime autoridade, graças aos dons espirituais recebidos. Em seguida, para difundir a fé entre os infiéis, produziste com a matéria visível os sacramentos, fizeste milagres bem perceptíveis aos sentidos, e determinaste, em conformidade com o firmamento da tua Escritura, as palavras com que fossem abençoados os teus fiéis. Depois formaste a alma viva dos fiéis, através dos afetos, que são moderados com a força da abstinência. Finalmente renovaste, à tua imagem e semelhança, a inteligência, somente a ti submissa, e não mais necessitada de alguma autoridade humana como modelo. Sujeitaste a atividade racional ao poder da inteligência, como a mulher ao homem. Quiseste que a todos os teus ministros, necessários ao aperfeiçoamento dos fiéis nesta vida, fosse prestado auxílio pelos fiéis nas necessidades temporais, obra essa valiosa para a vida futura.

Vemos todas essas coisas, e vemos que são muito boas, porque em nós as contemplas, tu que nos concedeste o Espírito para as podermos ver e nelas te amar.

35. Senhor, concede-nos a paz!

50 Senhor Deus, concede-nos a paz, tu que tudo nos deste.[15] Concede-nos a paz do repouso, a paz do sábado, uma paz sem ocaso. Essa belíssima ordem de coisas “muito

boas", uma vez cumprido o seu papel, toda ela passará; porque terão tido um amanhecer e uma tarde.[16]

36. O sétimo dia, dia do repouso

51 O sétimo dia, porém, não tem tarde nem repouso, porque o santificaste para permanecer eternamente. Aquele descanso, com que repousaste[17] no sétimo dia depois de tantas obras muito boas — que realizaste sem cansaço — é um anúncio que nos vem pela palavra da tua Escritura: também nós, descansaremos em ti, no sábado da vida eterna, depois dos nossos trabalhos, que são bons porque os concedeste a nós.

37. O futuro repouso final

52 Também então repousarás em nós, da maneira que agora ages em nós. Este repouso será teu por nós, como são tuas essas ações por nós. Tu, porém, Senhor, estás sempre ativo e estás sempre em repouso. Não vês no tempo, não te moves no tempo, não repousas no tempo, e todavia crias a nossa visão no tempo, o próprio tempo, e o repouso depois do tempo.

38. Deus será o repouso e a paz

53 Portanto, nós vemos todas as tuas criaturas porque existem. Elas existem, porque tu as vês. Externamente vemos que existem, e no nosso íntimo vemos que são boas. Tu, porém, as viste feitas, quando e onde viste que de-viam ser feitas. Nós somos agora levados a praticar o bem, depois que o nosso coração o concebeu, inspirado pelo teu Espírito, enquanto antes éramos impelidos a fazer o mal, porque te abandonávamos. Mas tu, meu Deus, que és o único bem, não cessaste de fazer o bem. Por tua graça, realizamos algumas boas obras, mas não são eternas. Depois de as termos praticado, esperamos repousar na tua imensa santidade. Mas tu, que és o bem que não precisa de nenhum outro bem, estás sempre em repouso, porque tu mesmo és o teu repouso.

Que homem será capaz de fazer que outro homem compreenda essas verdades? Que anjo a outro anjo? Que anjo a um homem? É a ti que devemos pedir, é em ti que devemos buscar, é à tua porta que devemos bater. Assim, somente assim receberemos, somente assim encontraremos, somente assim nos será aberta a porta.[18]

1 Cf. Sl 42,2.

2 Cf. Confiss. v, 10, e também In Joann. Ev. 42,10.

3 1Cor 2,11-12.

4 Mt 10,20.

5 Cf. Confiss. XIII, 30.

6 Rm 5,5.

7 Cf. Ex 3,14.

8 Ap 11,17.

9 Cf. Pr 31,31.

10 Cf. Cl 1,18.

11 Cf. Sl 50,8.

12 Cf. Sl 142,10.

13 Cf. Sl 31,6.

14 Cf. Sl 31,6.

15 Is 26,12.

16 Cf. Gn 1,5.8.13.19.23.31.

17 Cf. Gn 2,2.

18 Cf. Mt 7,7s.

Coleção **PATRÍSTICA**

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué

2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmias

3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma

4. Contra as heresias, Ireneu de Lião

5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão

6. Sermões, Leão Magno

7. A Trindade, S. Agostinho

8. O livre-arbítrio, S. Agostinho

9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho

9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho

9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho

10. Confissões, S. Agostinho

11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho

12. A Graça (I), S. Agostinho

13. A Graça (II), S. Agostinho

14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia

15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia

16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho

17. A doutrina cristã, S. Agostinho

18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio

19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho

20. Contra Celso, Orígenes

21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho

22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers

23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo

24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho

25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho

26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio

27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homilias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homilias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo

27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo

27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo

28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno

29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa

30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes

31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo

32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho

Direção Editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação de desenvolvimento digital
Erivaldo Dantas

Título original
Confessiones

Tradução
Maria Luiza Jardim Amarante

Revisão cotejada com o texto latino
Prof. Antônio da Silveira Mendonça

Introdução
Roque Frangiotti

Revisão
H. Dalbosco

Capa
Visa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430.
Confissões / Santo Agostinho ; [tradução Maria Luiza Jardim Amarante]. — São Paulo : Paulus, 1997. —
(Patrística ; 10)
Título original: Confessiones.

eISBN 9788534938860

1. Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. I. Título. II. Série.
96-1727

CDD-922.22

Índices para catálogo sistemático:
1. Santos : Igreja Católica : Autobiografia 922.22

Hildegarda de Bingen
Scivias
(Scito Vias Domini)
Conhece os caminhos do Senhor
PAULUS

Scivias

de Bingen, Hildegarda

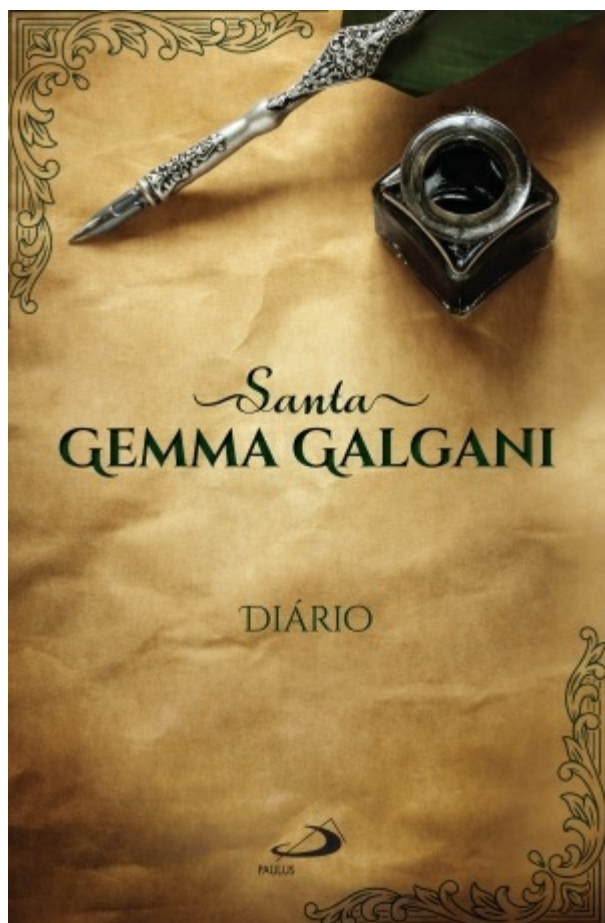
9788534946025

776 páginas

Compre agora e leia

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santifi cação e o fi m do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No fi nal de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

Compre agora e leia

Santa
GEMMA GALGANI
DIÁRIO
PAULUS

Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma

9788534945714

248 páginas

Compre agora e leia

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

Compre agora e leia

DOCAT
Como agir?

DOCAT

Vv.Aa.

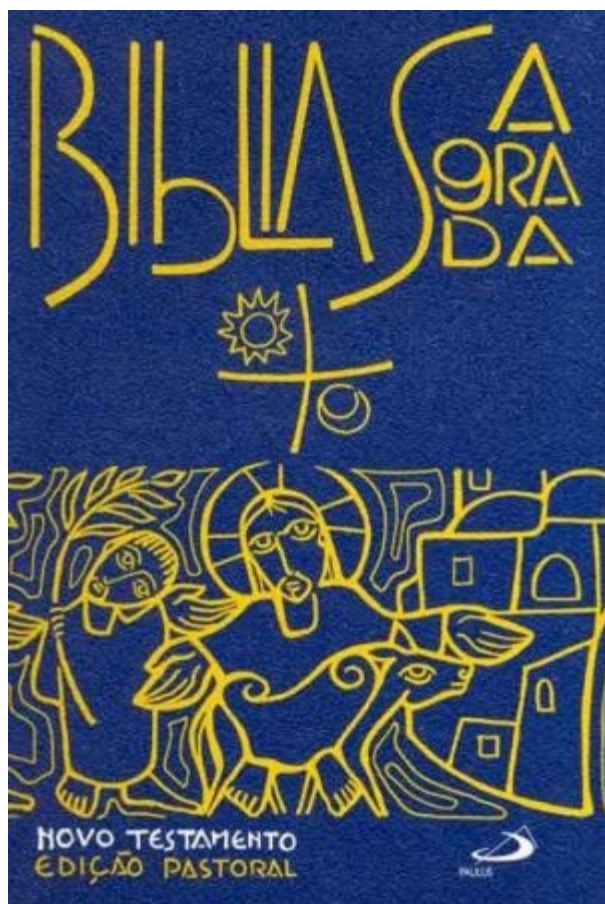
9788534945059

320 páginas

Compre agora e leia

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

Compre agora e leia

BIBLIA SAGRADA
NOVO TESTAMENTO
EDIÇÃO PASTORAL
PAULUS

Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.

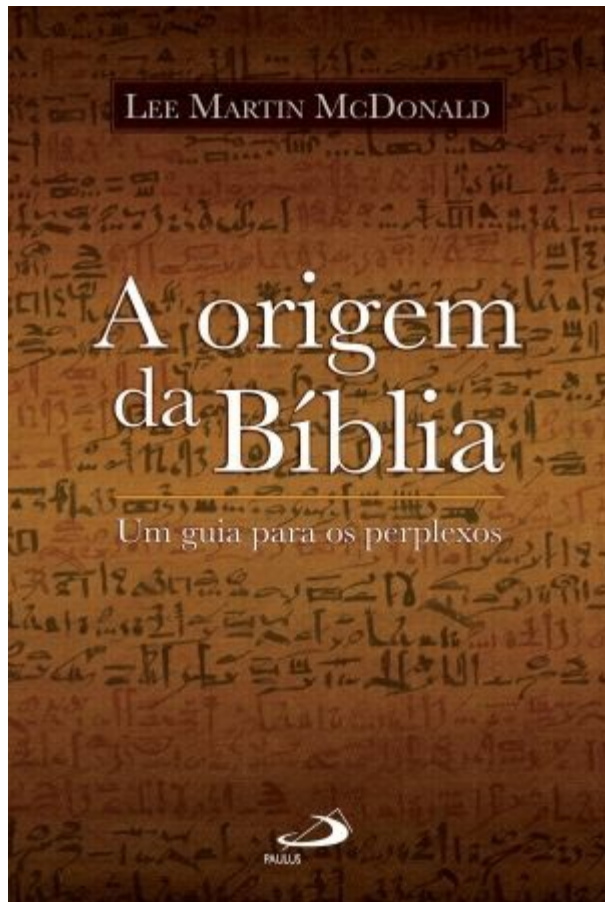
9788534945226

576 páginas

Compre agora e leia

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

Compre agora e leia

LEE MARTIN MCDONALD
A origem da Bíblia
Um guia para os perplexos
PAULUS

A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin
9788534936583
264 páginas

Compre agora e leia

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

Compre agora e leia

Índice